

Autora best-seller do *The New York Times*

JENNIFER DONNELLY



ESPELHO, ESPELHO MEU...

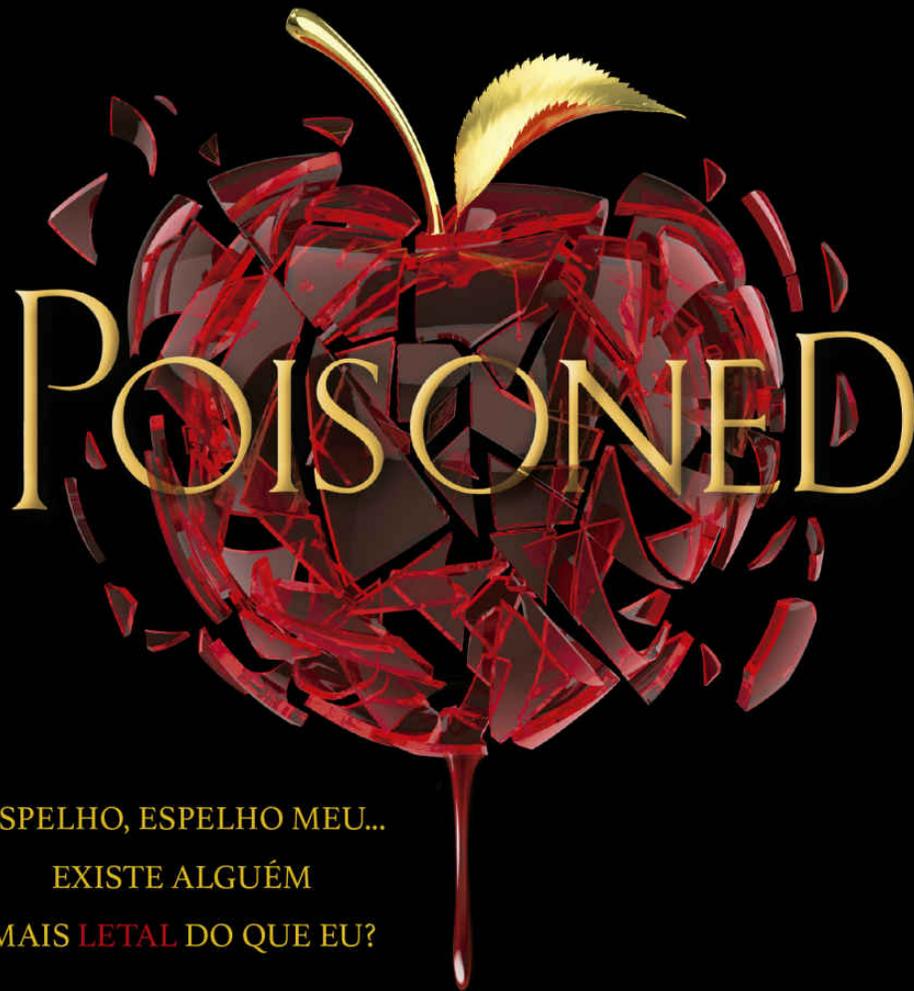
EXISTE ALGUÉM

MAIS **LETAL** DO QUE EU?

A HISTÓRIA DA BRANCA DE NEVE

UNIVERSO DOS LIVROS

Autora best-seller do *The New York Times*
JENNIFER DONNELLY



ESPELHO, ESPELHO MEU...
EXISTE ALGUÉM
MAIS LETAL DO QUE EU?

A HISTÓRIA DA BRANCA DE NEVE

UNIVERSO DOS LIVROS



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



POISONED

JENNIFER DONNELLY

POISONED

São Paulo

2021

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

-

Poisoned

Copyright © 2020 by Jennifer Donnelly

© 2021 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são fruto da imaginação da autora ou usados de modo ficcional, e qualquer semelhança com pessoas reais, estejam elas vivas ou mortas, assim como estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é pura coincidência.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Gerente editorial: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches**

Tradução: **Cynthia Costa**

Preparação: **Juliana Gregolin**

Revisão: **Nathalia Ferrarezi e Guilherme Summa**

Diagramação: **Vanúcia Santos**

Arte e adaptação de capa: **Renato Klisman**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

D739p

Donnelly, Jennifer

Poisoned : a história da Branca de Neve /
Jennifer Donnelly ; tradução de Cynthia Costa. -
- São Paulo : Universo dos Livros, 2021.

384 p.

e-ISBN: 978-65-5609-128-0

Título original: *Poisoned*

1. Literatura infantojuvenil
2. Ficção americana
3. Conto de fadas I. Título II. Costa, Cynthia

21-2620

CDD 813

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803
CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

*Para Mallory Kass, minha maravilhosa editora, com
gratidão e admiração.*

PRÓLOGO

ERA UMA VEZ, HÁ MUITO tempo, sempre e para sempre, uma garota que estava cavalgando em direção à Floresta Sombria.

Seus lábios eram da cor de cerejas maduras, sua pele tão macia quanto a neve recém-caída, seu cabelo escuro como a meia-noite.

Os pinheiros altos sussurravam e suspiravam quando ela passava sob eles, com o caçador da rainha cavalgando ao seu lado. Corvos, empoleirados no alto dos galhos, piscavam seus olhos negros e brilhantes.

Quando o céu começou a clarear, o caçador apontou para um lago à frente e disse à garota que eles deveriam descer de seus cavalos para que estes pudessem beber água. Ela obedeceu e pôs-se a caminhar lado a lado com ele. Perdida em seus pensamentos, não ouviu o suave sibilar de uma adaga saindo de sua bainha. Ela não viu o caçador erguer o rosto para a luz da manhã nem vislumbrou a angústia nos olhos dele.

Uma arfada de choque escapou dos lábios da garota quando o caçador a puxou para perto, sua mão larga cobrindo suas costas estreitas. Seus olhos, arregalados e questionadores, procurando os seus. Ela não estava com medo — ainda não. E não sentiu quase nada quando ele deslizou a lâmina entre suas costelas, apenas uma pressão suave e, em seguida, uma onda de calor, como se tivesse derramado chá em seu vestido.

Mas, então, veio a dor, com seu urro e suas garras vermelhas.

A garota jogou a cabeça para trás e berrou. Com o susto, um veado saiu correndo dos arbustos. Os corvos saltaram de seus poleiros, batendo as asas freneticamente.

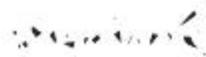
O caçador foi habilidoso. E rápido. Ele já tinha estripado mil veados. Alguns cortes certos com uma faca tão afiada que poderia rasgar o azul do céu. As delicadas costelas foram transpassadas, e a carne e as veias, partidas.

A cabeça da garota tombou para trás. Suas pernas cederam. Gentilmente, o caçador acomodou-a no chão e ajoelhou-se ao lado dela.

— Perdoe-me, querida princesa. Perdoe-me — ele suplicou. — Este ato infame não era meu desejo, mas uma ordem da rainha.

— *Por quê?* — gritou a menina com seu derradeiro suspiro.

Mas o caçador, com lágrimas nos olhos, não conseguiu responder. Ele terminou sua tarefa sombria e se levantou. Ao fazer isso, a garota obteve sua resposta. Porque a última coisa que ela viu antes de fechar os olhos foi seu coração, pequeno e perfeito, nas mãos trêmulas do caçador.



Na floresta, os pássaros silenciaram-se. Todas as criaturas estão paralisadas. A melancolia paira sob as árvores. E, no chão frio, uma garota está morrendo, um buraco vermelho aberto onde antes estava seu coração.

— Mandem enforcar o caçador! — você grita. — Mandem queimar a rainha malvada!

E quem não concordaria com você?

Mas você não sabe quem é o verdadeiro vilão.

E é normal não saber. Ele é furtivo e astuto, e só aparece quando você está sozinha. Fica nas sombras, sussurrando seu veneno. Suas palavras vão pingando, pingando, pingando nas pequenas câmaras secretas do seu coração.

Você acha que conhece esta história, mas só sabe o que lhe foi contado.

— Quem é você? Como sabe dessas coisas? — você pergunta.

Perguntas muito justas.

Sou o caçador. E já estou morto, mas isso não importa. Os mortos falam. Com as línguas enegrecidas pelo tempo e pelo arrependimento. Se prestar bem atenção, você conseguirá nos ouvir.

Você pode achar que estou contando lorotas. Historinhas de fadas. Que é tudo faz de conta. Mas há mais coisas acontecendo na Floresta Sombria do que você pode imaginar, e apenas um tolo as chamaria de faz de conta.

Não desvie do caminho, dizem as velhas senhoras. Fique longe da floresta.

Mas, um dia, você terá de entrar nas profundezas da Floresta Sombria e encontrar o que a espera lá.

Pois, se não fizer isso, aquilo que a espera virá atrás de você.

UM

No dia anterior...

— À CAÇA! — GRITOU A RAINHA, incitando seu feroz corcel.

Os cães dispararam atrás de sua presa. Um lobo cinzento saiu do canteiro de arbustos e correu em direção à floresta profunda. A matilha foi atrás dele, sedenta por sangue.

Os membros mais corajosos do grupo de caça seguiram a rainha, galopando com toda força para acompanhá-la, mas a princesa, em seu elegante cavalo ágil, conseguiu passar por ela com ousadia. Ela perseguiu o lobo em uma velocidade vertiginosa, ziguezagueando entre as árvores, suas saias ondulando no ar atrás dela. Saltou por cima de uma mureta de pedra, um riacho, um emaranhado de arbustos tão alto que não tinha como saber o que havia do outro lado. Seu chapéu caiu; seu cabelo preto soltou-se como fios de noite.

A rainha não conseguiu alcançá-la. Nem os príncipes Haakon e Rodrigo. Eu os vi passando pela floresta, a rainha de branco, seus nobres em ricos tons de castanho-avermelhado, musgo e ocre. Avistei um barão inclinado sobre o pescoço de seu cavalo, com as mãos no alto da crina do animal. Ele conseguiu aproximar-se da rainha, mas, quando estava prestes a ultrapassá-la, seu cavalo tropeçou. O barão perdeu o equilíbrio. Houve um grito, depois um estrondo quando ele atingiu o chão.

— Deixe-o para trás, caçador! — a rainha gritou. — Deixe para trás os que caírem!

O homem estava caído sob uma árvore, de olhos fechados, com a cabeça ensanguentada. Passei por ele

trovejando; o restante dos cavaleiros também. Apenas a princesa olhou para trás.

Seguimos os cães, guiados por seus latidos, atravessando a floresta conforme eles mudavam de direção. Perdi a rainha de vista quando ela penetrou uma camada de névoa e a encontrei novamente, alguns momentos depois, com a matilha. E a princesa.

Os cães cercaram o lobo. A criatura era enorme e assustadora. Já havia matado dois cães. Seus corpos estavam esstraçalhados no chão.

E ele? Ah, sim. Ele também estava lá.

Ele estava sempre por perto. Assistindo. Esperando.

Ouvi-o no rosnado baixo do lobo. Senti-o na batida nervosa dos cascos dos cavalos. Testemunhei enquanto se elevava das profundezas dos olhos da princesa, como um cadáver emergindo em um rio.

E, então, sem aviso, o lobo atacou os cavalos, rosnando. O elegante cavalo da princesa relinchou e empinou, mas sem derrubá-la. As narinas do corcel dilataram-se, suas orelhas achataram-se, mas ele se manteve firme quando a rainha saltou da sela.

Caminhando ao redor da briga, ela gritou para os cães, incentivando-os a atacar. Eles o fizeram, latindo e babando, mordendo as ancas de sua presa. O lobo os atacou de volta, mas era um contra muitos. Os cães sabiam disso e ficaram mais ousados, mas um, pequeno e franzino, ficou para trás.

A rainha viu; seus olhos se escureceram.

— Lute, seu covarde! — ela gritou.

O cão colocou o rabo entre as pernas e recuou. Furiosa, a rainha arrancou um chicote das mãos de um cavaliço e saiu atrás do cachorro.

— Sua Graça! O lobo está fugindo!

Era o Príncipe Haakon. Ele tinha acabado de alcançar o grupo. A rainha jogou o chicote no chão e correu para seu cavalo, mas, quando ela voltou para a sela, a matilha e a princesa já haviam partido, em mais uma perseguição feroz.

Por uma longa e traiçoeira distância, a princesa perseguiu o lobo, até que uma ravina os deteve. Ela parou seu cavalo a poucos metros da borda, mas o lobo correu em frente. Quando viu que iria cair, tentou recuar, mas os cães se aproximaram pela esquerda. Um espinheiro de uns bons três metros de altura cortava da floresta até a beira do precipício, criando uma parede à direita. O animal frenético andou de um lado para o outro, preparando-se para saltar o abismo, mas viu que era inútil. Ombros altos, cabeça baixa, ele se virou e se preparou para sua última luta.

A princesa aproximou-se. Agora podia ver a mancha branca na garganta do animal, a ponta irregular de uma orelha. O lobo olhou para ela, e ela viu o medo em seus olhos prateados. Em um piscar de olhos, ela desceu de sua sela. Caminhando entre os cães ferozes, ordenou que se afastassem, batendo o pé no chão, até criar uma abertura para que o lobo passasse.

— Vai! Saia daqui! — ela gritou para a criatura.

O lobo avistou uma pequena abertura no fundo de uma roseira espinhosa. Os espinhos eram curvos e cruéis; eles arranharam o focinho da criatura desesperada e rasgaram suas orelhas, mas o lobo conseguiu passar sob as vinhas densas e desaparecer. Os cães correram atrás dele, mas seus focinhos eram sensíveis, e suas peles, finas; eles não podiam atravessar o espinheiro.

A princesa pensou que estava sozinha; pensou que não havia testemunhas, mas eu presenciei tudo. Eu me aproximei, mas fiquei escondido. Cacei muitas coisas para a rainha, nem todas elas selvagens como lobos.

Assisti enquanto a princesa encostava a cabeça no pescoço suado de seu cavalo. Percebi o cansaço profundo que se instalou em seus ombros, como uma mortalha. Eu a vi pressionar a mão no peito, como se para aliviar uma dor intensa sob as costelas.

Como lhe custava viver aquela farsa. Como, aliás, isso custaria a todos nós.

Os galopes soaram à distância. Gritos ecoaram. No momento em que a rainha surgiu, com Haakon e alguns outros cavaleiros, as costas da princesa ficaram imediatamente retas novamente, e seu cansaço foi engolido.

— Receio que nossa prática esportiva tenha acabado, madраста — declarou ela com pesar fingido, acenando com a cabeça para a ravina. — O lobo escolheu uma morte mais rápida.

A rainha cavalgou até a borda e espiou, franzindo a testa.

— Que pena — comentou a mulher — que tenha nos roubado da nossa matança.

Seus olhos voltaram-se para os cães, depois para o espinheiro. Seu olhar aguçou-se. A princesa não viu o que chamou a atenção da rainha, pois estava montando seu cavalo novamente — mas eu, sim. Preso nos espinhos havia um tufo. De pelo cinzento. De lobo.

A carranca da rainha endureceu.

— Volte para casa, caçador! — ela comandou.

Toquei minha trombeta e os cães partiram, com os focinhos roçando o solo. O pequenino e assustado, ainda com o rabo entre as pernas, seguiu-os um pouco atrás. Os cavaleiros vieram junto, rindo e tagarelado.

À medida que as batidas dos cascos foram diminuindo na clareira, ouviu-se um som seco e farfalhante, como o chacoalhar de saias de seda. Olhei para cima e avistei um corvo, preto-azulado e astuto, cair do galho alto onde estava empoleirado. Ele soltou um grasnido estridente e voou para a Floresta Sombria.

Ainda ouço seu chamado, ecoando ao longo dos séculos.

Soou como um aviso.

Como uma sentença de morte.

Acima de tudo, como uma risada.

DOIS

HAVIA SANGUE NAS RÉDEAS.

Sophie notou quando as entregou a um cavaliariço. Ela ergueu as palmas das mãos: quatro cortes em cada uma, feitos pelas próprias unhas. O terror a inundara enquanto galopava pela floresta. Seu cavalo era tão rápido, tão robusto, que precisou de toda a sua força para controlá-lo. A cada batida de cascos, Sophie tinha certeza de que cairia e quebraria o pescoço. Também ficou assustada ao enfrentar o lobo. A criatura era enorme; poderia tê-la dilacerado em mil pedacinhos.

Mas seu cavalo, o lobo — nenhum era o motivo dos cortes nas palmas de suas mãos, e ela sabia disso. Suas pernas ainda tremiam, embora a caça tivesse acabado havia muito tempo.

— Menina burra — ela murmurou para si mesma.

E se a rainha a tivesse visto libertando o lobo? E se outra pessoa tivesse visto? Sua madrasta tinha olhos e ouvidos por toda parte.

Com agilidade, tirou as luvas do bolso do casaco e as calçou. A garota ousada e destemida que podia ultrapassar os príncipes, o caçador e até a própria rainha; a garota sem coração que estava ansiosa para perseguir um animal apenas pelo prazer de assistir a uma matança, aquela garota era uma mentira. Os cortes eram verdadeiros, escritos com sangue, e ninguém devia vê-los. Governantes devem ser implacáveis. Não demonstram fraqueza ou medo. Não choram. Fazem os outros chorarem. Sua madrasta não lhe havia dito isso mil vezes?

Sophie estava no grande pátio de paralelepípedos compartilhado pelos estábulos e canis. Olhou ao redor em busca da rainha e sua comitiva, mas ainda não haviam retornado. *Que bom*, ela pensou. A caça em si, a conversa fiada durante a viagem de volta, a pressão constante para ser cativante e espirituosa — tudo isso a tinha exaurido. Ela não queria nada mais do que escapar para seus aposentos, tirar suas roupas suadas e mergulhar em um banho quente.

Os criados haviam arrumado uma longa mesa forrada de linho no pátio. Estava carregada de tortas de carne, aves de caça assadas, presuntos defumados, queijos, nozes e frutas. Sophie a contornou de cabeça baixa, esperando passar despercebida.

— Salve, corajosa Ártemis, deusa da caça! — uma voz berrou do outro lado do pátio.

Sophie ficou desanimada. *Não vou conseguir escapar*, ela pensou.

Ao erguer os olhos, deparou-se com Haakon caminhando em sua direção. O belo Haakon, de cabelos dourados e bronzeado, seu rosto tão perfeito quanto o de um deus de mármore. Rodrigo estava bem atrás dele, seus lábios carnudos curvados em um sorriso sedutor, seus olhos escuros cheios de promessas. Sophie sorriu abertamente para eles; ela não tinha escolha. Um daqueles homens podia muito bem se tornar seu marido.

A caçada matinal era o primeiro de uma série de eventos para comemorar seu aniversário. Haveria um baile naquela noite, ali em Königsburg, no palácio. Seria uma grande festa, com membros da corte de sua madrasta e governantes de reinos estrangeiros. Ela faria dezessete anos no dia seguinte e herdaria a coroa de seu pai. Depois de se tornar rainha, Sophie poderia se casar, e sua madrasta estava determinada a arranjar para ela um casamento vantajoso com um nobre aristocrata.

— O jovem príncipe de Escandinai, talvez — disse a rainha quando tocou no assunto pela primeira vez. — Sobrinho do

imperador. Ou o filho do sultão.

— Mas, madrasta, nem conheço esses homens. E se não me apaixonar por nenhum deles? — Sophie questionou.

— *Apasionar?* — a rainha repetiu, o desprezo gotejava de sua voz. — O amor nada mais é do que uma fábula, e das perigosas. Seus pretendentes devem recitar o tamanho de seus exércitos e a força de suas fortalezas, não poemas bobos sobre flores e pombas.

Havia uma razão pela qual sua madrasta queria um marido poderoso para ela, uma razão vergonhosa, e Sophie sabia disso — a rainha pensava que ela era fraca. A corte inteira pensava isso.

Sophie crescera ouvindo cochichos zombando dela por ser uma criança tímida e de coração mole. Havia começado assim que a rainha se casou com o pai de Sophie e só foram ficando mais nítidos com o passar dos anos. As palavras venenosas alojaram-se em seu coração como espinhos. Ainda ecoavam lá dentro... *A princesa nunca será uma boa rainha... Ela não é inteligente o bastante... Não é forte o bastante...*

Haakon foi até Sophie. Ele era o filho mais velho do Rei de Escandinai e a primeira escolha de sua madrasta para ela. Ergueu a caneca de cerveja que estava segurando para ela.

— A bela Ártemis conquistou meu coração, mas, oh, divindade cruel e egoísta! Ela não vai me dar o dela!

Rodrigo bufou.

— Errada ela não está.

— Eu sofro. Definho. Tenho *fome* de amor — disse Haakon, pressionando a mão sobre seu coração.

Depois, ele se inclinou sobre a mesa e arrancou uma coxa de frango.

— Suporto um tormento sem fim. Dê-me seu coração, gélida deusa, e acabe com meu tormento!

— Impossível, senhor — respondeu Sophie, seus olhos provo-cativos, sua voz tão alegre e confusa que ninguém

teria adivinhado quão desesperadamente ela ansiava pelo silêncio de seus aposentos.

— Por que diabos não? — Haakon perguntou, roendo a coxa de frango. — Um rapaz boa-pinta como eu... Ora, também devo ser um deus. Só posso ser. — Ele franziu a testa, depois assentiu. — Na verdade, tenho certeza disso. Sou o deus... Hmm, *Apolo*! Sim, esse é o sujeito! — Ele apontou para Sophie com a coxa de frango. — Que casal nós seríamos, hein!

— Caso se lembre mesmo dos clássicos, e tenho certeza de que sim... — Sophie começou.

— Acadêmico que ele é... — Rodrigo interrompeu.

— ... então você sabe que Ártemis jurou que nunca se casaria. E, se quebrasse esse voto, duvido que seria por Apolo, já que ele é irmão dela.

Haakon torceu o nariz.

— Credo.

— Pois é — concordou Rodrigo.

Mesmo sem querer, Sophie caiu na risada. Era impossível não rir. Haakon era um sol brilhante e dourado que atraía todos para sua órbita. Ele era arrogante e irritante, mas incrivelmente bonito, e pessoas bonitas são facilmente perdoadas. Todas as mulheres do palácio estavam apaixonadas por ele. Sophie também tinha uma quedinha, embora odiasse admitir.

Mais membros do grupo de caça trotaram pátio adentro. Cavalariços e cães de caça os seguiam. Sophie pensou ter ouvido o senhor Comandante da rainha entre eles, cuspidando ordens. Haakon e Rodrigo viraram-se para o grupo e acenaram para alguns dos cavaleiros. Enquanto isso, Sophie ouviu um som menor e mais suave do que cascos ou a voz estrondosa de Haakon. Depois ouviu passos. Eram rápidos, mas cambaleantes.

— Tom? — ela chamou, virando-se.

Um menino estava correndo em sua direção. Era pequeno para sua idade, estranho e tímido.

— Tenha cuidado, Tom. Diminua a velocidade antes que...
— Sophie começou a falar. Mas era tarde demais. Tom prendeu a ponta da bota em um paralelepípedo, tropeçou e caiu. Sophie abaixou-se para ajudá-lo a se levantar.

— Asno desajeitado — disse uma voz. — Deveria tê-lo afogado no nascimento. Não é isso que se faz com anões?
— Tom estremeceu com essas palavras cruéis.

Sophie percebeu que elas o machucaram mais do que a queda. As mulheres que as pronunciaram, duas das damas de companhia da rainha, riram enquanto passavam apressadas.

— Não lhes dê ouvidos — compadeceu-se Sophie, na tentativa de fazer o menino se sentir melhor. — Se quiser ver uma pessoa desajeitada, preste atenção na baronesa Von Arnim. — Apontou para a mais baixa das duas mulheres. — Dançando a sarabanda. Ela parece um burro patinando!

Tom gargalhou e Sophie lhe deu um sorriso, que logo desapareceu quando vislumbrou os joelhos esfolados do menino.

— Você não deve correr — ela o repreendeu. — Já não te disse isso?

Ele era como os cachorrinhos dos quais cuidava, com os membros desajeitados e as patas grandes.

Tom afastou a franja dos olhos.

— Mas não pude evitar, Sua Graça! Eu tinha que lhe contar!

— O quê? — perguntou Sophie.

— A Duquesa teve filhotes! — Duquesa era a *spaniel* favorita de Sophie.

— Jura? — Sophie falou, seus olhos arregalados com a empolgação.

— Sim! Sete cachorrinhos saudáveis! Gordinhos como salsichas, de focinhos arrebitados e patinhas cor-de-rosa! Venha vê-los! — Tom ficou tão animado que cometeu a gafe

de estender a mão para Sophie. Sophie também se distraiu e pegou a mão dele.

— O que está fazendo? Ficou louco, garoto? — trovejou uma voz. — Como ousa colocar as mãos na princesa!

Era o senhor Comandante, o homem encarregado dos militares da rainha. Ele caminhou até Tom, agarrou seu ombro e o chacoalhou. Quando fez isso, Sophie puxou bruscamente sua mão. Como se fosse tudo culpa de Tom.

Foi um movimento covarde, e a vergonha tomou conta de Sophie por dentro. Ela sabia que devia ter saído em defesa de Tom. Devia ter explicado ao senhor Comandante que os dois haviam se deixado levar pelo momento. Mas não o fez. De mãos dadas com meninos do canil, brincando com cachorrinhos — não era assim que uma governante devia se comportar.

Governantes fortes eram distantes e indiferentes. Se a rainha soubesse de seu lapso, ficaria furiosa. Esta não era como a caça ao lobo, quando não havia ninguém na ravina para testemunhar sua fraqueza. Ali, no palácio, eram os lobos os que caçavam.

— Isso não vai se repetir, Sua Graça — disse o senhor Comandante a Sophie. Depois, virou-se para Tom e rosnou: — Lembre-se do seu lugar.

E sacudiu o menino de novo antes de se afastar.

Tom ergueu os olhos para Sophie. A dor e a confusão que ela viu retorceram seu coração.

— E-eu sinto muito, Sua Graça. Não fiz... Eu não queria...

As palavras de Tom foram interrompidas de maneira abrupta por um som de gelar o sangue. Um lamento agudo que se espalhou pelo pátio.

TRÊS

A POBRE CRIATURA ESTAVA ENCURRALADA EM UM CANTO.

Era um cão de caça, chorando e encolhendo-se, tentando se fazer o menor possível. Sophie o reconheceu. Era o cachorro pequeno e arisco que se recusou a atacar o lobo.

A rainha havia acertado a criatura com seu chicote e agora estava apontando para ele.

— Esse animal não vale nada — ela cuspiu. — Quero matá-lo.

Sophie congelou, horrorizada. Foi Tom quem tentou deter a rainha.

— Não! — ele gritou, cambaleando em direção ao cão. — Por favor, não, Sua Graça! É uma boa cadela!

A rainha virou-se, furiosa. Seus olhos buscaram aquele que ousou censurá-la.

— Devo ser repreendida pelo moleque do canil? — ela perguntou, sua mão apertando o chicote.

Alistair, o dono do canil e pai de Tom, veio correndo dos currais, alarmado com os gritos. Percebeu o que estava para acontecer e seus olhos se arregalaram de terror. Ele agarrou Tom pelas costas da camisa e puxou o menino para si no momento em que o chicote veio assobiando no ar. O golpe não acertou a criança, mas atingiu Alistair e abriu um corte em seu rosto. Indiferente à sua dor e ao sangue escorrendo de sua mandíbula, Alistair implorou por seu filho.

— Ele sente muito, Sua Graça. Nunca mais fará isso. Por favor, perdoe-o. Peça desculpas, Tom.

— Mas papai...

— *Peça desculpas!* — Alistair gritou. — *Agora!*

Não fora a raiva que o fizera gritar com o filho. Sophie sabia disso. Fora o medo. A rainha havia cavado um corte no rosto de Alistair, e ele era um homem adulto. O que um golpe como aquele teria feito no pequeno corpo de Tom?

— E-eu sinto muito, Sua Graça — Tom gaguejou, olhando para o chão.

— Cuidem do restante dos cães, vocês dois — a rainha ordenou.

Alistair largou Tom. Ele tirou um pano do bolso, pressionou-o contra a face e chamou a matilha. A cachorrinha ficou no canto, desesperada, indefesa. Como se soubesse que havia sido condenada.

— Venha ver a minha nova égua! — a rainha convidou um grupo de nobres.

Enquanto eles se dirigiam aos estábulos, Tom voltou para perto de Sophie.

— Não a deixe ser morta. Por favor, minha senhora — ele implorou, sua voz falhando. — O nome dela é Zara. Era a menor de sua ninhada. Como enfrentar um lobo quando se é tão pequena?

— Não dá mesmo para enfrentar, Tom — disse Sophie, observando a rainha entrar nos estábulos.

Sophie permaneceu parada no lugar, chocada com a crueldade de sua madrasta. A tristeza apertou seu peito com tanta força que ela mal conseguia respirar, mas outra emoção fervilhava por baixo dessa — *raiva*. Raiva com a injustiça das ações de sua madrasta. Raiva de ninguém se importar, de ver que todos no pátio continuavam comendo e bebendo, rindo e tagarelando, como se nada tivesse acontecido.

Não, não se tem como enfrentar o lobo, ela pensou enquanto a rainha desaparecia pelas portas do estábulo. *Mas talvez você possa driblá-lo.*

Tom não se moveu. Ele ainda estava de pé ao lado de Sophie, com os punhos cerrados.

— Vá ajudar seu pai — Sophie disse a ele.

Os ombros de Tom caíram. A esperança sumiu de seu pequeno rosto.

— Mas, minha senhora...

— *Vá.*

O medo tornou sua voz áspera. Permitir que um lobo escapasse era tolice; o que ela estava prestes a fazer agora era insanidade.

Enquanto Tom se afastava, Sophie olhou ao redor. Ninguém estava prestando atenção nela. O senhor Comandante estava cortando uma torta de carne de veado. Haakon, pegando uma fatia de presunto com os dedos. Rodrigo, mordendo um pêssego. Ela caminhou até o fundo do pátio, onde a cadela, com os olhos fechados, estava caída no chão.

Sophie respirou fundo para recuperar os nervos. Ela tremia por dentro, mas então pensou em Tom, gritando com a rainha para poupar a cadela. Ele não usava sua coragem como ela, como uma máscara a ser colocada e retirada. Se um garotinho podia ser corajoso, ela também podia.

— É Zara, não é? Você é uma belezinha — comentou ela com suavidade, aproximando-se da cadelinha.

Ante o som de seu nome, a cadela ficou de pé. Seus olhos estavam enormes e suplicantes.

— Calma, menina — disse Sophie. — Não vou machucar você. Ninguém vai. Não se formos rápidas, você e eu. — Enganchou dois dedos na coleira de Zara e a afastou dali. Suas saias a protegiam da vista de todos. — Vamos, garota, só um pouco mais adiante... Apresse-se agora...

Um portão de madeira estava a apenas alguns metros de distância. Sophie levou Zara até lá e rapidamente o destrancou.

— *Vá!* — ela sussurrou enquanto o abria. — Fuja daqui e não volte nunca mais!

A cadelinha saiu em um piscar de olhos. O coração de Sophie se aqueceu ao ver aquele borrão cor de creme cruzar os campos e desaparecer na floresta. Ela trancou o

portão, depois se virou e observou ao redor outra vez. Todos os membros do grupo de caça ainda estavam ocupados com o café da manhã; os servos estavam ocupados com seus deveres. Ninguém a vira. Sophie se permitiu exalar. Enquanto caminhava de volta pelo pátio, ela passou por Tom. Ele estava lá no meio, olhando ao redor.

— Meu pai diz que devo encontrar Zara e trazê-la para ele — falou ele, meio atordoado. — Você viu para onde ela foi, Sua Graça?

Sophie fingiu uma expressão pesarosa.

— A cadelinha? — Sophie disse. — Acho que ela fugiu, Tom. Abri o portão, mas não deveria. Estava meio distraída.

Tom sorriu. Com a boca, o rosto, o corpo inteiro. Sophie piscou para ele e continuou andando, ansiosa para finalmente chegar a seus aposentos. Foi então que ela avistou sua madrasta. A rainha estava parada na porta aberta dos estábulos, observando-a. Os dedos finos e gelados do Terror fecharam-se em torno de Sophie. *Há quanto tempo ela está parada aí?*, Sophie se perguntou, desesperada. *Quanto ela tinha visto?*

O silêncio da rainha, frio e proibitivo, acalmou a tagarelice dos convivas. Depois de um momento, ela falou, sua voz ecoando pelo pátio.

— A covardia é como uma praga; ela se espalha. Um indivíduo doente pode infectar uma população inteira. O cão, aquele que ordenei que fosse abatido, aquele que parece ter escapado, aquele cão deveria ter atacado quando foi ordenado. O que acontecerá da próxima vez, se outros cães decidirem fazer o que desejam, e não o que mandamos? Vou lhes dizer: o *lobo* atacará, e sua rainha vai morrer.

O terror de Sophie transformou-se em medo. Mas não por si.

— Foi culpa minha que o cão tenha escapado, Sua Graça. Eu abri o portão — ela confessou, suas palavras saindo com pressa.

— Você é uma princesa, não uma ajudante de canil — a rainha respondeu. — O menino foi negligente. Ele deveria ter amarrado o cão no mesmo instante. — Fez uma pausa, permitindo a fixação de seu olhar em Tom. — Ordeno que todos os cães do canil sejam abatidos, para que nenhum deles contraia a doença da covardia. E ordeno que este menino aqui, que mimia os covardes, que dá mais valor à vida de um cachorro do que à de sua rainha... Ordeno que seja levado para o quartel dos guardas, onde receberá dez chibatadas.

— *Não* — sussurrou Tom, balançando a cabeça. — Não. Por favor. Sinto muito... *Sinto muito!*

Sophie prendeu a respiração. Ela queria gritar com a madrastra, implorar a ela que não fizesse isso, mas sabia que não podia. Então observou, impotente e muda, enquanto Tom recuava, tropeçava e caía de novo.

Dois guardas o pegaram e depois saíram marchando, arrastando-o para fora do pátio.

— Papai! *Papai!* — ele gritou, estendendo a mão para seu pai.

Alistair deu um passo em sua direção, mas o capitão dos guardas bloqueou seu caminho. O homem se virou para a rainha, implorando que poupasse seu filho, mas a monarca já havia partido.

Sophie sabia o que a rainha estava fazendo. Queria dar o exemplo. Não para o menino. Aquele foi apenas um stratagema. Ela desejava ensinar aos poderosos nobres que a acompanharam na caça que a covardia era perigosa e a desobediência, ainda mais.

E queria dar uma lição a Sophie também.

A lição era perfeitamente clara: não há nada mais perigoso do que a bondade.

QUATRO

EM SEUS APOSENTOS, A RAINHA mirava um espelho. O vidro prateado mostrava uma mulher alta, de costas eretas, olhos cor de índigo, cabelo loiro e maçãs do rosto salientes. Seu nome era Adelaide.

Ela já tinha sido mais bela do que o amanhecer, mas os anos não foram gentis com ela: é assim que os contadores de histórias começam a falar dela. Ou: o tempo havia gravado linhas profundas nos cantos de seus olhos e sulcos em sua testa.

Diga-me, que histórias de reis começam com suas rugas?

Por que ninguém fala de sua perspicaz inteligência? Sua bravura? Sua força?

O chão de pedra estava gelado sob os pés descalços da rainha, o ar frio em sua pele. Um arrepio percorreu seu corpo, pois acabara de se banhar. Sua pele ainda estava úmida, e a camisola de linho fina que usava fornecia pouco calor, mas ela mal percebia. Seus olhos, brilhantes de febre, estavam fixos no vidro prateado, como se vasculhassem suas profundezas. Por quê, ninguém poderia dizer. Embora muitos tenham tentado fazer isso. Uma dama de companhia apareceu com um vestido de cetim branco e o colocou sobre a cabeça da rainha. Outra atou um corpete rígido e puxou as fitas com força. Mais duas trouxeram uma túnica dourada adornada com dezenas de diamantes perfeitos.

— É pesada como uma armadura — comentou lady Beatrice, a mais velha das assistentes da rainha, enquanto colocava a vestimenta cara nos ombros de sua senhora.

— É uma armadura — disse a rainha. — Vou me encontrar com o embaixador do Interior daqui a uma hora, para

discutir territórios disputados no Norte. Ele é uma cobra velha e traiçoeira, assim como seu mestre.

Quando Beatrice saiu da sala para buscar os sapatos da rainha, uma das damas mais jovens, Elizabetta, timidamente deu um passo à frente.

— A senhora está lindíssima, Sua Graça — ela elogiou.

Suas palavras foram completamente equivocadas. A infeliz mulher percebeu isso de imediato.

A raiva empalideceu o rosto da rainha. Sabia o que seus inimigos diziam sobre ela. Que era ciumenta e vaidosa. Que se importava apenas com o próprio reflexo. Ela fez um gesto para Elizabetta.

— Acha que me cubro de pedras preciosas por vaidade? — ela perguntou. — Acha que me importo com a minha aparência, quando os inimigos de meu reino estão rondando minhas fronteiras?

Elizabetta engoliu em seco. Olhou para a esquerda e para a direita, à espera de um pouquinho de apoio, mas todas as mulheres na sala, das senhoras nobres às empregadas humildes, evitaram seu olhar.

— Eu, eu acho... Bem, não — ela começou a gaguejar. — Na verdade, *não* acho...

— Isso é óbvio — cortou a rainha.

Ela foi até a janela e ergueu os braços. Raios de sol, passando através das vidraças, transformaram as joias de sua túnica em prismas, envolvendo-a em uma luz brilhante.

— Uso esses diamantes para impedir a guerra — explicou ela. — Quando o embaixador me vir, concluirá que, se posso espalhar pedras preciosas como confetes, também posso espalhar navios de guerra ao longo da minha costa. A melhor maneira de vencer uma guerra é não começá-la.

Elizabetta, com os olhos baixos, assentiu em silêncio.

A rainha baixou os braços e consultou um relógio de ouro.

— Onde está ela? Por que não está aqui? — perguntou, impaciente. — Eu a convoquei meia hora atrás.

— Ela está aqui, Sua Graça — respondeu Beatrice, voltando com um par de sapatos forrados de seda. — Está à sua espera na antecâmara.

Beatrice colocou os sapatos no chão e a rainha os calçou. Depois, pegou um tufo de pelo cinzento de cima da mesa e marchou para fora de sua sala de vestir, os saltos batendo contra o chão de pedra.

A silhueta da princesa estava ao lado da janela na antecâmara da rainha, girando um anel em sua mão esquerda. Era o Anel do Governante — um aro oval de ouro com um unicórnio no centro, emoldurado por diamantes —, que era transmitido ao longo dos séculos entre os monarcas das Terras Verdes e seus herdeiros. A rainha não conseguia pensar em ninguém menos adequado para usá-lo. Caminhou até a princesa, pegou sua mão, alisou-a e colocou a penugem nela.

— Um tufo de pelos — disse ela. — Tirado do espinheiro. O lobo *não* saltou para a morte, não é?

Sophie olhou para o tufo. Não respondeu.

A rainha segurou seu queixo e o ergueu.

— Você o deixou escapar.

— Sim.

— *Por quê?*

Os olhos de Sophie, reluzindo de emoção, procuraram os de sua madrasta.

— S-senti pena dele. Estava tão assustado.

Com um bufo de desgosto, a rainha a soltou.

— A caça era uma chance para você mostrar força, Sophia, não fraqueza.

Sophie baixou os olhos.

— Você é mole quando deveria ser astuta, boazinha quando deveria ser feroz — a rainha continuou. — Você permite a fuga dos lobos. Defende covardes e moleques de canil.

— Dez chibatadas vão matá-lo — falou Sophie, com calma.

— Dez chibatadas nunca mataram ninguém. E, mesmo que matassem, e daí? — a rainha vociferou. — O menino, o pai dele... Que importância têm? Monarcas é que são importantes. Você não vê isso?

Ela estendeu as duas mãos, com as palmas para cima:

— Na minha mão esquerda, um menino. Um fraco que provavelmente não viverá o suficiente para virar homem. Na minha mão direita, uma rainha... Uma governante que deve proteger não um súdito, mas um reino inteiro.

Sua mão esquerda baixou. Sua mão direita se ergueu.

— O que é a vida de um menino em comparação com a de uma rainha?

Enquanto a pergunta pairava no ar, a rainha baixou as mãos e fez outra:

— Que tipo de exemplo é dado ao permitir que criaturas desobedientes fiquem impunes?

Foi necessária toda a coragem de Sophie para encarar novamente o olhar fulminante de sua madrasta.

— A cadela estava com medo. É tão terrível demonstrar misericórdia por uma criatura assustada? — ela perguntou.

A rainha riu. Era um som seco e empoeirado.

— Misericórdia é apenas outra palavra para fraqueza. Deixe um lobo viver, e ele retribuirá sua bondade rasgando sua garganta. O medo é a única coisa que mantém uma rainha segura. As pessoas me obedecem porque têm medo de mim.

— As pessoas obedeciam ao meu pai porque o amavam.

As palavras saíram da boca de Sophie antes que ela pudesse detê-las. Ela se arrependeu imediatamente. Sua madrasta odiava qualquer menção a seu falecido marido, um homem reverenciado por seu povo.

— Seu pai podia se dar ao luxo de ser amado. Era homem — a rainha cuspiu. — Ninguém questionava seu direito de ocupar o trono, nem mesmo seus inimigos. Não posso me dar a esse luxo. Nem você, sua idiota. O povo precisa de uma mão firme para mantê-lo no lugar. Fui rainha regente

nestes últimos seis anos, desde a morte de seu pai. Amanhã é o dia da sua coroação. Amanhã você se tornará rainha. Como conseguiria governar um país, Sophia, se não consegue governar a si mesma?

Antes que Sophie pudesse tentar gaguejar uma resposta, o som de tambores, batendo como uma canção fúnebre, foi ouvido.

— Ah, acho que o capitão da guarda está prestes a cumprir minha ordem — informou a rainha. A seguir, abriu a janela e contemplou o pátio abaixo.

Depois de um momento, voltou-se para Sophie.

— Gostaria de assistir?

Sophie balançou a cabeça, seus olhos brilhando com lágrimas.

— Não? Imagino que não. É difícil demais, doloroso demais, não é? Mas assim é governar: difícil e doloroso. Tomar decisões difíceis e proferir sentenças duras para manter seus súditos na linha e seus inimigos à distância. — A rainha apontou para ela. — É culpa *sua* que o menino esteja sendo chicoteado, e é por *sua* culpa que os cães serão sacrificados. Se você não tivesse libertado aquela cadela covarde, nada disso estaria acontecendo. Você vê agora a destruição que a bondade causa?

Sophie não conseguia falar. Lágrimas escorriam por sua face. Ela as limpou com a palma da mão.

A rainha estalou a língua.

— Você tem sorte de ter a mim aqui para ajudá-la a governar até se casar. — Espetou uma unha pontuda nas costelas de Sophie. — Essa coisa aí... Esse seu coração mole e estúpido? Isso ainda vai te matar. Coloque-o em uma caixa e guarde-a em uma prateleira alta. Nunca o tire de lá.

— Estou dispensada? — Sophie indagou em uma voz baixa e engasgada, desesperada para escapar do terrível som dos tambores.

— Ainda não. Há um baile esta noite, como você bem sabe. Não deve haver olhos vermelhos nem bochechas

manchadas. Você tem um vestido deslumbrante para usar e uma seleção de joias do cofre da coroa será trazida para os seus aposentos. Você tem sua beleza e sua juventude. Use essas coisas para garantir um governante forte para este reino. Hoje você me mostrou, mais uma vez, que vai precisar de um.

Sophie, desmoronando, assentiu e saiu correndo da sala. Adelaide a observou sair. Lá fora, as batidas dos tambores pararam. O capitão da guarda gritou suas ordens. A rainha sabia o que viria a seguir. Ela poderia ter fechado a janela, mas não o fez. Em vez disso, ficou imóvel, ouvindo em silêncio enquanto o chicote estalava. Ela não piscou. Não vacilou.

E, se algo cintilou em seus olhos, algo como tristeza... Bem, que importa?

Não havia ninguém lá para ver.

CINCO

HÁ PÂNTANOS TRAIÇOEIROS E PROFUNDOS na Floresta Sombria. Dê um passo em falso, e engolirão você inteiro.

A maioria das pessoas passa bem longe deles, mas, anos atrás, quando fui em busca de um nas profundezas da floresta, tive de voltar para casa no escuro e vi uma tocha balançando na escuridão espessa, que parecia engolir a pessoa. E, então, dias depois, vieram as notícias de gente desaparecida — um marido esquentadinho, uma amante que se tornara exigente, um avaro com um saco de ouro escondido sob o piso.

Os corpos nunca foram encontrados. Os julgamentos nunca aconteceram. Culpados nunca foram punidos antes de seu descanso eterno nas covas confortáveis do cemitério da igreja. O tempo passou. As pessoas esqueceram.

Mas os pântanos nunca esqueceram.

Anos, décadas, às vezes séculos depois, eles desistiram de seus mortos inquietos, empurrando os velhos ossos da escuridão de suas profundezas para a superfície.

A verdade é assim também.

Enterre-a bem fundo. Espere que apodreça.

Mas, um dia, ela volta.

Esfarrapada, arrastando-se e fedendo a morte, ela bate à sua porta.

Adelaide cometeu muitos crimes. Governantes costumam cometê-los. Um rei decapita uma esposa por lhe dar apenas filhas. Um príncipe envenena um nobre rebelde. Um bispo queima um homem na fogueira porque seu deus fala inglês, não latim. Não é assassinato, dizem os livros de História,

mas execução. Feita para preservar a paz. É desagradável, sim, porém necessário.

Mas, no tempo de Adelaide, e talvez ainda no seu, havia um crime que não podia ser tolerado. Havia uma abominação que nenhum rei, nenhum príncipe ou papa podia perdoar...

Uma mulher que usa uma coroa.

Espelho, espelho meu... existe alguém mais bela do que eu?

Já identificou quem é o vilão? Vê seu rosto?

Ora, não importa. Logo você verá. Ele está cada vez mais perto.

SEIS

— *LA VOLTA! LA VOLTA!* — uma voz exclamou quando soaram as últimas notas da galharda.

Suspiros escaparam de alguns dos foliões mais velhos. Foram seguidos por risos, assobios e até mesmo algumas vaias estridentes dos mais jovens.

Se a galharda já era uma dança picante, *la volta* era completamente escandalosa. Tratava-se de um belo jogo de sedução coreografado. Um parceiro avançava, o outro recuava. Um rodopiava para perto, o outro desviava. Cada olhar era uma provocação; cada sorriso, um desafio.

A música incentivou os dançarinos. Parceiros foram procurados.

A luz bruxuleante de mil velas iluminava o rosto dos convidados e fazia seus casacos de cetim e vestidos de seda cintilarem. As joias caíam em cascata sobre os peitos empoados. Pérolas do tamanho de cerejas pendiam dos lóbulos das orelhas. Anéis cravejados de pedras preciosas envolviam cada mão.

A princesa estava parada de um lado do Salão Principal, tentando não virar um copo de ponche. Ela estava corada e sem fôlego, pois havia dançado com paixão e graça a noite toda, ganhando olhares de aprovação de sua madrasta. O vestido que usava, da mais profunda cor de ameixa, realçava seus cabelos negros e olhos verdes. Sua face estava bem corada.

Ela ria. De modo cativante. Musical. Extravagante. Sua cabeça pendia para trás, uma mão cheia de joias em seu lindo pescoço. E falava. Sem cessar. Sobre qualquer coisa. Ou absolutamente nada. Rapazes, sapatos, bolos,

vestidos... Não importava. Fale muito, ria muito, e você conseguirá abafar o barulho feito pelos pedaços quebrados e estridentes de seu coração partido.

Um jovem menino brutalizado. Cães inocentes, mortos. Quando ela pensava em Tom e nos cachorros que ele amava, era como se cada um daqueles cacos tentasse escapar de seu peito, perfurando sua carne e jorrando sangue.

Então, ela não pensou nele. Afastou-o de sua mente, pousou o copo e estalou os dedos para um garçom enchê-lo, exatamente como sua madrasta teria feito. Não importava que ela não estivesse se divertindo; o importante é que ela parecia estar.

Rodrigo aproximou-se dela e zombou de Haakon; ela riu e se juntou a ele na zombaria. Hussein, o filho do sultão de Asir, entregou-lhe uma rosa e a convidou para dançar. Ela recusou e de maneira provocativa lhe pediu que retornasse com duas dúzias. Alexander, um duque do Interior, ofereceu-lhe um doce; ela o deu para um *spaniel*.

O garçom voltou com sua bebida, mas, antes que ela pudesse pegá-la, uma voz atrás dela soou:

— Princesa Charlotta-Sidonia Wilhelmina Sophia, das Terras Verdes, ponche é para crianças.

Sophie virou-se. Haakon estava ali, sorrindo. Estava vestido de veludo verde-musgo, com seu cabelo loiro e longo que pairava solto sobre os ombros. Era tão bonito que só de vê-lo Sophie perdia o fôlego.

— Experimente isto — sugeriu ele, depositando uma taça de champanhe nas mãos dela.

— Obrigada, meu senhor, mas não posso — recusou Sophie, tentando devolvê-lo. — Champanhe faz minha cabeça girar. Será a minha ruína.

Mas Haakon não quis pegar a taça de volta.

— Sendo assim, também estou proibido para você — inferiu ele. Bem alto. — Pois, se me experimentar, vou fazer

seu coração girar. Ele puxou o laço prateado da barra lateral do corpete dela. — E *isso* será a sua ruína.

Suspiros de surpresa foram ouvidos. Sophie piscou, um pouco surpresa consigo mesma. *Isso é muito atrevido*, ela pensou. *Mesmo para Haakon*. Bem, entraria no jogo. Ela tinha de fazê-lo, pois todos os olhos estavam nela. Sua madrasta, a corte... esperavam uma performance. Uma ceninha. E ela lhes daria uma. Ela sabia que, se cedesse à timidez, se enrubescesse, seria chamada, mais uma vez, aos aposentos da madrasta.

— Mas será que eu não deveria *querer* experimentar o senhor antes de dar o primeiro gole? — ela respondeu com coragem.

Oohs e *aahs* escandalizados ergueram-se da multidão.

Haakon fingiu mágoa e bateu sua taça na mesa.

— Princesa orgulhosa, não despreze minha declaração de amor! Suas palavras são uma adaga em meu coração!

Sophie arqueou uma sobrancelha.

— Ah! Então você tem um? Já ouvi rumores do contrário.

— De quem? Mostre-me o patife e... e... — Haakon olhou em volta, pegou algo de cima da mesa. — Vou esmagá-lo!

Sophie riu. Não conseguiu evitar.

— Com um *pepino em conserva*?

Ele brandiu para ela:

— Conte-me! Quem disse que não tenho coração?

— Todas as garotas da corte, Sua Alteza. Pois o senhor já cortejou *todas*. Cortejou, venceu e considerou o trabalho feito.

— Isso é um golpe mortal, senhora sem coração!

Haakon cambaleou para trás de maneira teatral, depois caiu no chão, membros separados, olhos fechados.

Sophie revirou os olhos. Bastava. Já estava virando um teatrinho, e seu esforço para mantê-lo estava se esgotando. Ela se inclinou sobre ele, com cuidado para não derramar o champanhe que ainda segurava, e disse, com uma voz tensa:

— Haakon, levante-se. Você está fazendo uma cena.

Haakon abriu os olhos.

— Dance comigo. Ou farei uma cena ainda maior.

— *Não.*

Haakon soltou um uivo longo e lento.

— A crueldade descuidada de uma linda donzela me feriu mortalmente! — ele gritou.

— Pare com isso agora! — Sophie sussurrou.

Ele estendeu a mão e disse:

— E apenas sua bondade pode me restaurar.

Sophie comoveu-se um pouco com a cena. Bebeu o champanhe de um só gole, pousou a taça e lhe estendeu a mão. *Uma dança, ela pensou, e depois encontrarei um canto escuro e silencioso.* Haakon livrou-se do pepino, agarrou a mão dela e ficou de pé. Houve risos e aplausos. Em meio a olhares atentos, ele acompanhou Sophie até a pista de dança. *La volta* começou. Os rufares, altos e insistentes, embalavam o desafio. Os dançarinos giravam rapidamente no sentido horário, depois no sentido anti-horário, e, então, com um estrondo de pandeiros, as mulheres pulavam alto e os homens as levantavam, girando-as no ar. Houve gritinhos e gargalhadas. As saias esvoaçavam-se. Os cabelos se soltavam. A pista de dança era pisoteada pelos movimentos.

Haakon arrastou Sophie para o meio disso. O ritmo acelerou. Os dois giraram sem parar em torno um do outro, cada vez mais rápido. Sophie sentiu-se um pouco tonta; o champanhe *subira* à sua cabeça. Foi tudo que ela pôde fazer para não pisar nos pés de Haakon. Ou nos próprios.

Então, ele a puxou tão para perto que a fez recuperar o fôlego. Giraram em um círculo; Sophie saltou e, ao fazê-lo, Haakon a ergueu no ar. Ela se sentia como se estivesse voando. O giro, o bater de pés, o ritmo acelerado — tudo tirava o seu fôlego. A proximidade de Haakon, o cheiro dele, o calor de seu hálito na face dela... deixavam-na zozna. As

mãos dele pareciam uma faixa de fogo ao redor de sua cintura.

E, então, a dança terminou. A música parou, e os dançarinos, corados e rindo, bateram palmas ruidosamente e se separaram.

Haakon inclinou-se para frente, com as mãos nos joelhos, para recuperar o fôlego. Então, fitou Sophie e propôs:

— Fuja comigo.

Sophie enrubesceu com sua ousadia, mas tentou disfarçar o rubor.

— Não seja ridículo — comentou ela alegremente, como se moços bonitos a convidassem para fugir consigo todos os dias da semana.

— Nunca falei tão sério. Ou saímos correndo, neste segundo, ou seu próximo parceiro de dança será Barse.

— *Barse?* — Sophie ecoou, horrorizada.

Barse era um jovem taciturno, filho de um conde da província. Ele cutucava o nariz e ensinava palavrões a crianças pequenas.

— Barse não dança.

— Parece que dança, sim. Não olhe agora, mas...

Sophie esticou o pescoço e viu que o rapaz estava realmente caminhando em sua direção. Com uma careta no rosto. Era o mais próximo que ele conseguia chegar de um sorriso.

— Oh, não — ela sussurrou, horrorizada.

— Avisei para *não* olhar.

— O que é que vou fazer?

— Ainda podemos fugir.

— *Como?* — perguntou Sophie.

Estavam cercados por uma multidão. O Salão Principal tinha duas portas. Barse, abrindo caminho através da multidão, bloqueava uma via. E a enorme mesa do banquete, disposta em forma de ferradura, estava entre eles e os outros. Haakon abaixou a cabeça perto dela.

— Vou salvar você, se me deixar — ele sussurrou em seu ouvido. — Sou um príncipe. É o que fazemos.

Sophie arriscou outro olhar para trás.

— É tarde demais. O dragão se aproxima.

— Confie em mim, Sophie. Você confia? — Haakon perguntou, segurando a mão dela.

Os olhos de Sophie encontraram os dele.

— Nem um pouco — disse ela.

Haakon apertou sua mão.

E sorriu.

E correu.

SETE

SOPHIE ESPERAVA QUE HAAKON A PUXASSE para um grupo de amigos. Ou que a levasse de volta para a enorme tigela de ponche de prata, onde ela poderia tomar uma bebida gelada e alegar exaustão quando Barse se aproximasse dela.

Não imaginou que se rastejaria sob a mesa do banquete.

— Venha comigo! — Haakon ordenou, movendo uma cadeira para o lado.

Em seguida, abaixou-se sob a toalha de mesa adamascada. Quando Sophie hesitou, ele a puxou.

— Está louco? O que está fazendo? — ela balbuciou.

— Salvando a princesa da caverna do dragão. Apresse-se!

Ele se pôs, então, a rastejar pelo chão. Sophie o seguiu. Foi mais difícil para ela, pois estava de vestido e anáguas, mas conseguiu, juntando atrás o volume de tecido. Felizmente, poucos convidados ainda estavam sentados à mesa. A maioria dançava.

Quando alcançou o outro lado, Haakon levantou a toalha de mesa.

— Aí está — ele disse, apontando para uma porta de pedra arqueada. — Nossa rota de fuga.

Ele saiu correndo de debaixo da mesa, puxando Sophie consigo. Eles assustaram uma criada carregando uma bandeja de bolinhos. Haakon roubou dois, e ele e Sophie desapareceram pela porta e se encontraram em um longo corredor. Haakon a puxou para perto da parede e ergueu um dos doces que havia roubado.

— Bolinho mágico — ele sussurrou. — Torna você invisível aos olhos dos dragões.

— Você é louco — disse Sophie, sorrindo.

Haakon levou o bolinho à boca.

— Que delícia! — Ele ergueu o segundo bolinho, e Sophie percebeu sua intenção de colocá-lo na boca dela.

Provocou-a, segurando o bolinho perto de seus lábios e, em seguida, puxando-o para trás, e fingindo que iria comê-lo.

— Ah. Agora estou entendendo, meu valente salvador — disse Sophie asperamente. — Você come o bolinho enquanto o dragão me devora.

— É uma escolha difícil — replicou Haakon. — Você é muito legal e tudo mais, Sophie, mas este *bolinho*...

— *Haakon*.

Finalmente, ele lhe deu um pedaço. E depois outro. Sophie se sentiu um pouco quente, um pouco sem fôlego. Depois, ele desajeitadamente deixou pingar um pouco de glacê doce e pegajoso no queixo dela.

— Desculpe — ele disse, limpando com o dedão.

Depois lambeu o dedo, com seus lindos olhos azul-celeste mirando os dela, e Sophie sentiu um calor percorrer seu peito, que se espalhou por seu corpo. Seus olhos se voltaram para o bolinho, a parede, o chão, para qualquer lugar, menos para Haakon.

Ele agarrou a mão dela mais uma vez.

— Vamos — disse. — O dragão ainda pode estar à espreita.

Eles correram por um corredor, depois por outro e finalmente se encontraram em uma varanda com vista para os jardins da rainha. As roseiras, carregadas de flores brancas esvoaçantes, escalavam por um dos lados do parapeito.

Haakon inclinou-se, colocou as mãos na grade e disse:

— Pronto. Escapamos. Barse não vai nos encontrar aqui. Fica muito longe da tigela de ponche.

Sophie aproximou-se dele.

— Você é muito corajoso, bom senhor. Obrigada por me salvar.

Haakon sorriu, mas não era seu sorriso largo e atrevido de costume. Era pequeno e melancólico. Por um longo momento, ele não falou; apenas olhou para o jardim. Então, com pressa, ele disse:

— Eu poderia, sabe. Eu *gostaria*. Eu quero.

— Quer o quê? — Sophie perguntou, intrigada.

— Salvar você. De Barse. Da rainha. Pelo que aconteceu hoje. — Houve uma pausa, seus olhos procuravam os dela. — De si mesma.

Sophie inclinou a cabeça.

— O que você quer dizer com *de si mesma*?

Haakon desviou o olhar de novo. Endireitou-se, então colheu uma rosa perfumada e torceu seu caule para dar um nó. A flor se desfez. As pétalas caíram como confete. Suspirando, ele a jogou por cima da grade e a observou cair.

Por que ele está de repente tão estranho?, Sophie perguntou-se.

E, então, ela percebeu que ele não estava sendo estranho; ele estava nervoso.

O confiante Haakon, um verdadeiro pavão que vivia rindo e provocando, que chamava a atenção de todos no ambiente, estava nervoso.

— Haakon... — Sophie insistiu. — O que quer dizer?

Em vez de responder, ele agarrou as mãos dela e as virou. Os finos cortes vermelhos que ela abria nas palmas das mãos haviam parado de sangrar horas atrás, mas ainda estavam lá. Haakon balançou a cabeça ao vê-los.

— Você poderia ser atriz — ele disse. — Porque fez um papel a noite toda. O dia todo também. — Seus olhos reencontraram os dela. — Você tenta esconder seu coração mole, mas não consegue. Você não é uma governante, Sophie. Não está na sua natureza.

Sophie puxou as mãos para trás. A raiva brilhou em seus olhos.

— O que está dizendo? As Terras Verdes são a minha casa. Quero governar o meu reino. Claro que quero!

— Será que quer mesmo? Saberá fazer o que é necessário? Conseguirá fazer o que Adelaide faz? Comandar exércitos? Pegar espiões? Condenar traidores?

— Matar cachorros? Chicotear crianças? — Sophie acrescentou com amargor.

O champanhe ainda borbulhava em sua cabeça, tornando-a ousada.

Haakon hesitou. Seus olhos, sempre brilhantes e divertidos, estavam escuros e parados como as águas de um lago de inverno.

— O menino... — ele começou a dizer.

— Tom.

— Fui à casa de sua família esta noite. Antes do baile. Trouxe remédios. Uma infusão para a dor. Um bálsamo para as feridas. Linho limpo para fazer curativos.

— Você fez isso? — Sophie perguntou, surpresa.

Ela não teria esperado isso dele.

— Ele está sofrendo esta noite. Apenas respirar é uma agonia para ele. Está até delirando, não reconhece a própria mãe.

As palavras de Haakon magoaram Sophie profundamente. Não suportava pensar no pequeno e gentil Tom com tanta dor.

— Pare. *Por favor*, Haakon. Chega — ela implorou.

— Ele nunca mais cometerá esse erro. Nunca mais vai gritar com a rainha ou contrariar seus desejos. Apenas seguirá suas ordens, com rapidez e sem protestar. Como deve ser feito. E o mesmo vale para os nobres da corte de Adelaide, seus generais e seu senhor Comandante. É assim também que devem agir.

Sophie deu uma risada triste.

— Tom nunca mais fará a coisa *certa* de novo. Nunca mais tentará salvar uma vida inocente.

Haakon arrancou outra rosa e torceu seu caule.

— Você governaria de forma diferente. Com bondade, com misericórdia...

— Sim, é o que eu faria.

— Um reinado assim não passa de um sonho, Sophie. Uma linda história contada para crianças. Você também pode desejar que uma rainha das fadas apareça ou sete homenzinhos saiam da floresta.

Haakon parou de mexer no caule da rosa. Ele tinha feito um laço. Pegou, então, a mão esquerda de Sophie na sua e empurrou a volta do laço em seu dedo anelar, posicionando-a ao lado de seu anel de unicórnio.

— Case-se comigo, Sophie — pediu ele. — Deixe-me ser seu rei.

Sophie olhou para ele. Foi um passo longe demais. Quase cruel.

— Há algumas coisas com as quais não se brinca, Haakon — ela se apressou em falar, movendo-se para tirar o anel.

Mas Haakon a impediu. Ele pegou a mão dela, levou-a aos lábios e beijou-a.

— Nunca falei tão sério — insistiu ele. — Farei o trabalho duro e sujo. Vou mantê-la segura. Manter nosso povo seguro. Você ainda poderá fazer suas bondades. Como dar esmolas aos pobres. Visitar orfanatos. Criar nossos lindos filhos. Governar é um negócio brutal, e você não foi feita para isso.

O coração de Sophie vibrou como as asas de um pássaro. Ela sabia que a política conduzia a casamentos arranjados, não ao amor. Ainda assim, ela amava Haakon. À maneira como amamos garanhões e tempestades, a meia-noite e as montanhas e todas as outras coisas belas, obstinadas e perigosas. Bem no fundo de seu coração mole e tolo, Sophie esperava que ele se sentisse da mesma maneira. Ela ergueu os olhos para ele.

— Você... Você me ama? — ela perguntou.

Haakon respondeu com um beijo. Pegou nas mãos o rosto da princesa e pressionou sua bela boca na dela. Seus lábios tinham um gosto agridoce, de chocolate e champanhe. Ele

cheirava a itens caros — couro e seda, âmbar cinza e ambição.

O coração de Sophie agora batia forte contra suas costelas. Ela se esqueceu de respirar. Pensar. Ser. Havia apenas Haakon, seu toque, seu calor. Havia apenas aquele rapaz glorioso e brilhante e, como o gelo no sol, ela derreteu nele.

Após um longo momento, ele interrompeu o beijo, depois encostou sua testa na dela.

Agitada e sem fôlego, Sophie balbuciou:

— Minha madrasta alega que o amor não passa de uma fábula. Diz que devo guardar meu coração numa caixa e colocá-la sobre uma prateleira lá no alto. Ela diz...

Haakon a beijou mais uma vez. Devagar. Profundamente.

— Menina boba — ele disse. — Eu me apaixonei por você no momento em que a vi. Coloque o seu coração numa caixa e a entregue para mim. Vou protegê-lo. Sempre. Diga que irá se casar comigo, Sophie.

Os pensamentos de Sophie dispararam. *O que é que eu faço?*, ela se perguntou, aflita. Não havia razão para dizer não. Sua madrasta ficaria feliz; ela aprovava Haakon de todo o coração. E, o que era mais importante que isso, Haakon a amava. Foi o que ele disse. E ela o amava. Ela devia amá-lo, porque tudo que queria fazer era beijar de novo aquela boca perfeita. E ele estava certo sobre ela. Sua madrasta estava certa. Todos os cortesãos e nobres e ministros que já haviam zombado dela, dizendo que era fraca demais para ser uma boa rainha, que ela seguia seu coração em vez de sua cabeça — todos eles estavam certos. Era melhor deixar Haakon encarregar-se de governar por ela. Era melhor lhe entregar seu coração — a um homem forte e capaz. Ele prometeu guardá-lo com cuidado. Afirmou que se certificaria de que ela nunca sentisse uma dor tão terrível — por Tom, pela cadelinha, pelo lobo — novamente.

— Sophie, que agonia — disse Haakon. — Estar tão perto de você, mas sem saber se é minha. Diga não se for preciso, mas...

— Sim — interrompeu-o Sophie. — Sim, Haakon, eu me casarei com você.

Haakon sorriu. Seus lábios encontraram os dela mais uma vez. Seu beijo foi doce como o mel.

— Amanhã — ele sussurrou. — Vamos contar para a rainha amanhã.

Sophie assentiu com a cabeça flutuando. Graças ao champanhe. Aos beijos. À sensação quente e maravilhosa dos braços de Haakon envolvendo-a.

Permaneceram na varanda por um bom tempo, até que ouviram o relógio bater dez horas, e Haakon disse que seria melhor eles voltarem à festa antes que a rainha mandasse seus guardas atrás deles.

Sophie dançou a noite toda, seus olhos faiscando, seus passos leves, seu coração flutuando e feliz com o segredo guardado dentro dele.

Só muito mais tarde, quando a festa acabou e suas criadas a despiram, pentearam seus cabelos, vestiram-na com sua camisola de linho, que Sophie percebeu algo.

Haakon não havia perguntado, nem uma vez, se ela o amava.

OITO

ERA POUCO DEPOIS DA MEIA-NOITE, DE MADRUGADA — horas que pesam muito na alma.

O baile cintilante tinha acabado. O palácio estava escuro e silencioso. Todos os convidados estavam na cama.

Exceto a rainha.

Ela estava em frente ao espelho, sozinha em seu quarto, envolta em um manto forrado de pele, o cabelo dourado caindo pelas costas. Enquanto olhava fixamente para o vidro, a prata parecia estremecer e derreter e então se formar novamente, mostrando-lhe não seu próprio reflexo, mas imagens de outras pessoas.

Ela viu suas damas de companhia — Beatrice, Elizabetta e Anna. Estavam deixando seus aposentos, correndo pelos corredores. Uma levava um vestido rasgado para a costureira; outra, um colar quebrado para o ourives. Uma terceira ia aos jardins com uma cesta no braço para colher rosas para os aposentos da rainha.

Adelaide sabia que as três carregavam mais do que seus pertences. Ela sabia que haveria um bilhete dobrado no bolso do vestido, outro na caixa de joias, mais um na cesta. Cada palavra do que havia acontecido durante seu encontro com a princesa seria trocada com um embaixador estrangeiro por um lindo anel ou um pedaço de renda fina. A coroa seria passada a Sophia no dia seguinte, mas os assuntos de Estado, não.

Adelaide continuaria a carregá-los, pois a princesa nem mesmo era capaz de abater um cachorro, muito menos um traidor.

— Fui caçar essa manhã — contou ela ao espelho. — E peguei um lobo. Do tipo que anda sobre duas pernas...

A superfície envidraçada estremeceu novamente. Agora, mostrava uma mulher elegante, lindamente vestida e cavalgando uma égua branca.

— A Duquesa de Niederheim, sim — a rainha disse. — É tão escorregadia quanto um peixe e esperta como uma raposa. Muda de alianças como quem troca de roupa. Vê aquele novo broche de rubi que ela está usando? Uma pedra tão fina custa uma fortuna, e o duque está falido há anos. Então, como ela pagou por isso? — Seu olhar, fixo no vidro prateado, endureceu. — Espionando, é claro... Mas, para quem?

A imagem mudou de novo, desta vez mostrando um homem repleto de joias sobre mantos brancos esvoaçantes. E depois outro, sentado em um trono de jade esculpido; e um terceiro, caminhando ao longo das muralhas de uma fortaleza. Os olhos da rainha soltaram faíscas, quase maníacos em sua intensidade.

— Dizem que vieram ao baile para homenagear a princesa. Para me honrar — disse ela. — Mas sei a verdade. Vieram me *enterrar*. O astuto sultão de Asir, que paga piratas para saquear meus navios. O Imperador do Catai, cujos assassinos se movem como sombras por Königsburg. E o Rei do Interior, que despeja veneno em meus rios e põe ratos em meus depósitos.

A rainha aproximou-se do espelho. Pressionou a palma da mão contra ele. Sua respiração o embaçou quando ela sussurrou:

— Espelho, espelho meu...

Antes que pudesse terminar a frase, ela ouviu o farfalhar sedoso das asas de um pássaro. A seguir, um homem apareceu no espelho. Seus olhos eram negros como os de um corvo, sua respiração tão fria quanto a sepultura. Ele estava parado bem atrás dela.

NOVE

A RAINHA RESPIROU FUNDO. Com as mãos cerradas, forçou-se a encontrar o olhar do homem. Ele ia até a rainha todas as noites, quer ela o chamasse ou não. Nada tinha como detê-lo. Não importa quão vastos fossem seus exércitos, não importa quantos navios de guerra comandasse ou fortalezas que construísse, não podia se livrar dele.

Ele era alto e magro. Sua pele, tão pálida que finas veias azuis brotavam de suas têmporas. Uma coroa de obsidiana esculpida, cravejada com joias vermelho-sangue, enfeitava sua cabeça. Um casaco da cor das sombras, abotoado no alto do pescoço, pendia de seus ombros estreitos.

O homem abaixou a cabeça. A rainha também fez uma mesura, pois ele próprio era um rei, descendente de uma antiga linhagem.

— Seus inimigos zombam de você, Adelaide — anunciou o homem, seu reflexo falando para a rainha. — Aqui, sob seu próprio teto, o sultão, o imperador e o rei dizem que você é uma mulher vaidosa e superficial, apaixonada pelo próprio reflexo, com ciúmes de qualquer outra mulher bonita.

A rainha refletiu no espelho um sorriso amargo.

— Não lhes dou nenhum motivo real para me diminuírem assim, então precisam inventar motivos. Nada assusta mais um homem fraco do que uma mulher forte.

O homem colocou a mão no ombro da rainha. Seus dedos finos e brancos tinham nas pontas longas garras pretas. Inclinando-se mais perto, ele sussurrou para ela:

— Dizem que possui um espelho mágico e que lhe faz uma pergunta todas as noites: *Espelho, espelho meu... existe alguém mais bela do que eu?*

— Os bobocas até que acertaram parte da verdade — disse a rainha. — Bem... Coisas piores já foram ditas sobre mim. Muito piores. E, no entanto, essa mentira é perigosa. Calunie um rei e o caluniador perderá a cabeça. Calunie uma rainha, e a rainha perderá a dela.

A raiva endureceu sua voz, mas, por baixo dela, havia preocupação. O homem ouviu e sorriu.

— Estão conspirando contra as Terras Verdes, todos eles. Sei disso — afirmou a rainha. — O Rei do Interior...

— Não é a sua maior ameaça — o homem a interrompeu. — Nem o sultão, nem o imperador. Existe uma ameaça maior do que todos eles...

— Quem? — perguntou a rainha, seus olhos arregalando-se, alarmados.

O homem a apertou com mais força. Suas garras perfuraram o tecido macio do manto da rainha e cravaram em sua carne.

— *Espelho, espelho meu...* — ele começou a falar, seus olhos escuros encontrando os dela no espelho.

— *... quem quer que meu trono seja seu?* — a rainha completou.

Uma imagem embaralhou-se no espelho prateado. Após um momento, foi ficando mais nítida.

Os lábios da rainha se separaram, mas ela não conseguia falar. A cor sumiu de seu rosto.

— Não — ela por fim falou, sua voz tremendo. — Não, *não pode ser*.

O rosto que a encarava de volta estava abatido e tristonho. Molhado de lágrimas. Receoso.

O rosto no espelho era de Sophie.

DEZ

A RAINHA AFASTOU-SE DO ESPELHO E DO HOMEM. Atravessou a sala e agarrou-se às costas de uma cadeira para se equilibrar. Depois de um momento, falou:

— Você está *errado* — disse ela com firmeza. — Na verdade — ela acrescentou com um sorriso desdenhoso —, você está *louco*. A princesa nada mais é que uma garotinha tola de coração mole. Ela não tem exércitos. Nem navios de guerra. Nem consegue encontrar coragem para abater uma cadela inútil, quanto mais para ameaçar uma rainha poderosa.

— Eu não estou errado nem louco. Vi o que acontecerá — disse o homem.

O sorriso da rainha partiu-se. Ela se aproximou do homem.

— O que você quer que eu faça? — ela perguntou.

O homem estava segurando uma caixa de vidro vazia. Seu fecho e suas dobradiças eram fundidos em ouro. Ele a colocou sobre uma mesa.

— Traga-me o coração dela.

Um turbilhão de emoções varreu o rosto da rainha — descrença, choque, horror. Ela deu um passo vacilante para trás, os olhos fixos na caixa de vidro, e balançou a cabeça.

— Por muitos anos eu a aconselhei — disse o homem. — Desde que encontrei você encolhida diante deste mesmo espelho no palácio do seu pai. Ainda posso ouvir os passos dos soldados ecoando nos corredores. Posso ver a luz das tochas refletindo em suas espadas. Esqueceu-se?

A rainha ergueu o olhar para o homem. Olhar nos olhos dele era como olhar para um abismo. Suas profundezas

escuras subiram para encontrá-la, então giraram em torno dela, puxando-a para cada vez mais perto da borda.

— Eu não posso fazer o que você pede — ela sussurrou.

O homem estalou a língua.

— Você ordena que milhares de homens morram em batalha. Fica parada observando, impassível, espiões serem executados. Sorri quando o machado desce sobre o pescoço dos traidores. E agora não pode se livrar de uma mera garotinha?

— Ela é inocente.

— Ela é uma *ameaça* — insistiu o homem. — É tola e fraca. Você mesma não disse isso? Ela não conseguiria governar as Terras Verdes melhor do que uma criança. Você sabe disso, e seus inimigos também. Não os viu no espelho? Eles já estão circulando, planejando sua morte.

A rainha fechou os olhos. O homem aproximou-se dela. Ele chegou tão perto que ela podia sentir seu cheiro — meia-noite, ferro e cinzas.

— O espelho alguma vez falhou com você? Eu alguma vez falhei com você? — ele questionou.

A rainha não respondeu.

— Você tem uma escolha a fazer — disse ele.

Assim, ele se foi.

A rainha cobriu o rosto com as mãos.

— Não posso fazer isso. *Não posso...* — falou com angústia em sua voz.

Depois de um longo momento, ela abaixou as mãos novamente e avistou seu reflexo no vidro prateado. Só que não era uma mulher adulta que via agora; era uma jovem. Ela estava de joelhos. Chorando. Seu vestido estava coberto de sangue.

As palavras do homem pálido ecoaram em sua cabeça. *O espelho alguma vez falhou com você?*

— Nunca — ela sussurrou.

O homem está longe agora, mas ouve a resposta da rainha; ele conhece o coração dela. Ele sorri. Ela acredita

que é ela quem o invoca. Acredita que o controla. Mas aquela é uma guerra, e ela não tem como derrotá-lo. Nem saberia como.

Ah, como aquele homem pálido manda nela e tem feito isso por toda a sua vida. De quando era menina até virar mulher. Mesmo quando não parece estar, ele sempre está lá. Sussurrando em seu ouvido, passando uma garra por sua nuca, enviando um arrepio por seu sangue.

O céu começa a clarear. As estrelas desaparecem.

A rainha decidiu.

Ela pega a caixa de vidro.

E chama seu caçador.

ONZE

Na Floresta Sombria

QUANDO O AMANHECER ROMPEU NA FLORESTA, sete irmãos, todos pouco mais altos do que um barril, caminhavam em fila indiana por uma trilha estreita. Usavam roupas de trabalho e gorros, e carregavam picaretas sobre os ombros. Uma aranha macho, castanha com a parte inferior cor de creme e trinta centímetros mais alta que os homens, vinha na retaguarda. A alça de uma cesta estava enrolada em uma de suas muitas pernas.

Enquanto caminhava, ele atirou um novelo de seda no ar e prendeu uma linda mariposa branca que estava voando de volta para casa, cansada e descuidada após uma noite perseguindo os raios de lua. Enrolou a seda e engoliu a criatura inteira. As asas da mariposa, ainda tremulando, fizeram cócegas ao passar por sua garganta.

— Estou com fome — anunciou o irmão mais novo, em frente à fila. — O que será que Weber preparou para o almoço?

— Acabamos de tomar café da manhã e já está pensando no almoço? — perguntou o homem atrás dele.

O mais novo parou. Olhou por cima do ombro, preocupado.

— E se tivermos apenas *sauerbraten* e *pumpernickel*, mas nenhuma salsicha?

— Schatzi, *siga em frente*, sim? — disse o homem atrás dele, dando-lhe um empurrão.

— Não *empurre*, Julius! — Schatzi reclamou, empurrando-o de volta.

— Parem com isso, vocês dois! — outro dos irmãos repreendeu. — Weber embalou *bratwurst*. Eu vi. Ele também embalou...

Um grito, alto e agudo, rasgou a floresta. Todos congelaram.

O homem que estava repreendendo apertou o cabo de sua picareta. Tirou a ferramenta do ombro.

— Vocês ouviram isso? — perguntou.

— Que pergunta estúpida, Jakob.

— Claro que ouvimos.

— Como *não* ouviríamos?

As respostas foram dadas em tom de zombaria, mas quem prestasse atenção perceberia nelas uma inquietação.

Jakob falou de novo.

— É ele — disse de modo severo. — Está pegando outra vítima.

— Hmm, não. Acho que não — respondeu Schatzi, com uma leveza forçada. — Acho que é apenas um pássaro. Ou um esquilo.

— Um *esquilo*? Esquilos não gritam, seu idiota — disse Julius.

— A menos que alguém roube suas nozes.

— Achou engraçado, Jeremias? Porque não é — retrucou Schatzi, irritado. — Como você pode fazer piadas estúpidas depois do que aconteceu com...

— Ignore-o, Schatzi — interrompeu Joosts, outro irmão. — É um mecanismo de defesa. Jeremias usa o humor para mascarar emoções difíceis.

— Oh, por favor — disse Julius. Joosts olhou carrancudo para ele. — Talvez ele não consiga enfrentar a dor. Já pensaram nisso?

— Talvez ele seja um idiota.

— Vocês não vão ficar *quietos*? — Jakob rebateu.

Todos ficaram em silêncio, tensos, esperando de ouvidos abertos.

— Viram? Não foi nada. Eu disse! — exclamou Schatzi, batendo palmas como se tentasse afastar o medo. — Podemos ir agora?

Outro grito perfurou a manhã. Jakob se pôs a correr.

— Aonde você vai? — Schatzi gritou atrás dele.

— Temos que impedi-lo! — Jakob berrou de volta.

— Não vamos conseguir... Nós *já tentamos!*

— Então vamos tentar de novo!

Schatzi fechou os olhos e apertou as mãos.

— Não vou fazer isso. Quem quer que seja, já está morto, e dói muito ver alguém assim. Como aconteceu com Jasper. Não posso ir... *Eu não vou.*

Um farfalhar nas árvores o assustou. Ele abriu os olhos. Todos os outros haviam seguido Jakob. Ele estava sozinho, exceto por um corvo sentado em um galho acima dele. Então soltou um grasnido áspero. Um segundo pássaro juntou-se ao primeiro, depois um terceiro. Eles inclinaram a cabeça, encarando-o como um inseto suculento, com seus olhos negros brilhantes.

Schatzi estremeceu. Eles estavam se reunindo. O que significava que seu mestre não podia estar longe.

— Esperem por mim! — ele gritou.

E correu para alcançar seus irmãos.

DOZE

JAKOB VEIO SE CHOCANDO CONTRA o mato, sua picareta erguida, pronto para golpear. Ao avistar a pobre criatura, porém, ele tropeçou e deixou a ferramenta cair. Ela estava deitada sobre uma poça de sangue à beira do lago. Seu peito estava parado; seus olhos, abertos para o céu.

Dois de seus irmãos, Josef e Johann, passaram correndo por ele e se ajoelharam ao lado dela. Os outros se reuniram ao redor.

— É tarde demais — disse Schatzi, perturbado. — Ela se foi.

— Não. Ela está quente — disse Johann, pressionando as costas da mão no rosto da menina. — Ainda há uma chance...

— Uma *chance*? — Schatzi respondeu. — Caso você não tenha percebido, ela está sem *coração*!

— Onde está Weber?

A aranha largou a cesta e correu em direção à garota.

— O que ele pode fazer? Não está mais aqui — disse Schatzi, torcendo as mãos.

— Está, sim. Não está vendo?

A aranha abriu caminho entre os homens e se agachou perto da cabeça da garota. Ele ficou tenso, todos os seus oito olhos focados nela quando algo — tão suave quanto o amanhecer e tão bonito quanto o sol — saiu dos lábios dela. Ficou ali, cintilando como uma pérola, depois ascendeu aos ares.

A aranha começou a girar, tão rápido quanto podia.

— Depressa, Weber — Johann pediu. — Logo teremos companhia.

Ele apontou para o céu. Estava escurecendo, não com nuvens... Mas com corvos. Os pássaros, milhares deles, estavam se reunindo em todas as direções, girando juntos no ar como se fossem um só. Era como se uma mão invisível estivesse puxando uma cortina noturna sobre a Floresta Sombria.

— É ele. Ele está vindo — disse Schatzi, o pânico crescendo em sua voz.

— Por quê? — perguntou Josef. — Pelo que parece, ele já tem o coração da garota.

— Quem sabe? Precisamos sair daqui.

— Não há tempo. Ele vai nos ver.

— Teremos de nos esconder, então. Vamos, Weber. Você não pode ir mais rápido?

A aranha havia tecido sua seda pegajosa, formando uma enorme e forte teia. Ele então se levantou e, como um pescador lançando uma rede, jogou a teia no ar e prendeu o objeto brilhante. Rapidamente, puxou de volta para baixo. Juntou as pontas da teia e as apertou, selando o objeto dentro.

— Muito bem! — Johann sussurrou. — Espalhem-se, todos! Rápido!

Julius agarrou a cesta de Weber e escondeu-se atrás de uma pedra. Jeremias juntou-se a ele. Os outros escalaram árvores ou se agacharam atrás de arbustos. A aranha encontrou um tronco podre e se enfiou apressadamente sob ele. Ele ficou lá, sua barriga pálida achatada contra a terra argilosa, seus olhos piscando, seus braços envoltos protetoramente em seu pacote de teia. Manteve-se imóvel como a morte. Sabia que não devia ser descoberto. Pois ele tinha algo precioso. Algo radiante. Algo que vibrou dentro das meadas de seda, assim como a linda e condenada mariposa. Ele estava protegendo a alma da menina.

TREZE

UMA MULHER COM UM VESTIDO PRETO esfarrapado olhou para a garota morta e estremeceu.

— Às vezes eu os destruo, Irmão — disse ela ansiosamente, puxando uma mecha de seu cabelo selvagem e emaranhado.

— Não foi você quem matou a garota, Irmã. Foi um caçador — disse o homem parado ao lado dela. — Ele tinha uma faca afiada.

A mulher acenou com a cabeça, mas não parecia convencida. Puxou a mecha de cabelo novamente, desta vez com mais força. Ela se soltou de seu couro cabeludo com um rasgo nauseante. Ela olhou para as raízes ensanguentadas e jogou a mecha fora.

— Às vezes eu os ensino. Às vezes, deixo presentes para eles — disse ela.

— Às vezes — o homem a acalmou.

A mulher se ajoelhou. Tocou o sangue no casaco da garota. O sangue endureceu sob seus dedos e se transformou em rubis.

— Onde está o coração dela? — ela perguntou, olhando para a ferida aberta.

— Está numa caixa de vidro. Esperando por mim.

A mulher inclinou o rosto em direção ao do homem.

— De quantos corações você precisa, Irmão?

— De todos eles. Até o último.

— Então não devemos nos demorar. O palácio fica a quilômetros da Floresta Sombria.

O homem ofereceu-lhe o braço. A mulher se levantou e o pegou.

Eles eram parecidos, altos e pálidos, com cabelos bem pretos.

Apenas seus olhos eram diferentes. Os dele estavam cheios de escuridão. Os dela eram avermelhados, como que injetados de sangue, ardendo em loucura. Mal eles deram dez passos, o homem parou. Ele olhou em volta, repentinamente alerta, como um lobo farejando o vento.

— O que é isso?

— É quase como se ela ainda estivesse aqui. Seu espírito, quero dizer. Ainda presente. Eu a estou sentindo, você não?

Ele soltou o braço da mulher e girou em um círculo lento e incerto. Seu olhar se aguçou; penetrava na escuridão, captando rochas e árvores e — na beira da lagoa — um tronco podre. Ele começou a ir nessa direção.

A mulher o observou.

— Ora, Irmão — disse ela, com um sorriso curvando seus lábios exangues —, se eu não o conhecesse, diria que você está com *medo*.

O homem parou. Virou-se para ela e riu como se ela tivesse acabado de contar a piada mais engraçada que ele já ouvira. A mulher se juntou a ele, sua risada não fria como a dele, mas histérica e estridente. Puseram-se a caminhar em direção ao palácio, suas vozes ecoando na Floresta Sombria. Acima deles, os corvos lançaram-se dos galhos onde haviam se empoleirado, grasnando alto.

Uma raposa, parada perto de algum arbusto, mostrou os dentes ao ouvir um barulho angustiante, depois enfiou o focinho em sua toca. Um coelho também correu para sua toca. Uma rã-touro estremeceu e se escondeu sob um lírio.

E, nas proximidades, sete homens pequenos e uma grande aranha respiraram, aliviados.

CATORZE

— WEBER! — SUSSURROU JOHANN. — PSIU... *Weber!* Eles se foram?
— a voz veio do alto de uma árvore.

A aranha colocou a cabeça para fora do tronco. Uma perninha apareceu, depois a outra. Colocou a parte superior do corpo para fora, olhou através da escuridão e acenou com a cabeça.

Johann saltou. Seus irmãos se juntaram a ele, saindo de seus esconderijos.

Josef espiou o caminho por onde o homem e a mulher haviam passado.

— Ele *não* matou a garota — disse ele.

— Ele nunca mata. Ele sempre manda outra pessoa fazer o trabalho sujo pra ele, esse desalmado — Jeremias retrucou.

Schatzi, o rosto branco como um fantasma, disse:

— Johann, você consegue salvá-la?

— Vou tentar — Johann respondeu, curvando-se sobre a garota.

— Não temos muito tempo — Schatzi alertou, apontando para a rede de teia de aranha. A alma dentro dela estava lutando contra a seda da aranha, tentando escapar.

— Eu sei, Schatzi, eu sei. Mas, enquanto pudermos — ele acenou com a cabeça para a rede —, a garota ainda tem uma chance.

Julius sacudiu a cabeça.

— Por que estamos nos envolvendo nisso? — perguntou ele.

— O que devo fazer? Deixá-la aqui para morrer? — rebateu Johann.

Julius fez uma careta. Ele desviou o olhar.

— Isso vai nos trazer dor de cabeça, escreva o que estou falando — ele murmurou.

Mas Johann mal o ouviu. Ergueu o corpo do chão e saiu correndo pela floresta em direção à Toca, para a casa de seus irmãos.

Johann era forte e valente, mas seu coração batia forte sob o peso da garota humana. Seus pulmões trabalhavam enquanto ele corria. Suas pernas tremiam. Uma ou duas vezes, ele achou que não conseguiria, mas seguiu em frente e, enquanto corria, uma brisa farfalhou os galhos acima dele. As folhas vibraram ao seu redor.

Anos depois, contando a história à beira da fogueira em uma noite de inverno, ele diria que as próprias árvores o haviam incentivado a continuar correndo. Que tinham sussurrado para ele com uma voz de criança, inocente, forte e cheia de esperança.

O Rei dos Corvos ganhou outro coração, diziam. Depressa, Johann. Não o deixe vencer. Não deixe a menina morrer.

QUINZE

SOPHIE SONHOU QUE ESTAVA SE AFOGANDO em um mar de dor. As águas vermelhas e ardentes rodopiavam sobre sua pele, queimando seu sangue, ardendo em seus ossos.

— Faça isso parar... *Por favor* — ela implorou. — Me deixe ir... Me deixe morrer.

Uma aranha a envolveu em uma rede feita de suas teias e gentilmente a puxou para a margem.

Ela desfaleceu sobre a areia. Sua cabeça tombou para o lado. Através da névoa vermelha, ela viu que estava deitada sobre uma mesa de madeira. Havia ferramentas espalhadas por toda parte — tornos, alicates, cortadores de estanho, martelos. Ela viu engrenagens, rodas, talhadeiras e molas. Ouviu o som de um relógio batendo forte. Ouviu também xingamentos e ordens sussurradas.

Isso é loucura.

Tem alguma ideia melhor?

Ela está morrendo!

Um homem pálido e magro, com olhar de ave de rapina, virou-se para ela. Uma mulher se juntou a ele. Ela sorriu, mostrando a boca cheia de dentes podres.

E então Sophie sentiu mãos em sua cabeça; alguém agarrou sua mandíbula cerrada e a forçou a abrir. Um gosto amargo encheu sua boca. Sua visão ficou embaralhada; seus olhos se fecharam.

Ela adormeceu. E sonhou novamente.

Com um céu sombrio cheio de corvos.

DEZESSEIS

ENQUANTO A PRINCESA LUTAVA PARA SE agarrar ao frágil lampejo de vida que ainda existia dentro dela, a rainha estava sentada em seu trono, com as mãos agarradas nos apoios laterais, os dedos cravados com tanta força que suas unhas se quebraram.

Ela estava esperando por mim, seu caçador.

Não tinha dúvidas de que eu cumpriria minha tarefa. Sabia que, assim como ela, eu via o mundo como ele é, não como eu gostaria que fosse.

Eu já tinha presenciado um cervo recém-nascido ficar de pé com as perninhas trêmulas e um lobo rasgar sua garganta antes mesmo que ele pudesse dar seus primeiros passos.

Um filhote de passarinho cair de seu ninho e a raposa agarrá-lo no ar. A coruja levar embora um coelhinho gritando.

Eu me considerava um realista. Dizia a mim mesmo que as coisas sempre haviam sido assim e que assim sempre seriam. Acreditava nisso. Mas essa crença não me ajudava. Nada podia me ajudar, não naquele momento.

Toda a corte estava reunida no Salão Principal para a coroação da princesa. Mas a hora havia chegado e passado, e nem sinal da princesa. Suas damas de companhia foram chamadas. Sabia-se que ela tinha saído para caçar muito cedo e ainda não havia retornado. Nem eu.

O senhor Comandante ordenou que um grupo de busca fosse enviado para a Floresta Sombria para nos encontrar, mas, assim que as palavras saíram de sua boca, um grito ergueu-se em meio à multidão.

Eu estava na soleira da grandiosa porta do Salão Principal, meu peito arfando, meus olhos brilhando. Segurava uma caixa de vidro suja de sangue.

A rainha tinha noção da gravidade do que tinha feito? Imaginava que sua atitude não a colocaria em risco?

Com passos cambaleantes, dirigi-me até o trono. Os cortesãos foram abrindo caminho diante de mim, alguns gritando de horror, pois minhas roupas estavam encharcadas de sangue. Guardas, com as mãos nos cabos das espadas, avançaram em minha direção, mas a rainha ergueu a mão trêmula, impedindo-os.

Quando estava a poucos metros do trono, caí de joelhos.

— A princesa está morta! — gritei.

Gritos foram ouvidos. Os cortesãos empalidecidos foram cambaleando até suas cadeiras. Alguns desmaiaram. O jovem Príncipe Haakon ficou paralisado, em estado de choque.

Em um segundo, o senhor Comandante postou-se ao meu lado. Ele desembainhou a espada e a apontou para o meu peito.

— Vai responder por isso, vilão! — trovejou ele.

Pois respondi. Conteí a minha história. Para que a corte soubesse. A rainha sabia de cor, palavra por palavra, pois ela é que me havia treinado na noite anterior, depois de me chamar aos seus aposentos.

— Fomos atacados por uma alcateia — contei. — Lutei o máximo que pude, mas eram muitos lobos. Um matou a princesa e depois o bando... dilacerou seu corpo.

Minha voz falhou nas últimas palavras. Meus olhos devastados cruzaram com os da rainha.

Estendi a caixa de vidro.

A rainha encarou o objeto e seu conteúdo. Estaria ela se lembrando de como chorei quando ela me entregara a caixa? De como implorei para ela não me pedir aquilo? Ela dissera que não tinha escolha. Nem eu.

— Matei alguns dos animais e afugentei outros — menti.
— Consegui recuperar o coração da princesa.

Devagar, com cuidado, com a ponta da espada do senhor Comandante ainda pairando sobre meu peito, coloquei a caixa de vidro no chão.

— Sinto muito — sussurrei. Pela princesa. Pela rainha. Por mim mesmo. Então, antes que alguém se desse conta do que estava acontecendo, agarrei a espada com as mãos e enfiei a lâmina em meu próprio coração.

O senhor Comandante berrou. E praguejou. Puxou a lâmina, mas era tarde demais. Tombei para frente, sobre o chão de mármore.

A poça de sangue espalhou-se ao meu redor.

As damas da rainha correram para ampará-la. Ela estava branca como uma caveira. Lady Beatrice tentou conduzi-la para fora do Salão Principal, mas a rainha a afastou. Ela se levantou do trono, desceu os degraus e dirigiu-se até o meu corpo estatelado no chão. Abaixando-se, pegou a caixa de vidro e retirou-se para os seus aposentos.

Dispensou suas damas, criadas e guardas, e fechou as portas.

O estrondo ecoou pelo palácio.

Agourento. Definitivo. Eterno.

Como se ela estivesse batendo as portas de uma tumba.

DEZESSETE

QUE SONHOS EU TIVE, SOPHIE PENSOU enquanto bocejava em sua cama. *De grandes aranhas e pequenos homens. Corvos e lagoas e... rostos.*

Dois deles. Pálidos e estranhos, emoldurados por cabelos pretos. Ao lembrar, sentiu um arrepio. Puxou a coberta até o pescoço. *Quem são eles?*, perguntou-se. Mas, quanto mais ela tentava se lembrar dos rostos, mais enlouquecedoramente vagos eles se tornavam. Ela acabou desistindo; espreguiçou-se, porém, ao fazer isso, uma dor aguda cortou seu peito.

— *Ai. Ai!* — gritou ela, estremeendo. — Devo ter estirado algum músculo andando a cavalo ou dançando. Ou beijando.

Sophie sorriu, animada pelas lembranças dos lábios de Haakon nos dela, de seu toque. *Hoje é meu aniversário*, ela pensou, a empolgação borbulhando dentro dela como o champanhe que bebera na noite anterior. Haveria um rápido café da manhã em seu quarto, depois a cerimônia de coroação e, mais tarde, festejos e música. Quando a festa finalmente acabasse, ela e Haakon iriam até a rainha e lhe diriam sobre seu desejo de se casar. *Pela primeira vez, minha madrasta ficará satisfeita comigo*, Sophie pensou. Ela esperava muito por tudo isso.

Ainda deitada na cama, a dor em seu peito persistia. Em vez de diminuir, estava piorando. Sophie decidiu que um banho quente seria necessário para acalmar seus músculos tensos. Ela chamaria suas damas de companhia para preparar um banho para ela. Era hora de se levantar. Precisava comer, depois se vestir. Havia tanto a fazer.

Devagar, com sono, ela abriu os olhos pela metade, esperando ver o teto alto e decorado de seu quarto, com suas pinturas de flores e querubins.

Em vez disso, viu tábuas de pinho. Seus olhos imediatamente se abriram. Aquele não era seu quarto.

O pânico tomou conta dela. No mesmo momento, sentou-se. Um raio de dor atravessou seu torso, escurecendo sua vista. Ela agarrou a coberta. Não conseguia respirar ou falar. Não conseguia se mover.

Pouco a pouco, a dor cedeu. O ar inundou seus pulmões. Sua visão clareou. Ao olhar ao redor, suando e tremendo, ela viu que o quarto em que estava era minúsculo, com cortinas de renda, um espelho de corpo inteiro e um tapete colorido. Inclinou a cabeça para trás e viu uma cabeceira alta de madeira atrás dela, entalhada com folhas de carvalho e bolotas.

Onde estou?, perguntou-se ela.

Imagens passaram por sua mente novamente — a lâmina prateada de uma faca, pássaros voando, lágrimas rolando pelas bochechas do caçador.

Ela pressionou as palmas das mãos nos olhos. Um pavor tão frio e pesado como a névoa do mar a envolveu. Tentou lutar contra o sentimento. Tentou pensar.

Ainda era muito cedo... Eu estava cavalgando na Floresta Sombria. O que aconteceu? Será que caí?

— Sim, é isso — disse ela em voz alta, parecendo mais segura do que na verdade se sentia.

Caí, bati a cabeça e perdi a consciência. O caçador me levou à primeira cabana que encontrou. Para pedir ajuda. Para descansar.

— Mas onde ele está agora? — ela sussurrou.

Mais lembranças foram surgindo, galopando por seu cérebro como cavalos selvagens. Lembranças de uma dor indizível. Do caçador de joelhos. De algo em suas mãos. Algo vermelho e pequeno.

— M-meu coração foi arrancado. Meu coração *foi* arrancado — Sophie gaguejou com medo. — Mas c-como? *Por quê?* Por que é que isso me aconteceu? Como ainda estou viva?

Existia uma razão... O caçador havia lhe dito algo... Mas seu urro vermelho de dor apagou suas palavras.

Sophie olhou para si mesma. Estava vestindo uma velha camisa de linho.

— De onde veio isso...? — ela começou a dizer, mas suas palavras foram sumindo.

Havia algo sob o tecido. Algo escuro. Com dedos trêmulos, ela desabotoou a blusa e olhou para o peito. Uma incisão longa, com pontos pretos costurados em ziguezague, cortava o centro de seu tórax.

Uma sensação vertiginosa de irrealidade tomou conta de Sophie. Ela fechou os olhos com força.

— Ainda estou dormindo — sussurrou ela. — Isso é só um sonho... Um pesadelo.

Mas, quando abriu os olhos novamente, a cama, o quarto, a camisa, os pontos — tudo ainda estava lá.

Cuidadosamente, tocou o corte e, ao fazê-lo, sentiu algo balançar sob sua caixa torácica. Depois, ouviu tinidos e rangidos. Parecia o barulho que o enorme relógio de ouro no quarto de sua madrastra fazia antes de bater a hora. Ela olhou para cima, imaginando se, de alguma forma, não havia visto um relógio em uma prateleira ou em algum canto.

Mas não. Os sons, ela percebeu, com horror, vinham de dentro *dela*. De dentro de seu peito. O medo de Sophie se transformou em terror. Um grito escapou de sua garganta.

Um instante depois, a porta do quarto foi escancarada e por ela entrou uma joaninha, de um metro e vinte de altura, usando um boné, um avental e uma expressão de profunda preocupação.

Os olhos de Sophie arregalaram-se. Ela respirou profundamente. E gritou.

DEZOITO

A JOANINHA PRESSIONOU UMA GARRA NO rosto preocupado, depois se virou e fez uma série de estalos por cima do ombro.

Quase no mesmo instante, mais sete rostos apareceram na porta. Sophie, com a respiração saindo em pequenas rajadas, encolheu-se contra a cabeceira da cama. O barulho dentro de seu peito ficou mais alto.

— Está *ouvindo* esta barulheira, Johann? — perguntou um homem baixinho e barbudo. — Isso é um *desastre*. Ela não vai durar a noite toda.

Johann, franzindo a testa pensativamente, disse:

— É só porque a engrenagem ainda está dura. Logo vai se adaptar. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Pelo menos, acho que vai.

— Você *pensa* que vai — disse um terceiro categoricamente.

Johann ergueu as mãos.

— Tive que trabalhar rápido! Não houve tempo para ajustes, para calibrações!

Os olhos de Sophie desviaram-se dos estranhos e viraram-se rapidamente para a janela. Ficava a apenas alguns metros de distância, mas, mesmo que ela conseguisse alcançá-la antes de eles a agarrarem, ficava muito no alto e era pequena demais para ela passar.

Um dos homens carregava uma bandeja. Ele abriu caminho entre os outros, em direção a ela. Com um grito assustado, Sophie pulou da cama e se encolheu no canto mais distante, com a cama entre ela e os estranhos. Um pesado castiçal de latão estava na mesinha de cabeceira. Ela o agarrou com as mãos trêmulas e o segurou diante de

si como se fosse uma espada. O tilintar em seu peito se transformou em um estalido estridente — o som do metal raspando.

— Olha o que você fez, Joosts. Você a assustou. Abaixei essa bandeja.

— O que há de tão assustador em uma tigela de canja de galinha, Julius?

O homem que falara de engrenagens e calibrações deu alguns passos em direção a Sophie, com as mãos levantadas para mostrar que não tinha intenção de lhe fazer mal. Ele abriu a boca para falar, mas não teve chance.

— Sou a princesa Charlotta-Sidonia Wilhelmina Sophia das Terras Verdes! — Sophie gritou, apontando o castiçal para ele. — Toquem um fio de cabelo da minha cabeça e vão responder por isso!

Julius fechou os olhos e beliscou a ponta do nariz.

— Uma princesa. Uma *princesa*! Eu não disse que essa garota nos traria problemas? A cavalaria da rainha virá aqui a qualquer minuto procurar por ela.

Sophie empalideceu com a menção de sua madrasta. No peito dela, soou um ruído profundo de trituração. Toda a força de seu corpo foi drenada. Seus joelhos cederam. O castiçal caiu no chão com um baque pesado.

Agora ela estava se lembrando. As palavras do caçador vieram à tona. *Perdoe-me, querida princesa... Este ato infame não foi meu desejo, mas uma ordem da rainha.*

Sophie sentiu mãos sobre ela, erguendo-a. Era Johann. Ela tentou se desvencilhar dele, mas estava fraca demais. Ele a sentou na cama, levantou suas pernas e a cobriu novamente. Tudo o que ela podia fazer era se afundar de novo nos travesseiros.

— Todo mundo fora daqui! — ordenou ele.

Houve protestos e resmungos. Joosts colocou a tigela de sopa, junto a uma colher e um guardanapo, sobre a mesa de cabeceira; depois, ele e os outros saíram da sala. Quando saíram, Johann sentou-se na ponta da cama. O

quarto estava muito mais silencioso agora, e os ruídos no peito de Sophie pararam.

— Princesa Charlotta-Sidonia — ele começou.

— Pode ser só Sophie.

Johann assentiu.

— Nós assustamos você, Sophie. Pedimos desculpas. Não foi a nossa intenção. Meu nome é Johann — ele acenou com a cabeça para o corredor vazio. — Aqueles são meus irmãos. Nós moramos aqui. Tupfen, a joaninha, é a nossa governanta. Ela tem cuidado de você nos últimos dias.

— *Dias?* — Sophie repetiu, sentando-se. — Há quantos... Há quanto tempo...

— Nós a encontramos na floresta doze dias atrás.

Não fazia sentido. Era *impossível*. Sophie sacudiu a cabeça.

— Como não estou morta? — questionou ela.

Johann hesitou, depois disse com delicadeza:

— Você se lembra de alguma coisa?

Sophie se recostou nos travesseiros como uma boneca quebrada.

— Um caçador... Um homem que eu conhecia, em quem confiava... Arrancou meu coração. Porque minha madrasta — a rainha — o ordenou a fazer isso.

Johann prendeu a respiração.

— Por que ela faria uma coisa dessas? — perguntou ele.

A vergonha se apoderou de Sophie. As palavras de sua madrasta ecoaram em sua cabeça. *Você é mole quando deveria ser astuta, boazinha quando deveria ser feroz... Como você conseguiria governar um país, Sophia, se não consegue governar a si mesma?*

— Sophie, *por quê?* — insistiu Johann.

— Porque eu sou tão fraca, tão incompetente, tão perdida — Sophie respondeu, sua voz rouca de desespero —, que ela prefere me ver morta a me ver sentada no trono das Terras Verdes. — Então se virou para Johann, esperando ver uma expressão de desprezo em seu rosto, a mesma

expressão que ela tantas vezes vira no rosto de sua madrasta.

Mas ele não estava olhando para ela. Estava olhando pela janela. Seus olhos brilhavam. Sua mandíbula tremulava.

— Como estou viva, Johann? *Como?* — ela perguntou. — Eu estou sem coração.

Johann esfregou os olhos. Virou-se para ela e disse:

— Sim, Sophie. Confeccionei um novo coração para você.

DEZENOVE

SOPHIE OLHOU PARA JOHANN POR UM longo momento, incapaz de entender o que ele estava dizendo; depois, olhou para o próprio peito. Lentamente, com medo, ela pressionou a palma da mão contra sua caixa torácica, sobre os pontos feios, no lugar onde seu coração pequeno e perfeito costumava estar.

Aquela coisa sob suas costelas parecia grande. Desajeitada. Fora de controle. Parecia que estava batendo como um relógio em vez de pulsar. Acelerava, depois diminuía a velocidade. Chacoalhava e gaguejava, chiava e depois batia.

— É uma espécie de máquina — Johann explicou. — Bombeia sangue pelo seu corpo, assim como fazia seu antigo coração.

Sophie sabia o que era uma máquina. Cientistas e engenheiros de todas as partes do mundo compareciam à corte de sua madrasta para demonstrar suas invenções. Ela tinha visto bombas e turbinas — monstruosidades feias e barulhentas que expeliam fumaça e cuspiam óleo. Agora uma coisa daquelas estava dentro dela, sob sua carne e seus ossos. Por alguns longos segundos, ela teve de lutar contra o desejo irresistível de rasgar os pontos e puxar a coisa para fora.

— Do que é feita? — perguntou ela, com um tremor na voz.

Johann respirou fundo, como se preparasse uma resposta, mas, antes que pudesse falar, a resposta veio da porta.

— De lata. Engrenagens e rodas. Fios.

Sophie ergueu os olhos. Um dos irmãos — Julius — havia retornado. Ele estava encostado no batente da porta. Seus braços estavam cruzados; seu olhar, focado em Johann. Ela não tinha ideia de quanto tempo fazia que ele estava lá.

— Johann é muito habilidoso. Não é, irmão? — perguntou Julius. Havia uma acidez em sua voz.

Johann não respondeu; apenas dirigiu um sorriso amarelo a Julius, que se virou para Sophie. Ele estava prestes a se dirigir a ela, quando outro de seus irmãos voltou para a sala com um prato nas mãos.

— Weber mandou pão fresquinho com manteiga — disse ele.

— Weber é o nosso cozinheiro — Johann explicou. — E este é Schatzi, nosso sétimo irmão.

— Sétimo irmão... — Sophie repetiu. Antes ela tinha ficado apavorada, assustada demais para pensar direito, para raciocinar, mas agora estava melhor. — Vocês são os sete homens da floresta? — ela perguntou, maravilhada.

— Somos — disse Schatzi, colocando o prato de pão na mesinha de cabeceira.

— Lembro-me das histórias que minha babá me contava sobre vocês. Achei que só existissem nos contos de fadas — disse ela, ainda impressionada.

Seu medo diminuiu um pouco.

— Vocês cavam ouro e pedras preciosas em minas secretas — ela acrescentou. — E cada um de vocês possui um talento especial. Um é carpinteiro...

— Joosts — disse Schatzi.

— Outro é caçador.

— Jeremias.

— Tem um que é alfaiate...

— Sou eu.

— E um herbanário, um fazendeiro e um ferreiro.

— Julius. Josef. Jakob.

— E um relojoeiro.

— Johann.

Schatzi puxou a única cadeira do quarto para perto da cama de Sophie, pegou a tigela de sopa e colocou-a nas mãos dela.

— Você está pálida e magra — constatou ele, oferecendo-lhe uma colherada de sopa. — Tem de comer. É a única maneira de se recuperar.

O medo de Sophie voltou. Ela olhou para a tigela com cautela. Sua própria madrasta tentara matá-la. Por que ela deveria confiar em sete perfeitos estranhos?

Julius percebeu sua suspeita.

— Será que realmente a teríamos mantido viva só para depois envenená-la? acredite, você deu muito trabalho!

— Julius, por que *sempre* tem de ser tão rude? — Schatzi o repreendeu.

— Por que fizeram isso? — Sophie perguntou, tentando imaginar seus motivos. — Por que salvaram a minha vida?

O olhar de Julius desviou para a janela. Deu de ombros.

— Por que não?

Sophie insistiu:

— Vocês construíram um novo coração para mim. Cuidaram de mim durante uma longa recuperação. Ninguém demonstra tanta bondade para com uma estranha...

— Talvez não no lugar de onde você vem — disse Julius. — Aqui na Toca, não permitimos que el... — E parou abruptamente, como se tivesse falado demais. — Ajudamos as pessoas. — Ele acenou para a tigela. — Tome a sua sopa.

Depois, saiu. Sophie ouviu seus pés descendo um lance de escadas.

— Ignore-o. Ele está rabugento hoje. Seu arbusto de artemísia morreu — contou Johann. — Mas você deve mesmo tomar a sopa.

Sophie olhou para a tigela cheia de macarrão com cenoura, pedaços de frango e um caldo dourado. Seu estômago se revirou dolorosamente. Ela engoliu uma colher e depois outra. O calor nutritivo se espalhou por seu peito e

por todo o corpo. A coisa dentro dela clicou e zumbiu. Ela tentou não dar ouvidos e continuou comendo. Em pouco tempo, metade da tigela já havia sumido.

— Mais devagar — Schatzi aconselhou. — Você não come nada sólido há mais de uma semana.

Sophie não deu ouvidos. Ela terminou a sopa e devorou o pão.

— Estava tão delicioso. Obrigada — disse ela, limpando a boca com o guardanapo que Schatzi lhe entregou.

Ela sentiu um pouco de força de volta ao seu corpo. Sentiu-se mais lúcida, capaz de pensar com clareza. Uma ideia surgiu em sua cabeça, uma ideia que acendeu uma centelha de esperança em meio ao seu desespero.

— Vocês têm um vestido que eu possa pegar emprestado? E minhas botas estão por aí em algum lugar? — ela perguntou, lutando para se sentar direito. — Preciso voltar.

Johann parecia alarmado.

— De volta para *onde*? — ele perguntou. — O palácio? Não é uma boa ideia...

— Você não está forte o suficiente para atravessar este quarto, quanto mais para viajar! — exclamou Schatzi.

— Voltar para onde isso aconteceu — disse Sophie. — A rainha dificilmente contará à corte que tentou me matar. Inventará alguma história. Dirá a eles que me perdi ou que fui ferida, e que o caçador foi buscar ajuda. Alguém pode estar procurando por mim. Viram alguma equipe de busca?

— Não, não vimos, graças aos céus — disse Schatzi.

— O que você quer dizer com *graças aos céus*? — Sophie perguntou, perplexa.

— Nenhum sinal de equipe de busca significa que ninguém está procurando por você. Se o caçador da rainha levou seu coração para ela...

— Ele levou? — interrompeu Sophie, confusa. *Como Schatzi sabia disso?*, ela se perguntou.

Johann lançou um olhar mortal para Schatzi, mas Sophie não percebeu.

— Eu... Bem... Você...Você *disse* que foi isso que ele fez, não foi? — Schatzi perguntou, atrapalhado.

— Não, não disse — protestou Sophie, perguntando-se se ele estaria escondendo algo dela.

— E-eu acho que só estava *supondo* que ele possa ter feito isso — Schatzi justificou-se. — Por que outro motivo ele o levaria embora? E ele deve ter levado... Não está mais aí, está?

Sophie assentiu. A explicação de Schatzi fazia sentido, mas ela não conseguia afastar a sensação de que havia algo que ele não queria que ela soubesse.

— E, de qualquer maneira — continuou Schatzi —, a rainha nunca vai suspeitar, nem por um segundo, que você tenha sobrevivido. E, enquanto ela acreditar que você está morta, você estará segura. Fique quieta, fique escondida, e continuará viva, Sophie. Você não deve deixar a Toca.

Sophie não queria ficar na Toca. Os irmãos pareciam muito amáveis, mas era a casa deles, não a dela. Seu coração fez um ruído baixo e dolorido, ecoando seus sentimentos. Ela estremeceu, horrorizada novamente com aquela coisa em seu peito. Quando o barulho finalmente parou, ela disse:

— E se houvesse alguém que eu *quisesse* que me encontrasse? Alguém que poderia me ajudar?

— Quem? — perguntou Johann.

— Lord Haakon, o Príncipe de Escandinai. Temos a intenção de nos casar. Ele deve estar procurando por mim... Eu sei que deve estar... — O lampejo de esperança que ela sentira antes ficou ainda mais brilhante. — Vocês o viram? — ela perguntou, ansiosa.

Johann sacudiu a cabeça.

— Alto, loiro, olhos azuis? Têm *certeza*? — insistiu Sophie, voltando-se para Schatzi.

Mas ele também balançou a cabeça.

— Eu... Eu não entendo — disse ela, desanimada. Haakon havia prometido mantê-la em segurança, sempre protegê-

la. — Talvez vocês não o tenham visto, por algum motivo — ela arriscou. — Ou talvez ele esteja procurando no lugar errado.

— Se a rainha se esforçou tanto para planejar sua morte, aposto que também inventou uma história para contar à corte — disse Johann. — Tenho certeza de que o pobre moço acredita que você está morta.

Sophie assentiu com tristeza. Ela agitou a ponta da colcha, com as esperanças destruídas. O que Johann disse fazia sentido. Provavelmente toda a corte, incluindo Haakon, havia sido informada de que ela fora morta por ladrões, levada por um urso ou alguma outra mentira. Haakon não estava procurando por ela. Ninguém estava. Ao dar-se conta disso, Sophie entrou em verdadeiro desespero. Como se alguém a tivesse selado em um caixão e tudo o que ela pudesse fazer era gritar, impotente diante das pás cheias de terra jogadas sobre a tampa. Seu futuro não existia mais. Seu casamento com um príncipe. Sua coroa. Sua madrasta não conseguira matá-la, mas, ainda assim, roubara sua vida.

Schatzi viu sua angústia.

— Você está aqui, Sophie. Está viva. É isso que importa — disse ele, dando um tapinha amigável na mão dela.

— Sim — disse ela. — Eu estou viva. E agradeço a vocês por isso. — Ela fechou os olhos novamente. A força que ganhara com a sopa estava diminuindo agora.

— Você está exausta. Precisa descansar — disse Schatzi. Ele se levantou, colocou a cadeira de volta no lugar e fechou as cortinas. — Durma um pouco.

Pegou a bandeja e saiu do quarto. Johann o seguiu. Ele estava prestes a fechar a porta quando parou e se voltou para Sophie.

— Quase esqueci — disse ele, tirando uma bolsinha de pano do bolso da jaqueta. — Encontramos isto caído na grama, perto de você. Jeremias foi quem pegou.

Sophie forçou os olhos a se abrirem. Ela pegou a bolsinha e despejou o conteúdo em sua mão. Seis rubis perfeitos, da cor do sangue, cintilaram diante dos seus olhos.

— Não são meus — disse ela.

— Não são de um colar? De uma pulseira? Que talvez tenha se quebrado durante a luta?

Sophie sacudiu a cabeça. Ela tentou devolvê-los, mas Johann não aceitou.

— Talvez você não se lembre — disse ele. — Certamente não são nossos. Fique com eles.

Quando ele fechou a porta atrás de si, Sophie colocou os rubis de volta na bolsinha e a pôs sobre a mesa de cabeceira. O sono a estava derrubando.

Fique quieta, fique escondida, e continuará viva, Sophie, Schatzi havia dito. Mas por quanto tempo? Ela não poderia permanecer na Toca para sempre.

Seus pensamentos se voltaram para Haakon. Ela imaginou seu belo rosto, seu sorriso caloroso. Johann disse que ninguém viera procurá-la. Mas Haakon não era um “ninguém”. Ele era um príncipe. *Seu* príncipe. Certamente, não aceitaria a mentira da rainha. Ele iria querer uma prova. Sentiria que ela ainda estava viva. Sentiria isso em seu coração porque a amava, e ele continuaria procurando por ela até que a encontrasse.

Eu sou um príncipe. É isso que fazemos.

Sophie fechou os olhos. O coração em seu peito estava quieto agora. Emitia apenas ruídos suaves e rítmicos, como pesos de relógio descendo lentamente em suas correntes.

O sono espalhou seu manto escuro sobre ela. Aquela última hora, com todos os seus choques e sustos, estava se acalmando agora.

Esvaindo-se.

Relaxando.

VINTE

— PRINCESA CHARLOTTA-SIDONIA WILHELMINA SOPHIA — disse Sophie, olhando seu reflexo no espelho. — Você está parecendo um palhaço de circo.

Sua camisa era uma velha camisola listrada. Sua saia, que ficava bem acima dos tornozelos, era, na verdade, uma toalha de mesa costurada, toda quadriculada vermelha e branca. E seu corpete fora feito com um saco de grãos, amarrado na frente com cadarços vermelhos.

Sophie estava com uma aparência absurda, ela sabia disso, mas não queria reclamar. Schatzi havia feito a saia e o corpete. Ele os deixara aos pés de sua cama momentos atrás.

— Espero que goste — dissera ele timidamente. — Eu nunca tinha feito uma saia. Tupfen me ajudou com as medições.

Sophie agradeceu, e ele saiu do quarto, fechando a porta atrás de si para que ela pudesse se vestir.

Ela ajustou a saia e o corpete. Suas roupas novas eram as únicas que tinha. Jeremias havia queimado sua roupa de montaria manchada de sangue. *Pelo menos minhas botas sobreviveram*, pensou, olhando para elas. Joosts as polira até ficarem brilhando. *Haakon já teria vasculhado grande parte da floresta nas proximidades do Vale*, ela raciocinou, e, em alguns dias, talvez três ou quatro no máximo, chegaria ali. Ela tinha de se aprontar para aquele momento.

Hoje, duas semanas depois de ter acordado na casa dos sete irmãos e quase um mês desde que saíra do palácio para cavalgar com o caçador, era o primeiro dia em que Sophie se sentia forte o suficiente para deixar seu quarto.

Ela engordara um pouco, seus pontos já haviam sido tirados e suas bochechas ganharam um pouco de cor. Mas o que seu novo coração estranho e barulhento faria quando ela começasse a se mover? Ele a mantivera viva até agora, mas ela o tinha forçado muito pouco a trabalhar. Apenas dormia, comia e depois dormia um pouco mais. O que aconteceria quando andasse? Subisse e descesse escadas?

Sophie queria sair para o quintal para poder ver Haakon quando viesse cavalgando pela floresta até ela. Ele viria; estava certa disso. *Eu a amei desde o momento em que a vi*, ele lhe dissera. E não apenas a encontraria, como a levaria para Escandinai, para a segurança do castelo de sua família. A partir daí, ele e os comandantes de seu reino tramariam a melhor maneira de tirar do trono sua cruel madrastra.

Sophie respirou fundo para se acalmar, depois prendeu a respiração. Ela percorreu todo o quarto, esperando um desastre a cada passo, mas nada aconteceu. Não houve dor, nenhum ruído de seu novo coração. Não se sentiu tonta nem fraca. Não desmaiou. Deu mais alguns passos, depois girou em um círculo lento e cauteloso. Nada estalou, nada rangeu. Tudo estava perfeitamente bem. Ela soltou a respiração com uma longa lufada de alívio. Então, abriu a porta do quarto e atravessou até o patamar da escada.

Os irmãos e Tupfen estavam esperando por ela na parte inferior da escada, com expressões ansiosas em seus rostos.

— Sophie! Você está de pé e andando! — Schatzi exclamou ao vê-la.

— Você parece ótima! — disse Josef.

— Obrigada. Estou me sentindo bem — disse Sophie, descendo as escadas com cuidado. Quando chegou lá embaixo, olhou ao redor. — Que chalé mais fofo! — ela exclamou alegremente.

Construída em madeira de pinho, a Toca era rústica e aconchegante. Havia vários quartos separados no andar de

cima, mas o andar de baixo era um só cômodo todo aberto. Sophie passeou por ele com um largo sorriso no rosto. O chalé era um mimo. Isso a encheu de um deleite súbito e profundo.

— Que cortinas lindas! — disse ela, passando os dedos pelos véus de renda pendurados em uma janela. — E esta cadeira! — Ela se sentou em uma poltrona estofada, suspirou feliz e depois se levantou de novo.

Ao fazer isso, seu coração, que estava perfeitamente quieto, começou a fazer um ruído baixo, ronronado. Tomada pela curiosidade, Sophie não pareceu notar, mas os irmãos, sim. Eles trocaram olhares preocupados.

— Ah, e esta pintura! — ela exclamou, apontando para uma bela cena de floresta pendurada na parede. — Um filhotinho de veado! E os pequenos texugos! Tããã *fofinhos*! — Ela se voltou para os irmãos e para Tupfen, colocou as mãos na cintura e anunciou: — Esta casa é A-DO-RÁÁÁÁ-VEL!

Josef ergueu um dedo.

— Hum, Sophie, acho que talvez... — ele começou a falar, mas Sophie o interrompeu.

Ela avistou algo sobre uma mesa lateral.

— O que é isto? — perguntou ela, pegando uma coleira de couro. Uma etiqueta prateada caiu dela. *Henrik*, estava escrito.

— É uma coleira de cachorro — respondeu Joosts. — Pertencia ao nosso pequeno *schнауzer*, que morreu há alguns meses.

Os olhos de Sophie se arregalaram. Seu lábio inferior estremeceu.

— *Ah, não* — ela disse. — Oh, meu Deus, *não*. — Ela apertou a coleira contra o peito. — Seu... cachorrinho... *morreu*? El-le *morreu*? Seu pequeno Henrik *morreu*?

A última palavra foi pronunciada de modo dolorido. Sophie baixou a cabeça, ainda pressionando a coleira contra o peito, e pôs-se a chorar. Seu coração retumbou e estalou.

— Pobre Henrik! Ah, que tragédia! Ele se foi muito cedo. Cedo demais!

— Hmm, Sophie? Henrik tinha vinte e dois anos — disse Jeremias. — Estava na hora dele.

— Ele estava soltando puns muito fedidos — ajuntou Julius.

— E roncava a noite toda — Josef acrescentou. — Honestamente? Eu nem sinto falta dele.

Sophie levantou uma mão. Aos poucos, foi se acalmando e disse:

— Não devemos falar mal dos mortos. Henrik viverá para sempre em seus corações e... — Seus olhos desviaram para a mesa da cozinha. — Ai, minha nossa! O que é tudo *isso*?

Ela cruzou a sala em duas passadas, o coração martelando contra o peito. A mesa estava preparada para o almoço. Pratos azuis e brancos colocados sobre uma bela toalha amarela. Mas foram as travessas no centro que atraíram o interesse de Sophie.

Uma estava cheia de chucrute e coberta com salsichas gordas. Na outra, havia um *strudel* de cogumelo. Havia, ainda, *schnitzel* bem dourado. Panquecas crocantes de batata com creme de leite e molho de maçã. Um pão de centeio, um prato de manteiga amarelinha e uma jarra de leite fresco. E, de sobremesa, bolinhos de maçã com creme.

Sophie pegou uma panqueca de batata e a engoliu em três mordidas.

— Humm! — fez ela, limpando os lábios com as costas da mão. Pegou um *schnitzel* e o devorou em seis mordidas. — Estava *tão* bom! — disse ela com a boca cheia de comida. Em seguida, pegou uma salsicha.

— Quer um prato? Um garfo? — perguntou Johann.

Sophie fez que não. Ela nunca tinha provado uma comida tão deliciosa.

Não estava conseguindo comer rápido o suficiente.

— O cozinheiro ficará feliz — observou Julius. — Isso é um grande elogio ao trabalho dele. Um elogio um pouco

afobado, mas, ainda assim, um elogio...

Sophie entendeu o recado. E lembrou-se de sua etiqueta. Mais ou menos.

— Onde está o cozinheiro? Devo agradecer-lhe! — disse ela, segurando uma salsicha meio comida na mão. Ela estava na Toca havia semanas, sempre comendo uma comida deliciosa, mas não tivera a oportunidade de conhecer quem a fazia.

— Weber? Ele está bem ali — disse Josef, gesticulando para uma figura parada na outra extremidade da cozinha, mexendo uma panela no grande fogão de ferro.

Sophie olhou para o cozinheiro, respirou fundo e gritou. Com ainda mais força do que quando vira Tupfen pela primeira vez. Seu coração disparou como um alarme. Ela correu para o outro lado da mesa e gritou novamente. E atirou a salsicha que estava segurando, que atingiu Weber bem na cabeça.

— Sophie, pare com isso! — Josef a repreendeu. — Weber é bonzinho. Ele não faria mal a uma mosca!

— Na verdade, ele *faria*, sim — falou Julius. — Ele fez mal a uma dezena de moscas só no café da manhã...

— Querem ficar em *silêncio*, por favor! — Josef irritou-se.

Weber esfregou o local onde a salsicha o atingiu. Piscou seus oito olhos, depois começou a chorar.

Sophie levou as mãos ao rosto, com vergonha de si mesma.

— O que foi que eu *fiz*? — ela sussurrou. — Me perdoe. Eu sinto muito, muito mesmo. Tenho medo de aranhas. Mas posso ver que você é uma aranha muito meiga. Pode me perdoar? — Ela correu até a criatura e segurou duas de suas muitas pernas. — Por favor, por favor, diga que me perdoa!

Weber fungou; ele fez que sim com a cabeça de forma hesitante. Sophie bateu palmas alegremente, depois jogou os braços em torno dele e não o largou mais. Weber ergueu quatro das pernas no ar e dirigiu um olhar desamparado aos

irmãos. Julius puxou uma cadeira para perto de Sophie, subiu nela e gentilmente tirou seus braços do cozinheiro.

Sophie deu alguns passos para trás. Ela pressionou a mão na testa, desorientada e confusa.

— Eu... Eu não sei o que deu em mim. Normalmente, sou um pouco mais... Controlada.

Johann se aproximou deles. Tirou um estetoscópio do bolso. Era feito de pedaços de uma velha corneta e um tubo de cobre dobrado.

— Posso? — perguntou ele.

Sophie assentiu. Ela se sentou, repentinamente cansada. Johann se curvou sobre ela. Pressionou o estetoscópio contra o peito dela e ouviu. Fez, então, uma careta, sacudiu a cabeça e se endireitou novamente.

— E então? — perguntou Julius, a voz aguda de preocupação.

— Está funcionando... Quero dizer, *batendo* lindamente — Johann começou. E cruzou um olhar com Julius, um olhar de profunda preocupação. Sophie, de olhos fechados, não percebeu.

— E? — insistiu Julius.

— O ritmo está perfeito no momento — falou Johann. — Tudo está indo bem. Não consigo ouvir chiados, gotejamentos ou qualquer outro sinal de vazamento. Os reguladores que coloquei para controlar o fluxo sanguíneo e o tempo parecem estar funcionando muito bem...

— *Mas?* — perguntou Julius.

Johann encolheu os ombros timidamente.

— Mas eu, hmm... Bem, acho que me esqueci de colocar um regulador de emoções.

VINTE E UM

O MEDO SUBIU PELA ESPINHA DE SOPHIE. Um coração fora de controle era seu pior pesadelo. Fora um desses que quase a matara.

— O que é regulador, Johann? — perguntou ela, ansiosa.
— O que faz?

— Mantém as coisas equilibradas e suaves. Como o fluxo de água em um moinho, por exemplo. Ou, neste caso, o fluxo de sentimentos. O seu parece estar um pouco fora de sintonia.

— O que é que eu vou fazer? — Sophie perguntou-se ao ouvir as palavras de Johann. — Estou me comportando como uma lunática. Falando tudo que vem à minha mente. Chorando. Rindo. Atirando salsichas pelos ares. Não posso continuar assim. É... *exaustivo*.

Mas o que ela realmente quis dizer é que era *perigoso*. Ser guiada por seu coração havia despertado a ira de sua madrasta. Causara dor e sofrimento para uma criança inocente, para animais inocentes. Até Haakon, que gostava dela, achava-a gentil demais, mole demais, emotiva demais. Ele prometera vigiar o coração dela. O que ele pensaria se a visse agora, completamente incapaz de se controlar? Ainda a desejaria? Ainda a amaria?

Sophie pegou a mão de Johann.

— Me diga o que fazer — ela implorou. — Me diga como regular esse coração.

Johann franziu a testa, pensativo. Então ele disse:

— Talvez um pouco de ar fresco lhe faça bem. Um pouco de exercício. Pode ser que acalme as coisas. Você não sai há um mês.

— Parece uma excelente ideia — disse Julius.

Sophie concordou e Josef sugeriu que fossem até o jardim colher morangos. Ele pegou uma tigela de uma prateleira e eles saíram da cabana. Enquanto isso, o restante dos irmãos sentou-se para almoçar.

As coisas não foram muito bem lá fora, porém. No instante em que passou pela porta, Sophie deu gritinhos ao ver as janelinhas vermelhas e as lindas floreiras do chalé. Apenas a visão do rosto de Josef, com sua expressão consternada, a fez se acalmar.

— Pare — disse ela a si mesma, segurando a cabeça com as mãos. — *Pare*.

Josef a conduziu até um caminho de pedra que levava do chalé até o jardim. No início, Sophie seguiu um ritmo imponente, mas, depois de apenas alguns segundos, pôs-se a saltitar pelo caminho, com o coração batendo forte de alegria. Ela enterrou o rosto em uma roseira cheirosa e arranhou as bochechas. Colheu uma margarida e a colocou atrás da orelha. Acariciou uma lesma. Tudo antes mesmo de colocar os pés no jardim.

Sophie ficou desanimada quando Josef a alcançou no portão do jardim.

— Não adianta — disse ela. — Este coração faz o que bem entende.

— Tente conter seus sentimentos — Josef sugeriu. — Como se você estivesse prendendo a respiração.

Sophie assentiu. Ela endireitou a coluna, empurrou o portão e saiu para o jardim. Sua resolução durou exatamente um segundo.

— Oh, Josef, *olhe!* — ela exclamou. — Você já *viu* um repolho tão *lindo*?

Ela trotou para cima e para baixo pelos canteiros bem organizados do jardim, maravilhada com berinjelas, feijões e couves-de-bruxelas. Como nunca havia notado a beleza de uma vagem antes? A elegância das folhinhas de endro? Tudo lhe parecia um milagre. Ela ajudou Josef a colher frutas vermelhas por alguns minutos, depois saiu valsando,

incapaz de ficar parada, ansiosa para explorar o terreno. Enquanto isso, Johann, ansioso para descobrir como Sophie estava, engoliu rapidamente o almoço e juntou-se a Josef no portão do jardim.

— Como ela está? — ele perguntou ao irmão.

Josef encolheu os ombros.

— Houve gritinhos de alegria e risadas histéricas, mas, até agora, sem berros nem lágrimas. Acho que já é um avanço... Espere um minuto... O que ela está fazendo agora?!

Sophie tinha acabado de admirar os nabos quando avistou algo que não era tão adorável — um grande monte marrom irregular no fundo do jardim. Era um amontoado de cascas de ovo, folhas de chá gastas, serragem, cocô de galinha, cascas e caroços de frutas, aparas de grama e folhas mortas. Caminhou até a pilha e franziu o nariz.

— Josef, o que é isso? — ela gritou por cima do ombro.

— Essa é a nossa pilha de compostagem — Josef respondeu. — Colocamos lixo do jardim e restos de comida nela. Eles se decompõem e se tornam fertilizantes para as plantas. É um pouco fedorento, Sophie, e cheio de insetos e vermes. Venha para cá.

Sophie estava prestes a ouvir o aviso de Josef, quando um movimento na pilha de compostagem chamou sua atenção. Mas como pode ser isso? Não era nada além de lixo. Ela deu um passo à frente. Será que tinha imaginado? Mas não! Lá estava ele de novo! A pilha parecia estar caindo para o lado.

A protuberância desapareceu e reapareceu. Elevou-se cada vez mais até atingir o ponto mais alto da pilha e, então, como um vulcão em erupção, o topo explodiu. Um nariz rosa e sujo apareceu. Bigodes. Olhos pretos redondos. Eles pertenciam ao maior e mais sujo rato que Sophie já vira na vida. Ela se engasgou ao vê-lo. Seu coração estremeceu e chiou.

Sophie esperou pelas emoções que sabia que estavam prestes a tomar conta dela: medo, nojo, horror. Mas a

emoção que se apoderou dela foi algo que nunca esperou: amor.

Ela colheu uma vagem e a estendeu para a criatura.

— Sophie, não! É um rato enorme! — Josef avisou.

Sophie não deu ouvidos a ele.

— Ratinho! Venha aqui, coisinha fofa! — ela incentivou, balançando a vagem no ar. — Você é o animal mais maravilhoso que já conheci. Vou fazer de você meu animalzinho de estimação.

O rato farejou a vagem e se aventurou mais perto. Sophie deu para ele comer. Depois, ela o agarrou e o abraçou contra o peito.

— Sophie! — Josef gritou enquanto o rato se contorcia e gritava. — Coloque essa criatura vil no chão agora!

— Mas, Josef, eu o amo! — Sophie gritou de volta.

— Lá vamos nós de novo — disse Johann com um suspiro.

O rato saltou dos braços de Sophie e rapidamente desceu para a pilha de compostagem. Sophie implorou para ele sair. Como ele não quis, ela começou a chorar.

— *É só porque a engrenagem ainda está dura. Logo vai se adaptar*, foi o que você disse. Este coração é uma *catástrofe*, Johann! Ela ama salsichas! Ela ama lesmas! Ela ama um *rato* nojento! — Josef sussurrou meio que gritando.

Johann, observando Sophie cavar a compostagem, franziu a testa profundamente.

— O coração é defeituoso, sim — disse. — Mas está funcionando, Josef. Não é como...

— Nem fale nisso — disse Josef. — Já gosto dela. É como se fosse uma filha. Eu não suportaria perdê-la.

Johann voltou-se para o irmão e deu um tapinha em suas costas.

— Eu sei. Eu me sinto da mesma forma. Mas o que podemos fazer? Fiz o coração dela como o que fiz para Jasper.

Josef pareceu chocado com a menção do nome.

— Mas com aperfeiçoamentos. Foi o que você *disse*.

— Alguns. Mas nós dois sabemos o que vai acontecer. É só uma questão de tempo.

Josef voltou a olhar para Sophie.

— O que podemos fazer? — ele perguntou, ecoando a pergunta de seu irmão.

— Podemos esconder a verdade dela. Como já estamos escondendo...

— Isto é justo?

— Estamos escondendo outras coisas dela, não é? Como o nome de quem *realmente* está com o seu coração. Temos de fazer isso. De que outra forma podemos mantê-la segura?

— Por quanto tempo esconderemos a verdade, Josef?

Josef observou a garota em seu jardim enquanto ela sorria para uma borboleta, pegava um gafanhoto e ria de um esquilo tagarela. A tristeza espalhou-se por seu rosto como tinta derramada em um pergaminho.

— O máximo que pudermos.

VINTE E DOIS

A MULHER INCLINOU-SE SOBRE o lenhador ensanguentado.

Ele estava deitado no chão, gritando. Segundos atrás, perdera o controle da tora que estava cortando e acabara enterrando a lâmina do machado profundamente em seu pé direito. Ela havia se cravado em sua bota de couro, atravessando sua pesada meia de lã e seus ossos. Ele puxou a lâmina e depois desabou. O sangue jorrava do corte.

Os olhos da mulher viajaram do pé do lenhador para seu rosto. Estava cinza de choque. Ele ainda gritava, embora não tão alto.

Seus olhos rolaram para trás. Estalando a língua, a mulher endireitou-se, então continuou sua caminhada pela Floresta Sombria.

Ela estava ocupada naquela manhã. Visitara uma mulher em trabalho de parto e, juntas, inventaram alguns palavrões bem expressivos. Depois, fora a vez de um aprendiz de dentista — um rapaz com dedos grossos e visão deficiente — remover um dente do siso. E, após, ela ainda comparecera a um enforcamento. Bom nó, pescoço fino — um caso rápido. A mulher caminhou por quilômetros pela floresta, misturando-se às sombras em seu traje escuro. As plantas murchavam sob seus pés. Os troncos das árvores ficavam pretos onde ela os tocava. Animais corriam para escapar de seu olhar louco.

Depois de mais ou menos uma hora, ela passou por uma lagoa azul límpida e chegou à beira de uma clareira ensolarada. Havia um chalé arrumadinho bem no meio dela, branco com janelinhas vermelhas. As floreiras estavam

coloridas. Uma nuvem de fumaça saía da chaminé, espalhando pelo ar o aroma de pão fresco.

A mulher olhou para o chalezinho com tristeza.

— A Toca — ela murmurou.

Seus olhos seguiram a cerca de estacas que o rodeava. Nem ela nem seu irmão jamais foram capazes de violá-lo.

— É encantado. Só pode ser — ela disse, mordendo a unha do polegar com os dentes esfarelados.

Os sete irmãos tomavam todos os cuidados para mantê-los afastados. Tinham defesas fortes, mais fortes do que quaisquer amuletos. Tinham livros e canções, flores e bolo de ameixa. Tinham uns aos outros. Quando sentavam juntos ao redor da lareira à noite, aquecendo os dedos dos pés no fogo, contando histórias e bebendo *schnapps*, ninguém conseguia quebrar seu círculo.

A mulher arrancou a unha com os dentes em um acesso de ressentimento, depois viu o sangue pingar de seu polegar. Isso a acalmou um pouco, mas a calma não durou muito. Porque, um momento depois, uma garota saiu da cabana e foi para o quintal com uma cesta no braço.

Enquanto a mulher observava, a menina cortou rosas de um arbusto e as colocou cuidadosamente uma a uma em sua cesta.

— Não *pode* ser — os olhos da mulher se estreitaram.

Ela se aproximou da cerca, com cuidado para permanecer sob as sombras dos pinheiros.

Mas era ela. A menina... A princesa... Ela estava *viva*.

— Mas, *como*? Meu irmão está em posse do coração dela. Eu o *vi* na caixa.

A mulher deu mais alguns passos em direção à cerca. Apertou os olhos. Aquela era uma cicatriz no peito da garota? Acima do decote?

— O que será que esses infelizes intrometidos fizeram? — ela se perguntou em voz alta.

A garota virou-se de repente para cortar flores de outro arbusto, e, então, a mulher voltou para as sombras, mas

seu olhar permaneceu. Ela poderia ensinar algo àquela notável garota. Mostrar a ela coisas sobre si mesma que ninguém mais poderia. Poderia fazê-la ver que ela era mais forte e mais corajosa do que jamais imaginou ser. Parte dela queria muito fazer isso.

— Porque às vezes eu ajudo — ela sussurrou.

Assim que as palavras saíram de seus lábios, um besouro verde brilhante pousou em sua saia. A mulher abaixou e colocou a criatura na palma da mão, sorrindo torto para ela. Depois, levou a mão ao rosto e soprou no pequeno inseto. Instantaneamente, ele caiu de costas, pernas minúsculas revoltas em agonia.

— Mas não sempre — ela virou o besouro.

Ele pousou no chão e saiu correndo. A mulher ergueu os olhos avermelhados novamente para a garota.

Ela arrancou outra unha. A seguir, num redemoinho de saias pretas e gotas de sangue caindo no chão da floresta, desapareceu na escuridão.

VINTE E TRÊS

— VAMOS, WEBER! PODE ME TESTAR — Sophie disse corajosamente.

Nos últimos cinco dias, desde que abraçara o rato no jardim de Josef, ela vinha tentando treinar seu coração para se comportar direitinho e estava ansiosa para testar seu novo controle.

Trabalhou duro para manter seus sentimentos ocultos, como costumava fazer antes, e ficou um pouco melhor nisso, mas só um pouco. Na maioria das vezes, seu novo coração ainda revelava suas emoções. Todo mundo sabia como ela se sentia a respeito de tudo, o tempo todo, e ela odiava isso. Haakon estava vindo atrás dela. Como ela se comportaria na corte com o coração batendo forte como uma caipira bêbada, envergonhando-se dez vezes por dia? Como poderia ser a rainha que Haakon queria que ela fosse?

Os irmãos tinham ido para as minas, com picaretas sobre os ombros, horas atrás. Jeremias e Joosts não estavam com eles. Haviam partido em uma viagem de caça no dia anterior e ficariam fora por alguns dias. Com dois irmãos ausentes, os cinco restantes estavam trabalhando mais horas. Tupfen tinha ido para a floresta colher cogumelos. Apenas Weber estava em casa, em frente ao enorme fogão de ferro, preparando coisas deliciosas para o jantar. Ele se virou com uma perninha apoiada no quadril.

— Vá em frente — Sophie o incentivou. — Pode me testar!

Lançando um olhar cético para ela, Weber estendeu a mão para trás, agarrou algo que Sophie não pôde ver e empurrou na frente dela. Era um pão de centeio bem

douradinho, que acabara de sair do forno. Sophie inclinou-se para frente e inalou o perfume de dar água na boca. Não houve barulho forte.

— Vê? — ela falou. — Eu disse! Experimente outra coisa. Qualquer coisa!

Ela pressionou a palma da mão contra o peito:

— Não vai fazer barulho.

Weber entrou na despensa e ressurgiu um momento depois carregando um grande prato redondo. No instante em que Sophie viu o que havia nele, seu coração bateu como os sinos de uma igreja no dia do casamento de um rei.

— Um bolo floresta negra? — Sophie disse, batendo o pé. — Weber, isso é não é *justo*!

O bolo, com uns bons vinte e cinco centímetros de altura, era a sobremesa favorita de Sophie. Eram camadas de massa de chocolate embebidas em calda de cereja e recheadas com chantili. Por fim, uma cobertura em redemoinhos enfeitava o topo, com cerejas doces e escuras por cima.

Impulsivamente, Sophie agarrou uma cereja e a mordeu. O suco escorreu por seu queixo. Seu coração ronronou. Weber olhou furioso. Fez ruídos altos e estridentes que pareciam muito com uma bronca, e Sophie percebeu quão mal-educada tinha sido.

— Desculpe — disse ela timidamente. — Acho que as coisas não estão tão sob controle como eu pensava... Tem mais cerejas? Eu resolvo isso. Eu...

Suas palavras foram interrompidas por um barulho alto e crescente. Uma pressão repentina dentro de seu peito, que foi aumentando, espremendo o ar para fora dela. Tentou recuperar o fôlego, mas não conseguiu. Os segundos se passaram e ela ainda não conseguia respirar. Assustada, agarrou a borda da mesa e desejou que seus pulmões puxassem o ar, mas eles não conseguiam. Ela estava vagamente ciente dos gritos de pânico de Weber. Sophie

tropeçou, cambaleou e caiu no chão de madeira duro sobre as mãos e os joelhos.

O choque a sacudiu e, tão repentinamente quanto começou, a pressão diminuiu, o barulho parou e seus pulmões se abriram novamente. Um momento depois, ela sentiu Weber ajudando-a a se levantar. Ele a sentou em um banco perto da mesa. Ajoelhando-se, ele empurrou uma mecha solta de cabelo de seu rosto corado e suado, e guinchou. Ela não entendeu todas as suas palavras, mas sabia o significado.

— Eu-eu não sei — ela respondeu, com a voz trêmula. — Um segundo eu conseguia respirar, no outro já não conseguia mais. Deve ter algo a ver com o coração. Algo travou, eu acho.

Antes, Weber havia feito um bule de chá. Ele serviu uma xícara para ela agora, levou-a para a mesa e colocou-a na frente de Sophie. Ele afastou outra mecha de cabelo de seu rosto, com a preocupação nublando seus muitos olhos. Estava prestes a dizer algo a ela, quando um sibilo alto e raivoso foi ouvido. Sua sopa de alho-poró estava fervendo. Tinha espirrado sobre o ferro quente, onde borbulhou e queimou, exalando um cheiro horrível.

— Sinto muito, Weber! — disse Sophie. — É culpa minha. Eu distraí você.

Ela se sentiu péssima. Weber tinha muito trabalho a fazer, e ela o estava impedindo. Sophie se levantou e se ofereceu para ajudá-lo a limpar a bagunça, mas ele a dispensou. Ela se sentou novamente, suspirando desconsolada. Ao tomar outro gole de chá, percebeu que uma de suas mangas estava se abrindo. Olhando mais de perto, descobriu que estava rasgada do cotovelo ao ombro. *Que beleza. Devo ter prendido no banco quando caí,* pensou.

— Weber, preciso remendar minha manga — disse ela. — Onde posso encontrar outra camisa velha para vestir enquanto conserto esta?

A aranha, limpando a sopa queimada, sacudindo uma panela de couve-de-bruxelas, mexendo uma caçarola de lentilhas ferventes e salgando um frango — tudo ao mesmo tempo — apontou para cima.

— No sótão? — ela perguntou.

Weber assentiu. Sophie terminou seu chá e, em seguida, foi para o segundo andar da casa, seus passos tão pesados quanto seu novo coração barulhento.

Uma porta no fim do corredor abria-se para outro lance de escadas. O sótão ficava no topo deles. Sophie estava familiarizada com isso. Ela fugia, várias vezes por dia, todos os dias, para esperar Haakon na janelinha estreita. Um mês se passara desde que o caçador levou seu verdadeiro coração, e ainda não havia sinal de Haakon. Todos os dias ela acordava e dizia a si mesma: *Hoje é o dia*. E todas as noites ela adormecia profundamente decepcionada. Às vezes, uma vizinha dentro dela dizia: *Ele não está procurando por você. Se estivesse, já a teria encontrado*. Sophie fazia o possível para abafar a vizinha, mas ela persistia.

Ela foi até a janela do sótão. Era difícil ver muito através das densas copas das árvores ao redor da casa, mas, esticando o pescoço para um dos lados, conseguia avistar apenas uma clareira ensolarada na floresta. E, se ela se virasse na direção oposta, via um grupo de bétulas prateadas e uma trilha que levava à Toca.

— Onde você está, Haakon? — ela sussurrou.

Ele estava lá fora, procurando por ela. Ele estava. *Ele virá. Apenas dê a ele mais alguns dias*, ela disse a si mesma. Ela tinha de acreditar nisso, pois, sem ele, ela não tinha futuro, nenhuma esperança.

— E, quando ele chegar, não quero recebê-lo com roupas rasgadas — disse ela em voz alta, lembrando-se da tarefa em mãos.

Embora visitasse o sótão diariamente, Sophie nunca tivera realmente de procurar nada nele e viu agora que

encontrar uma camisa, ou qualquer outra coisa, seria uma tarefa difícil. Os irmãos não haviam organizado nada. A limpeza não era seu ponto forte. Tupfen estava sempre atrás deles, guardando peças perdidas de relógios, cordas de arco e ferramentas.

Sophie sorriu ao pensar nos irmãos durante sua busca. Ela era muito grata por sua gentileza e seu cuidado, e já gostava muito deles. Schatzi, ela havia aprendido, era uma alma sensível. Tinha cabelos ruivos e um rosto redondo que frequentemente estava vermelho de emoção. Jakob, um homem de ação decidido, era o mais velho. Tinha cabelos grisalhos e barba, além de rugas no rosto. Jeremias tinha a língua ácida e era alegre, embora Sophie tivesse a sensação de que seu bom humor fosse uma defesa, pois captara vislumbres de uma profunda tristeza em seus olhos. Johann era quieto e ponderado, sempre perdido em pensamentos. Joosts era o pacificador. Josef, que sempre tinha feno grudado no corpo, ficava mais feliz cuidando de suas galinhas, vacas e porcos. Julius era rabugento, mas inteligente e perspicaz, e gentil também, a seu modo. Ele era o único que lia para Sophie à noite enquanto ela convalescia, para manter seu tédio sob controle.

Movendo-se com cuidado, Sophie passou por caixotes empilhados em mesas, cestos equilibrados em caixas e uma confusão de móveis quebrados que os irmãos pretendiam consertar um dia. Ela teve que se espremer entre as cadeiras e a estrutura da cama, lutar com sapatos para neve e varas de pescar, e empurrar para o lado uma cabeça de alce empalhada, tudo para chegar a uma cesta de roupas velhas que balançava em cima de uma pilha de livros sobre um baú. Quando alcançou a cesta, esbarrou nos livros e os derrubou no chão. Sophie fechou os olhos. Abanou a cabeça. Nada estava dando certo. Xingando baixinho, ela abriu os olhos novamente, colocou a cesta no chão e começou a pegar os livros. Foi quando viu um nome gravado no baú em letras maiúsculas, uma única palavra:

JASPER

VINTE E QUATRO

SOPHIE SE AJOELHOU. COLOCOU OS livros que estava segurando no chão e espanou a poeira da tampa do baú.

— Jasper? — ela sussurrou, franzindo a testa. — Quem é você?

Era um dos irmãos? Os contos de fadas que ela ouvira mencionavam apenas sete, e os próprios irmãos nunca falaram de um oitavo. A curiosidade de Sophie foi aguçada; ela tinha que descobrir. Soltou as tiras de couro, abriu a trava e puxou a tampa para trás. Prendeu, então, a respiração ao ver o que havia dentro — pilhas de pequenas pinturas, dezenas delas, uma mais bonita que a outra.

As cenas eram tão vivas que saltavam da tela. Sophie reconheceu a Toca e seu jardim. O riacho que corria por entre as árvores, além da cerca. Um grupo de bétulas prateadas. Ela retirou as pinturas, uma a uma, tomando muito cuidado. Viu o rosto de Jakob dando graças. Josef cochilando perto da lareira. Ovos azuis salpicados em um ninho. Schatzi nariz a nariz com um fulvo. Sophie demorou-se com as pinturas, maravilhando-se com os detalhes e a profundidade da emoção em cada uma delas. Eram coisas pequenas e íntimas e, conforme ela as via, sentia-se como se estivesse olhando diretamente para o coração do pintor. Seu coração ronronou calorosamente.

— Eu me pergunto por que os irmãos não emolduram isso e penduram nas paredes — disse ela. Então, cavou mais fundo no baú.

Ela viu Julius segurando um raminho de alecrim e franzindo a testa, como sempre. Um filhote de urso parado em um canteiro de flores da floresta. Uma raposa espiando

de dentro de um espinheiro. Um bando de corvos em uma árvore...

... e um homem parado embaixo deles.

O sorriso de Sophie sumiu de seu rosto como o gelo de um telhado. Ela se aproximou da imagem e a examinou.

O rosto do homem era pálido como um osso. Seu longo cabelo caía sobre os ombros. Ele usava uma coroa de obsidiana cravejada de joias escuras.

— Eu o vi — Sophie sussurrou, seu coração batendo forte.

Uma lembrança recaiu sobre ela, sombria e vaga. O homem estava olhando para baixo, para ela, sorrindo cruelmente. Uma mulher estava com ele. Mas onde isso aconteceu? E quando? Ela nunca vira aquele homem. Teria se lembrado dele. Como alguém poderia esquecer as profundezas sem fundo daqueles olhos negros? Aquele sorriso horrível?

Sophie tentou agarrar-se à lembrança, dar sentido a ela, mas era como tentar pegar um punhado de fumaça. Os irmãos nunca tinham mencionado aquele homem, mas aqui estava ele em uma pintura. Jasper, quem quer que ele fosse, o conhecia? E então um pensamento assustador tomou conta dela: será que Jasper poderia ser ele?

Ela colocou a pintura no chão e, em seguida, vasculhou o fundo do tronco. Pincéis estavam dispostos em uma linha organizada ao lado da paleta de pintor e potes de vidro contendo pigmentos moídos. Havia uma boina de lã verde e um par de óculos. Um colete de tweed. Vários cadernos de desenho. Um canivete.

Tudo, parecia, menos uma resposta.

— Sophie! — uma voz gritou do andar de baixo.

Era Josef. Sophie, ainda curvada sobre o baú, endireitou-se na cadeira. Os irmãos já estavam em casa? Como poderia ser? Ainda não era noite. Ela olhou para a janela do sótão e viu que estava errada. As sombras estavam se alongando. O crepúsculo caindo sobre a Toca. Ela havia perdido completamente a noção do tempo.

Pés subiram as escadas com pressa.

— Sophie, você está aqui? O jantar está pronto e eu...

As palavras de Josef morreram em sua garganta quando ele a viu sentada no chão com as pinturas espalhadas ao seu redor. Ele cruzou o sótão em alguns passos rápidos. Sem palavras, reuniu as pinturas e as colocou de volta no baú. Sophie percebeu que elas o aborreceram.

— Eu sinto muito. Eu... Acho que não deveria ter aberto isto — disse ela, ajudando-o. — Fiquei curiosa sobre Jasper. E então vi isso — ela ergueu a pintura do homem pálido — e me perguntei se ele era o Jasper.

Josef olhou para a foto e uma expressão de ódio espalhou-se por seu rosto, tão pura e profunda que Sophie ficou abalada.

— Este *não* é Jasper — ele rosnou. — Jasper era nosso irmão. O mais novo de nós. Ele morreu. Muito tempo atrás.

— Josef, eu sinto muito — disse Sophie, surpresa com a raiva em sua voz. — Do que ele morreu?

— Síndrome consumptiva.

Sophie percebeu que ele estava mentindo. Seu rosto, sempre aberto e franco, estava fechado. Ele evitou os olhos dela.

— Vocês nunca falam sobre ele — disse ela. — Nenhum de vocês.

— É difícil, Sophie. Muito difícil.

Sophie assentiu, não querendo pressioná-lo mais. Ela fez outra pergunta, no entanto:

— Você sabe quem é o homem pálido? Aquele de pé sob a árvore cheia de corvos?

Josef balançou a cabeça.

— Não tenho ideia.

Era outra mentira. Ele sabia quem era o homem — ela tinha visto o reconhecimento em seu rosto um momento atrás —, mas não queria contar. *Por quê?*, ela se perguntou. Josef fechou o baú e o afivelou, tomando cuidado para prender as pontas das alças. Em seguida, colocou os livros

que Sophie derrubara de volta sobre ele. *É como se ele tivesse medo de que as lembranças fossem vazas*, ela pensou.

— O jantar está pronto — disse Josef novamente.

E seguiu em direção às escadas. Sophie o seguiu. Ao chegar ao topo, ela percebeu que ainda precisava vestir uma camisa. Correu de volta para a cesta de roupas velhas, vasculhou-a e encontrou uma. Quando puxou a roupa, ouviu um barulho no telhado e uma explosão repentina de movimento.

Ela saltou, pressionando a mão no peito, então riu de sua própria tolice quando a causa do barulho passou voando pela janela.

Era apenas um grande corvo preto.

VINTE E CINCO

O CAIXÃO NA CAPELA DO REI era pequeno e coberto de preto.

A criança dentro dele, um menino, estava usando seu vestido branco de batizado. Seus olhos estavam fechados, suas pequenas mãos cruzadas sobre o peito. Ele tinha apenas quatro meses.

O pai do menino, o Rei da Saxônia, estava ajoelhado ao lado do caixão, com a cabeça baixa.

A mãe do menino, arrasada pela dor, chorava em sua cama.

Adelaide os viu. Seu irmão. Seu pai. Sua mãe. Mortos há muito tempo, todos eles, mas vivos nas profundezas de seu espelho.

E então ela se viu, uma menina de cinco anos. Seu cabelo estava trançado. Seus olhos tinham um ar solene. Ela segurava um buquê de flores nas pequenas mãos. Ela mesma as colhera. Algumas murcharam, pois demorara muito para ir do jardim da rainha à capela.

Caminhou até o altar. Seu pai estava chorando. Ela podia ouvir seus soluços. Seu coração doeu ao vê-lo tão triste.

— Não chore, papai — disse ela ao se aproximar por trás dele, mas ele não a ouviu.

Sem saber o que fazer, aproximou-se e deu um tapinha em seu braço. O rei se assustou com o toque dela. Ele ergueu a cabeça. Adelaide mal o reconheceu. A tristeza devastara seu rosto outrora bonito.

— Papai, olhe — disse ela, oferecendo o buquê. — Trouxe flores para o senhor.

O rei olhou para as flores, mas não as pegou. Depois, olhou para ela.

— Três filhos mortos em três anos. Mas você, Adelaide, você prospera. Está ficando alta e forte. — Ele ergueu os olhos para o teto. — Deus do céu, por quê? Por que leva meus filhos e me deixa com uma menina inútil?

A mão de Adelaide caiu lentamente ao lado de seu corpo. Lágrimas ardiavam em seus olhos. Ela não sabia que era inútil. Seu tutor dizia que ela era inteligente. Sua babá dizia que era gentil.

O rei se levantou e olhou para o caixão.

— Meu filho, meu menininho... — disse ele, batendo a palma das mãos contra a cabeça.

Adelaide enxugou os olhos. O movimento chamou a atenção de seu pai.

— Venha cá, criança, venha... — disse ele, gesticulando para ela.

Mas Adelaide, agora com medo, abanou a cabeça. Ela recuou.

O rei estendeu os braços para ela. Sua mão agarrou-lhe ombro. As flores caíram no frio chão de pedra.

— Olhe só para ele, Adelaide — disse ele, empurrando-a até o caixão. — Olhe o seu pobre irmão morto, deitado aí. Você o vê?

Adelaide assentiu, tentando ser corajosa. Ela não gostava mais do bebê. Seus olhos estavam fundos sob as pálpebras finas como papel. Seu rosto estava rígido e cinza.

— Por quê, Adelaide? — gritou o rei. — Por que não foi você?

A imagem desvaneceu-se, mas a dor das palavras de seu pai permaneceu. Ainda hoje.

Depois de todos esses anos.

— Eu me lembro daquele dia — disse uma voz atrás dela. — Você e eu estávamos apenas começando a nos conhecer.

Adelaide se virou lentamente.

— Poucos anos depois da morte do menino, seus pais morreram também. Mas não você, Adelaide. Você

sobreviveu. Você sempre sobrevive. — Ele bateu com uma garra negra no próprio queixo. — Por que será?

— Por sua causa — sussurrou Adelaide.

— Sim. Por minha causa. Eu a ajudo a vencer todas as ameaças. — Ele estava sorrindo, mas havia um tom de ameaça em sua voz. — Não posso ajudá-la, entretanto, se não fizer o que estou pedindo.

— O que você quer dizer?

— A menina ainda vive — disse o homem.

— Não — disse Adelaide com veemência. — Isso é *impossível*. O caçador me trouxe seu coração. Eu lhe entreguei o coração dela.

— Os sete homens a salvaram. Deram a ela um novo coração — disse o homem. — Ela está na Floresta Sombria. Num chalé chamado Toca.

Adelaide enrijeceu de raiva. E medo. A garota era uma ameaça para ela.

O espelho disse isso a ela.

— Enquanto ela viver, você não estará segura — disse o homem.

— O que eu posso fazer? — ela perguntou ao homem. — Meu caçador está morto.

O homem enfiou a mão dentro do casaco e retirou lindas fitas, daquelas para atar o corpete. Feitas de seda preta brilhante, com fios de ouro. Ele as colocou nas mãos da rainha.

— Você vai encontrar um cavalo novo em seus estábulos, um garanhão cinza. Ele nasceu de uma tempestade e é mais rápido que o vento. Disfarce-se e cavalgue até a Toca. Dê isso à garota. Certifique-se de que ela amarre seu corpete firmemente com as fitas. Isso é tudo que você precisa fazer — disse o homem.

Ele, então, desapareceu, e a rainha ficou sozinha.

Ela se voltou para o espelho.

— Espelho, espelho meu... — ela começou, hipnotizada mais uma vez pelas imagens que viu dentro dele. — Quem

quer que meu trono seja seu?

Se alguém mais estivesse na sala com ela, teriam visto que nada aparecera na superfície prateada.

Nenhum rei, nenhum caixão, nenhuma garota de coração partido.

Havia apenas uma mulher, magra como um sussurro. De olhos fundos. Assombrada.

VINTE E SEIS

SOPHIE, COM UMA MÃO NO PORTÃO, a outra segurando um pequeno pacote, lançou um último olhar culpado para trás.

Ninguém estava no quintal para vê-la. Os irmãos estavam na mina.

Weber, na cozinha. Tupfen, limpando as janelas.

Sophie sabia que ela não deveria estar fazendo isso. Os irmãos a advertiram severamente para nunca deixar a Toca. Mas ela precisava. Um pouco mais de um mês havia se passado desde que ela saíra do palácio com o caçador, e ainda não havia sinal de Haakon.

A Toca ficava bem escondida, e Sophie tinha certeza de que Haakon simplesmente não a localizara. Na noite anterior, enquanto ajudava a limpar os pratos do jantar, ela bolou um plano — voltaria para o lago, para o lugar onde o caçador havia arrancado seu coração. As equipes reais muitas vezes passavam galopando em caçadas, e era provável que Haakon também passasse por lá.

Ela passaria algumas horas lá e, com sorte, o veria quando sua equipe de busca se aproximasse. Ela correria e acenaria para eles. Contaria a Haakon o que a rainha e seu caçador haviam feito, e, então, eles cavalgariam, rápido e forte, para a fronteira. Não teriam escolha. Haakon era o estimado convidado da rainha, mas ele não seria capaz de retornar ao seu palácio, uma vez que soubesse o que ela fizera a Sophie.

Doía em Sophie desconsiderar as instruções dos irmãos e fugir. E ela sabia que, quando ela e Haakon estivessem reunidos novamente, não haveria tempo para cavalgar de volta para a Toca para dizer aos irmãos que ela estava indo

embora, por isso colocou um bilhete em seu travesseiro, explicando para onde tinha ido e por quê, agradecendo a eles tudo o que fizeram por ela, e prometendo voltar um dia.

Sophie não levara quase nada com ela, apenas uma maçã, um pedaço de pão e a bolsinha de rubis, amarrada em um guardanapo. Ela não tinha ideia se seu plano funcionaria, mas tinha que tentar. Um mês era muito tempo. E se Haakon estivesse perdendo as esperanças? E se ele parasse de procurá-la e voltasse para o seu reino? Se isso acontecesse, ela perderia sua única chance de ser salva. Ela *o perderia*.

Sophie destrancou o portão e o abriu. Um instante depois, estava correndo pela trilha de pedra. Ela tinha uma ideia aproximada da direção em que ficava o lago — às vezes vira Johann ir em direção a ele à noite, com uma vara de pescar pendurada no ombro e, meia hora depois, ela o encontrou.

Com dificuldade, contornou a margem pantanosa do lago, assustando algumas rãs-touro e pisando na lama macia às vezes. Ela estava suada e sem fôlego quando chegou à margem gramada, onde os cavaleiros paravam para deixar seus cavalos beberem. Encostou-se em uma árvore para recuperar o fôlego. Ao fazer isso, seu coração de repente trotou e gemeu, depois desacelerou dramaticamente, com segundos decorrendo entre cada batida.

Sophie se sentiu tão tonta que quase desabou ali onde estava, mas mal conseguiu tropeçar em um tronco e sentar-se. De olhos fechados, ela respirou fundo, esperando que seu coração se endireitasse.

É só porque a engrenagem ainda está dura. Logo vai se adaptar, Johann sempre dizia com um sorriso tranquilizador quando isso acontecia. Mas, até agora, não pareceu se adaptar. Em vez de diminuir com o passar dos dias, esses surtos estavam acontecendo com mais frequência.

Depois de vários minutos, o coração finalmente voltou ao ritmo normal e Sophie abriu os olhos. Ela se sentou

quietinha, prestando ansiosamente atenção ao som de cascos de cavalo. Talvez Haakon estivesse a caminho neste exato momento. Ela imaginou a felicidade em seu rosto quando a visse. Ela o imaginou pulando da sela e abraçando-a, dizendo que ele nunca acreditara que ela estivesse morta, que a procurara todos os dias de sua vida.

Sophie prestou atenção aos sons, mas não ouviu nada, apenas a brisa suspirando por entre os pinheiros. Ela se resignou a uma longa espera, à possibilidade de retornar no dia seguinte. E no outro dia. Levantou-se para voltar pela mesma trilha. Em vez disso, porém, parou de repente. Um arrepio percorreu seu corpo.

Foi aqui, ela pensou, seu olhar varrendo a margem, a borda da água, os altos juncos que a circundavam. Foi aqui que o caçador arrancou meu coração.

O cheiro de lama do lago, o sussurro dos pinheiros... Tudo trouxe o momento de volta à sua memória. Desde o dia em que acordou na Toca, Sophie havia reprimido as lembranças, mas elas vieram à tona de novo agora, inundando sua mente com imagens, sons e sentimentos horríveis. Ela sentiu o choque novamente, de quando o caçador a puxou para si e a lâmina penetrou em seu peito. E viu os rostos — dois rostos — inclinados sobre ela, pálidos e cruéis. O homem, o que usava a coroa de obsidiana, o que Jasper havia pintado... Ela *não o tinha imaginado*, mas o visto de verdade. Bem ali. Ele viera até ela enquanto ela estava morrendo. *Quem era ele?*

O coração de Sophie enguiçou e gemeu, depois acelerou. *Esta não foi uma boa ideia*, ela pensou. *Preciso voltar para a Toca.* Agitada, ansiosa, impulsionada por sua emoção, ela correu para longe do lago. Margeando a água, refez seus passos. Poucos minutos depois, estava voltando por entre as árvores.

Caminhou por quase uma hora antes de perceber que nada mais lhe parecia familiar. Ela havia passado por uma grande pedra cinza em seu caminho da Toca para a lagoa.

Um enorme espinheiro. Uma árvore carbonizada por um raio. Onde eles estavam?

Um barulho agudo e estridente a fez pular. Ela ergueu os olhos. Um bando de corvos estava reunido nos galhos acima. Seus olhos voltaram-se para o céu. O sol estava baixo. Os irmãos estariam em casa em breve. E ficariam muito preocupados se descobrissem que ela fora embora. Ela apressou o passo para que pudesse voltar antes deles.

O pânico vibrou dentro de sua cabeça, dizendo-lhe que ela estava irremediavelmente perdida. O crepúsculo estava chegando e os lobos logo estariam à espreita.

— Para onde devo ir? — ela murmurou, tentando se orientar.

Sophie tinha a vaga noção de que havia caminhado para o leste da Toca, então decidiu ir para o oeste agora, na direção do sol poente. Perturbada, ela olhou para todos os lados, exceto para onde estava indo, e acabou tropeçando e quase caindo estatelada no chão. Endireitou-se, então se virou para ver em que tinha tropeçado.

Ela esperava uma rocha protuberante ou uma raiz de árvore retorcida.

Não um esqueleto.

Gritando de horror, Sophie cambaleou para trás diante dos ossos. Seus olhos percorreram os restos mortais. Um pequeno sapo marrom espiou de cima do seu musgo. A mandíbula se abriu em um gemido silencioso. Pedacos de tecido, apodrecidos pelo tempo, cobriam os ossos longos. Uma faca de caça estava perto do quadril, meio enterrada no chão. As trepadeiras serpenteavam pelas costelas do esqueleto. Algumas das costelas estavam quebradas. Suas bordas enegrecidas emolduravam um buraco denteado sobre o lugar onde um coração um dia havia batido.

Enquanto Sophie olhava para o buraco, o medo passou uma unha afiada pela nuca dela. Ela desviou do esqueleto e correu. Seu pânico havia se transformado em medo, fazendo-a respirar em pequenas arfadas curtas. Ela não

tinha andado mais de vinte metros quando viu outro esqueleto no chão, este mais velho e quase totalmente coberto por musgo.

Sophie tropeçou, primeiro descendo por uma ravina, depois subindo uma colina. E, então, viu algo pior. Não um esqueleto, não ainda. Mas um corpo. Estava encostado em uma árvore. A decomposição ainda não havia tomado o rosto da jovem, mas os pássaros haviam arrancado seus olhos. Também estava sem coração.

O coração de Sophie bateu forte dentro do peito. Ela não sabia se gritava de terror ou chorava. Tremendo muito, girou em um círculo. Aquela mulher, as outras pessoas... Todos tinham morrido porque seus corações foram arrancados. Assim como o caçador havia arrancado o dela. Quem quer que fosse esse alguém, a Floresta Sombria parecia ser seu terreno de caça. E era ali que ela se encontrava, sozinha. Não havia ninguém para ajudá-la, nem os irmãos, nem Haakon.

Um soluço de terror escapou de seu peito. E depois outro. Ela pressionou as mãos contra a boca para abafá-los, certa de que, se começasse a chorar, não seria capaz de parar, que acabaria desolada no chão da floresta. Marchando para frente com as pernas bambas e fracas, ela cruzou um riacho e lutou contra arbustos espessos. E, então, ao chegar ao topo de outra colina, viu um grupo de bétulas prateadas. Ela se lembrava de ter visto bétulas da janela do sótão do chalé.

— Por favor, que sejam as mesmas árvores. *Por favor* — ela implorou. Se fossem, a Toca não poderia estar longe.

Sophie manteve os olhos fixos nas árvores, respirou fundo e correu.

VINTE E SETE

SOPHIE OUVIU OS IRMÃOS ANTES DE VÊ-LOS.

Eles estavam chamando seu nome. Repetidas vezes. Com toda a força de seus pulmões. Ao se aproximar da Toca, ela viu tochas balançando no lusco-fusco do crepúsculo.

— Estou aqui! — gritou ela, fraca de alívio. — Aqui!

Um momento depois, Josef estava ao seu lado.

— Onde você esteve? — perguntou ele, a voz aguda de preocupação. Então ele ergueu a tocha e deu uma boa olhada nela. — O que aconteceu com você?

As botas de Sophie estavam cobertas de lama. Os espinhos rasgaram sua saia. Seu cabelo, antes preso num coque, estava solto sobre os ombros. Seu rosto, vermelho.

Jakob juntou-se a eles, sem fôlego e ofegante.

— Estávamos tão preocupados! Chegamos em casa e você não estava! — Ele se virou, colocou a mão em concha sobre a boca e berrou: — Nós a encontramos!

Juntos, os três voltaram para o chalé. Quando chegaram ao portão, os outros estavam no pátio, esperando por eles. Havia muitas perguntas para responder.

— Por que você foi embora?

— Aonde foi?

— Graças aos céus você está bem!

— Podemos entrar, por favor? Tupfen não parava de chorar e Weber estava tão chateado que queimou os bolinhos.

— Sinto muito por ter dado esse susto em vocês — disse Sophie enquanto se dirigiam para a porta. — Eu fui até o lago.

— O lago — disse Julius, horrorizado. — Por quê?

— Para ver se Haakon estava lá, procurando por mim — Sophie admitiu.

— Que coisa tola de se fazer — disse Julius.

Sua voz era severa, mas Sophie também sentiu medo em suas palavras.

— Eu sei — lamentou Sophie. — Eu... Eu os vi. Os ossos. Eu também vi um corpo.

Olhares preocupados foram trocados entre os irmãos. Sophie os percebeu.

— O que foi? — ela disse. — O que isso quer dizer? Por que esses restos mortais estão na floresta?

— Entre, Sophie — disse Julius seriamente. — Tire essas botas molhadas e troque de roupa.

— Não tenho outra roupa — disse Sophie.

— Você pode pegar uma calça e uma camisa emprestadas. Tupfen vai pegá-las para você. Depois, vamos jantar. Weber manteve a comida aquecida.

Enquanto todos eles dirigiam-se ao corredor de entrada do chalé, Sophie lutou contra o desejo de conversar mais. Ela queria respostas, e os irmãos as tinham. Podia ver que sim, mas, como lhes havia causado muitos problemas, ficou de boca fechada e decidiu fazer suas perguntas mais tarde, quando todos estivessem sentados à mesa.

Depois de tirar as botas, Sophie entrou na cozinha. Tupfen e Weber correram até ela. Sophie beijou suas bochechas e pediu desculpas a eles também, por causar tanta preocupação. Alguns dos irmãos puseram a mesa; outros acenderam velas ou alimentaram o fogo.

Sophie estava saindo da cozinha em direção à escada, com a intenção de subir até seu quarto para se trocar, quando Johann, pensando que ela já tinha saído do ambiente, inclinou a cabeça para Josef e cochichou:

— É ele.

Suas palavras foram dirigidas apenas aos ouvidos de seu irmão, mas Sophie as ouviu. Ela se virou.

— Quem? — questionou ela, olhando para Johann. — Você disse: *É ele*. De quem você está falando?

Os olhos de Johann arregalaram-se. Ele percebeu que tinha sido ouvido. Gaguejou e se enrolou, tentando voltar atrás, mas Sophie não se deixou enganar.

— Aqueles ossos na floresta... Já pertenceram a pessoas — disse ela. — Seus corações foram arrancados. Assim como o meu. Há coisas que vocês não estão me contando.

As imagens voltaram à sua mente — de olhos negros perfurando-a, de um sorriso cruel. Ela continuou:

— É aquele homem pálido, não é? É dele que você está falando. Aquele na pintura de Jasper. Quem é ele?

Ela olhou de um irmão para outro, seus olhos implorando pela verdade. E, finalmente, ela a ouviu.

Julius colocou as mãos nas costas de uma cadeira e se apoiou nela, de cabeça baixa.

— Ele se chama Corvus. É o Rei dos Corvos.

A raiva explodiu dentro de Sophie. Os irmãos *esconderam* coisas dela e não tinham o direito de fazer isso.

— Foi ele quem tirou o coração de todas aquelas pobres pessoas na floresta, não foi? — disse ela. — Quando eu estava morrendo, eu o vi. Ele se inclinou sobre mim. Ele está com o meu coração também? O caçador mentiu para mim? *Vocês mentiram?*

— Não, Sophie, o caçador não mentiu — Julius disse com pesar na voz. — Corvus está com o seu coração. A rainha deu a ele.

— Como você sabe disso? — Sophie perguntou, sua raiva crescendo.

— Quando nós a encontramos, você estava quase morta — Julius continuou. — Sua alma estava deixando seu corpo. Corvus estava chegando. Com sua irmã, Crucia. Weber capturou sua alma na hora certa, mas pegá-la nos deixou sem tempo para correr. Então nos escondemos. Foi quando ouvimos Corvus dizer a Crucia que estava indo ao palácio para pegar seu coração com a rainha.

— Mas, por quê? O que ele quer com o meu coração?

— Ele os coleta e os mantém em uma sala em seu castelo, em caixas de vidro encantadas, vermelhos e vivos.

Sophie se sentou à mesa, agora mais perplexa do que zangada. Parecia que alguém havia chutado suas pernas.

— O que ele quer com os corações?

— Não sabemos.

A cabeça de Sophie estava girando.

— Por que vocês não me contaram essas coisas semanas atrás?

Pela primeira vez desde que começara a falar, Julius ergueu a cabeça. Sophie viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Julius, ranzinza e rabugento, chorava. Isso a assustou mais do que qualquer coisa que ele dissera.

— Julius, quem é esse Rei dos Corvos? — Sophie perguntou. — De onde ele veio?

— Ninguém sabe — respondeu Julius. — É certo, porém, que se trata de um homem poderoso e perigoso, e você é uma garota com um coração defeituoso. As pessoas se perdem na Floresta Sombria, Sophie, e a maioria delas nunca consegue voltar. É por isso que escondemos coisas de você. Por isso que tentamos mantê-la aqui, na Toca, segura e protegida... — a voz de Julius falhou. Ele não conseguiu terminar.

Então Johann continuou por ele:

— Ele levou Jasper, Sophie — disse suavemente. — Foi ele quem levou nosso irmãozinho. Não vamos deixá-lo levar você.

VINTE E OITO

VELAS FORAM COLOCADAS SOBRE A MESA. Todos estavam sentados agora. Weber serviu o vinho.

Johann estava falando. Seus irmãos, olhando para o fogo. Ou para suas taças. Um estava com os olhos fechados, uma defesa contra a dor. Todos eles sabiam a história que estava sendo contada. Eles a tinham vivido.

Sophie se inclinou para frente em sua cadeira, os cotovelos sobre a mesa, ouvindo com atenção. Johann já havia dito a ela que Jasper era o caçula da família, talentoso e sensível.

— Ele era um artista — Johann disse agora. — Pintava o que amava, uma cesta de maçãs ou um pato em seu ninho. Um dia, decidiu levar suas pinturas a Königsburg, para ver se conseguiria vendê-las.

Johann parou aqui para beber um gole de vinho. Seus olhos, sempre suaves e distantes, adquiriram uma dureza fria.

— Não deu certo. Os mercadores riram ao ver seu trabalho. *Ninguém quer imagens de maçãs e patos*, eles disseram. *Todos querem retratos da realeza. Ou, melhor ainda, retratos de si mesmos. Envoltos em casacos de peles emprestados e diamantes falsos. Há muito dinheiro a se ganhar fazendo isso, garoto!* Jasper não vendeu uma única pintura. Ele mudou depois daquele dia. Tornou-se melancólico e quieto. Acreditava que suas pinturas fossem todas erradas, que *ele* era todo errado. Guardou suas tintas e seus pincéis, e começou a fazer longas caminhadas na floresta. Foi lá que o encontramos. Com um buraco no peito. Sem seu coração. A uma fração de segundo da morte.

— E vocês o salvaram — disse Sophie.

Johann assentiu.

— Eu fiz um coração para ele. Como fiz para você. Ele também funcionava mal, mas de uma maneira diferente. Em vez de sentir tudo, o pobre Jasper não sentia nada. Ele disse que preferiria estar morto a viver assim. — Enquanto Johann falava, a tristeza pareceu desmoronar sobre ele. Seus ombros caíram; seu corpo amoleceu.

Sophie percebeu que ele se culpava. Ele completou:

— A ação física do coração funcionou bem, no entanto. Por um tempo, pelo menos.

— Por um tempo... — Sophie repetiu, um forte pressentimento se instalando em seu próprio coração. — O que aconteceu, Johann?

Mas Johann não respondeu. Julius, que estava brincando com uma vela enquanto Johann falava, passando o dedo para frente e para trás na chama, respondeu por ele.

— Parou.

Como ventos girando antes de uma tempestade, carregando poeira e folhas mortas com eles, a memória de Sophie soprou fragmentos de um sonho em sua mente. Ela se lembrava de ter se afogado em um mar vermelho de dor, depois de ver engrenagens, rodas, talhadeiras e molas espalhadas ao seu redor. Lembrou-se de acordar e perguntar aos irmãos de que era feito seu novo coração.

Engrenagens e rodas. Fios.

A verdade atingiu Sophie com uma força brutal.

— Você é relojoeiro, Johann. E esta coisa dentro de mim... A única coisa que está me mantendo viva... Tem o mecanismo de um relógio.

— Sim — confirmou Johann. — É.

Os relógios marcavam o tempo, Sophie sabia disso. Alguns eram lentos, outros rápidos. Alguns eram simples, outros diabolicamente intrincados. Alguns eram confiáveis, outros não. Mas todos eles tinham uma coisa em comum: ou você dá corda neles, ou eles param.

A tontura, os surtos que a deixavam sem fôlego, todos esses eram sinais — sinais de que seu coração estava desacelerando.

— Por q-quanto tempo Jasper viveu? — ela perguntou em voz baixa.

— Nem mesmo um mês. Ele morreu no caminho para Nimmermehr, o castelo do Rei dos Corvos — Johann disse.

Sophie sentiu que estava perdendo o fôlego. *Apenas um mês*, ela pensou.

— Jasper não suportava viver sem seus sentimentos — explicou Julius. — Decidiu que iria encontrar uma maneira de entrar no castelo para roubar seu coração de volta. Ele tinha ouvido falar que havia magia, algum tipo de feitiço, que poderia colocar seu coração de volta em seu corpo. Há bruxas nesta floresta. Algumas são muito poderosas.

A esperança foi despertada em Sophie:

— Existe mesmo tal feitiço?

— Nunca descobrimos — respondeu Josef. — Fomos com Jasper para Nimmermehr. Não podíamos deixá-lo ir sozinho. Foi uma jornada difícil. A uma semana de caminhada daqui. Quando finalmente chegamos ao castelo, as árvores eram tão altas, os galhos tão densos que a luz mal os penetrava. Havia criaturas na floresta...

— Que criaturas? — perguntou Sophie.

Josef balançou a cabeça, como se estivesse perdido.

— Criaturas sombrias. Como de um pesadelo. Com longas garras. Algumas com olhos vermelhos. E algumas sem olhos. Elas se escondiam na escuridão. De início, ficavam longe, mas depois foram se aproximando. Ouvíamos os sussurros. E gemidos. Nós corremos, tentando fugir delas, mas o esforço era demasiado para Jasper. Seu pobre coração falhou a apenas um quilômetro do castelo. Nós o trouxemos de volta para a Toca e o enterramos.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala. O único som que se ouvia era o estalar da lenha na lareira.

— Quanto tempo me resta? — Sophie finalmente perguntou.

— Você já sobreviveu por mais tempo do que Jasper. Apreendi com os erros que cometi com o coração dele — disse Johann rapidamente, evitando a pergunta dela. — Aperfeiçoei o mecanismo. Adicionei pesos e contrapesos. Mais molas. Batidas mais precisas. Fui capaz de prolongar a quantidade de tempo...

— Johann, quanto tempo?

Johann baixou os olhos para o prato. Ele espanou um pouco de poeira imaginária.

— Um mês, eu acho. Talvez um pouco mais ou um pouco menos.

Sophie baixou a cabeça entre as mãos, sentindo-se feita do mais fino vidro, tão frágil que o toque mais suave poderia quebrá-la. Ela escapou da morte apenas para ficar cara a cara com ela mais uma vez.

— Toda aquela agonia, todo aquele medo... Para ganhar tão pouco tempo? — disse ela de forma entrecortada. — Por que você se deu a esse trabalho, Johann? Você devia ter me deixado morrer.

Johann não respondeu. Ninguém respondeu. Weber, chateado, insistiu em servir o jantar. Ele colocou uma travessa de *sauerbraten* sobre a mesa, a carne tenra derretendo em seu molho de gengibre; uma tigela de repolho roxo cravejado de passas rechonchudas; e outra contendo *spaetzle* amanteigado e salpicado de salsa. Ninguém tinha vontade de comer, mas não disseram nada. Eles sabiam que alimentá-los era a maneira de a aranha confortá-los.

Depois de um momento, Josef pigarreou. Os outros pareciam alarmados.

— Josef, não — Julius começou a dizer.

Mas Josef o interrompeu:

— Eu tenho que dizer. Sem mais mentiras. Ela precisa saber — disse ele.

Sophie ergueu a cabeça e recostou em sua cadeira.

— Há *mais* notícias ruins?

— Jeremias e Joosts não foram caçar.

Sophie encolheu os ombros sem compreender.

— O que isso tem a ver com a minha vida cada vez mais curta?

— Foram para Nimmermehr, Sophie. Para roubar seu coração de volta.

Por um longo momento, Sophie não disse nada, pois as palavras não saíam de sua boca. Jeremias e Joosts haviam empreendido uma viagem perigosa, planejavam invadir o castelo de um rei assassino — por ela. Ela ficou profundamente comovida com sua abnegação.

— Por quê? — perguntou ela finalmente.

Os irmãos todos se entreolharam, expressões confusas em seus rostos.

— O que você quer dizer? — perguntou Schatzi.

— Por que eles arriscariam suas vidas por mim? Por que vocês permitiriam isso?

Johann riu, como se a resposta não pudesse ser mais óbvia.

— Porque eles amam você, Sophie. Todos nós amamos.

Sophie baixou os olhos para o prato. Dentro de seu coração mecânico, uma engrenagem travou enquanto as emoções conflitantes lutavam entre si — gratidão, dúvida, admiração, indignidade.

— É uma grande bondade. Grande demais — disse ela calmamente.

— Você fala como se a bondade fosse uma coisa ruim — disse Jakob.

Sophie ergueu os olhos para ele.

— Porque é. Bondade é fraqueza — disse ela, ecoando as palavras da madrastra. — A bondade é perigosa.

Jakob estalou a língua.

— A bondade é muitas coisas — disse ele. — É gentil. Carinhosa. Tolerante. Nasce da paciência e da fé. E, às

vezes, sim, é perigosa. Ajudar um animal ferido que pode atacar, defender alguém que está sendo intimidado por brutamontes, invadir o castelo do Rei dos Corvos... Todas essas coisas são perigosas. Mas tentar entender outra criatura, nos colocar no lugar dela, ajudá-la, mesmo quando isso nos custa caro, mostra força, Sophie, não fraqueza.

Sophie desejou de toda sua alma acreditar nele. E, ainda assim, a voz de sua madrastra soou alto em sua cabeça, e a de Haakon também. Disseram a ela que nenhum governante podia se dar ao luxo de ser gentil, que a brutalidade e o medo eram o que mantinham os comandantes leais e os súditos obedientes. Ela se encolheu ao pensar no que diriam sobre seu coração mecânico e como ele revelava suas emoções.

— Vocês acham que eles vão conseguir? Jeremias e Joosts? — perguntou ela. — Você acha que eles conseguirão realmente roubar meu verdadeiro coração de volta?

Julius ergueu as mãos, como que para afastar o excesso de esperança.

— Não sabemos. Razão pela qual Josef deveria ter mantido sua boca fechada. Já estivemos em Nimmermehr. Vimos o que se esconde naquela floresta. Jeremias e Joosts terão que ser muito astutos e sortudos se quiserem entrar no castelo, roubar seu coração e escapar ilesos. Até que voltem para a Toca com ele, você não estará mais segura do que agora.

Sophie entendeu o que ele estava dizendo — Jeremias e Joosts tinham apenas uma chance mínima de sucesso.

— Mas posso ter esperança — arriscou ela.

Julius fez uma careta.

— Se precisa ter — ele resmungou.

Weber apontou para a comida na mesa. Ele guinchou, irado.

— Sim, sim, você está certo, Weber — Schatzi disse rapidamente, pegando o prato de *sauerbraten*. — É um

insulto para o cozinheiro deixar a comida esfriar. — Ele se serviu e passou o prato.

Os outros fizeram o mesmo, e logo todos estavam comendo. As velas brilhavam. O fogo queimava alto. O ânimo de todos foi reforçado pela deliciosa comida de Weber.

Bruxas não eram as únicas criaturas mágicas na Floresta Sombria; a aranha tinha sua magia também.

Enquanto comiam, Sophie perguntou quando Jeremias e Joosts voltariam.

— Em duas semanas, esperamos — disse Jakob. — Talvez três.

O estômago de Sophie se contraiu de ansiedade. Três semanas era muito tempo quando só se tem um mês de vida.

— Você não deve se aventurar de novo enquanto esperamos por eles nem deve deixar ninguém entrar pelo portão. O Rei dos Corvos pode estar por perto — avisou Julius, lançando um olhar severo para Sophie. — Eu sempre pensei que Jasper poderia ter vivido mais se tivesse ficado em casa. Seu coração poderia ter desacelerado mais devagar se ele não o tivesse sobrecarregado. Se não tivesse se forçado a atravessar um terreno ruim no mau tempo para chegar a Nimmermehr. Um mês não é muito, mas pode muito bem ser tudo de que você precisa. Se conservar sua energia. Se ficar quieta à espera de Jeremias e Joosts. Se for cuidadosa.

Sophie entendeu o que ele quis dizer.

— Se eu não sair de novo da Toca — disse ela. — Se eu não me aventurar pela floresta. Se eu não tentar encontrar Haakon.

Julius assentiu. Ele cobriu a mão de Sophie com a sua.

— Se você não exigir de seu coração mais do que ele pode dar.

VINTE E NOVE

EXISTEM MUITAS MANEIRAS DE SE ROUBAR um coração.

E o Rei dos Corvos usa todos os métodos; ele não ignora nenhum. Fica feliz de arrancá-lo de uma vez, como eu, o caçador, fiz.

Fica feliz de tirá-lo pedaço por pedaço, ano após ano, como um avaro acumulando moedas, com silêncios punitivos, olhares cortantes e falsas gentilezas.

Palavras venenosas também funcionam. São tão afiadas quanto facas e deixam suas vítimas vazias.

Na Floresta Sombria, uma princesa olha para as estrelas pela janela de seu quarto. Disseram que estava errada. E agora ela acredita que está ainda mais errada, com um coração falho, batendo forte, que é uma responsabilidade maior do que o anterior.

A quilômetros de distância, no palácio, a rainha olha fixamente para o seu espelho. Ela é tantas coisas: poderosa, corajosa, inteligente, feroz. Mas o vidro prateado nunca a deixa esquecer o que ela não é — um menino, um filho, um homem, um rei.

Você se assusta com o que vê quando se olha no espelho? Acha grande demais? Pequeno demais? Sente que está tudo errado? Que nunca há nada certo?

Ouçame, criança. Você deveria se assustar muito mais com o que está olhando para você.

TRINTA

SOPHIE ERGUEU O ROSTO PARA O SOL, fazendo uma pausa de alguns momentos em suas tarefas.

Havia olheiras escuras sob seus olhos. Fazia dois dias que soubera a verdade sobre seu novo coração e o antigo. Desde então, ela não tinha conseguido dormir muito. Corria para a janela do sótão com mais frequência do que antes, esperando não apenas por Haakon, mas também por Jeremias e Joosts. Ela estava preocupada com os dois irmãos. O Rei dos Corvos era um inimigo mortal — e se ele os capturasse? Ela também estava preocupada consigo mesma. O tempo não corria a seu favor. Seu coração estava desacelerando a cada minuto que passava. Perguntou-se com um distanciamento estranho e frio como seria ouvir os últimos segundos de sua vida passando. Doeria? Ela sofreria? Ou tudo simplesmente pararia? Como os ponteiros de um relógio parando?

Um passarinho piou de um galho alto, dispersando seus pensamentos mórbidos. Sophie abriu os olhos e ouviu sua música, determinada a colocar as preocupações de lado, mesmo que apenas por um tempo, e desfrutar do belo dia. O céu estava de um azul claro de partir o coração, e uma brisa suave soprava pelo jardim, espalhando os aromas de lavanda e alecrim. Os raios quentes do sol se alongavam, no entanto. Os irmãos estariam em casa em breve, assim como Weber e Tupfen, que tinham ido para a floresta colher mirtilos.

Sophie sabia que devia terminar a costura para poder ajudar Weber a preparar o jantar. Ela estava sentada em uma velha colcha no quintal, remendando sua saia. Os

espinhos tinham rasgado a bainha durante sua corrida frenética pela Floresta Sombria, e, desde então, ela vinha usando uma velha calça de Jeremias com as barras soltas, uma de suas camisas de linho e seu corpete. Com linha e agulha, trabalhou dentro e fora do tecido da saia. Poucos minutos depois, ao dar o nó no fio, uma voz gritou atrás dela, fazendo-a pular.

— Boa tarde, linda senhorita! Posso lhe oferecer meus produtos? Tenho muitas coisinhas adoráveis: anéis e broches, dedais e tesouras. Ficaria feliz em mostrá-las a você!

Sophie se levantou, assustada, mas depois relaxou um pouco quando viu que era apenas uma velha mascate parada no portão — uma senhora com uma capa puída e uma cesta nas costas. Tinha cabelos grisalhos e olhos bondosos. Parecia muito boazinha, mas, quando os irmãos partiram para suas minas naquela manhã, avisaram Sophie, mais uma vez, para não se aventurar além da cerca.

— Não preciso de nada hoje, obrigada — Sophie disse.

O rosto da mulher ficou triste. Sophie sentiu pena dela. Ela era magra e parecia muito cansada.

— Posso pedir um copo d'água? Andei muito e estou com muita sede — disse a mulher, que acenou com a cabeça para o poço no quintal. — Eu mesma posso me servir. Não vou incomodar você. Se eu pudesse entrar e sentar por um momento...

Sophie sacudiu a cabeça.

— Não estou autorizada a deixar estranhos entrarem.

— Entendo, minha criança. Obrigada mesmo assim. Que Deus a proteja. — A mulher esboçou um sorriso ao se virar, mas seu rosto enrugado, emoldurado pelo capuz da capa, parecia abatido.

Coitadinha, Sophie pensou, caminhando por quilômetros com aquela cesta pesada. Certamente não há mal nenhum em lhe dar um copo d'água.

— Espere! — gritou ela. — Não se vá. Vou pegar água para a senhora.

A velha se virou, sorrindo de alívio. Ela tirou sua cesta e a colocou no chão.

— Obrigada, criança — disse ela.

— Fique aí — Sophie pediu. — Eu volto já.

A mulher assentiu com gratidão, e Sophie saiu correndo. Poucos minutos depois, ela voltou, carregando uma xícara de água fria e um prato com um sanduíche de presunto e queijo que montara às pressas. Entregou-os por cima do portão e a mulher os pegou ansiosamente, bebendo a água na mesma hora.

— Você é uma menina gentil — disse ela, sentando-se em um toco. — Qual é o seu nome? — ela perguntou enquanto mordida o sanduíche.

Sophie hesitou, depois repreendeu-se por ser tão boba. Uma velha não poderia machucá-la.

— É Sophie. E o seu?

A mulher engoliu em seco.

— Ada — disse ela, limpando os lábios com as costas da mão.

Ela colocou o prato no chão, inclinou-se sobre a cesta e vasculhou dentro dela. Quando se endireitou novamente, estava segurando um lindo par de fitas. Eram feitas de seda preta, com fios de ouro tecidos nelas.

— Para você. São um presente. Para lhe agradecer por sua gentileza.

Sophie tentou recusar, mas a velha se levantou e foi até o portão. Ela estendeu as fitas.

— Vamos, pegue-as — insistiu a mulher. — Elas combinam com você.

Sophie mordeu o lábio. As fitas *eram* muito bonitas, certamente muito mais do que os velhos cadarços vermelhos que estava usando para amarrar seu corpete.

— Tudo bem, então — disse Sophie, encantada e estendendo a mão para o portão. — Obrigada.

— Coloque-as — a velha insistiu enquanto Sophie tirava as fitas de sua mão. — Eu adoraria ver como ficam em você. — Um sorrisinho secreto curvou os cantos de sua boca.

Seus olhos cor de índigo brilharam sombriamente. Mas Sophie, desfazendo avidamente o nó das fitas, não percebeu.

Assim que as separou, Sophie pendurou-as no portão. Então ela desfez os cadarços do corpete. Ao puxá-los, o corpete soltou. Segurando-o contra o corpo com os cotovelos, Sophie jogou os velhos cadarços no chão e começou a enfiar as fitas novas pelos ilhós. Quando seus dedos ágeis terminaram a tarefa, ela olhou para si mesma e sorriu. Eram uma grande melhoria.

— Como estão lindas, minha querida! — exclamou a velha. — Mas estão ainda muito soltos. Aqui, deixe-me ajudá-la. — A senhora alcançou por cima do portão, desfez o nó que Sophie fizera e apertou os laços.

— Aff! — fez Sophie, rindo. — Eu mal consigo respirar!

E, então, a velha deu um nó tão apertado nas fitas que Sophie realmente não conseguiu respirar. Parecia que até a última gota de ar havia sido espremida para fora dela.

— Estão apertadas demais! — ela tentou dizer, mas não conseguiu pronunciar as palavras.

A mulher se afastou do portão e, ao fazê-lo, seu capuz escorregou de sua cabeça. Seu cabelo cinza ficou loiro. Seu rosto enrugado tornou-se liso. Seus olhos amáveis se tornaram cruéis.

O coração de Sophie bateu forte de medo. Ela tentou gritar, mas tudo que saiu dela foi um gemido áspero.

— Você nunca, nunca aprenderá quão perigosa é a bondade? — a rainha disse com sua voz gelada de escárnio.

Sophie tropeçou. E caiu contra o portão. Lutando, ergueu-se sobre ele.

— Por favor... *Por favor...* — ela implorou, estendendo a mão para a madrasta. Mas ela já havia partido.

Com o peito apertando, Sophie se virou e cambaleou de volta para a colcha onde estava sentada. Uma tesoura estava em cima dela. Se ela conseguisse alcançá-la, poderia cortar os laços. Mas caiu de joelhos ofegando antes de chegar à metade do caminho. Olhou para o corpete, pronta para arrancá-lo com as mãos, e soltou um grito longo e silencioso de horror.

Duas cobras pretas, com escamas de pontas douradas, estavam enroscadas em seu peito. Mais e mais elas se apertaram, enrolando-se em seu torso... Abriram a boca, silvaram para ela... *Menina fraca e toliiiiiinha... Não é forte o ssssuficiente, nem essssperta o ssssuficiente...*

As palavras venenosas queimaram os ouvidos de Sophie. A falta de ar incendiou seus pulmões. Ela arqueou as costas, tentando respirar. Acima dela, o céu começou a girar.

A última coisa que viu antes de desabar no chão foi a cabeça de uma cobra erguendo-se acima dela, sua língua ondulando para fora, seus olhos vermelhos brilhando, gotas de veneno penduradas em suas presas.

TRINTA E UM

SCHATZI PAROU EM FRENTE AO PORTÃO, fechou os olhos e respirou fundo. O cheiro da panela de ferro que Weber colocara sobre as brasas antes de partir para a colheita de frutinhas pairava na brisa da noite.

— *Almôndegas* — Schatzi disse sonhadoramente. — Almôndegas carnudas com molho de creme! Espero que tenha batatas cozidas também. — Ele abriu os olhos. — Essa é a minha comida favorita — acrescentou ele, abrindo o portão. — Com a possível exceção de *hasenpfeffer*. E espero que tenha um bolo amanteigado de sobremesa. Com sorvete de baunilha!

— Você *sabe* falar de outra coisa além de comida? — perguntou Jakob, abrindo caminho para passar por ele.

Schatzi olhou como se ele fosse louco.

— Por que eu faria isso? — perguntou ele, seguindo o irmão pelo portão.

Os outros vinham logo atrás, cansados e sujos de um longo dia de trabalho. Todos estavam ansiosos para tomar banho e depois jantar. Julius estava indo para o poço quando a viu.

— Sophie! Não! — gritou ele, largando a picareta.

— O que houve, Julius? — Jakob perguntou. — Por que você...

Suas palavras foram engolidas. Seu rosto empalideceu de medo ao ver Sophie esparramada no chão, com as mãos agarradas à grama. O rosto dela estava vermelho. Seus lábios, tingidos de azul. Duas cobras, cada uma da espessura do braço de um homem, estavam enroscadas em torno dela.

— Pegue um arco, algumas flechas. *Depressa!* — gritou Julius.

Johann já estava correndo para o chalé. Jakob e Josef agarraram suas picaretas e atacaram as cobras, mas as criaturas eram rápidas e se esquivaram dos golpes. As lâminas dos machados passaram por elas e alojaram-se na terra.

As cobras atacaram os homens. Jakob conseguiu pular para longe. A manga de Josef foi rasgada por um par de presas.

Sophie estava ofegando ruidosamente, lutando em desespero para respirar. Feridas de picadas pontilhavam seus braços.

Johann voltou com um arco; ele mirou uma flecha em uma das víboras, mas ambas deslizaram para perto de Sophie, tornando impossível atirar nelas sem acertar a garota.

— Continue distraíndo-as. Não deixe que elas a mordam de novo! — gritou Julius, puxando uma adaga do cinto. Ele foi em direção às cobras. — Precisamos tirá-las dela! Senão ela morrerá!

— Julius, o que você está fazendo? Não vá. Você está muito perto!

— Eu preciso. Elas vão matá-la.

— Elas vão matar *você!*

Os olhos de Sophie rolaram para trás. Seu corpo ficou mole.

— Não! — gritou Julius, investindo contra elas.

Uma das cobras empinou bem alto, pronta para atacá-lo, mas, quando o fez, houve um movimento perto da cerca, distraíndo a criatura. Algo correu pelo portão aberto e passou disparado pelos irmãos em um borrão. E, então, antes que soubessem o que estava acontecendo, a cabeça da cobra, com as presas ainda à mostra e os olhos abertos de surpresa, saiu voando pelo ar. Aterrou nos pés de Johann com um baque úmido e sanguinolento.

O corpo da cobra morta, enrolado com força em torno do torso de Sophie, afrouxou e caiu no chão. A segunda cobra girou ao redor, os olhos se estreitando em fúria ao ver sua companheira morta. Ela atacou o borão, mas sua raiva a tornou desajeitada, e ela errou a mira.

— O que diabos... — Julius começou a dizer.

— É um cão de caça! — exclamou Schatzi.

Um cachorrinho marrom magro rosnava e pulava em volta de Sophie, antagonizando a cobra. Dançando sobre seus pés leves e delicados, ele provocou a víbora, afastando-se de Sophie pouco a pouco, puxando a cobra com ele. Uma volta escapou do corpo de Sophie, depois outra.

A cobra balançou de um lado para o outro e, então, atacou. Várias vezes. O cachorro ficou um pouco à frente dela, mas a cobra repentinamente mudou de direção, escorregou para o lado e passou por baixo do animal. O cachorro saltou de lado, mas não foi rápido o suficiente; gritou de dor quando as presas afiadas picaram seu quadril. Sangrando, choramingando, ele saiu mancando, arrastando a pata traseira.

A cobra empinou novamente, preparando-se para o golpe mortal. Sua língua negra tremulou. Com toda a velocidade e fúria de um chicote estalando, ela se lançou. Suas presas se enterraram. Afundaram profundamente. Mas no chão, não no cachorro.

O astuto cãozinho apenas fingira que seu ferimento era grave. As feridas eram sangrentas, mas não profundas, e nenhum veneno havia entrado em sua carne.

Ele saltou facilmente para o lado quando a cobra o atacou. Enquanto a víbora lutava para se libertar, o cachorro deu a volta por trás dela e mordeu a carne macia abaixo do crânio. Houve um som de rasgo e, em seguida, uma segunda cabeça de cobra voou pelo ar.

Enquanto os irmãos observavam, surpresos demais para falar, o cãozinho — ofegante, as patas traseiras tremendo — voltou para perto de Sophie. Lambeu o rosto da garota,

cutucou-a com o nariz. Então, soltou um uivo longo e triste, e caiu no chão ao lado dela.

TRINTA E DOIS

— ACORDE, ACORDE... *POR FAVOR*, ACORDE! — implorou Jakob.

Ele estava de joelhos ao lado de Sophie, batendo suavemente em seu rosto.

— Ela morreu de novo? — Schatzi perguntou, chorando.

— Ela não está morta. Está respirando. Olhem — confirmou Johann. O peito de Sophie subia e descia. Sua respiração era superficial, mas ela estava viva. A felicidade o inundou, mas, então, ele viu os furos em seu braço. — O veneno tem que ser retirado — disse ele friamente.

Weber, que havia entrado no quintal com uma cesta de mirtilos, juntou-se aos irmãos. Quando viu Sophie e as cobras mortas, ele empurrou todos de lado. Sabia exatamente o que fazer. Trabalhando rapidamente, fiou um pedaço de seda, enrolou-o e pressionou-o contra as feridas de Sophie. Enquanto os irmãos observavam, a seda branca foi ficando lentamente verde-escura e oleosa.

Weber fiou mais seda. Ele trocou os curativos várias vezes, retirando todo o veneno. Quando o veneno deixou seu corpo, as pálpebras de Sophie se abriram. Ela gritou, batendo as mãos freneticamente no ar.

— Pare, Sophie. Está tudo bem — Johann a acalmou. — As cobras estão mortas.

Sophie pressionou a mão trêmula sobre os olhos. Respirou fundo algumas vezes e baixou a mão.

— O que aconteceu? — Josef perguntou.

Um arrepio percorreu Sophie.

— Foi *horrível* — disse ela com a voz áspera. Então contou a eles o que sua madrastra tinha feito.

— A rainha descobriu que você está aqui. Mas, como? Quem contou a ela? — Josef perguntou.

Johann ergueu os olhos, procurando corvos nos galhos das árvores, mas não havia nenhum.

— *Ele* contou. Corvus. De alguma forma, *ele* descobriu que ela está aqui.

Quando Johann terminou de falar, Julius se ajoelhou ao lado de Sophie. Ele correria para a cozinha um momento antes para buscar uma pequena garrafa de vidro. Pegou um dos maços saturados de seda de aranha e espremeu o veneno na garrafa. Segurou, então, a garrafa contra a luz, girando-a. Despejou uma gota no dedo e provou.

— *Grausamsprache* — declarou ele. — É um veneno muito potente. Ele viaja rapidamente através dos vasos sanguíneos e para o coração.

— Então por que ainda estou viva? — Sophie perguntou, confusa.

— Porque o veneno só paralisa corações de carne e osso; não tem efeito nos mecanismos do relógio. Na verdade... — Ele pegou a mão de Sophie e colocou dois dedos em seu pulso para senti-lo. Ele sorriu. — Esse seu coração está batendo bem. O ritmo é forte.

Sophie percebeu que esta era a segunda vez que o coração de metal a salvava da morte. Ela ficou surpresa ao sentir uma gratidão relutante pela coisa defeituosa e barulhenta.

— Estou tão feliz por vocês terem voltado para casa a tempo — disse ela aos irmãos. — Obrigada por matarem as cobras.

— Não matamos — disse Schatzi.

— Mas Johann disse que estavam mortas.

— *Ele* as matou — disse Schatzi, apontando para o chão perto de Sophie.

Sophie se virou para ver o que ele estava apontando. Seu coração disparou ao ver um cãozinho deitado na grama, exausto. Seu corpo estava estatelado; seus olhos, fechados.

— É o animalzinho mais valente que já vi — Schatzi disse.
— O mais sujo também. Estava coberto de lama. Tão sujo que pensei que fosse um cachorro marrom, mas não é. É...

— É uma fêmea, e é cor de creme — Sophie disse com lágrimas nos olhos.

Schatzi olhou para ela.

— Como você sabe disso?

— Eu salvei a vida desta cadelinha uma vez — Sophie disse, colocando uma mão gentil na criatura de pele e ossos. Ao fazer isso, ela abriu os olhinhos.

— Agora você salvou minha vida. Parece que estamos quites, garota.

Ela se inclinou e beijou o topo da cabeça da cachorrinha.

Zara abanou o rabo.

TRINTA E TRÊS

COM CUIDADO, CAUTELA, SOPHIE SAIU DE seu quarto para o patamar da escada, torcendo para que as tábuas do piso não rangessem. Fechou a porta atrás de si, então se dirigiu para os degraus, tateando o caminho no escuro.

Estava indo embora.

Ela tomara sua decisão logo depois que as cobras a atacaram, antes mesmo de voltar para casa.

Nenhum bom plano é feito no escuro, Julius gostava de dizer. Mas o dela seria realizado no escuro. Ela iria embora antes que os irmãos acordassem.

Ela estava indo para o norte, para Escandinai. Não tinha escolha.

A rainha descobrira que ela estava na Toca. Alguém lhe contara. Johann achava que poderia ser o Rei dos Corvos. Ele a tinha visto enquanto ela caminhava pela floresta? Ou estaria ele ainda mais perto? Espreitando além da cerca da Toca. Assistindo. Esperando.

Sophie sorriu amargamente, pensando em como, apenas algumas semanas atrás, ela jurou colocar seu coração em uma caixa. Agora outra pessoa tinha feito isso por ela.

Sophie estava com medo, mas decidida, enquanto descia as escadas. A viagem seria difícil e ela estaria sozinha. Nunca havia cruzado a floresta antes. Nunca havia caminhado por dias, dormido ao ar livre ou procurado sua própria comida, mas sabia que poderia suportar todas as dificuldades da jornada, contanto que a levassem até Haakon.

Enquanto ela estava deitada em sua cama mais cedo, chateada — como ficava todas as noites — com o fato que

outro dia havia passado e Haakon não tinha vindo buscá-la, ela se dera conta de algo: sua madrasta, mulher cruel que era, provavelmente o mandara para casa imediatamente após contar à corte que Sophie estava morta. Ele não tinha vindo atrás dela porque nem mesmo tivera permissão para procurá-la. Se ele não podia chegar até ela, então ela teria de ir até ele.

Sophie sabia que o tempo não parava. Depois do jantar, ela se esgueirara até o sótão para consultar apressadamente um mapa que estava armazenado lá e calculou que levaria seis ou sete dias para chegar à fronteira. Ela tinha pouco menos de um mês antes de seu novo coração parar de bater. Jeremias e Joosts talvez conseguissem recuperar seu antigo coração, mas talvez não. Eles tinham partido já havia muito tempo, o que não era um bom presságio. E se tivessem sido capturados enquanto tentavam se esgueirar para Nimmermehr? E se estivessem presos lá? Sophie não podia suportar a ideia dos dois irmãos definhando em uma cela escura e úmida. Se eles falhassem, sua última esperança — para eles e para ela mesma — seria Haakon. Ele teria de reunir uma força de combate e atacar Nimmermehr antes que fosse tarde demais.

Seu plano era perigoso. Louco. Se os irmãos soubessem o que ela estava fazendo, ficariam bravos e tentariam impedi-la. Mas eles eram o principal motivo de sua partida. Ela não sabia por que o Rei dos Corvos queria seu coração ou por que sua madrasta a queria morta. Mas sabia que, se a rainha descobrisse que falhou — uma segunda vez — em sua missão de matá-la, ela voltaria para tentar novamente. Sophie não era mais a única em perigo. Ao ficar na Toca, ela colocava em perigo os irmãos, Weber e Tupfen, e preferia morrer a causar-lhes qualquer mal.

Sophie desceu a escada toda e foi para a cozinha. Ela estava carregando uma mochila que encontrara no sótão. Dentro estavam o mapa, uma velha bússola de latão, um

saco de dormir, um cantil de lata velho, uma adaga, um gorro de lã e a bolsinha de rubis que Johann lhe dera. Ela encheria o cantil com água do poço ao sair da Toca. Planejava vender os rubis em Drohendsburg, uma vila em seu caminho, e usar o dinheiro para comprar comida e um cavalo para acelerar sua jornada.

Zara, que estava dormindo perto da lareira, ouviu Sophie entrar na cozinha. Ela abriu um olho.

— Estou indo embora. Eu preciso — Sophie sussurrou, dando tapinhas em sua cabeça. — Mas você vai ficar aqui. Os irmãos vão cuidar bem de você. Fique perto de Schatzi. Ele vai colocar salsichas para você debaixo da mesa.

Sophie pousou a mochila na mesa e embalou um pouco de comida — um pedaço de presunto frio, um salame, uma fatia de queijo duro, algumas ameixas e um pedaço grosso de *strudel* de maçã —, o suficiente para durar até Drohendsburg. Ela se moveu o mais silenciosamente possível, pois Weber, que gostava de calor, estava dormindo na cozinha. Ela mal distinguiu sua silhueta na escuridão. Ele estava nas vigas, suspenso em uma teia, roncando. Seu coração bateu suavemente com a visão; ela sentiria falta dele.

Quando terminou de embalar a comida, Sophie afivelou a mochila. Ao fazer isso, ouviu um guincho curioso acima dela. *Weber*, ela pensou, seu coração batendo forte. *Eu o acordei.*

Olhou para cima para ver oito olhos negros piscando para ela em uma confusão sonolenta. Quando o olhar da aranha se moveu para sua mochila, sua expressão mudou de confusão para alarme. Ele balançou a cabeça e começou a falar com ela em sua língua. Sophie a entendia mais agora.

— Não, não os acorde. Eles vão tentar me impedir de ir, mas não adiantará. Eu *tenho* de ir — disse ela. — O Rei dos Corvos está com o meu coração, *Weber*. Meu *coração*. Eu o quero de volta.

Weber piscou os olhos. Ele deu um suspiro. Então ergueu uma garra, sinalizando para que Sophie esperasse um minuto. Ela podia ouvi-lo remexendo nas vigas. Um momento depois, ele se abaixou em um novelo de seda de aranha, carregando algo sob um dos braços. Foi até Sophie, sacudiu-o e entregou a ela.

— O que é? — perguntou ela, pegando-o. — É um cobertor?

Weber assentiu enquanto Sophie se maravilhava com o presente. Era um quadrado de mais de um metro, branco puro, suave e leve como uma respiração. Padrões intrincados foram tecidos nele, de flores e moscas, gramíneas e mariposas, todas as coisas que as aranhas amavam. Weber o pegou de volta e começou a dobrá-lo até transformá-lo em um quadradinho. Não ficou maior do que um guardanapo quando terminou. Ele o enfiou dentro da mochila dela.

— Obrigada — Sophie disse, sua voz repentinamente rouca. — Diga aos outros para não me seguirem. Diga a eles que voltarei se... Se eu puder.

Então ela jogou os braços em volta da aranha, dando-lhe um forte abraço. Ele a abraçou de volta com todos os braços. Quando finalmente o soltou, Sophie viu que ele estava chorando. Grandes lágrimas prateadas caíram no chão da cozinha.

— Pare, Weber — ela repreendeu carinhosamente. — Você tem tantos olhos, vai inundar a casa.

A aranha esboçou um sorriso. Sophie beijou sua bochecha, pediu-lhe para cuidar bem de Zara e depois vestiu uma velha jaqueta de couro, remendada nos cotovelos, gasta nos punhos, pendurada na entrada do chalé. Como a vassoura que estava ao lado dela, a jaqueta pertencia a ninguém e a todos, e ela sabia que, por mais zangados que os irmãos ficassem com ela quando descobrissem que ela havia partido, iriam querer que ela a tivesse levado. Iriam querer que ficasse aquecida.

Por fim, ela pegou sua mochila, saiu da casa e iniciou sua jornada. Não havia lua naquela noite, apenas estrelas. O amanhecer estava a horas de distância.

Outras coisas iluminariam o caminho de Sophie pela floresta, embora ela não soubesse disso. Não naquele momento.

A jaqueta velha e gasta, que cheirava a pinheiro e fumaça de madeira, *bacon* e noz-moscada. O cobertor macio, tecido com tanta paciência e oferecido com tamanha generosidade. A fatia de *strudel*, ligeiramente amassada, que ela comeria com os dedos uma noite, enquanto se protegia da chuva fria em uma caverna escura e úmida.

O amor é uma coisa suave. Tem cheiro de fumaça de lenha e barulho de chuva. Tem gosto de maçã com açúcar. Não custa nada dar, mas é mais precioso do que um mar de diamantes.

Como eu gostaria de ter aprendido isso antes que fosse tarde demais.

Como eu gostaria que Adelaide tivesse aprendido também.

Como eu espero que essa garota perdida e assustada aprenda.

TRINTA E QUATRO

PELA PRIMEIRA VEZ, O ESTÔMAGO DE Sophie estava fazendo mais barulho do que seu coração. Rosnava e uivava, torcendo-se de fome.

Ela estava caminhando pela Floresta Sombria por dois dias e ficara sem comida na noite anterior. Seu café da manhã não passara de um gole da água de um riacho e alguns punhados de frutas. Felizmente, Drohendsburg acabara de aparecer.

Zara caçara um esquilo para o café da manhã. Embora Sophie tivesse lhe dito para ficar em casa, a cadelinha não lhe dera ouvidos. Inteligente e quietinha, ela se espremeu por uma janela aberta e seguiu Sophie por quilômetros, apenas tornando sua presença conhecida quando Sophie caminhou longe demais para se virar e mandá-la de volta para a Toca.

As duas estavam entrando na aldeia agora, onde Sophie planejava vender um ou dois de seus rubis. Ela usaria um pouco do dinheiro para pagar um quarto em uma pousada. Precisava de um banho e de uma refeição quente e farta, e ansiava por dormir em um colchão por uma noite, em vez de no chão duro e frio. Uma estreita rua principal atravessava o centro da aldeia. Havia casas de pedra alinhadas em ambos os lados. Algumas tinham floreiras em suas janelas, mas as flores estavam murchas. Sophie ficou inquieta ao ver que as portas da frente de duas ou três casas estavam quebradas ou fora de suas dobradiças, como se tivessem sido chutadas.

Enquanto continuava descendo a rua, as casas deram lugar a lojas. Placas do açougueiro, de dois queijeiros, uma

peixaria e um verdureiro pairavam sobre elas. Multidões de pessoas aglomeravam-se na via pública. Sophie teve trabalho para passar por elas. *Deve ser um dia de feira*, ela pensou.

Imagens das coisas deliciosas que ela compraria para o café da manhã — uma fatia de queijo amarelo amanteigado, fatias de fiambre sedoso, pão fresco, figos — nadavam diante de seus olhos. Seu estômago se revirou dolorosamente. Ela estava com tanta fome que se sentia fraca.

Mas Sophie logo percebeu que as pessoas não estavam a caminho do mercado. Ninguém estava carregando uma cesta ou voltando para casa com uma bela galinha gorda debaixo do braço. Em vez disso, estavam todos agrupados em um semicírculo ao redor de uma casa, carrancudos, falando em voz baixa e abafada. Uma carroça parou na frente da casa também. Vários soldados a cercavam.

Curiosa, Sophie se aproximou. Ao fazer isso, viu uma panela sair voando pela porta e aterrissar com um estrondo nos paralelepípedos. Um soldado a pegou e a colocou na carroça. Em seguida, vieram vários travesseiros de penas. Dois soldados carregavam uma cama. Outro carregava tigelas de barro. Uma caiu de suas mãos e se espatifou na rua. Zara não gostou do barulho. Ficou grudada em Sophie.

Uma mulher estava parada no meio da multidão. Ela era magra. Seus olhos estavam fundos. Suas roupas pendiam de seu corpo como teias de aranha. Ela observava os soldados com uma expressão amarga.

— O que está acontecendo? — Sophie perguntou a ela.

— A mesma coisa que aconteceu com os Mueller e os Lind — respondeu a mulher, acenando com a cabeça para uma casa com a porta da frente danificada. — Agora os Becker estão sendo expulsos de casa porque não podem pagar seus impostos. Seus bens serão confiscados e vendidos.

— Por que eles não podem pagar seus impostos?

— Porque não têm dinheiro para isso — disse a mulher, olhando para Sophie como se ela fosse burra. — Os impostos foram dobrados.

— Quem os criou?

— A rainha, claro. Os navios de guerra custam dinheiro. Alguém tem de pagar por eles.

Outra coisa quebrou na rua. Ouviu-se o som de uma criança chorando. Uma velha saiu pela porta. Ela carregava uma trouxa de roupas nos braços. Suas costas estavam curvadas; seus movimentos eram lentos. Usava uma corrente fina em volta do pescoço. Um pequeno anjo de prata pendurado nela.

Enquanto Sophie e os habitantes da cidade assistiam, um soldado caminhou até a velha e arrancou a correntinha de seu pescoço. A mulher gritou, implorando por ela, mas o soldado a ignorou e levou o colar para seu capitão.

— Dê ao oficial de justiça — disse o capitão.

O sangue de Sophie gelou. O oficial de justiça era o Barão von Arnim. Ela o conhecia desde que era pequena. Era membro do círculo íntimo de sua madrasta, um conselheiro de confiança. *Onde ele está?*, ela se perguntou, preocupada. Ele não devia vê-la.

— Aquele porco nojento — murmurou a mulher perto de Sophie, olhando furiosa para uma carruagem alta e cara.

Sophie seguiu seu olhar. O barão estava visível pela janela aberta da carruagem. Estava mordendo um bolo. Ele lambia as migalhas dos lábios quando o soldado se aproximou; olhou para o anjo pendurado na corrente e, em seguida, acenou para longe com uma mão cheia de joias. Um lacaios, parado do lado de fora da carruagem, segurava uma sacola de pano. O soldado deixou cair o colar nele.

A velha, desolada com a perda de seu colar, arrastou-se em direção à carruagem, implorando por ele. Sem saber por onde estava caminhando, ela pisou em um pedaço da tigela de barro que se espatifara na rua. Derrapou nas pedras e

caiu no chão. Pousou sobre as pedras duras com um grito de dor.

Os soldados caíram na gargalhada. Nenhum deles se moveu para ajudá-la enquanto ela lutava para se levantar, suas mãos nodosas arranhando as pedras. Enquanto continuavam a rir e a fazer piadas cruéis, uma mulher grávida saiu de casa, com três crianças pequenas grudadas a ela. Um homem de rosto encovado e cabeça baixa os seguiu. Ele ergueu a cabeça bem a tempo de ver um soldado plantar sua bota nas costas da velha. Ela caiu de novo e, desta vez, não conseguiu se levantar. Ficou deitada sobre os paralelepípedos, gemendo.

Em um piscar de olhos, o homem foi para cima do soldado. Ele o jogou no chão e puxou o braço para trás para esmurrá-lo, mas um vizinho o impediu.

— Você está louco? — gritou ele. — Eles vão matar você!

— Você aí! — Era o capitão. — Você acabou de atacar um membro da guarda da rainha! — Ele gesticulou para dois de seus homens. — Prendam-no!

Os soldados agarraram o homem. Um torceu seu braço atrás das costas. A esposa do homem correu para ele, mas foi pega por mais dois soldados. Seus filhos, vendo o pai sendo ferido, começaram a chorar. Outro soldado deu um tapa no mais velho, fazendo sangrar seu nariz.

— Os outros pirralhos querem uns tabefes também? — gritou ele.

O capitão, enquanto isso, sacou sua adaga. Caminhou até o homem.

— Ajoelhe-se! — ele latiu para o homem.

Os soldados que o estavam segurando chutaram a parte de trás de suas pernas. Ele caiu na rua.

O capitão voltou-se para as pessoas reunidas.

— A casa desse homem é da rainha! — gritou ele. — Seus bens pertencem à rainha. *Ele* pertence à rainha. Vou garantir que ele nunca se esqueça, que nenhum de vocês se esqueça disso!

E, então, pegou sua adaga e talhou um R na bochecha do homem.

O coração de Sophie torceu dentro dela, metal raspando metal. O som que fez foi como um grito. Mas ninguém ouviu, não por causa do homem gritando, e sua esposa e filhos chorando, e a velha gemendo sobre os paralelepípedos sujos. Sem pensar, esquecendo o Barão von Arnim, esquecendo-se dos soldados com cara de lobo, impulsionada por seu coração mecânico, Sophie empurrou a multidão e correu até o capitão.

— Pare, por favor. Vou pagar os impostos. Vou pagar tudo o que eles devem.

O capitão sacudiu sua adaga. Gotas de sangue espalharam-se pelas pedras.

— Quem diabos é você? — disse ele.

Sophie percebeu de repente que todos os aldeões estavam olhando para ela. Todos os soldados. E seu capitão. Ela percebeu que o conhecia. Seu nome era Capitão Krause. Ele a reconheceria? E von Arnim? Ela olhou em pânico para a carruagem do barão. Ele estava mordendo um bolo. Para seu alívio, Krause pareceu não reconhecê-la. Ela de fato não se parecia muito com o que era; estava suja e enfraquecida. Seu cabelo, preso sob uma boina.

— Eu sou... Sou uma parente — gaguejou Sophie, afastando-se da carruagem.

— Você tem cinco moedas de prata, parente?

— Não.

Krause a empurrou para longe.

— Então não perca meu tempo.

Sophie tropeçou, mas conseguiu se controlar.

— Capitão, espere. *Por favor.* Eu tenho algo mais valioso do que moedas de prata.

O capitão arqueou uma sobrancelha. Ele acenou de volta para ela. Sophie correu para o lado dele e puxou a bolsinha de rubis de sua mochila, abriu-a e virou uma das pedras preciosas em sua mão.

O capitão pegou o rubi entre o polegar e o indicador. Ele o segurou contra a luz.

A ganância acendeu em seus olhos.

— Isso é tudo que você tem? — perguntou ele.

Seu olhar caiu sobre o anel que ela estava usando.

Sophie começou a virar outra pedra na palma da mão dele, mas, antes que pudesse, ele agarrou a bolsa e virou todos os rubis de uma vez. Seis pedras grandes e perfeitas brilhavam ao sol. O capitão sorriu. Ele as colocou de volta na bolsa.

— Leve isso ao oficial de justiça — disse ele a um de seus homens.

— O quê? — disse Sophie, indignada. — *Todos* eles? Um é o suficiente para cobrir...

Suas palavras foram interrompidas por um estalo agudo e alto. Sua cabeça tombou para o lado. Luzes explodiram atrás de seus olhos. Um gosto amargo encheu sua boca. *Sangue.*

O capitão a tinha golpeado com tanta força que lhe partiu o lábio.

— Vou pegar *isto* também — disse ele, puxando rudemente o anel de seu dedo.

— *Não!* — Sophie gritou.

Zara rosnou, pronta para atacar o homem, mas Sophie a deteve. Ela não tinha dúvidas de que Krause mataria a cachorra. Observou enquanto o capitão entregava o anel a um soldado e este avançava em direção à carruagem, com o coração batendo forte no peito. Era o Anel do Governante. O Barão von Arnim o reconheceria instantaneamente. Ele exigiria saber de onde tinha vindo.

— Não é justo! — Sophie protestou, esperando mudar a opinião do capitão. — Os rubis cobriram a conta!

— Você também gostaria de uma lembrança do dia? Para combinar com a dele? — perguntou o capitão, apontando para o homem cujo rosto havia arruinado.

O homem ainda estava sentado no chão, uma mão pressionada em sua bochecha, sangue escorrendo por seus dedos.

— N-não, senhor — Sophie gaguejou.

— Pare de choramingar. Os impostos da sua família estão pagos. Eles podem ficar. Considerem-se sortudos.

O capitão virou-se para dar uma ordem aos seus homens. O homem com o rosto ferido se levantou. E Sophie lançou outro olhar assustado e furtivo para a carruagem. O soldado mostrou o anel ao barão, que fez menção de jogá-lo na sacola com os outros confiscados, mas, então, o aro de diamantes que emoldurava o unicórnio cintilou ao sol, chamando sua atenção. O barão acenou para ele.

O coração de Sophie deu um salto. Ela tinha de sair dali. *Imediatamente*. Mas, como? Ela não podia voltar atrás; a rua estava lotada. Também não conseguia andar para frente. Isso a faria passar direto pela carruagem do barão. Enquanto ela procurava freneticamente por uma saída, viu a porta aberta da casa dos Becker. Pegando uma panela da carroça, dirigiu-se a ela, com Zara aos seus calcanhares.

— O que você está fazendo? Aonde você está indo com isso? — uma voz perguntou.

Era a esposa.

— Estou levando para sua casa.

— Mas...

— Vocês podem ficar. Paguei sua dívida — disse Sophie.

A mulher piscou para ela, estupefata.

— Você fez *o quê?* — ela disse. — Por quê? Quem é você?

Sophie olhou para a carruagem. O barão havia parado de comer bolos.

Ele estava acenando para o capitão. Seu estômago afundou.

— Eu não sou ninguém. Posso levar esta panela para dentro?

— Eu conheço você!

Sophie sacudiu a cabeça:

— Não conhece, não.

— Conheço, sim! Você é a princesa! Eles nos disseram que você estava morta! Obrigada, Sua Alteza — disse a mulher, segurando o braço de Sophie. — Você nos salvou. Todos nós. Não tínhamos para onde ir. Nós...

— Shh! — Sophie sibilou. — Não diga mais nada... *Por favor.*

A mulher parou de falar. Assentiu com hesitação, confusão em seus olhos.

O barão agora gesticulava para que o capitão abrisse a porta da carruagem. A respiração de Sophie ficou presa na garganta.

— Tem uma porta nos fundos da sua casa? — ela sussurrou.

A mulher assentiu.

— Você está encrocada?

— Muito.

A mulher conduziu Sophie para sua casa.

— A porta dos fundos dá para um quintal — ela disse. — Pule o muro. Você vai pousar em um pomar de maçãs. Corra até o fim dele. Você vai sair na orla da floresta. — Ela apertou o braço de Sophie. — Depressa!

Sophie entregou-lhe a panela e correu para a porta dos fundos, com Zara logo atrás dela.

— Obrigada, Sua Graça — sussurrou a mulher enquanto a observava partir. — E boa sorte!

TRINTA E CINCO

UM HOMEM PÁLIDO SOBRE UM GARANHÃO negro como azeviche cavalgava pela floresta.

O sol estava se pondo no céu. Um crepúsculo cinza-azulado pairava entre as árvores. Insetos noturnos zuniam; morcegos voavam.

O homem chegou a um lago e desmontou de seu cavalo. Enquanto este raspava o chão com o casco, o homem caminhou até a beira da água. Uma brisa passou pelas árvores, ondulando a superfície do lago.

Corvus, o Rei dos Corvos, mal percebeu. Ele estava olhando do outro lado da água para duas criaturas, uma menina e um cachorro. A garota estava encostada no tronco de um carvalho antigo. Ela estava cansada de correr; seus ombros caídos. Gotas de suor cortavam a sujeira de seu rosto.

Ela parara para colher frutinhas, colocando-as em sua boina. Comeu algumas, compartilhando com o cachorro. Depois, desatarraxou a tampa do cantil e deu um gole profundo.

Ela está faminta e magra. Assustada e sozinha. No entanto, resiste, o homem pensou. O caçador não a matou. Nem as cobras. Como pode ser? Minha irmã acha que os sete homens podem ter criado um novo coração para ela. Será que está certa?

Os olhos de Corvus brilharam malevolamente na escuridão. Ele raramente falhava. E o fracasso era perturbador. Deixava-o inquieto.

— E isso é difícil acontecer — disse ele.

A garota era mais forte do que ele imaginava. Mais forte do que ela mesma imaginava. Ele a tinha visto hoje em Drohendsburg.

— Ah, sim. Ela estava lá. Movendo-se no meio da multidão. Sussurrando nos ouvidos dos moradores. Plantando sementes no rico solo vermelho de seus corações maltratados.

Corvus viu a garota dar tudo o que tinha para salvar uma família pobre. Ele a viu enfrentar o capitão e superar o barão.

Ela está ficando inteligente e durona, ele pensou, e isso não é bom.

Ele convencera Adelaide de que a garota era uma ameaça para ela. Havia persuadido a rainha a se livrar dela.

Mas ele mentira.

A garota era uma ameaça. Mas não para Adelaide. Para ele.

Ela era fraca, bondosa, estupidamente gentil. Uma tonta, uma trapalhona. E, no entanto, podia muito bem interferir em todos os seus planos bem traçados.

Enquanto Corvus continuava a observar, escondido sob os galhos baixos de um pinheiro, a garota se deitou sobre um saco de dormir emprestado, cobrindo-se com um cobertor branco. O cachorro enfiou o nariz sob o cobertor e se aninhou ao lado dela.

— Seda de aranha — cuspiu Corvus.

Manteria a garota aquecida, protegendo-a do vento e da chuva. Exatamente por isso aquele aracnídeo miserável o dera a ela.

Corvus iria ao palácio visitar a rainha. Mas, primeiro, ele terminaria a cavalgada por seu reino.

Levaria flores para o povo. Cultivadas em seu próprio jardim. Suas pétalas são da cor do sangue e da meia-noite. Seus nomes são ódio, caos, tristeza, desespero.

Ah, Adelaide, cuidado.

As sementes do medo geram flores tão escuras.

TRINTA E SEIS

SOPHIE SE AJOELHOU NO CHÃO DA floresta e olhou para um punhado de cogumelos. Sua boca encheu-se de água.

— O que foi que Josef disse mesmo? — ela se perguntou em voz alta. — Que os que têm chapeuzinhos marrons e manchas brancas são seguros para comer? Ou eram os de chapeuzinhos brancos e manchas marrons?

Ela se repreendeu por não ter prestado mais atenção quando Josef separara as cestas de cogumelos que Tupfen trouxera. Estava morrendo de fome. Parecia que seu estômago tinha se contraído até ficar do tamanho de uma noz, mas ela não ousava comer cogumelos que não conseguia identificar.

Sophie conseguiu driblar o Capitão Krause e seus homens, mas não superar a fome e a exaustão. Elas a seguiam como abutres.

Suja e suada, com galhos e folhas no cabelo, o lábio partido — pelo golpe rápido do capitão — ainda latejando um dia inteiro depois, Sophie sentou-se, abriu o cantil e tomou um gole d'água. Ela esperava que isso diminuísse a dor que corroía suas entranhas, mas sabia que não teria efeito para o pânico em seu coração. Logo ela se tornaria outro esqueleto na Floresta Sombria, caso não encontrasse algo para comer. Mas não tinha ideia de como fazer isso. Tudo que ela tinha de valor — seus rubis e seu anel — fora levado. E, mesmo que ainda tivesse como comprar comida, o próximo vilarejo — Grauseldorf — ficava a quilômetros de distância.

Seu coração bateu contra suas costelas com ansiedade.

— Fique quieto — disse ela. — Isso é tudo culpa sua.

Se não tivesse dado ouvidos a ele, se não tivesse ajudado os Becker, não estaria ali agora, sem um tostão e faminta.

Sophie fugira para salvar sua vida depois que o Capitão Krause roubara suas coisas. Pela casa dos Becker, passando por seu quintal. Depois de levantar Zara sobre o muro, Sophie o escalou. Depois, elas correram pelo pomar até a segurança da floresta. Uma vez lá, Sophie parou brevemente para recuperar o fôlego, mas o som de comandos gritados, elevando-se sobre as casas, a fez mover-se novamente.

O Barão von Arnim e o Capitão Krause sabiam que era a princesa cujo anel e cujos rubis pagaram a dívida dos Becker, e Sophie tinha certeza de que, quando o sol se pusera na noite anterior, a rainha também já estaria sabendo. Ela podia imaginar a reação furiosa de sua madrasta à notícia de que ainda estava viva e não tinha dúvidas de que um novo grupo de soldados já havia sido enviado para caçá-la. Ela se sentia como uma raposa que podia ouvir os uivos dos cães da rainha se aproximando cada vez mais.

Mas não era ela mesma, ou o perigo que corria, que pesava no coração de Sophie enquanto corria pela floresta. Eram os Becker. Em sua mente, ela viu a velha, desprezada e chutada. Ouviu os gritos do homem quando a lâmina do capitão cortou seu rosto e o choro de seus filhos. Sophie nunca havia testemunhado tanto sofrimento, e isso a deixara cicatrizada. Terror, dor, tristeza — essas eram as consequências do duro governo da rainha, e o povo de Drohendsburg não merecia aquilo.

Sophie desejou desesperadamente ter mais para oferecer aos aldeões. Desejava ajudá-los. Mas o que ela poderia fazer? Nada. Não podia salvá-los. Ela precisava continuar até Escandinai. Levaria mais tempo sem o cavalo que planejava comprar, mas o faria de qualquer maneira; não tinha escolha. Precisava da força de Haakon mais do que nunca. Casar-se com ele, torná-lo rei das Terras Verdes —

isso não apenas a salvaria, ela percebia agora; isso salvaria seu povo de uma tirana. Haakon seria um governante justo. Ele não expulsaria os aldeões de suas casas. Sophie tinha certeza disso.

Um rosnado alto e profundo em sua barriga dispersou os pensamentos torturados de Sophie. Ela tinha de encontrar algo — *qualquer coisa* — para comer.

Levantou-se e olhou ao redor. Ao fazer isso, um movimento no chão chamou sua atenção. Era um coelho. A criatura estava mordiscando plantas. Seu olhar travou em Sophie, depois ele disparou pela abertura de uma roseira espinhosa. Sophie tinha visto alguns coelhos enquanto caminhava pela floresta. Zara fora atrás deles minutos antes.

Talvez eu consiga pegar um também, ela pensou.

Jeremias era caçador. Antes de partir para Nimmermehr, ele a deixara atirar com seu arco e mostrara a ela como capturar coelhos, construindo cuidadosamente armadilhas com tiras finas de couro. Sophie não tinha tiras, mas tinha um cinto.

Animada com a ideia de um jantar farto, ela rapidamente desafivelou o cinto e o puxou. Em seguida, enrolou a ponta na fivela para fazer um laço. Encontrou um galho caído e o apoiou na roseira espinhosa. Depois de amarrar a ponta longa do cinto ao redor do galho, arrumou o laço de forma que ficasse pendurado no chão em frente ao buraco pelo qual o coelho havia se atirado.

— Um coelho, só um coelhinho gorducho e bonito... É tudo de que preciso — disse ela, recuando.

Um segundo depois, a fivela de latão deslizou sobre o couro, fechando o laço. Sophie franziu a testa. Ela o empurrou de volta no lugar, rezando para que ficasse, mas, ao fazê-lo, o galho caiu. Gemendo de frustração, apoiou o galho novamente. A roseira segurou a mão dela; seus espinhos afiados rasgaram linhas vermelhas em sua pele; Sophie praguejou; depois, respirou fundo e tentou

novamente. Montar uma armadilha exigia foco e precisão, e ela estava com tanta fome que mal conseguia pensar direito. Suas mãos tremiam. Seu corpo inteiro estava tremendo.

Após alguns minutos, reequilibrou-se e refez a armadilha. Cruzando os dedos, Sophie correu para longe, deitou-se no chão e esperou.

Por favor, ela implorou. Por favor. Por favor. Por favor. Eu não quero morrer nesta floresta.

Ela ergueu um pouco a cabeça para ver melhor a armadilha. Mas não havia sinal de coelho. Quanto tempo levaria antes que a criatura se aventurasse? Minutos? Horas? Dias... Seu estômago apertou novamente. A fome era impiedosa. Lágrimas de frustração arderam em seus olhos; ela piscou. E, então, um nariz rosa apareceu na roseira.

Sophie prendeu a respiração. Era a cabeça do coelho.

— Vamos... Só mais um pouco... — ela insistiu.

O coelho esticou-se em direção ao laço e o cheirou. O coração de Sophie deu um salto. Ela percebeu que era um coelhinho muito fofo, com um rosto doce e grandes olhos castanhos.

— Talvez você tenha irmãos e irmãs — ela sussurrou. — Talvez tenha uma família grande. — O pensamento a deixou triste. — Sinto muito... Eu gostaria de não ter de capturar você. É que estou com tanta, tanta fome.

As orelhas do coelho se ergueram. Será que ele a ouviu? Ele recuou do laço.

O coração de Sophie deu um salto.

— Não! — ela implorou. — Vá em frente!

O nariz do coelho se contraiu. Ele inclinou a cabeça, olhando para ela. E então, de repente, inexplicavelmente, lá estava ele deitado no chão, perfeitamente imóvel, com uma flecha na cabeça.

Sophie deu um grito assustado, mas então percebeu o que tinha acontecido — um caçador atirara em seu coelho.

— *Não!* Ele é *meu!* — gritou ela, cambaleando em direção ao animal.

Ela tinha de pegá-lo antes do caçador. Era a caça dele, quem quer que fosse, mas era uma questão de vida ou morte para ela. Sophie agarrou o coelho, puxou a flecha e girou, pronta para defender sua comida.

Um rapazinho estava parado adiante. Ele era alto e magro, tinha dezoito ou dezenove anos de idade, cabelos castanhos compridos e olhos cinzentos. Estava segurando um arco em uma das mãos.

— Está pingando sangue em você — disse ele, acenando para o coelho. — Por que você não o dá para mim? Posso limpá-lo e...

— É *meu* — Sophie disse ferozmente, segurando o animal morto contra o peito.

O garoto arqueou uma sobrancelha com o tom dela.

— Na verdade, é *meu* — ele disse. — Já que fui eu quem atirou.

— Eu fiz aquela armadilha. Ele estava prestes a entrar nela. Teria entrado se você o tivesse deixado em paz.

— Não, não teria. Estava assustado. Ele ouviu você falando. Todos os animais na floresta ouviram. — Ele sorriu. — Por que você simplesmente não pediu para ele pular na panela?

Sophie agarrou o coelho com mais força.

— Você sabe como esfolar e limpar um coelho? E cozinhar? Ou você planeja comê-lo cru?

— Vou assá-lo. Numa fogueira.

O garoto olhou em volta.

— Onde está o fogo? — perguntou ele, medindo Sophie de cima a baixo. — Você ao menos sabe como fazer fogo?

O coração de Sophie deu um salto e fez um barulho áspero de trituração. O tom do garoto era zombeteiro. Seu olhar, desdenhoso. Ele a fez se sentir pequena e diminuída. Como se ela estivesse de volta à corte. Como se ela fosse

tudo o que as pessoas de lá diziam que era — tola, fraca, incompetente.

Ele inclinou a cabeça para o barulho de trituração.

— O que foi...

Sophie o interrompeu.

— Não preciso que você me salve! — rebateu ela.

O garoto recuou. E ergueu as mãos.

— Eu não disse que você precisava. Que tal um pouco de ajuda? Precisa de ajuda? Ou você consegue se virar?

— Consigo, claro. Estou ótima.

O garoto bufou.

— Você não parece bem. Parece com fome. E cansada. E quem quer que tenha rachado seu lábio, fez um bom trabalho. O corte está aberto. Ainda está sangrando.

Sophie tocou o lábio com os dedos. Eles voltaram vermelhos. Ela se levantou, ansiosa para pegar sua mochila, chamar Zara e ir embora. Mas sua visão turvou, fazendo-a se sentir zozna. Ela bateu com o dedão do pé na raiz de uma árvore e tropeçou, mas conseguiu se segurar.

O garoto deu um passo em sua direção.

— Por que você está aqui? Aonde você está indo?

Sophie não respondeu. Até onde ela sabia, ele podia muito bem ser outro monstro disfarçado, enviado por sua madrasta ou pelo Rei dos Corvos.

— Você pode morrer aqui, sabe — disse ele. — Muitos morrem.

Um riso, histérico e convulsivo, borbulhava de dentro do peito de Sophie. Saiu de sua boca.

— É mesmo? Jura? — disse ela, ainda rindo. — Não sei. Eu...

Sophie nunca terminou sua frase. Seus olhos tremularam. Suas pernas cederam.

O arqueiro correu até ela. Ele a pegou um pouco antes de ela atingir o chão.

TRINTA E SETE

SOPHIE ACORDOU COM O CHEIRO DE CARNE ASSADA.

Lentamente, abriu os olhos. Estava deitada no chão, sobre uma alcatifa de agulhas de pinheiro. Sua cabeça estava protegida pela mochila. Ela estava babando.

— O coelho está quase pronto. Eu também tenho peras. E queijo — disse uma voz. — Você gostaria de algumas?

O estômago de Sophie roncou como um tigre.

— Vou entender isso como um sim.

Sophie se sentou com cautela. Enxugou a baba com a manga. Olhando em volta, ela viu que estava sentada sob uma árvore alta e protegida. Já estava quase escuro. O garoto estava virando um coelho em um espeto feito de galhos entalhados sobre um fogo rodeado de pedras. Sucos pingavam da carne e assobiavam nas chamas. Zara estava sentada perto dele, olhando sem piscar para o coelho.

— Onde estou? Como... Como vim parar aqui? — Sophie perguntou.

— Eu carreguei você — disse o garoto, sem tirar os olhos da carne.

Sophie não tinha certeza de como se sentir sobre isso. Sua cautela cresceu.

— Essa cadela apareceu e rosnou para mim — ele acrescentou. — Achei que era sua.

Sophie assentiu. Ela olhou atentamente para o menino. Quem era ele? Corvus, o Rei dos Corvos? Importava mesmo se ele fosse? Ela não podia lutar nem fugir. Estava muito fraca, muito esgotada pela fome, não conseguia nem mesmo se levantar.

— Você é um monstro? — ela perguntou, com a voz embargada de cansaço.

— Não.

— Vai me matar?

— Não.

— Porque, se for, mate agora, mate rápido, e não machuque a minha cachorra. Ela já sofreu o suficiente.

O garoto olhou para ela.

— Vamos esclarecer uma coisa desde o início. Eu nunca, *nunca* machucaria um cachorro.

A suspeita de Sophie diminuiu um pouco. Em sua experiência, pessoas que não machucam cachorros também não machucam pessoas.

O menino voltou sua atenção para o coelho.

— Meu nome é Will.

— Sophie.

Will tirou o coelho do espeto, colocou-o sobre uma das pedras ao redor do fogo e cortou-o ao meio com uma faca de caça. Entregou metade para Sophie. Ela pegou com as mãos trêmulas. Então, arrancou a perna de sua metade e a jogou para Zara.

— Tenha cuidado — Will avisou. — Está muito...

Mas Sophie não estava ouvindo. Ela rasgou a carne como um lobo, arrancando um pedaço com os dentes.

— ... quente.

A carne estava sem graça, pois não havia tempero. Estava carbonizada em alguns lugares e dura em outros, mas era a melhor coisa que Sophie já tinha comido na vida. Lágrimas escorreram de seus olhos enquanto ela engolia. Ela as limpou do rosto. Will fingiu não notar. Enquanto ela raspava cada osso com os dentes, Will entregou-lhe uma pera. E, depois, um pedaço de queijo duro e salgado. Sophie devorou tudo. A comida a aqueceu. Deu-lhe força. O suficiente para correr, se ela precisasse.

— Obrigada — disse ela ao terminar tudo, enxugando a boca com a palma da mão.

Will assentiu. O decote da blusa dela estava desabotoado, revelando vários centímetros de sua cicatriz. Seus olhos voltaram-se para baixo. Sophie o viu olhando e abotoou a blusa.

Seu olhar vagou, então, pelos braços dela e pelas feridas das presas das cobras — curadas, mas ainda arroxeadas — que os pontilhavam.

— Para onde você vai? — perguntou ele.

Sophie hesitou, ainda desconfiada, então decidiu que, se ele fosse machucá-la, não a teria alimentado primeiro.

— Escandinai.

Will soltou um assobio baixo.

— É muito longe daqui. Cerca de cinco ou seis dias a pé, e isso se você for rápida.

O ânimo de Sophie afundou com a lembrança de quão longe ela ainda estava de Haakon e da segurança.

— Estou indo para Grauseldorf — o garoto acrescentou. — É na mesma direção. Vou levá-la até lá, se quiser, e mostrarei a estrada ao norte.

Sophie ficou rígida.

— Por quê? Por que você me ajudaria? Por que você compartilhou sua comida comigo?

Will olhou para ela.

— Bem... Porque é isso que as pessoas fazem?

— É mesmo? — perguntou Sophie.

Ela não conhecia muitas pessoas que ajudariam um estranho. A maioria das pessoas que ela conhecia nem mesmo ajudaria um amigo.

— Você deve querer dormir um pouco — disse Will, balançando a cabeça. — Eu parto ao amanhecer.

Sophie se perguntou se dormir a apenas alguns metros de distância de um estranho era sensato. Ela se sentia um pouco mais forte agora; poderia simplesmente pegar sua mochila e ir embora.

E fazer o quê?, ela se perguntou. *Andar pela Floresta Sombria à noite?*

Decidiu que ficaria, mas dormiria com a adaga enfiada dentro da blusa. Só por garantia.

— Tudo bem — ela finalmente concordou, ainda inquieta.

Mas Will mal a ouviu. Ele estava ocupado recolhendo galhos para alimentar a fogueira. Enquanto fazia isso, Sophie procurou em sua mochila o cantil. Ela bebeu um pouco de água, depois usou o restante para lavar o rosto e as mãos. Junto a Zara, embrenhou-se um pouco na floresta. Quando voltou, Will já estava deitado perto do fogo. Sophie colocou seu saco de dormir do outro lado do fogo e tirou o cobertor de Weber da mochila.

— Obrigada — disse ela de novo baixinho enquanto se acomodava, Zara se encolhendo na dobra dos joelhos.

Ela ficou surpresa por Will ter persistido em sua bondade para com ela, embora ela não tivesse merecido. Não estava acostumada com isso. No palácio, o mau comportamento apenas inspirava um comportamento pior, e quaisquer ferimentos resultantes eram esfregados com sal, não mel.

Sem aviso, a engrenagem no coração de Sophie enguiçou novamente. O ruído de trituração estava ainda mais alto do que antes, pouco antes de ela se deitar.

Will olhou para ela com o que eram (e agora ela os percebeu) cílios muito longos e escuros, além de uma expressão perplexa no rosto.

— É... Bem... É um relógio — Sophie disse levemente.

— Onde está? — perguntou ele. — No seu bolso?

— Ah! Perto — disse Sophie.

Will ergueu uma sobrancelha, mas não insistiu.

— Bem, boa noite, Sophie. Durma bem.

— Muito gentil, Will. Gentil Will, Will gentil. Ah!

Sophie lançou-lhe um sorriso tímido.

— Você provavelmente já ouviu isso antes.

— Não. Primeira vez.

— Sério?

Will sorriu.

— Ai. Não, né? — disse Sophie, sentindo-se um pouco tola.

Will fechou os olhos e puxou o cobertor sobre os ombros.

Sophie o observou adormecer. Até que o fogo queimou, até apagar. Até que a escuridão os envolveu. Então, fechou os olhos.

Seu coração zumbiu alto.

Não importava. Ele não conseguia ouvir agora.

Sophie sentiu algo. Deitada ali na floresta. A apenas alguns metros de distância do garoto.

Ela não conseguiu identificar o sentimento imediatamente, pois não o reconheceu. Fazia muito tempo que não sentia isso.

Não desde que sua mãe cantara para ela dormir. Não desde que seu pai a segurara em seus braços fortes, apontando as estrelas, dizendo-lhe seus nomes.

Mas, quando o sono a embalou, ela lembrou.

Pela primeira vez em muito tempo, Sophie se sentiu segura.

TRINTA E OITO

O SOL ESTAVA NASCENDO. Seus pálidos raios dourados passavam pelos galhos das árvores e refletiam no chão da floresta. Sophie e Will haviam levantado acampamento uma hora atrás, depois de um rápido café da manhã com pão e queijo. Estavam andando desde então.

Will parou repentinamente. Ele costumava fazer isso quando ouvia ou via algo diferente. Sophie já tinha entendido isso. Nas primeiras vezes, ela se chocou contra ele no caminho estreito da floresta.

— Você ouviu isso? — perguntou ele. — É um falcão. Está lá em cima. — Will olhou para o alto. Seus olhos seguiram o pássaro enquanto ele disparava pelo ar. — Provavelmente procurando uma saborosa carriça para o café da manhã.

Sophie não olhava para o pássaro; ela olhava para Will. Ele amava a floresta e suas criaturas, ela percebeu, e por isso ele tornava interessante uma caminhada longa e tediosa, apontando rastros de animais e flores da floresta. Will era um enigma, uma criatura muito diferente dos meninos da corte, que constantemente flertavam e se gabavam, além de serem absolutamente alérgicos ao silêncio. Ele era um garoto muito gentil, que falava apenas quando tinha algo a dizer. Sophie percebeu isso quase imediatamente.

— Onde você mora? — ela perguntou pouco depois de partirem.

— Na floresta.

— Você tem família?

— Sim.

— Por que está indo para Grauseldorf?

— Preciso de algumas coisas.

Depois de um tempo, ela desistiu e simplesmente caminhou atrás dele silenciosamente. Ela tinha coisas melhores para fazer do que conversar, de qualquer maneira. Por exemplo, descobrir como venceria todo o caminho até Escandinai a pé e sem dinheiro.

Cinco dias preciosos se passaram desde que ela deixara a Toca, o que lhe dava um pouco mais de três semanas até que o mecanismo do relógio parasse. Sophie se sentia como se estivesse dentro de uma ampulheta gigante, tentando desesperadamente impedir que a areia caísse sobre ela. Ela precisava de ajuda se quisesse completar sua jornada; isso com certeza. Precisava de comida e tinha de pegar o caminho mais rápido até a fronteira. Will era um bom caçador. Parecia conhecer cada centímetro da floresta. Enquanto Sophie caminhava, olhando para as costas dele, ela se perguntou se ele a levaria ao palácio de Haakon. Ela não tinha dúvidas de que Haakon recompensaria Will ricamente por devolver sua noiva a ele. Mas não tinha certeza se Will concordaria em fazer isso. Então decidiu esperar, para conhecê-lo um pouco melhor, antes de pedir a ele.

Depois que Will avistara o falcão, eles continuaram caminhando pela floresta densa, subindo e descendo colinas por horas. Tinham acabado de entrar em um vale, e Will sugeriu que fizessem uma pausa para descansar e comer, quando, do nada, uma voz disse:

— Parem aí! Mãos ao alto.

Will ergueu os braços. Sophie, procurando desesperadamente aquele que falara, seguiu seu exemplo.

Um homem saiu das árvores. Ele estava segurando uma faca. Sophie engoliu em seco com medo. Olhou ao redor. Mais homens emergiram da floresta; eles se reuniram em torno de Sophie e Will.

Atrás deles, escondida nas árvores, havia meia dúzia de barracas de lona, as laterais cobertas com arbustos. Uma

fogueira queimava na frente de uma delas. Nem ela nem Will haviam sentido o cheiro, porque o vento estava levando a fumaça para o outro lado.

Sophie percebeu que ela e Will haviam esbarrado em um acampamento. Ela apertou os olhos na escuridão e viu que um grupo de homens, alguns jovens, outros mais velhos, estava sentado em toras que puxaram para o fogo. Todos usavam jaquetas azuis-escuras desbotadas, mas bem-cuidadas, e pareciam feridos. O braço de um homem estava em uma tipoia. Um menino de não mais de quinze ou dezesseis anos tinha perdido os olhos. Havia um tambor a seus pés. Outro homem, magro como um fantasma, tremia convulsivamente perto do fogo. Outro, ainda, estava sentado um pouco afastado dele, em uma cadeira com um assento alongado que alguém havia moldado com galhos de árvore. O assento sustentava o que restava de suas pernas.

Will, que caminhava com o arco no braço, sempre pronto, deixou uma das mãos mergulhar na direção da aljava para puxar uma flecha.

— Eu não faria isso, garoto — avisou o homem da faca. — Não a menos que você tenha certeza de que a flecha pode chegar a mim antes que esta faca chegue até você.

Will deixou a flecha deslizar por entre seus dedos e cair de volta na aljava. Ergueu as mãos novamente.

— Estamos só de passagem — disse ele. — Não queremos problemas.

— Não dê problemas e não receberá problemas — disse o homem, que apontou para o caminho à frente com a ponta da adaga. — Sigam.

Will assentiu. Ele e Sophie baixaram as mãos. Will agarrou a manga de sua jaqueta e tentou apressá-la. Mas os passos de Sophie eram lentos e cambaleantes, porque ela não conseguia tirar os olhos dos homens.

Essas jaquetas... As tendas... O acampamento organizado... Ela pensou. Por que estão aqui?

Ela tinha visto essas coisas antes, cavalcando com sua madrastra enquanto ela treinava suas tropas. Seu olhar pousou no homem, magro e pálido, que tremia perto do fogo. Impulsivamente, libertou-se da mão de Will.

— O que você está fazendo? Ele nos disse para *irmos*.

— Mas aquele homem perto do fogo. Ele está doente. Devemos ajudá-lo.

Will bufou.

— Faça como quiser. Eu estou indo embora. Não quero ter nada a ver com esses homens.

Sophie olhou para ele, surpresa com a emoção em sua voz.

— Por que você diria isso? — ela perguntou.

— Eles vestem o uniforme da rainha. Eu desprezo a rainha. E a princesa. As tais nobres. E todos os ladrões e assassinos que compõem o maldito exército das Terras Verdes.

Sophie sentiu como se ele a tivesse esbofeteado.

Will — o gentil Will — a odiava, a verdadeira ela, e ela não tinha ideia do porquê.

Will não percebeu a reação dela; ele ainda estava olhando para os soldados.

— Se você fosse inteligente, também iria embora — disse ele. — Enquanto ainda tem a chance.

À medida que Will falava, o homem perto do fogo teve um acesso de tosse. O coração de Sophie doeu ao vê-lo curvado, lutando para respirar. Ela largou Will e caminhou até o homem com a adaga.

— Ele está doente — disse ela, acenando com a cabeça para o que estava perto do fogo.

— Sim. Escarlatina.

— Vocês são soldados — disse Sophie. — Do exército da rainha. O homem lhe dirigiu um olhar gélido.

— Não somos desertores, senhorita, se é o que você quer dizer. Éramos bons soldados, todos nós. Ainda seríamos, se nos permitissem.

— Por que estão aqui? — perguntou Sophie.

— Tenho muita vergonha de estar em qualquer outro lugar — disse o homem na cadeira improvisada. — Lutar era minha vida. — Ele olhou para suas pernas arruinadas. — Quem quer um soldado que não pode marchar?

O homem sentado perto do fogo falou. Sua cabeça estava abaixada. Ele não se preocupou em erguer os olhos.

— Eles nos jogaram fora quando fomos feridos. Como lixo. Não foi, Hans?

O homem com a adaga — Hans — assentiu.

— Mas há um hospital para veteranos feridos — disse Sophie. — Em Königsburg.

— Agora virou um quartel. Disseram que custávamos muito dinheiro à coroa. Que precisávamos dar lugar a soldados que estivessem em forma e pudessem lutar — explicou Hans.

— A rainha disse isso? — Sophie perguntou, chocada, mas não surpresa.

— O senhor Comandante berrou. Disse que era por ordem da rainha.

O Rei Frederico, pai de Sophie, havia sido um soldado. Morrera em batalha, lutando contra o Rei do Interior. O hospital para feridos de guerra levava seu nome. Ele acreditava que os veteranos eram heróis e que mereciam a maior honra que seu país poderia lhes dar. Ele nunca teria permitido que aqueles homens fossem tão maltratados.

Nem a filha do rei, Sophie disse para si mesma.

O coração de Sophie, quieto durante toda a manhã, batia ruidosamente agora.

Todos os homens olharam para ela, alarmados com o barulho, depois para Will...

— É um relógio — Sophie disse discretamente.

Hans pareceu perplexo com a explicação, mas Sophie não percebeu. Ela não estava ciente de nada, exceto da onda de compaixão em seu coração pelos homens feridos. Tudo o que queriam era ser soldados, lutar pela rainha e pelo país.

Em vez disso, tinham sido despojados de sua dignidade, roubados de seu orgulho e forçados a se esconder na Floresta Sombria.

Sophie tirou o casaco e o pendurou nos ombros do homem trêmulo. O homem olhou com surpresa para a roupa quente que de repente apareceu. Depois, olhou para ela.

— Eu não posso ficar com isto, senhorita.

— Sim, pode.

Ela puxou o cobertor de Weber da mochila e o estendeu sobre as pernas devastadas do homem na cadeira. Isso aliviou um pouco seu sofrimento. Zara cutucou a cabeça sob a mão do homem e ele sorriu. Em seguida, Sophie tirou o gorro de lã e colocou-o com cuidado na cabeça do menino que perdera os olhos. Ao fazer isso, seu longo cabelo preto soltou.

— Mas que diabos! — Hans exclamou, sua voz extasiada.

— *Você?* Eu te vi em treinos e marchas, desde que você era uma garotinha!

Sophie olhou para ele, depois, nervosamente, desviou o olhar. Não deveria ter tirado o gorro; deveria ter considerado as consequências. Não era sábio revelar sua identidade — não em Drohendsburg, não para aqueles estranhos nem para Will, mas seu coração não lhe deu escolha, e era tarde demais para desfazer suas ações agora.

— Eu sabia que você não estava morta! Nunca acreditei no que a rainha disse. Nem por um minuto! — disse Hans.

— Eu sabia que era mentira. — Ele olhou para Will e franziu a testa. — Tire esse gorro, rapaz. Mostre algum respeito. Você não sabe quem é esta?

Foi a vez de Will parecer perplexo.

— Sim... É uma garota... Sophie.

— *Princesa Sophia* para gente como você — fungou o velho soldado.

Ele pegou a mão de Sophie e beijou-a.

Os olhos de Will arregalaram-se. Ele deu um passo para trás. Não alegremente surpreso, porém, como os outros.

Não com deferência.

— Você está fugindo, não está? — Hans perguntou.

Sophie não respondeu. Ela achou melhor não dizer o que estava fazendo ou para onde estava indo. Os espiões de sua madrastra estavam por toda parte.

— Claro que está. Por que mais estaria vestida assim? — Hans continuou. — Não se preocupe, seu segredo está seguro com a gente.

Sophie apertou a mão do soldado. Depois, ela endireitou-se e dirigiu a todos os homens uma fala que, ela esperava, fosse em tom magistral.

— Vou voltar para resgatar vocês. Todos vocês. Assim que eu puder. Serão levados de volta a Königsburg e bem-cuidados. Eu prometo.

Os homens baixaram as cabeças para ela. E sorriram. Os sorrisos eram educados, mas céticos. Sophie percebeu que eles não acreditavam nela. Por que acreditariam? Sem dúvida, eles ouviram o que fora dito sobre ela na corte. Como uma jovem fraca poderia defender sua causa contra os decretos de uma rainha poderosa? Sophie gostaria de poder contar a eles sobre seu plano, que ela voltaria com o poder do exército de Escandinavi ao seu lado, mas eles logo descobririam. Ela não os esqueceria.

Sophie despediu-se. Os soldados desejaram que ela viajasse em segurança.

Ela e Will começaram a andar novamente. Houve silêncio entre eles por algum tempo; então Will disse:

— Você vai sentir frio esta noite.

— Vou pegar outro casaco — Sophie disse secamente.

O silêncio desceu novamente sobre eles.

— Por que você não me disse quem era? — Will perguntou.

— Quanto falta para a aldeia? — Sophie perguntou bruscamente.

— Então, não é da minha conta? Estou levando uma princesa morta para Grauseldorf, mas não preciso saber por

quê?

— Não.

Ele olhou para a lateral do rosto dela.

— Você está com problemas, Sophie?

— Sim. Isso o deixa feliz, Will?

Will se encolheu.

— Não. Por que deixaria?

— Porque você me despreza. Você disse isso.

— Sim, disse.

Sophie ficou surpresa com sua admissão honesta. Não era com isso que ela estava acostumada. Não houve negações, desculpas nem palavras floreadas para perfumar suas desagradáveis declarações anteriores. Sophie esperou em silêncio, para lhe dar tempo de se desculpar, mas ele não o fez. Finalmente, sua paciência acabou.

— Você não se arrepende do que disse? — ela perguntou, ofegante.

Will franziu a testa, pensativo.

— Talvez. Talvez não. Ainda não sei.

— Você deveria se arrepender. Suas palavras foram cruéis. Você nem me conhece.

— Você está certa. Eu não a conheço.

Depois, ele falou:

— Por que você está indo para Escandinai?

— Preciso falar com o Príncipe Haakon — Sophie respondeu. — Preciso da ajuda dele para lutar contra alguns adversários poderosos.

Ela estava prestes a perguntar se ele a ajudaria, se a levaria para o palácio de Haakon — ela não queria, não depois do que ele dissera —, mas estava desesperada. Antes que pudesse falar, porém, foi ele quem falou.

— Contra quem você está lutando? Contra a rainha? Não dá para fazer isso sozinha?

Sophie lançou um olhar furioso.

— Lutar contra a rainha das Terras Verdes? *Sozinha*? Sabe que isso não me passou pela cabeça?

Will sorriu.

— Belos príncipes certamente são úteis, não? Gostaria de ter um.

Houve o tom de zombaria novamente. Isso fez Sophie se arrepiar.

— Haakon é meu protetor. Estamos noivos, o príncipe e eu.

— Hmm.

— *Hmm?* O que isso quer dizer? O que *hmm* significa?

— Ouvi dizer que você foi morta por lobos... Que eles a dilaceraram.

— Pois ouviu errado.

— Então estou aqui me perguntando...

— O quê? — Sophie retrucou.

— Por que o Príncipe Encantado não está procurando por você?

A pergunta picou Sophie como um espinho. Ela disse a Will o que dizia a si mesma.

— Porque ele acredita que eu esteja morta. Assim como você acreditava.

— Ainda assim, seria de se imaginar que ele fosse atrás do seu corpo, pelo menos. Para garantir ao seu amor perdido um enterro adequado. Talvez até guardar um osso do dedo de lembrança. Ou um dente. Uns dedos do pé.

Sophie parou de repente. Will também.

— Você tem mesmo que ser tão horrível? — perguntou ela com raiva.

— Ele *não* procurou você — disse Will.

— Procurou, sim.

— E por que não encontrou? Um cara inteligente como ele?

— Ele ficou sem tempo. A rainha o mandou de volta para o seu reino.

— Então por que ele não volta? Ele poderia procurá-la disfarçado de lenhador ou comerciante.

Sophie caminhou na frente dele, irada. Ela não podia acreditar que tinha considerado pedir ajuda àquele *troll* disfarçado de garoto.

— Haakon tem responsabilidades! Ele tem assuntos de Estado para tratar! Você simplesmente não entende! — gritou ela por cima do ombro.

Will a observou enquanto ela descia o caminho.

E, então, baixinho, para que ela não pudesse ouvi-lo, ele disse:

— Nem você.

TRINTA E NOVE

SOPHIE GEMEU. BUFOU. CHUTOU ALGUMAS FOLHAS MORTAS.

Will, alguns metros adiante na estrada, não prestou atenção nela.

Eles caminharam pela floresta por seis horas no dia anterior, depois de passarem pelos soldados, e quase doze horas no dia seguinte. Caminhavam, montavam e desmontavam acampamento, fazendo quase tudo em silêncio. Nenhum deles tinha falado muito desde a briga.

Sophie estava cansada. Seus pés doíam. Ela pensava constantemente, com saudade, em sua cama macia na Toca.

A estrada era íngreme agora; ela subia em torno da base de uma colina. Uma velha igreja no topo da colina, cinzenta e decrépita, com a torre do sino caindo aos pedaços, apareceu à vista.

— Aquela é São Sebastião. A vila fica do outro lado — Will gritou para ela. — Podemos economizar um pouco de tempo se cortarmos pelo cemitério. Vamos.

Ele subiu a colina. Sophie o seguiu, mas caminhando devagar.

— Você está vindo? *Depressa!* — gritou Will.

Ele já estava na metade do caminho para a igreja.

Sophie fechou os olhos.

Ela ainda estava ferida pela declaração dura de Will. Ainda não sabia por que ele dissera que a desprezava, e não era provável que ela descobrisse, pois se recusava a dar-lhe a satisfação de perguntar.

Sophie decidira que também não gostava muito de Will, embora fosse — a contragosto — grata a ele. Para alguém

que não a suportava, ele se esforçou para ajudá-la. Ele a ensinava o que podia e não podia colher na floresta. Em menos de dois dias, ela aprendera quais cogumelos eram venenosos, como armar uma armadilha adequada e quais plantas eram seguras.

— Preste atenção — ele insistiu enquanto mostrava a ela a diferença entre dois tipos de repolho do pântano. — Folha verde alimenta você. Folha vermelha mata. Você precisa saber dessas coisas se quiser chegar a Escandinai.

Um arrepio percorreu Sophie enquanto ela seguia Will colina acima. Ela não gostava da aparência da velha igreja assustadora ou da ideia de pegar um atalho em um cemitério, mas o dia estava se alongando, e ela sabia que Will queria chegar ao vilarejo antes que as lojas fechassem. Ele pretendia fazer suas compras e voltar para casa antes do anoitecer.

Quando ela alcançou o topo da colina, viu-o caminhando pelo gramado do cemitério, passando por criptas e por fileiras de lápides.

— Quanto falta? — perguntou ela sem fôlego, ao alcançá-lo.

— Cuidado, sua idiota! Você pisou em mim!

Sophie parou de repente. Aquela era a gota d'água.

— *Do que* você me chamou? — perguntou ela.

— Não chamei de nada — disse Will.

Sophie lançou um olhar furioso.

— Sério? Então quem foi? — Will parou também e girou, os olhos na grama.

— O que está olhando? Não vejo nada além de cogumelos — disse Sophie, apontando para alguns com chapeuzinhos vermelhos com bolinhas brancas.

— Isso porque cogumelos são o que elas querem que você veja.

— Quem são *elas*?

— *Pixies*. Já se perguntou por que os cogumelos parecem brotar do chão durante a noite? — perguntou ele. — São as

fadinhas *pixies* se movendo. Elas usam chapéus vermelhos que parecem chapéus de cogumelos como camuflagem.

Sophie se abaixou e estendeu a mão em direção a uma.

— Seja cuidadosa. Elas podem ser bravas — Will avisou.

Quando estava prestes a tocar num chapeuzinho, ficou fora do seu alcance. A aba inclinou-se para trás. Um rosto minúsculo, com nariz afilado e olhos astutos, apareceu embaixo dela.

— Sai pra lá, cérebro de *strudel* — disse a fadinha.

Sophie se engasgou. Na verdade, era um homenzinho que estava parado diante dela, vestindo uma túnica branca e tamanquinhos verdes. Tinha orelhas pontudas e dentes afiados.

— Você não deve xingar as pessoas — repreendeu Will.

— Segundo quem, cabeça de repolho?

— Você é uma coisinha muito *mal-educada*! — Sophie gaguejou, endireitando-se. — Eu devia cozinhar você para o jantar.

O homenzinho-fada fez um gesto rude.

— Coma *isto aqui*, saco de pum!

Will caiu na gargalhada. Sophie, não. Ela bateu o pé no chão para assustar a criaturinha. Mas, em vez de fugir, ele e mais dez de sua espécie avançaram contra ela, estalando os dentes. Ela deu um grito estridente e correu atrás de Will.

— Acha que o batatão aí vai proteger você? — o pixie zombou. — *Por favorzinho!* — Ele contraiu o maxilar inferior para exibir dentes salientes, esticou o pescoço e imitou o andar galopante de Will.

— Ei! — disse Will, carrancudo. — Isso não é engraçado!

Mas Sophie achou hilário; ela não conseguia parar de rir. Zara, entretanto, foi até as fadinhas e as cutucou com o focinho. Isso enfureceu o homenzinho-fada, que chutou terra no rosto dela.

— Não solte seu hálito fedorento de cachorro em cima de mim, seu pulgueiro ossudo de pernas finas e olhos

esbugalhados!

Zara deu um passo para trás. Ela latiu, incerta. Depois, lançou-se sobre ele e o agarrou pelo chapéu, depois o sacudiu violentamente. A alça que prendia o chapéu em sua cabeça estalou. O homenzinho-fada saiu voando pelo ar, deixando um rastro de xingamentos. Zara rasgou o chapéu inteirinho.

Aquilo foi um erro. Cerca de cinquenta criaturas saíram correndo da grama alta, gritando a plenos pulmões.

— Hmm, Will? Acho que estão bravas — disse Sophie, recuando.

— Tenho certeza. Hora de irmos — disse Will.

Eles se viraram e começaram a se afastar. Sophie olhou por cima do ombro. Os *pixies* continuavam vindo atrás deles. Seus dentes pareciam muito afiados. Ela puxou a manga de Will.

Will olhou para trás.

— Estamos encrocados — disse ele. — Onde está um belo príncipe quando precisamos dele?

— Acho que vai ter que se contentar com uma linda princesa — Sophie disse, impulsivamente segurando sua mão.

A mão de Will se fechou na dela e Sophie a puxou. Eles correram, rindo um com o outro desta vez. Zara, com as orelhas agitadas, galopou atrás deles.

Sophie não largou sua mão. Não até que estivessem fora do cemitério, descendo a colina e bem na estrada para Grauseldorf.

Nem Will.

QUARENTA

GRAUSELDORF ESTAVA TÃO CINZA E TRISTE quanto as lápides pelas quais Sophie havia passado no cemitério da igreja, e ela mal podia esperar para ir embora.

Tinha de ser paciente, porém. Will estava na loja do boticário. Ele tinha encontrado o dono quando este fechava o estabelecimento e o persuadiu a abrir novamente por mais alguns minutos. Não podia esperar até de manhã, explicou ao homem. Tinha de voltar para a estrada. Alguém estava esperando por ele, alguém que precisava do que ele tinha ido comprar.

Os ouvidos de Sophie ficaram em pé com isso. Ele não falava de sua família nem de sua vida, que ela tinha certeza de que ele não queria que ela ouvisse, mas, ainda assim, ela ouviu. *Quem é esse alguém?*, ela imaginou. *Será que ele tem uma esposa?* Seu coração fez um barulho com a ideia de Will ser casado.

— Relógio? — disse Will enquanto o lojista destrancava a porta.

— Relógio — Sophie respondeu, sorrindo brilhantemente.

Will seguiu o homem para dentro, e Sophie ficou na rua, esperando o barulho parar, mas, para sua vergonha, ele continuou, mudando para um sibilo baixo e feio. Ela não soube por que e, então, olhando através das janelas para Will, entendeu: seu coração estava com ciúmes.

Isso a chocou. Não fazia sentido. Por que ela se importaria se Will fosse casado? Ela logo se reuniria com seu amado. Essa era a única coisa que importava. Não podia estar com ciúmes. Como poderia estar? Ela nem gostava de Will. E ele

certamente não gostava dela. Era apenas seu coração estranho e incompreensível funcionando mal mais uma vez.

Um momento depois, o barulho parou, e Sophie e Zara se juntaram a Will dentro da loja. Sophie não queria ficar ali. Ela estava tão impaciente para sair de Grauseldorf quanto Will. Sentia-se exposta na aldeia. E se Krause a estivesse procurando por aquelas bandas? Mas Will a fez esperar. Havia uma taverna na periferia da aldeia, disse ele, que era barra pesada, e ele não queria que ela passasse por lá sozinha.

Enquanto Sophie vagava pela loja, ela olhou para os frascos alinhados nas paredes. Alguns continham coisas maravilhosamente perfumadas, como canela, cravo e noz-moscada. Outros continham substâncias que a faziam enrugar o nariz, como besouro preto seco e sapo em conserva.

— Duas porções de casca de árvore de sabugueiro, duas de urtiga-de-raposa e uma de bérberis moída... — ela ouviu Will dizer.

Sophie sabia para que serviam essas coisas. O que ela não sabia era por que ele as estava comprando.

O boticário terminou de medir o pedido de Will, dobrou as substâncias em quadrados de papel pardo e empurrou-as sobre o balcão. Will pagou ao homem e cuidadosamente enfiou as compras na mochila. Eles chegaram a mais algumas lojas antes de fecharem. Will comprou algumas coisas em cada uma e colocou quatro ameixas, um pouco de pão e um pedaço de queijo na mochila de Sophie. Ela tentou agradecê-lo, mas ele não deixou. Em vez disso, fez um sermão, mais uma vez, sobre as diferenças entre *folha-de-veado*, que era deliciosa, e *talo-de-veado*, que deixaria sua língua azul.

Sophie ouviu atentamente enquanto eles passavam pelas lojas fechadas, mas, quando Will parou para respirar, ela disse:

— Por que todos os analgésicos?

Ela não obteve resposta, então o olhou de canto de olho. Sua mandíbula estava rígida.

— Acho que não é da minha conta — disse ela.

— Acho que não.

Eles continuaram sua caminhada em silêncio até que não havia mais construções. Sophie podia ver uma bifurcação na estrada à frente e, à esquerda dela, assim como Will dissera, uma taverna de aparência nada agradável. Sophie teve que escolher cuidadosamente onde pisar em alguns lugares. Pelos montinhos espalhados na estrada, um fazendeiro com certeza tinha acabado de passar com suas vacas.

Alguns homens estavam em um punhado de mesas de madeira frágeis na parte de fora da taverna. Mais pessoas juntaram-se a eles, canecas nas mãos. Rajadas de gargalhadas explodiram pelas portas abertas atrás deles.

Will, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, olhou para eles. Sophie, não. Se ela tivesse olhado, teria notado que estavam usando uniformes azul-marinho. Mas ela olhava fixamente para a estrada, tentando manter seu coração rebelde sob controle. Podia sentir que estava começando a bater forte. Esperava não passar vergonha novamente.

Um momento depois, eles chegaram à bifurcação. Will inalou profundamente, depois soltou um suspiro pesado. Ele mudou seu peso de um pé para o outro, então disse rapidamente:

— Eu não queria que você fosse sozinha. Eu iria com você, Sophie. Eu gostaria... Mas não posso. Tem alguém em casa que precisa de mim e... Eu tenho de voltar.

Mais uma vez, o coração de Sophie começou a bater com força.

Ela começou a falar, um pouco mais alto do que o normal, para encobrir o som.

— Não precisa se desculpar, Will. Eu não estaria aqui agora se não fosse por você. Nunca poderei agradecer o

suficiente por toda a ajuda que me deu. Vou ficar bem.

— Bem, acho que é isso.

— Acho que sim...

Sem jeito, Sophie estendeu a mão, pensando que Will iria pegá-la, apertá-la, beijá-la... *Alguma coisa*. Mesmo que ele não gostasse dela, apenas por uma questão de cortesia. Em vez disso, ele a abraçou. Foi um abraço duro e estranho. Ele deu um tapinha nas costas dela com muita força, como se ela fosse um cavalo ou um cachorro grande. E a abraçou por muito tempo, o que fez os homens na taverna assobiarem. Houve um comentário grosseiro também.

Sophie interrompeu o abraço. Ela lançou um olhar para o homem que fez o comentário grosseiro. E prendeu a respiração.

O homem rude acabava de levar sua caneca de cerveja aos lábios. Ele a abaixou. Seus olhos se fixaram nos de Sophie.

Ele a conhecia. E ela o conhecia.

Era o capitão da guarda da rainha.

QUARENTA E UM

O CORAÇÃO DE SOPHIE BATEU FORTE DENTRO DO PEITO.

Will deu a ela um sorriso incerto.

— Hmm. Não é um relógio velho qualquer no seu bolso, é? Parece um despertador — brincou ele.

Sophie fez que não.

— Volte para a aldeia — sibilou ela, e então subiu a estrada o mais rápido que pôde.

Will a alcançou.

— Sophie? Algo está errado?

— Finja que não me conhece! — disse Sophie, começando a correr.

— É um pouco tarde para isso. Acabei de abraçar você — disse Will, correndo para acompanhá-la.

Sophie lançou um olhar por cima do ombro, na direção da taverna.

— Vá embora, Will! *Por favor.* Antes que eles machuquem você.

Will seguiu a direção de seu olhar. Os dois viram o capitão pousar a caneca. Ele acenou para dois de seus homens.

— É nessa encrenca que você está? — perguntou Will.

— É uma delas.

— Tem uma fazenda logo à frente. Logo depois da estrada — Will disse, apressado. — Se cortarmos pelos campos, podemos chegar à colina de São Sebastião, por onde entramos. A Floresta Sombria está do outro lado. Se conseguirmos, eles nos perderão de vista.

Os olhos de Sophie, ainda no capitão, estavam enormes em seu rosto.

— Sophie! — Will gritou para ela. — Olhe para mim. Para *mim*, não para ele.

Sophie obedeceu. Seus olhos cinza pareciam duros como aço.

— Você aí! Menina! — gritou o capitão.

— Você está pronta? — disse Will.

Ele segurou a mão dela. Sophie assentiu.

Will apertou com força. Um instante depois, eles estavam correndo como o vento.

QUARENTA E DOIS

CAVALOS, SOPHIE PENSOU, SEU CORAÇÃO BATENDO DE MEDO.

Ela e Will estavam descendo a estrada de terra. Eles haviam corrido cerca de cem metros quando ela ouviu o barulho dos cascos.

Por que não pensaram em cavalos? Claro que Krause e seus homens viriam cavalgando. Sua madrasta se certificava de que a guarda tivesse as montarias mais rápidas e fortes de todo o reino. Ela e Will não tinham esperança de escapar. Krause a capturaria e a levaria de volta para sua madrasta ou simplesmente a mataria na Floresta Sombria. Seus ossos se juntariam aos de todos os outros, cobertos de musgo e esquecidos.

Acabou, ela disse a si mesma, o medo dando lugar ao desespero. A rainha, o Rei dos Corvos. Eles venceram. Nunca vou chegar a Escandinai. Nunca mais verei Haakon.

Os pulmões de Sophie estavam explodindo; seus músculos gritavam com o esforço de correr a toda velocidade. Ela olhou para trás com terror. Krause, um pouco à frente de seus homens, cavalgava a todo galope. Ele iria cruzar o caminho deles em poucos segundos.

— Isso é inútil, Will. Não consigo mais correr — gritou Sophie, começando a desacelerar.

— Sim, você consegue! — Will gritou de volta. — Só mais alguns metros e vamos despistá-los! Vamos! — Seu aperto era forte; ela não tinha escolha a não ser acompanhá-lo.

Não temos como despistá-los. Ele é louco, Sophie pensou.

E então eles dobraram uma curva na estrada e Sophie as viu — vacas, pelo menos cinquenta delas.

O fazendeiro e seu filho estavam conduzindo seu rebanho de um pasto para a ordenha. Os animais caminhavam vagarosamente, balançando as caudas, os sinos de lata tocando em seu pescoço. Estavam espalhadas por toda a largura da estrada de terra.

Sem diminuir a velocidade, Will puxou Sophie direto para o rebanho. Zara estava atrás deles. Eles se moviam entre as vacas como peixes nos juncos. Sophie lembrou-se de ter pulado o esterco de vaca, lá atrás. *Will sabia que elas estariam aqui*, ela pensou. Ela correu mais rápido, energizada por uma nova esperança.

As vacas deram pouca atenção aos dois humanos a pé com um cachorro, mas os cavaleiros eram uma história diferente. O trovão dos cascos dos cavalos, seus relinchos estridentes, os gritos dos homens — todo o barulho e a comoção perturbaram as criaturas amantes da paz. Algumas dispararam, o que irritou o fazendeiro e o fez gritar. Algumas empacaram, mugindo alto. Outras se viraram e atacaram os cavalos. Os soldados não conseguiam passar pelo rebanho nem contorná-lo, pois a estrada era cercada de ambos os lados por sebes altas.

— Voltem para a aldeia! — gritou o Capitão Krause. — Eles estão indo para a Floresta Sombria! Vamos pegá-los do outro lado da igreja!

Enquanto isso, Sophie e Will haviam corrido pela porteira aberta da fazenda, passando por um bando de galinhas que cacarejava, por celeiros e currais. Eles pularam uma cerca de madeira e foram para a campina aberta. Quando chegaram ao pé da colina que levava à igreja de São Sebastião, Sophie sentiu como se seus pulmões estivessem em chamas. Ela queria parar, para recuperar o fôlego, mas Will não deixou.

— Se não chegarmos à floresta, estamos perdidos — disse ele.

Um momento depois, eles alcançaram a bifurcação. Olhando para o lado oposto, podiam ver a Floresta Sombria

e a estrada que fazia uma curva ao lado dela.

— Eles ainda não chegaram — disse Sophie, lançando um olhar ansioso para a estrada em direção à aldeia.

— Eles vão chegar — disse Will.

Ele e Sophie passaram pelo cemitério. Estavam na metade da colina, e Sophie tinha acabado de começar a acreditar que eles conseguiriam chegar à floresta, quando ouviram cascos novamente.

Will xingou e mudou de direção.

— Corra para a igreja! — gritou ele.

O coração de Sophie batia forte contra as costelas enquanto o seguia morro acima. Eles chegaram à porta da igreja assim que os cavaleiros contornaram a estrada. Quando Will a abriu, eles puderam ouvir a voz do capitão.

— Vocês quatro... procurem na floresta! — berrou ele. — O restante de vocês vasculham o cemitério!

Will empurrou Sophie para dentro e fechou a porta atrás dela. A igreja centenária era enorme e vazia. Sophie e Will correram pelo corredor central, procurando um lugar para se esconder. Havia bancos de madeira, um altar. Havia capelas escuras dedicadas a santos e mártires, com velas acesas, mas os soldados certamente vasculhariam todos aqueles lugares.

— Olhe! — disse Sophie, apontando à frente deles. Inscritas sobre um arco de pedra à direita do altar estava a palavra: *Criptas*.

Will assentiu. Eles correram pela arcada, depois desceram um lance em espiral de degraus de pedra até chegarem às entranhas da velha igreja. Lamparinas a óleo colocadas em nichos nas paredes iluminavam seu caminho.

Quando chegaram ao pé da escada, encontraram-se em uma sala comprida e de teto baixo, úmida e fria. Criptas abobadadas, cada uma cercada por um portão de ferro, alinhavam-se em ambos os lados. Um anjo vingador esculpido em mármore montava guarda à esquerda da escada.

Sophie podia ver os caixões através das barras de ferro. Alguns eram feitos de madeira; outros eram esculpidos em pedra. Todos estavam densamente cobertos de poeira.

— Will, não há onde se esconder aqui! — disse ela, em desespero.

Will experimentou a maçaneta do portão da cripta mais próxima. Estava trancado. Tentou o próximo, e o próximo, ao longo da parede. Sophie começou a tentar do outro lado, mas todos os portões que ela tentou também estavam trancados. Zara ficou perto dela.

Um estrondo profundo foi ouvido acima deles. Sophie e Will se entreolharam.

— Eles estão destruindo tudo... — Will começou a dizer, com os olhos no teto.

— ... procurando por nós — Sophie finalizou.

Eles redobraram seus esforços. Sophie moveu-se como um relâmpago em sua fileira, tentando desesperadamente um portão após o outro, o medo agitando em seu estômago, mas não teve sorte.

Até que teve.

Quando alcançou a última cripta, a maçaneta girou, a trava foi liberada e o portão se abriu com dobradiças rangentes.

— Will! — ela sussurrou. — Aqui!

Ela entrou na antiga cripta. Zara correu atrás dela. Os caixões estavam enfileirados, alguns empilhados uns sobre os outros. Ratos, umidade e tempo haviam destruído muitos deles. Seus topos estavam rachados; suas laterais haviam cedido. Sophie recuou de horror ao ver ossos saindo de um deles. Outro estrondo foi ouvido acima deles, seguido pelo som de vidro tilintando. O barulho fez Sophie se mexer novamente. Ela passou pelas pilhas de caixões, procurando um bom esconderijo.

Ao fazer isso, ouviu outro ruído, pequeno, suave e próximo. Tarde demais, ela percebeu que algo estava na cripta com ela.

Sophie abafou um grito quando algo surgiu das sombras e a agarrou.

Era um homem. Ele segurava uma faca. E a apontava para a garganta dela.

QUARENTA E TRÊS

— NÃO A MACHUQUE. *POR FAVOR.*

Will estava na cripta agora também, com as mãos levantadas para mostrar que não era uma ameaça.

A respiração de Sophie acelerou. Os dedos do homem se curvaram cruelmente em seu braço, mas ela mal os sentiu. Toda sua atenção estava voltada para a ponta da faca.

— Quem são vocês? — rosnou o homem.

Seu rosto estava marcado. Ele tinha o cabelo desganhado e sujo.

— Ela é a princesa das Terras Verdes — Will falou. — Os guardas da rainha estão lá em cima. Estão atrás dela.

Houve outro estrondo acima deles, que reverberou pelas paredes.

— A rainha me quer morta — disse Sophie. — Se me pegarem, vão me matar.

— E ele? — o homem gesticulou para Will.

— Ele é meu... amigo — explicou Sophie. — Você pode nos esconder aqui?

O homem suspirou de forma infeliz, mas baixou a faca.

— Fazer o quê?! Parece que vou ter de me esconder também. O Capitão Krause e eu não somos melhores amigos.

— Você o conhece? — Sophie perguntou enquanto Will fechava o portão.

— Ele me fez isso. — O homem apontou para o seu rosto.

Os cabelos da nuca de Sophie se arrepiaram. A cicatriz que ela viu na face do homem tinha sido marcada em sua pele. Era um L. De *Ladrão*. Ela se encolheu diante da ideia de ficar presa em uma cripta com um criminoso.

— Capitão! Aqui embaixo! — uma voz gritou do topo da escada.

Sophie congelou.

— Vocês vão ficar aí parados como um par de nabos? Escondam-se! — sussurrou o homem.

Um grande sarcófago de pedra estava na parte de trás da cripta. Will e Sophie se agacharam atrás dele e puxaram Zara para perto. Ao fazê-lo, o homem tirou uma chave-mestra de ferro do bolso. Serpenteou sua mão pelas barras e trancou o portão por fora.

Assim que o primeiro soldado alcançou o fim da escada, o homem desapareceu atrás de uma pilha de caixões de madeira. Sophie encostou a cabeça na pedra fria, desejando que seu coração se calasse. Ela não podia ver o soldado de onde estava, mas podia ver a luz de uma lamparina iluminando as paredes.

Mais soldados juntaram-se ao primeiro. Sophie podia ouvi-los. Eles se espalharam pela sala, sacudindo as barras dos portões, segurando tochas e olhando para as criptas.

Saiam daqui, ela implorou silenciosamente. *Vão embora*.

A luz de repente iluminou a cripta onde ela estava escondida, varrendo o chão e o teto. Sophie não se mexeu. Não respirou. E, finalmente, a escuridão voltou.

— Eles não estão aqui, capitão! — gritou uma voz. — Todas as criptas estão bem trancadas.

— Aonde diabos eles foram, então? — disse o Capitão Krause, batendo no anjo de mármore com seu chicote.

Enquanto o capitão e seus homens conversavam, outra pessoa desceu. Sophie podia ouvir seus passos, lentos e medidos. Então, parou.

— Sophie? Você está aqui?

O coração de Sophie deu um pulo. Não podia ser. Podia?

— Não tenha medo, Sophie. Estive procurando você em todos os lugares.

Sophie inclinou o corpo para que pudesse espiar pela lateral do sarcófago. Ela não viu Will balançar a cabeça. Não

viu o ladrão levar um dedo aos lábios.

Tudo que ela viu foi um homem alto de ombros largos com uma cabeleira loura de leão, em pé no centro do corredor. Ele estava segurando uma tocha, iluminando uma das criptas.

— Minha querida menina, você não reconhece a minha voz? Sou *eu*...

Sophie sentiu-se desmoronar, sentiu todo o seu corpo ficar mole de alívio.

Ela sussurrou o nome do homem enquanto ele próprio o falava.

Haakon.

QUARENTA E QUATRO

COM UM GRITO, SOPHIE SALTOU de seu esconderijo e correu para o portão.

Ela colocou as mãos ao redor das barras, lágrimas brotando em seus olhos. Estivera errada, tão errada. O Capitão Krause e seus homens não a estavam perseguindo para machucá-la; eles estavam tentando resgatá-la, por ordem de Haakon. Ele devia estar dentro da taverna quando ela e Will passaram por lá.

— Sim — disse ela. — Você veio atrás de mim. Você *veio*...

Haakon sorriu, seus impressionantes olhos azuis enrugando nos cantos, e Sophie sentiu como se o sol tivesse acabado de nascer. Todas as suas dificuldades ficariam para trás. Ele estava aqui com ela. Por fim, ela estava segura. Nunca mais precisaria se esconder, correr ou ter medo novamente. Ele cruzou o corredor em duas passadas rápidas, desganhado pelo vento e exausto de cavalgar, mas tão incrivelmente bonito.

— Minha querida, querida menina — disse ele. — Achei que nunca iria encontrá-la... Eu sabia que você não estava morta. Meu coração sabia.

Sophie estendeu a mão através das grades para ele. Ele pegou a mão dela com a sua mão enluvada, levou-a aos lábios e beijou-a. Sophie apertou sua mão com força, como se nunca fosse soltar.

— Este era mais um de seus jogos cruéis? — perguntou ele provocadoramente. — Feito para desafiar um pobre amante, para conduzi-lo em uma perseguição selvagem?

O coração de Sophie zumbiu de felicidade com seu beijo, suas palavras. Haakon ouviu. E piscou surpreso.

— O que diabos é esse barulho? — perguntou ele.

O peito de Sophie se apertou de pavor. Ela não queria responder a essa pergunta, não aqui na frente de tantos estranhos. Queria ter um tempo sozinha com Haakon para explicar como sobrevivera e dizer quem estava em posse de seu verdadeiro coração.

— Tenho tanto para contar, meu amor — disse ela. — E eu vou contar. Mas não aqui. Não agora.

Haakon concordou. Ele ergueu a tocha bem alto, iluminando a cripta; então, disse:

— Como você conseguiu se trancar aí?

— Não fui eu que tranquei. Um homem trancou. Ele nos escondeu quando pensamos que vocês queriam nos fazer mal — disse Sophie, gesticulando para que o homem se aproximasse. — Não sei o nome dele — acrescentou ela com uma risada. — Não deu tempo de descobrir. Mas ele tem a chave.

— Tenho certeza de que ele *roubou* a chave — disse Krause, com desprezo na voz. — Da sacristia.

Ele caminhou até o portão e bateu nele com a lateral do punho.

— Você está aí, Schmitt? — gritou ele, espiando por entre as grades.

Sophie encolheu-se quando Krause se aproximou, mas então se lembrou de que ele estava lá para ajudá-la.

— Arno Schmitt! Apareça! — Krause berrou.

O ladrão saiu de trás do caixão.

— Entregue a chave. *Agora* — Krause ordenou.

Praguejando baixinho, o ladrão se aproximou do portão. Enfiou a mão no interior do casaco, tirou a chave e passou-a através das grades. Krause pegou e estalou os dedos. Um soldado correu para o lado dele. Krause sussurrou algo para ele e o homem desapareceu escada acima.

— Capitão Krause, o que está fazendo? — Sophie perguntou, confusa com o comportamento dele e irritada por ter seu comando ignorado.

— Destranque o portão. O Príncipe Haakon e eu devemos cavalgar para Escandinai. Imediatamente.

Mas, em vez de responder a Sophie, o capitão inclinou a cabeça na direção de Haakon. Em voz tão baixa que Sophie mal conseguiu ouvi-lo, ele disse:

— A estrada para a aldeia está movimentada a esta hora da noite, meu senhor. Pode haver muitas *testemunhas*.

A compreensão desabou sobre Sophie. Ela percebeu que ainda não era seguro ser vista nas Terras Verdes. Poderia haver agentes da rainha na área. O capitão estava apenas a protegendo.

— Teremos que recorrer a outros métodos, então — disse Haakon.

Ele puxou a mão, mas Sophie não queria deixá-lo ir. Seus dedos arranharam sua luva. Ele puxou, e a luva caiu no chão. Ao fazê-lo, algo brilhou intensamente à luz da tocha.

Sophie olhou para o objeto cintilante, perplexa.

— Você está... Você está usando meu anel — disse ela, erguendo os olhos para ele. — Por quê?

Uma pontada afiada perfurou seu coração. Seu pai lhe dera aquele anel. Era para ela, a herdeira de sangue, usar. Somente ela.

— Baron von Arnim o trouxe de volta para o palácio — Haakon disse, pegando sua luva.

— Para a rainha... — disse Sophie, o medo se acumulando em sua barriga. — Ela viu o anel? Ela sabe que estou viva?

Haakon não respondeu. Em vez disso, fez uma pergunta.

— O rapaz que estava com você. Ele também está aqui?

— Sim, está. Will, venha! — disse Sophie, mortalmente preocupada com o que sua madrastra poderia ou não saber e confusa pela mudança abrupta de assunto.

Will ainda estava agachado atrás do sarcófago. Sophie não o viu balançar a cabeça e depois bater com a palma da mão na tumba de pedra. Ele se levantou e caminhou lentamente até o portão.

— Haakon, este é o Will. Ele salvou minha vida. Devemos recompensá-lo. Eu gostaria de dar a ele um bom cavalo para voltar para casa e um pouco de ouro.

Will fez uma reverência para Haakon. Haakon olhou para ele.

— Tem outros? — perguntou ele.

— Não — disse Sophie, ficando impaciente com suas perguntas. Quanto antes ela e Haakon cruzassem a fronteira, melhor. — Abra o portão e nos deixe sair. Eu quero partir deste lugar horrível.

— Não posso fazer isso, infelizmente — Haakon disse com um sorriso de pesar.

O medo percorreu a nuca de Sophie como uma aranha. Algo não estava certo.

— Haakon, o que você está fazendo? Deixe-nos *sair*.

Passos foram ouvidos. O soldado que subira correndo a escada voltou carregando dois jarros de pedra com tampa.

— Você não pode fazer isso — Will disse, olhando para o príncipe.

— Fazer o quê? — Sophie perguntou, seus olhos disparando de Haakon para Will e vice-versa. — Alguém pode me dizer o que está acontecendo? Haakon, responda.

O Capitão Krause ainda estava segurando a chave. Ele a entregou a Haakon. Quando o belo príncipe a colocou no bolso, Sophie teve sua resposta.

QUARENTA E CINCO

— HAAKON, NÃO — DISSE SOPHIE, SURPREENDIDA pela traição. — *Não*. Haakon estendeu a mão e admirou o Anel do Governante.

— Depois que os lobos mataram você...

— Lobos *não* me mataram — rebateu Sophie. — Foi isso que a rainha disse? Não é verdade. Ela mandou...

— Os detalhes realmente não importam, não é mesmo? — Haakon perguntou, impaciente. — Depois que você morreu, convenci a rainha a me nomear seu herdeiro.

— Como? — perguntou Sophie, tensa de choque.

— Ela acredita que o Rei do Interior vai atacá-la. Seu medo é tão grande que ela não fala de outra coisa. Prometi defender as Terras Verdes com todo o poder do exército de Escandinai. *Caso* ela me promettesse que eu herdaria sua coroa. Mas, agora, eu tenho um problema: você *não está* morta, no fim das contas. Como posso ser herdeiro do trono das Terras Verdes se você ainda está viva?

O medo de Sophie transformou-se em terror total. Ela colocou as mãos nas barras de ferro.

— Abra este portão, Haakon.

— Está na hora de um homem governar as Terras Verdes novamente. Pretendo anexar o reino a Escandinai assim que eu assumir o trono.

Sophie sabia que precisava dissuadi-lo de seu plano. Era sua única chance de se libertar e de libertar Will e Arno Schmitt.

— Mas você *não vai* assumir o trono, não vê? Não por anos. Décadas, até. A rainha ainda é jovem. Ela não vai renunciar à sua coroa.

Haakon sorriu.

— Adelaide é uma amazona ousada. É incrível que algo não tenha acontecido com ela em seus galopes pela floresta, perseguindo lobos sem medo. Ela pode cair. Quebrar o pescoço... tão facilmente.

Sophie se afastou do portão, cambaleando.

— Quem é você?

— Eu sou um governante, Sophie. Aquele que não tem medo de aproveitar as oportunidades que se apresentam.

— Você me pediu em *casamento* — disse Sophie. — Mas era tudo mentira.

— Em me *casaria* com você. Você seria um meio fácil de adquirir outro reino. — Ele deu de ombros. — Mas, agora, encontrei um jeito de adquirir dois. Pretendo me casar com a princesa do Catai logo depois de assumir o controle das Terras Verdes. O imperador está velho e doente. Ele logo não estará mais aqui.

— Você disse que me amava — Sophie falou, em lágrimas. Haakon riu. Piedade encheu seus lindos olhos.

— Pobre Sophie tolinha e de coração mole. Ainda falando sobre amor, mesmo depois de tudo pelo que você passou. O amor não importa. Tudo que importa é que a noiva possa me dar um herdeiro. Preciso de filhos para me ajudar a governar meus reinos.

— Eu acreditei em você... Eu acreditei *em você* — disse Sophie, com a voz embargada.

Mas Haakon não a ouvia mais. Estava olhando para as escadas. Sophie viu que tinha pouco tempo para convencê-lo a libertar Will e Arno.

— Haakon, poupe esses dois homens — ela implorou. — Deixe-os sair. Eles não têm nada a ver com isso.

— É muito arriscado. Eles contariam o que viram.

— Você não pode ser tão cruel. Você não pode simplesmente ir embora e nos deixar morrer de fome!

— Sophie, *Sophie*... — Haakon disse, estalando a língua.

— Não deixarei você morrer de fome. Isso *seria* cruel. Eu

preciso fazer o trabalho rapidamente. Sem testemunhas. Sem corpos. Nada para aborrecer os camponeses.

Com um sorriso pesaroso, deu mais alguns passos para trás do portão.

— Aonde você vai? O que você está fazendo? — perguntou Sophie.

— Capitão Krause — disse Haakon.

Krause deu um passo à frente.

— Sim, Sua Graça?

Haakon entregou a Krause sua tocha.

— Queime este lugar.

QUARENTA E SEIS

COM UMA INCLINAÇÃO DE CABEÇA, HAAKON se virou e foi embora, desaparecendo escada acima.

— Não! — Sophie gritou às costas dele. — Haakon, não faça isso!

O Capitão Krause e seus homens começaram a trabalhar. Eles destamparam os dois jarros que um dos soldados havia carregado para baixo e espalharam seu conteúdo pelo chão e pelas grades das criptas, incluindo aquela em que Sophie e seus amigos estavam. Vapores ardentes de óleo de lamparina subiram, queimando o nariz de Sophie.

— Por favor, nos deixe sair — implorou ela a Krause, chorando. — Você não pode nos deixar morrer!

Se Krause a ouviu, não deu nenhuma indicação. Seus homens seguiram suas ordens e, quando os jarros foram esvaziados, eles se dirigiram para a escada.

Krause fez uma pausa, esperando que eles saíssem. Assim que se foram, ele se virou e encostou a tocha no óleo e, em seguida, subiu as escadas correndo. Houve um barulho alto de sucção quando o óleo acendeu. Will agarrou Sophie e puxou-a para longe do portão. Chamas azuis viajaram pelo chão. Dispararam pelas criptas fechadas, alimentando-se da madeira dos velhos caixões e crescendo rapidamente.

Assim como o terror de Sophie. Com seus topos de pedra arqueados e interiores flamejantes, as criptas pareciam-se com fornos gigantes.

Enquanto Will tentava apagar as chamas que rastejavam em direção a eles através das barras, Sophie deu-se conta de que iria morrer. Devagar e dolorosamente. E Will e Arno

Schmitt iriam morrer com ela. Ela começou a gritar e não conseguiu parar. Zara, choramingando, andava de um lado para o outro.

Will estava se jogando contra o portão agora, tentando quebrar as barras ou entortá-las, mas elas eram feitas de ferro e não cediam. Ele encontrou um pedaço de pedra, que havia caído de uma tumba antiga, e a usou para golpear, mas a pedra se desfez em suas mãos.

Arno não gritou nem se atirou ao portão. Em vez disso, estava ocupado no fundo da cripta. Juntando seus pertences. Colocando coisas em uma mochila. Terminando uma garrafa de vinho.

— Pare, Sophie, *por favor* — disse Will. — Pare de gritar. Não consigo pensar. Eu preciso pensar.

— Não, continue assim, Sophie. Se você puder, grite ainda mais alto — disse Arno.

Ele voltou ao trabalho, assobiando.

Will olhou para ele sem acreditar.

— Estamos prestes a morrer queimados e você está assobiando músicas folclóricas?

Arno lançou a Will um olhar de desprezo.

— Bobo é o homem que constrói uma casa com uma porta só.

Ele agarrou a tampa de um caixão de madeira e, com esforço, empurrou-a para o lado.

Will viu uma caveira e, logo abaixo dela, a gola de renda apodrecida de um vestido outrora fino.

— Me desculpe, querida — disse Arno. Ele enfiou o braço no caixão e procurou lá dentro, franzindo a testa. — Ah! Aqui estamos nós! — exclamou, puxando um saco de couro estufado. Ele o deixou cair no chão. Fez um som tilintante. — Vou sentir falta deste lugar antigo — disse ele, olhando em volta melancolicamente. — Vizinhos quietos. Boas lembranças.

Seus olhos caíram sobre Will novamente:

— Você pode querer começar a gritar também, filho — aconselhou ele, empurrando a tampa de outro caixão para o lado. — Precisamos ser o mais barulhentos possível. Caso contrário, parecerá suspeito.

— Você é louco — disse Sophie.

O fogo estava mais quente agora. Suas labaredas alaranjadas dispararam através das barras. Uma espessa fumaça cinza subiu para a cripta. Enquanto Will recuava para se lançar ao portão novamente, ele sentiu um toque em seu ombro.

— Com licença, rapaz. Você acha que poderia me ajudar a tirar a tampa desta tumba? — Arno perguntou. — É muito pesada. E minhas costas não são o que costumavam ser.

— Vamos morrer! — Will gritou para ele. — Você não entende isso?

Arno sorriu maliciosamente.

— Não se você me ajudar. Pegue o lado menor — ele instruiu. — Em três, dê um bom empurrão. Pronto? Um, dois, três!

Will e Arno empurraram a tampa com toda força. Ela escorregou, caiu no chão e se espatifou. Will olhou para dentro. Não havia ossos lá. Em vez disso, havia uma escada de madeira frágil encostada em uma de suas paredes internas. Levava a um buraco negro.

O fogo estava empurrando o portão agora e lambendo um caixão lá dentro. A fumaça sufocante girava em torno de Sophie, cegando-a e fazendo-a tossir.

— Hora de irmos — disse Arno.

Ele acenou com a cabeça para Sophie.

— Pegue a moça, está bem?

— Sophie, vamos! — gritou Will, estendendo a mão para ela.

Ela estava tossindo incontrolavelmente. As lágrimas haviam lavado rastros da fuligem em suas bochechas.

— Sinto muito, Will! — ela chorou. — Me perdoe!

— *Está tudo bem!* Tem uma saída! — disse Will, puxando-a para dentro do túmulo. Sophie não acreditou nele, não até que olhou para o buraco.

— Para onde vai? — gritou ela por cima do barulho das chamas.

— Para fora! — respondeu Arno. — Ajudem-me com minhas malas!

Meia dúzia de sacos de couro bem fechados espalhavam-se pelo chão ao redor da tumba. Arno pegou um e jogou no buraco. Will fez o mesmo. Sophie, assustada e atordoada, agarrou um, mas suas mãos tremiam tanto que ela perdeu o controle sobre ele. Sua lateral se abriu quando atingiu o chão. As joias caíram. Pulseiras. Colares. E um brinco — ainda preso a uma orelha preta enrugada. Ela deu um grito agudo ao vê-lo.

Arno sorriu, malandro.

— Estava escuro. Eu estava com pressa. Não deu para arrancar direitinho — explicou ele.

Ele pegou as joias e as enfiou, junto ao saco rasgado, na mochila.

Sophie ergueu os olhos das joias para Arno. O *L* em sua face destacava-se na luz laranja.

— Você é um ladrão de túmulos — disse ela.

— Todos nós temos nossos defeitos — disse Arno. — Peguem esses sacos, sim? Está ficando um pouco quente aqui.

O fogo devorou o caixão perto do portão e saltou para vários outros. As chamas crepitavam a apenas trinta centímetros de onde os três estavam agora.

Enquanto Sophie e Will jogavam apressadamente o restante dos sacos no buraco e, em seguida, suas próprias mochilas, Arno fez uma tocha com uma ripa de caixão e um pedaço da mortalha de alguém. Ele largou a mochila na tumba e jogou uma perna por cima dela. Encontrou a escada com o pé e rapidamente trouxe a outra perna.

— Sigam-me — disse ele.

Em um instante, chegou ao pé da escada. Will pegou Zara e disse a Sophie para descer. No momento em que Will estava na escada, as chamas lamberam o último túmulo. Ele rapidamente se juntou aos outros e se viu em uma passagem baixa e estreita, escavada na terra.

— Que lugar é este? — perguntou Sophie.

— Um túnel de fuga. Provavelmente feito por padres durante uma guerra religiosa ou outra — disse Arno, enfiando os ombros nas alças da mochila. — Estava péssimo quando o descobri. Eu consertei isso.

— É seguro? — Sophie perguntou, olhando ao redor com incerteza. Arno bufou.

— Mais seguro que a morte? Sim. — Ele pegou dois sacos e fez sinal para que Sophie e Will fizessem o mesmo. — Fiquem perto. Vamos lá.

Os três caminharam pelo túnel, agachados.

Estava escuro. Água fria pingava do teto. Depois de caminhar por cerca de cinco minutos, eles chegaram a outra escada. Arno subiu os degraus primeiro, depois Sophie, então Will entregou os sacos de Arno, Zara e as próprias coisas, antes de subir ele mesmo. Eles se viram em um mausoléu grande, a cerca de cinquenta metros da igreja descendo a colina. Ouviram gritos e o chiado e crepitar de um incêndio violento. Todos tinham ido até lá. Com o cuidado de permanecerem nas sombras, espiaram através da filigrana de ferro o incêndio acima deles.

Os moradores de Grauseldorf cercaram sua antiga igreja, alguns pressionando as mãos no rosto, outros chorando. Krause e seus homens, fingindo preocupação, mantiveram as pessoas longe do fogo, gritando que era perigoso demais chegar perto.

— Vou passar a noite aqui — disse Arno. — Há muitos soldados por aí para o meu gosto.

Ele fez uma cama em um canto escuro da tumba e logo adormeceu. Will fez o mesmo.

Sophie sentou-se ao lado deles, mas não conseguiu dormir. Ficou acordada a noite toda, observando Haakon partir com Krause e seus soldados. Assistindo aos velhos chorarem enquanto a torre do sino desabava. Enquanto as paredes desmoronavam. Ela ainda estava acordada ao amanhecer, olhando para as ruínas.

QUARENTA E SETE

UM BARULHO ASSUSTOU SOPHIE.

Ela acordou de repente. Abriu os olhos. A luz estava fluindo pelo mausoléu, entrando pelas janelas e pela porta.

Ela fechou os olhos novamente, prendendo vívidos redemoinhos de laranja e ouro atrás de suas pálpebras. Por alguns segundos horríveis, estava de volta dentro da cripta enquanto os soldados incendiavam o local. Ela podia ver o fogo subindo, sentir o cheiro da fumaça, ouvir-se gritando.

São Sebastião agora era um monte fumegante de cinzas e destroços, assim como suas esperanças, seu futuro. A vergonha queimou dentro dela, tão quente quanto as chamas que devoraram a igreja, quando percebeu que sua madrasta e as pessoas na corte estavam certas. Ela *era* tola e fraca. Confiava em Haakon porque ele era lindo e deslumbrante, porque havia falado palavras românticas e a feito acreditar que a amava. Seu coração tinha sido sua ruína. Outra vez.

Algo se moveu embaixo de Sophie, empurrando-a. Ela percebeu que sua cabeça estava apoiada em uma criatura quente e respirando; seu braço estava pendurado nela. *Zara*, pensou, abraçando a cadela para se confortar.

Não parecia ser Zara. Não cheirava como ela. Cheirava a fumaça, mas, por baixo disso, havia os aromas de pinho, couro, lavanda, suor.

Sophie ergueu a cabeça. Não era Zara que ela estava abraçando, era *Will*. Mortificada, ergueu-se sobre os braços. Ela se lembrava de se sentar ao lado dele no escuro enquanto ele dormia. *Devo ter adormecido e depois tombado como um saco de cebolas*, pensou.

O barulho veio novamente. Sophie olhou ao redor com a visão turva. Era Arno. Ele estava andando pelo mausoléu, empurrando as tampas dos caixões, procurando outras soltas.

— Bom dia! — gritou ele ao vê-la. — Seu namoradinho está acordado?

Sophie piscou para ele.

— Meu o quê? Quem... *Ele?* Ele não é... Will não é meu...

Arno olhou para ela, ainda meio curvado sobre Will. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não se preocupe. Nunca direi nada.

Sophie rapidamente se levantou. Limpou um pouco de poeira imaginária de sua calça. Zara, que estava enrolada perto, imediatamente se acomodou no lugar quente que Sophie havia deixado. Will resmungou em seu sono, rolou de lado e colocou o braço em volta da cachorrinha.

— Estranho arranjo que vocês três têm — disse Arno. — Mas quem sou eu para julgar?

Ele sacudiu outro caixão.

— Os aldeões se foram. Assim como os soldados. Podemos querer ir embora também. O Capitão Dose e o Príncipe Bombom pensam que estamos mortos. O que significa que não procurarão por nós. Isso nos dá uma vantagem.

Sophie assentiu. Seu cabelo estava solto. Fedia a fumaça. Ela se abaixou até a mochila e remexeu nela para encontrar uma fita para prendê-lo. Ao fazer isso, algo piscou intensamente do outro lado da tumba. Arno tirou de sua mochila a sacola de joias que se abriu e colocou-a sobre um caixão. Os raios pálidos do sol matinal reluziam sobre anéis, broches e colares que caíam de dentro.

Sophie olhou para os itens roubados com desgosto, lembrando-se da orelha enrugada. Arno percebeu que ela estava olhando.

— Quer um anel de rubi? — perguntou ele.

— Não quero nada — disse Sophie com desgosto. — Você tirou isso de um cadáver. Você é um ladrão de túmulos. Rouba dos mortos. Como você pode fazer *isso*?

Arno bufou e lhe dirigiu um olhar faiscante:

— E você é realza. Rouba dos *vivos*. Como pode fazer isso?

— Eu nunca roubei nada na minha vida! — Sophie disse, ofendida.

— Você parece mais uma lavradora do que uma princesa agora — disse Arno, aproximando-se dela. — Mas aposto que, antes de os lobos a dilacerarem, ou seja lá o que tiver acontecido, você usava vestidos de seda, anéis de diamante e uma coroa de ouro também.

— Sim. O que é que tem isso?

— De onde vinham essas joias? Você trabalhava por elas?

— Bem, eu.... Não é como se.... Nós não...

— E os castelos, palácios e carruagens? Vocês merecem tudo isso? — Ele se abaixou e desenhou um *L* em sua bochecha com um dedo sujo. — *Ladra* — disse ele, rindo.

Sophie deu um tapa na mão dele, mal-humorada. Esfregou o *L* e retomou a busca por uma fita. E Arno retomou sua busca por um esconderijo.

Will acordou quando Sophie estava terminando sua trança. Seus olhos se encontraram.

— Nem uma palavra sobre belos príncipes — ela o avisou, muito ranzinza para qualquer tipo de zombaria. — Nenhuma.

Will estremeceu com isso, como se a suposição dela doesse. Houve um momento de silêncio e então ele disse:

— O que você vai fazer? Não pode ir para Escandinai agora.

— Não, eu não posso.

Sua esperança de Haakon recuperar seu coração desaparecera. Não haveria exército para marchar sobre o castelo do Rei dos Corvos. Seu coração de relógio iria

desacelerar. Em breve. Provavelmente em alguma parte solitária e esquecida da Floresta Sombria.

— Aonde você vai?

— Para o Duque de Niederheim... Para o castelo dele — disse Sophie levemente. — Não é longe.

— Você sabia que seu nariz se enruga quando você mente?

Sophie fez uma careta.

— Você não tem para onde ir, tem?

— Não — admitiu Sophie, com vergonha de precisar mentir.

Mas a verdade era que ela não tinha ninguém, e isso era doloroso. Durante toda a sua vida, estivera cercada por pessoas. De babás e damas de companhia a poderosos duques e ministros. Mas não podia confiar em nenhum deles. Sempre serviam à sua madrastra ou, agora, a Haakon. Não havia nenhuma pessoa de sua antiga vida a quem ela pudesse recorrer.

— Você poderia vir para casa comigo. Descansar um pouco. Comer um pouco da comida caseira.

— Vou para casa com você — disse Arno. — Eu gostaria de um pouco dessa comida caseira.

Sophie e Will o ignoraram.

— Não posso fazer isso, Will. Quase matei você ontem à noite.

— Não tenho medo de Haakon.

— Deveria ter — disse Sophie. — Você deveria ter medo de qualquer pessoa que queira tanto o poder quanto ele.

— Sophie...

— Will, obrigada. De verdade. Mas tenho problemas maiores do que Haakon. E eu... Não tenho tempo... Eu...

— Eu isso e aquilo — interrompeu Arno. — Talvez você não seja o centro do mundo, Princesa Preciosa. Já pensou nisso? Você vai simplesmente deixar aquele traste cruel do Haakon comandar este país? Se ele ficou feliz em nos queimar

vivos, o que fará com os outros que ficarem em seu caminho?

Sophie estava farta daquele homem rude.

— O que você quer que eu faça, Arno? — perguntou ela, pondo-se de pé.

— Tome de volta sua maldita coroa.

Sophie olhou como se ele estivesse louco.

— Eu sozinha? — perguntou ela. — Apenas eu. Sem exército. Ou armas. Ou uma fortaleza. Só eu e minha cadelinha magra. Não tenho nem dois centavos para comprar o café da manhã!

— Só porque você não tem dois centavos — ou um exército — hoje não significa que não os terá amanhã.

Mas eu não tenho um amanhã!, Sophie queria gritar com ele. Em vez disso, ela disse:

— Arno, você não sabe do que está falando.

— Nem você, sua tonta.

Sophie balançou a cabeça com espanto por sua ousadia.

— Sabe, talvez eu vá tomar minha coroa de volta. Só para poder decapitar você!

— Você já se hospedou na casa de um caçador? Sabe de que tamanho é? O que comem no jantar? Você pode aprender algo. Sobre seu próprio povo. Sobre suas vidas. Vá para a casa do garoto, pelo amor dos céus. Não vê que ele quer que você vá? — Arno piscou. Ele ergueu a mão ao lado da boca. — Acho que ele gosta de você!

Sophie ficou vermelha.

— Oh, meu Deus. Arno, isso é tão inconveniente. Will é casado!

Will, bebendo água de seu cantil, cuspiu.

— Sou o quê? Não, não sou!

— Mas você... Você disse...

— Eu disse *o quê?*

— Você disse que tinha alguém em casa. Que precisava de você.

— Minha *irmã*.

— Ah. — O rubor de Sophie se intensificou. Ela queria sair correndo.

Arno bateu palmas.

— Viu? Eu tinha razão! Você já aprendeu algo!

Ele colocou a mochila sobre os ombros e pegou uma espada que havia escondido na tumba e o molho de chaves. Guardou suas joias num saco e ficou pronto para partir. Um minuto depois, abriu a porta do mausoléu.

— Vamos, garota. Vamos comer lombo de veado. Polvilhado com pimenta-do-reino e coentro. Servido com molho de groselha. Talvez algumas batatas fritas e repolho refogado de acompanhamento.

— Que tal ensopado de coelho? — perguntou Will. — Se eu tiver sorte o suficiente para pegar alguns no caminho?

— Aceito também.

Os três saíram da cripta para a luminosidade. Arno ergueu o rosto para o sol; ele sorriu. Esticou bem os braços carnudos.

— Ahh! — disse ele. — É bom estar morto.

QUARENTA E OITO

SOPHIE SABIA QUE ESTAVA EM APUROS a cerca de um quilômetro da cabana de Will. O tique-taque em seu peito estava lento e pesado depois de quase dois dias de caminhada. Enguiçava, parava e começava novamente. Não era alto — Sophie podia apenas sentir, não ouvir —, mas, de alguma forma, isso a assustava ainda mais. Ela estava fraca. Seus membros pareciam estar cheios de areia. Parava de vez em quando para jogar gravetos para Zara pegar enquanto ela, Will e Arno caminhavam pela floresta, mas as pausas brincalhonas eram um estratagema — ela precisava delas para recuperar o fôlego e reunir forças. Chegou à cabana por pura força de vontade.

Ao chegarem ao pequeno e organizado jardim que cercava a humilde casa, Sophie viu uma senhora sentada ao sol, tricotando uma cesta de lã. Uma menina estava sentada ao lado dela. Seus olhos estavam fechados; seu rosto, inclinado para o sol poente. Ela estava enrolada até o pescoço em cobertores como se fosse inverno, não verão.

— Oma? — gritou Will. — Eu trouxe amigos.

A senhora se virou. Suas sobrancelhas se ergueram de surpresa. Seus olhos penetrantes, do mesmo cinza que os do neto, mediram Sophie e Arno. Observaram a cicatriz de Sophie, que estava aparecendo pelo decote da blusa e o *L* na bochecha de Arno.

A menina fez uma careta.

— Esta é minha avó — disse Will. — E Gretta, minha irmã. Oma, Gretta, estes são Sophie, Arno e Zara.

— Como vocês... — Sophie começou a dizer.

Mas ela nunca terminou a frase, porque sua visão ficou turva, ela tropeçou e caiu no chão. Will e Arno a ajudaram a se levantar.

— Céus! O que há de errado com ela? — perguntou a velha, pondo-se de pé. — Ela estava branca como um fantasma.

— Eu não sei — admitiu Will.

— Rápido, garoto. Sente-a.

Enquanto Will e Arno acomodavam Sophie na cadeira de Oma, esta correu para a cabana. Ela voltou alguns segundos depois com uma garrafa de vinagre e a posicionou sob o nariz de Sophie.

O cheiro forte engrenou o coração de Sophie de volta a um ritmo constante.

— Obrigada — disse ela, agradecida.

Sentiu um pouco de força retornar ao seu corpo.

— O que houve? — perguntou Will.

— Nada. Foi só... uma fraqueza — Sophie mentiu. — Tenho me sentido zozna desde o incêndio. Provavelmente é por causa da fumaça.

Ela não queria contar a verdade — que seu coração estava falhando. Mal conseguia enfrentar isso sozinha.

— Incêndio? — disse Oma. — Fumaça?

— É uma longa história — falou Will.

Oma olhou para ele.

— Gatos de rua. Vira-latas. Agora uma garota e um ladrão perdidos — disse Oma. — É você que os encontra, Will? Ou eles é que encontram você?

Will riu. Sophie ergueu os olhos e viu que ele estava abraçando a irmã com ternura. Os membros da garota eram finos como palitos de fósforo. Sophie pensou que ela era muito jovem quando a viu pela primeira vez, talvez cinco ou seis anos, mas agora percebeu que a menina devia ter dez ou onze anos. Seu corpo era debilitado. Sophie percebeu que ela não era forte o suficiente para andar sozinha.

A garota, com os olhos arregalados em seu rosto tenso, observou Sophie de perto.

— Olá — disse Sophie, sorrindo para ela.

— Você está fedendo — disse a garota.

— Gretta! — Oma repreendeu.

— Bem, ela está.

Sophie sabia que cheirava a fumaça. E provavelmente coisa pior. Já fazia muito tempo que não se lavava.

— Posso usar sua banheira? — ela perguntou.

Oma riu. Ela enganchou o polegar sobre o seu ombro.

— Você não precisa pedir minha permissão. Nossa *banheira* é lá fora.

Sophie esticou o pescoço. Ela viu um fluxo prateado de água borbulhando atrás da casa. — Mas aquilo... é um riacho.

— Pois é. Pegue um sabonete e uma toalha, por favor, Will. E para você e Arno também.

Arno parecia que ia recusar o banho, mas depois farejou disfarçadamente as axilas e fez uma careta. Will colocou Gretta no chão e desapareceu na cabana.

— Mas não há privacidade — Sophie protestou, ainda olhando para o riacho.

— Caminhe rio abaixo se estiver incomodada com isso. Ninguém verá você lá, exceto os veados. Os homens podem se banhar rio acima. Certifique-se de lavar o corte em seu lábio. Está inchado. Use bastante sabonete. E lave suas roupas enquanto estiver lá. Você pode pendurá-las no varal.

— Mas só tenho estas roupas. O que devo vestir enquanto secam?

— Você pode pegar algo emprestado. Não posso deixar você trazer pulgas para dentro de casa.

— Pulgas! — Sophie exclamou, mortificada. — Não tenho pulgas!

— Aposto que sim — disse Gretta, estreitando os olhos. — Parece ter.

— Will! — Oma berrou. — Traga algumas roupas velhas!

Will voltou da cabana alguns minutos depois com tudo o que sua avó pedira que ele pegasse. Entregou algumas coisas para Sophie, outras para Arno.

— Will, você caçou um coelho? Podemos ter... — Gretta gritou.

Um acesso de tosse interrompeu sua pergunta.

Will se ajoelhou ao lado da irmã e esfregou suas costas. A tosse piorou. Sophie já estava indo para o riacho. Ela parou e se virou, preocupada. Gretta não conseguiu recuperar o fôlego. Seu rosto estava começando a ficar azul; suas pequenas mãos, atadas na camisa de Will. Sophie começou a voltar até eles, seu coração batendo forte, mas, quando o fez, Gretta conseguiu limpar o que quer que estivesse em sua garganta. Respirou fundo, depois caiu nos braços de Will. Ele a carregou para a cabana.

Oma estava bem atrás dele, com o rosto sombrio. Sophie deu alguns passos incertos em direção a eles, mas depois parou, sentindo que não era necessária. Ou desejada. Então continuou para o riacho. Quando chegou lá, viu que alguém o havia represado com pedras para criar uma piscina profunda. Depois de pendurar sua toalha e as roupas limpas em um galho de árvore para mantê-las secas, ela rapidamente se despiu e largou as roupas sujas na margem. Em seguida, entrou na água com o sabonete na mão. Zara a seguiu.

A água estava tão gelada que a fez recuperar o fôlego, mas estava gostosa também. Especialmente quando ela abaixou a cabeça e a água fluiu sobre seu lábio inchado, entorpecendo-o. Nada poderia entorpecer a dor que sentia pela traição de Haakon, no entanto. Ela acreditara nele. Confiara nele. Amara, até. Pelo menos, pensava que sim. Imaginou a satisfação presunçosa de sua madrastra quando Haakon dissesse a ela que Sophie estava realmente morta. Adelaide sorriria e diria que a garota não passava de uma idiota perdida, tão compassiva, tão sem noção, tão fácil de manipular.

Os dedos frios e finos da vergonha agarraram Sophie como se fossem envolver suas pernas, segurá-la e afogá-la. Por um breve e sombrio momento, ela se perguntou se deveria simplesmente se deixar levar. Para quem ela era importante? Para si mesma? Para ninguém?

Mas, então, percebeu algo: ela havia escapado, e nem Adelaide nem Haakon sabiam disso. Em parte, por sorte, sim — ela não teria sobrevivido à traição de Haakon se não fosse por Arno —, mas também por ter bom senso o suficiente para confiar em uma pessoa boa — Will — e ter coragem de fugir, esconder-se e lutar por sua vida.

Que Adelaide e Haakon dissessem o que quisessem. Ela não era tão perdida assim.

Ela escapara. Estava viva. E nenhum deles sabia disso.

Encorajada por essa constatação, Sophie chutou os dedos finos da vergonha para longe. Com um respingo barulhento, emergiu e respirou fundo.

— Quem é a idiota agora? — ela sussurrou.

E, assim, pôs-se a se esfregar. O último banho de Sophie fora tomado na Toca, e ela não percebeu quão suja havia se tornado. Atacou o corpo com a barra de sabonete, esfregando cada centímetro dele e depois espalhando uma nuvem de espuma pelo cabelo. Quando terminou, puxou a roupa suja para a água e a esfregou também. Depois lavou Zara. A cadela submeteu-se ao banho, mas saiu correndo da água assim que pôde e sacudiu-se. Sophie a seguiu, enxugou-se e vestiu-se. O banho, as roupas limpas — eles a faziam se sentir como se tivesse renascido.

Ela carregou suas coisas molhadas de volta para a cabana e as prendeu no varal. O cheiro de comida saiu pela janela. Cebola fritando na manteiga. Tomilho picado. Seu estômago roncou alto. Não havia ninguém no quintal e a porta da cabana estava aberta, então ela entrou. Zara ficou do lado de fora para se secar ao sol.

Will estava parado perto de um grande fogão preto, de costas para ela, tostando pedaços de coelho em uma

grande panela de ferro. Seu cabelo estava molhado. Ele vestia roupas limpas também.

— Gretta? Ela...

— Ela está deitada — disse ele secamente.

— Ela está...

— Ela está bem.

— A casa dos seus pais é muito bonita.

— Não é dos meus pais; é da minha avó.

— Ah. Mas seus pais estão aqui? Onde eles estão?

— Mortos.

— Me perdoe. O que aconteceu com eles?

— Morte.

— Sim. Bem. Quer saber? O cheiro do coelho está uma delícia — disse Sophie com um suspiro, desistindo de tentar puxar conversa.

Depois de passar dias caminhando pela floresta com ele, ela sabia que não devia tentar fazê-lo falar quando não queria.

Will pegou uma jarra de cerveja. A cozinha estava silenciosa, exceto por um chiado alto e fumegante, quando ele despejou o líquido na panela quente. Sophie, de pé, constrangida, sem nada para fazer, encostou-se em um armário e o observou.

O rosto de Will estava vermelho com o calor do fogão. Ela notou que uma mecha de cabelo descia ao lado de seu rosto, enrolando como um ponto de interrogação contra sua pele. Seus movimentos eram deliberados e contidos. *Como todos os caçadores*, Sophie pensou. Ele estava vestindo o avental da avó sobre uma túnica de linho gasta e calças remendadas. Ela gostou da maneira como ficava nele, de como se acomodava em seus quadris estreitos, da forma como os laços estavam frouxamente amarrados em seu traseiro.

É um traseiro bastante adorável, ela pensou, inclinando a cabeça para ver melhor. Ao fazer isso, seu coração fez um ronronar profundo e quente.

Ela se endireitou, com vergonha.

Will virou a cabeça. Ergueu uma sobrancelha.

— Relógio — Sophie sorriu.

— Relógio. Você poderia pôr a mesa.

— Sim — Sophie respondeu ansiosamente. — Eu posso. Posso fazer isso.

O que há de errado comigo?, ela se perguntou ansiosamente. Seu coração mecânico estava se tornando cada vez menos confiável, comportando-se de maneiras totalmente contrárias aos seus sentimentos. Ela não se importava com Will ou seu traseiro. Isso e o desmaio que sofrera eram sinais de que o coração estava desacelerando mais rápido do que os irmãos previram?

A ideia preocupou Sophie, mas ela não teve muito tempo para pensar nisso. Will apontou para um armário. Ela o abriu, encontrou um pano limpo e o espalhou sobre a mesa redonda de madeira. Em seguida, colocou guardanapos e talheres e decidiu que algumas flores eram necessárias. Tirando uma tesoura de uma gaveta, ela cortou algumas flores do jardim de Oma e as arrumou em um vaso.

Oma, que estava com Gretta, fazendo-a beber um chá que ela preparara com o conteúdo dos pacotes que Will trouxera do boticário, agora fora atropelada por Sophie com um pão e um prato de manteiga para a mesa.

— Que noite você teve em Grauseldorf — disse ela secamente. — Will me contou tudo. E um pouco mais.

— Sim, foi uma noite e tanto — disse Sophie, desconfortável sob o olhar de desaprovação da senhora. — Devemos agradecer a Arno por nos tirar da cripta.

— Hmm. E eu acho que temos que agradecer a você por envolver meu neto nisso — disse Oma. Depois, ela franziu a testa: — Seu lábio está sangrando de novo.

Sophie tocou o lábio com os dedos. Eles voltaram vermelhos.

— Não vai sarar sozinho — disse Oma.

— Vai ficar bom, tenho certeza.

— Eu, não — disse Oma, pegando uma garrafa da prateleira e um pedaço de linho. — Sente-se aí — ela instruiu Sophie, apontando para um banquinho embaixo de uma janela. — A luz está melhor. Preciso ver o que estou fazendo.

Oma conduziu uma relutante Sophie até o banquinho e a acomodou nele. Ela abriu a garrafa e derramou um pouco do líquido fedorento no pano.

— Feche os olhos — disse ela para Sophie.

— Dói?

— Sim.

A mistura de Oma queimava como fogo líquido.

— *Ai! Aaaaauuu!* — Sophie uivou.

— Agente firme. Não aja como um bebê — Oma repreendeu.

— *Ão ou um eê!* — protestou Sophie o melhor que pôde sem usar o lábio superior.

Lágrimas arderam em seus olhos. Quando ela pensou que iriam transbordar, ela sentiu uma mão escorregar na sua, áspera, quente e forte.

— Aperte com força — disse Will. — Essa coisa aí é horrível.

Sophie o fez e Will apertou de volta. E, finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Oma terminou.

— Pronto. Terminei. Agora vai se curar rapidinho — disse ela, pressionando o linho contra a ferida para limpar o sangue fresco. — Pegue isto. Mantenha um pouco a pressão.

— Obrigada, eu acho — Sophie disse, abrindo os olhos e pegando o pano. Seu lábio estava latejando.

Oma guardou a garrafa. Quando ela se virou, seus olhos foram para a mão de Sophie. E do neto dela. Eles ainda estavam segurando.

— *Pronto* — disse ela novamente.

Will voltou ao seu ensopado. Sophie pressionou o pano contra o lábio com as duas mãos.

E Oma saiu para ver onde estava Arno. Ao fazer isso, ela olhou por cima do ombro para o neto, que estava cantarolando agora enquanto cuidava do ensopado. Ele nunca cantarolava. Em seguida, ela olhou para a garota, inclinando depois a cabeça para melhor observar o garoto.

Com a testa franzida, ela murmurou para si mesma:

— Encontros na Floresta Sombria, ladrões, garotas de calças... Nada de bom pode vir disso.

QUARENTA E NOVE

SOPHIE NUNCA TINHA CHEIRADO NADA TÃO delicioso quanto o ensopado de coelho de Will.

Ele o trouxe para a mesa na panela. Todos estavam sentados, guardanapos no colo. Zara se arrastou para debaixo da mesa, apenas no caso de alguém deixar cair alguma coisa.

Depois de colocar a panela na mesa, Will se sentou também. Arno estava prestes a pegar uma fatia de pão quando viu Oma baixar a cabeça. Will e Gretta fizeram o mesmo. Sophie fez o mesmo, e Oma fez uma prece para agradecer a refeição.

Assim que ela terminou, Will tirou a tampa da panela e o vapor saiu. O coração de Sophie deu um salto. Oma ergueu uma sobrancelha. Gretta, que se levantou da cadeira e se apoiou na mesa com as mãos, e Arno, que fez a mesma coisa, estavam muito ocupados olhando para a panela para perceber.

— É um relógio — Will explicou para Oma.

— Um relóginho — disse Sophie. — Que eu levo comigo no bolso.

Will entregou a concha a Sophie, que, levada pelo aroma de dar água na boca, avidamente pegou legumes, molho e um pedaço de carne. E depois outro. E mais um. Tudo cheirava tão *bem*.

Oma olhou para o prato de Sophie, que percebeu que tinha servido mais do que sua parte no ensopado.

— Sinto muito — ela falou, enrubescendo.

E devolveu a maior parte de volta com pressa.

— A comida deve ser muito abundante no lugar de onde você vem — Oma disse maliciosamente.

— É, sim — Sophie respondeu com timidez.

Ela estava acostumada com a comida aparecendo do nada à sua frente. Normalmente, em bandejas de prata. Ela nunca considerou por um instante de onde tinha vindo ou como era não ter o suficiente.

Oma serviu Arno, depois a ela e aos netos, e então todos comeram com avidez. Sophie estava faminta. Ela fez tudo o que pôde para não enfiar o guisado na boca.

— Will disse a mim e a Oma que você é a princesa. Mas ouvi que a princesa morreu. Então você é um fantasma? — perguntou Gretta.

Oma bufou.

— Com um apetite desses? Acho difícil!

O rosto de Gretta entristeceu.

— Então você *não* é um fantasma?

— Não exatamente. Lamento — disse Sophie, com um sorriso triste.

Gretta ia dizer mais alguma coisa, mas, antes que pudesse, começou a tossir de novo. E, assim como antes, ela tossiu tanto que não conseguiu recuperar o fôlego.

— O que há de errado? — Sophie perguntou.

Mas a atenção de Will e Oma estava em Gretta, e eles não responderam.

Felizmente, o ataque não durou tanto quanto o anterior.

— Síndrome consumptiva — Gretta disse quando conseguiu falar de novo.

— Calma, Gretta! — Oma repreendeu, magoada com as palavras da garota. — Não é. É um forte resfriado que não passa. Você está doente, só isso. Um pouco fraca. Você...

Gretta interrompeu a avó.

— Esta cabana não é muito grande, Oma. Eu ouço você e Will conversando à noite, sabe.

Will não disse nada, mas apertou a mandíbula com tanta força que um músculo saltou em sua bochecha.

O coração de Sophie contorceu-se dolorosamente. Ela sabia que era uma doença cruel que minava a força e a vitalidade de suas vítimas, mas demorava muito para matá-las.

— Como você pegou? — ela perguntou.

— Minha mãe. Ela tinha. Estava melhorando, mas então a rainha tomou nossa fazenda e ela piorou.

— Por que a rainha tomou sua fazenda?

— Ela queria a colheita para alimentar seus soldados. Tínhamos hectares e hectares, e cultivávamos todos os tipos de coisa. Minha mãe estava doente antes da chegada dos soldados. Ela não durou muito depois. E então meu pai também adoeceu. Embora Oma diga que *ele* morreu de um coração partido.

O coração de Sophie parecia estar se partindo. Fez um barulho lento e retumbante, como o som de um tambor batendo um canto fúnebre. Agora ela sabia por que Will havia dito que desprezava a rainha, a princesa, o palácio e todos nele — porque sua madrasta havia destruído sua família. Sophie condoeu-se por ele, por Gretta e Oma, mas sua tristeza estava misturada com raiva também. Adelaide não via o que estava fazendo? Não entendia que suas ações brutais tinham consequências terríveis para seu povo? Ela estava tão vigilante, tão preocupada com as ameaças de seus inimigos. Levantava exércitos, construía navios de guerra — tudo para manter seu povo seguro. Mas, ao fazer isso, ela mesma se tornara inimiga deles. E o que aconteceria se Haakon ganhasse e assumisse o controle das Terras Verdes? Sophie sabia — as coisas ficariam ainda piores.

— Sinto muito, Gretta — disse ela.

— Odeio a rainha — disse Gretta, cerrando os punhos. — Odeio o palácio e todos que existem nele. Eles levam tudo, enquanto nós mal temos o que comer. Eu também odeio você, Sophie!

— Gretta, pare. Isso é mal-educado — disse Will.

Os olhos de Oma faiscaram para Sophie.

— E perigoso.

— Sophie não é como a rainha — disse Arno, roendo um osso. — Ela vai pegar a coroa de volta. Mudar as coisas.

— Você vai? — perguntou Gretta, com um misto de esperança e descrença na voz.

Sophie baixou o olhar para o prato. Ela não conseguiu responder a Gretta. Fazer isso significava extinguir a esperança nos olhos da doente. Houve um silêncio desconfortável, e um novo tipo de fome tomou conta de Sophie — esta não estava em sua barriga, mas no fundo de seu coração defeituoso.

Pela primeira vez, Sophie teve fome por seu trono, e essa fome era tão grande que era uma dor física. Ela ansiava por sentar-se de costas eretas e majestosas na cadeira dourada e sentir o peso doce e sombrio da coroa das Terras Verdes sobre sua cabeça. Não para que ela pudesse assustar embaixadores coberta por um manto cravejado de joias. Não para construir a maior armada do mundo. Mas para que ela pudesse ter certeza de que uma mulher grávida nunca fosse expulsa de sua casa. De que um adolescente que perdera a visão lutando por seu país não fosse descartado como um brinquedo quebrado. De que uma jovem teria algo melhor para fazer do que tossir até a morte.

Mas Sophie sabia que era uma fome que nunca poderia ser satisfeita e que doía mais do que qualquer coisa que sentira antes. Seu coração não estava apenas defeituoso, mas também falho; cada segundo o aproximava de seu tique-taque final. E, à medida que ela ficava mais fraca, seus inimigos ficavam mais fortes. O pensamento de seu povo suportando a crueldade de Adelaide, e logo também a de Haakon, encheu-a de uma desesperança profunda e dolorida.

Oma, olhando para Sophie, ficou em silêncio, como uma leiteira borbulhando antes de ferver. Ela olhou para Will e disse:

— O que foi que você trouxe para dentro de casa? — Gesticulando para Arno, ela disse: — Você é um ladrão, mas isso não me preocupa, porque não temos nada para roubar. E depois olhou para Sophie: — Mas você é uma princesa morta que não morreu, e isso me preocupa muito. Eu ouvi sobre você dias atrás. A notícia corre rápido pela Floresta Sombria. Você deixou uma boa impressão em Drohendsburg, salvando aquela família do despejo. E esses veteranos? Eles marchariam até o fim da terra por você. — Ela passou manteiga em uma fatia de pão e apontou a faca em Sophie. — Você deu esperança a essas pessoas, menina, e isso é perigoso. Não há arma maior em todo o mundo do que a esperança. É perigosa porque é poderosa. E não pense por um segundo que esse príncipe — Haakon — não sabe disso. Se ele perceber que você escapou, derrubará portas tentando encontrá-la. Você vai trazer um mundo de problemas para nós.

— Oma — disse Will ríspidamente. — Sophie está aqui porque eu quero que ela esteja. As coisas que aconteceram... Não são culpa dela.

Sophie ergueu os olhos.

— Não, Will. Sua avó tem o direito de ficar preocupada. Eu não deveria ter vindo aqui. É que... Eu estava com medo. Queria um lugar seguro. Apenas por alguns dias. Um lugar quieto. Um lugar para... — suas palavras sumiram.

— Um lugar para quê? — perguntou Will.

Sophie olhou para ele. Seu olhar, claro e honesto, deu-lhe forças para dizer.

— Um lugar para morrer.

CINQUENTA

— O QUE VOCÊ QUER DIZER, com *um lugar para morrer?* — perguntou Will.

Oma balançou a mão para Sophie.

— Deixe para lá, garoto. Você não vai conseguir uma história honesta dela.

Mas os olhos de Will, tão cinza-escuros quanto uma tempestade agora, estavam fixos em Sophie.

— O que você quer dizer? — ele perguntou novamente para ela.

Sophie não queria fazer isso. Não queria se revelar, revelar seu coração. Não para Will. Ele a odiava e odiava o que ela representava. Toda a sua família a odiava. E, no entanto, era isso que seus olhos cinzentos estavam pedindo que ela fizesse. Eles a estavam desafiando. Para ser sincera. Para confiar nele. E ela sabia que, se mentisse para ele, aqueles olhos se fechariam contra ela e, por algum motivo, conhecido apenas por seu coração defeituoso, ela não poderia suportar isso.

Respirando fundo para se acalmar, ela desamarrou a gola de sua túnica emprestada e a abriu de modo que ele, Oma, Gretta e Arno pudessem ver a cicatriz vermelha que cortava sua pele.

O olhar de Will viajou da clavícula de Sophie até o topo de seu seio.

Ele estremeceu, mas não desviou o olhar. Arno soltou um assobio baixo.

— É feio, não é? — disse Sophie. — A história por trás disso é mais feia ainda. Tem certeza de que deseja ouvir?

— Sim — disse Will.

Sophie olhou para Gretta, preocupada que o que ela iria dizer fosse duro demais para os ouvidos jovens da garota.

Gretta ergueu a colher, agitando-a para Sophie como uma espada.

— Nem pense em não me contar — ela avisou. Virando-se para o irmão, ela disse: — Se você me colocar no meu quarto, vou escutar pela parede.

Will suspirou, resignado.

— Vá em frente — disse ele para Sophie.

E Sophie foi. Contou a eles o que havia acontecido com ela, começando com sua cavalgada matinal com o caçador de sua madrasta e terminando com sua fuga de Haakon.

— Eu acreditei em Haakon. Até que ele tentou me matar. Eu acreditava que ele me ajudaria a recuperar meu coração. Agora nunca mais vou recuperá-lo, e o que está dentro de mim logo vai parar.

Tudo estava quieto quando Sophie terminou de falar. Ninguém disse uma palavra por algum tempo. Ninguém se levantou para limpar os pratos sujos ou a panela vazia. O crepúsculo batia nas janelas.

Arno falou primeiro.

— Mesmo se Haakon estivesse do seu lado, Sophie, não tenho certeza se ele conseguiria invadir Nimmermehr ou vencer o Rei dos Corvos.

— Por que não? — perguntou Sophie. — Ele teria um exército com ele.

— Não importa. Muitos já tentaram. Reis. Imperadores. Comandantes de guerra. Todos nem mesmo passaram pelo fosso. As coisas na floresta... — Arno abanou a cabeça, sem saber como descrever. — Monstros, *ghouls*, coisas aterrorizantes... Matam quem passa por ali, e apenas uma espiada nelas faz até os soldados mais duros correrem para salvar suas vidas.

Sophie se lembrou dos irmãos contando a ela sobre as criaturas aterrorizantes que rondavam os jardins de Nimmermehr e como elas tinham sido demais para Jasper.

Seu coração desistira com a simples visão delas. Ela temeu muito por Jeremias e Joosts. Uma parte dela esperava que eles tivessem desistido e voltado para a Toca. Se reis e comandantes de guerra não conseguiram vencer o Rei dos Corvos, como eles poderiam?

— Como você sabe de todas essas coisas? — Sophie perguntou a Arno.

— Eu estive lá — disse Arno. — Não *dentro* do castelo, mas perto dele. Rumores dizem que existe um túnel — uma rota de fuga escondida no caso de Nimmermehr cair sob cerco. Muitos castelos têm túneis. Eu queria encontrar.

— Por quê? — perguntou Gretta.

Arno encolheu os ombros.

— Corvus é um rei, certo? Os reis têm coisas legais.

— E você é um ladrão — disse Gretta.

— Exatamente, minha menina esperta — disse Arno, dando um tapinha em sua cabeça.

— Arno, quem é ele... O Rei dos Corvos? — Sophie perguntou. — O que ele faz com os corações que rouba?

— Não sei. Mas já ouvi falar. As pessoas dizem que o Rei dos Corvos é de uma terra estrangeira. Que ele próprio é um monstro. Um fantasma. Um vampiro. Dizem que existem feitiços para repelir suas criaturas e mantê-lo afastado, mas, pelo que eu posso dizer, é tudo um absurdo. Estive em quase todos os vilarejos, vilas e cidades das Terras Verdes, e nunca conheci uma pessoa, nenhuma, que tenha chegado a Nimmermehr e sobrevivido para contar a história.

O medo de Sophie por Jeremias e Joosts aumentou. Seu medo pela própria vida também cresceu. Levou um momento para reunir coragem e fazer a pergunta que mais tinha medo de fazer:

— Você sabe se existem feitiços que podem devolver um coração?

Arno hesitou um pouco e depois disse:

— Nunca ouvi falar de nenhum. — E apressou-se em acrescentar: — Mas isso não significa que não existam.

Outro silêncio caiu sobre eles. Sophie percebeu que estivera se enganando o tempo todo. Mesmo com o poder do exército de Haakon, ela não teria sido capaz de recuperar seu coração. Não havia esperança, e nunca houve. Isso era tão inevitável e esmagador como uma avalanche.

Desta vez, Gretta quebrou o silêncio.

— Lamento por ter dito que odiava você, Sophie.

— Não se preocupe com isso, Gretta. Eu me sentiria assim também, se eu fosse você — disse Sophie.

— Por quê, Sophie? Por que tudo isso aconteceu com você? — perguntou Gretta. — Por que o Rei dos Corvos levou seu coração?

Sophie olhou para as próprias mãos.

— Ah, Gretta — disse ela, com a voz pesada. — Eu também gostaria de saber.

— Não parece justo — disse Gretta.

Sophie sorriu tristemente.

— Não, não parece.

— Quanto tempo você tem antes... Antes de seu coração...? — Will não terminou sua pergunta.

Sophie respirou fundo e disse:

— Menos de três semanas agora, acho. Talvez um pouco mais ou um pouco menos.

Uma nuvem pairou sobre a sala. A tristeza era palpável. Zara, sentindo a angústia de Sophie, colocou a cabeça em seu colo. Enquanto Sophie coçava atrás das orelhas de cadela, uma rajada de tosse explodiu de Gretta. Will foi imediatamente para o lado dela.

— Eu não vou dormir! — ela protestou assim que recuperou o fôlego. — Se você tentar me levantar, vou ficar mole como um macarrão, eu juro!

— *Calma*. Ninguém está tentando colocá-la na cama. Suas mãos estão azuis. Você precisa se sentar perto do fogo — disse Will.

Gretta deixou que ele a carregasse até uma cadeira perto da lareira. Oma disse que prepararia um chá de menta para

aquecer a todos. Enquanto Will acomodava sua irmã e colocava um cobertor em volta dela, Sophie e Arno tiraram os pratos e os lavaram, depois se juntaram a Will e Gretta.

Will atiçou as brasas e colocou uma nova tora em cima delas. Sophie olhou para as chamas.

— Você está muito triste, Sophie — Gretta disse.

Arno bufou.

— Isso é um eufemismo.

— Eu gostaria que você não estivesse.

Sophie forçou um sorriso. E estava prestes a mentir para Gretta, a dizer que estava bem, quando Oma apareceu com o chá. Ela pousou as xícaras, acomodou-se na cadeira de balanço e disse:

— Não queira que a infelicidade de Sophie vá embora, criança. Ela precisa disso. No momento, é a coisa mais valiosa que ela tem.

— Ela precisa? — disse Gretta.

— É? — perguntou Sophie.

Oma gesticulou:

— Mas é claro. São as pessoas infelizes que fazem as coisas. Você já notou isso? Elas constroem coisas. Descobrem coisas. Inventam coisas. Como cálculos: só uma pessoa muito infeliz poderia tê-los inventado. As felizes apenas ficam sentadas comendo *strudel*. Elas raramente têm um impacto.

Sophie olhou de lado para ela.

— Não acredita em mim — disse Oma —, mas sei do que estou falando. Você já ouviu a história “Os Dois Irmãos e o Ogro”?

Gretta bateu palmas.

— Adoro histórias! — gritou ela.

Oma enfiou a mão em uma cesta, pegou seu tricô e começou a contar.

CINQUENTA E UM

— ERA UMA VEZ — COMEÇOU OMA —, um rico comerciante que vivia numa cidade próspera. Ele tinha uma filha linda e dois irmãos estavam apaixonados por ela. Mas um ogro também a amava e disse que se casaria com ela no solstício de verão. Se ela o recusasse, ele iria matá-la, assim como a todos os outros na cidade. O comerciante estava com o coração partido. Disse aos irmãos que qualquer um deles que pudesse matar o ogro poderia se casar com sua filha. Ambos os irmãos pediram ajuda a Tanaquill, a rainha das fadas. O mais velho, que era bonito, charmoso e sempre sorridente, pediu uma bolsa de ouro e uma jaqueta de seda amarela. Ele não precisava da jaqueta, não tinha nada a ver com seus planos de matar o ogro; apenas achava que o amarelo ficava bem nele. Tanaquill atendeu ao seu pedido. O irmão mais novo era simples. Também era culto e inteligente, mas tão tímido e quieto que ninguém sabia. Ele pediu uma sacola de ouro também, mas não uma jaqueta amarela. Pensou que fosse coisa demais. Mas tudo o que a rainha das fadas deu a ele foi uma bola de barbante.

Como o povo da cidade ria dele, parado na praça com uma bola de barbante nas mãos! Seu próprio irmão riu dele. O irmão mais novo se sentiu magoado e humilhado. Durante toda a sua vida, seu irmão mais velho havia sido o preferido. Durante toda a sua vida, o mundo o subestimara. Por que agora deveria ser diferente? Seu irmão deslumbrante conquistaria a filha do comerciante; claro que ele conquistaria.

— Este é o pior e mais deprimente conto de fadas que já ouvi — Will disse.

— Ainda não terminei — retrucou Oma. — Quando o irmão mais novo olhava para a bola de barbante, ela parecia zombar dele — ela continuou. — Parecia ser como ele, simples e rude, sem charme e nada engraçado a dizer. Furioso e com o coração partido, ele caminhou até o rio e jogou a bola na água. Mas, assim que se virou para ir embora, a bola de barbante saltou da água e rolou até parar a seus pés.

O irmão mais novo ficou muito perturbado com isso, então fugiu, mas a bola de barbante rolou atrás dele, ficando cada vez maior. Rolou na frente dele, bloqueando-o, não importava para onde ele tentasse ir. Assustado agora, o irmão mais novo chutou a bola de barbante para longe, sem parar, mas ela rolava para trás todas as vezes. Crescendo mais. Ficando mais e mais feia. Até que se tornou um monstro. O menino deu um soco repetidamente, lutando contra ele, tentando escapar dele, mas só conseguiu se enredar ainda mais.

Exausto e sem esperança de se libertar, o jovem chorou, prestes a desistir de ganhar a filha do comerciante. De fazer algo de si mesmo. De tudo. Seu coração doía tanto. Foi quando a bola de barbante começou a falar com ele. Isto é o que disse:

Fuja de mim e você verá que nunca escapará.
Eu apenas cresço: vire as costas, e eu apareço.
Derrubo você, arrasto você.
Mas fique de pé e me enfrente
e eu revelarei o que terá de presente.
Seu caminho, seu destino,
Não mais *de onde*, só *para onde*.
A tarefa é exigente, mas você é inteligente.
Ousado, corajoso e forte de coração.
Correr faz o monstro crescer:
nunca se esqueça da lição.

— Enquanto o barbante falava, cada meada emaranhada que segurava o menino se soltou lentamente, até que ele se libertou. E, então, encolheu, tornando-se apenas uma pequena bola novamente, imóvel e silenciosa em sua mão.

Enquanto o irmão mais novo lutava com o barbante, o mais velho usava seu ouro para comprar canhões. Ele os arrumou ao redor das muralhas da cidade para poder atirar no ogro no instante em que a horrível criatura fosse avistada. Mas vários dias se passaram e nenhum ogro apareceu. O irmão mais velho, que era mimado e não estava acostumado a coisas que não saíssem exatamente como ele queria, quando queria, ficou entediado, então comprou dez barris de vinho com o ouro que sobrou. Deu uma festa, ficou bêbado e desfilou pelas muralhas com sua jaqueta amarela.

O irmão mais novo, entretanto, estava com fome, mas não tinha dinheiro para comprar comida. Porém, havia uma floresta fora da cidade, então usou sua bola de barbante para fazer uma armadilha, pegou uma lebre e a assou. A carne encheu sua barriga e deu-lhe forças. Quando terminou, ele ajustou a armadilha para que pudesse comer novamente no dia seguinte e, ao fazer isso, teve uma ideia.

Naquela mesma noite, o ogro apareceu. O irmão mais velho estava tão bêbado que nem o viu se aproximar. Mas o ogro o viu. Como ele poderia não ver? O idiota se destacava como um limão em sua jaqueta amarela. O ogro o agarrou e arrancou sua cabeça com uma mordida. Então, apertou seu corpo como um odre de vinho e bebeu todo o seu sangue. Mas, enquanto o ogro drenava a última gota, uma pedra o atingiu na nuca. Furioso, ele jogou o corpo do irmão mais velho no chão e se virou.

O irmão mais novo jogou a pedra e, quando o ogro avançou em sua direção, jogou outra. Atingiu o ogro bem no meio do rosto e quebrou seu nariz. Rugindo de fúria, ele perseguiu o rapaz. O que era exatamente o que o irmão mais novo queria. Ele conduziu o ogro — que estava

gritando, xingando e segurando o nariz, que jorrava — através da floresta até uma ravina. Quando chegou ao limite, ele se virou e fingiu estar com medo. O ogro sorriu. Passo a passo, ele se aproximou do menino, o tempo todo dizendo como iria arrancar seu braço direito e comê-lo e, depois, arrancar seu braço esquerdo e comê-lo, e, depois... **CABUM!**

O ogro, cego pela raiva, meteu-se em uma armadilha que o irmão mais novo havia feito para ele. Um laço o agarrou pelo tornozelo, e a próxima coisa que ele percebeu foi que estava pendurado de cabeça para baixo. O menino agarrou-o pelos cabelos oleosos, cortou-lhe a cabeça e levou-a ao comerciante, que prontamente presenteou o menino com sua filha e chamou um ministro para casá-los na hora, mas o rapaz recusou educadamente. Disse que só cortejaria a filha do comerciante se ela assim o desejasse, pois ele sabia muito bem o que era ter de receber o que lhe foi dado, querendo ou não. A garota concordou. Eles namoraram, apaixonaram-se e casaram-se em um ano. Semanas depois de o menino matar o ogro, ele voltou ao local onde havia feito a armadilha para procurar a bola de barbante, mas ela não estava mais lá. Ele nunca mais a viu. E nunca mais precisou dela.

Oma sorriu; ela pousou as agulhas de tricô no colo.

— Fim — disse ela. — Então, olhou para sua neta com olhos sonolentos. — E agora, senhorita, é hora de dormir.

Gretta protestou, mas sem entusiasmo.

— Espere, Oma... — Will disse. — Há uma mensagem, qualquer mensagem, nessa história estranha e horrorosa?

— Sim, garoto, há. — Seus olhos encontraram Sophie. — Não devemos fugir da nossa infelicidade. Devemos ouvi-la. Ela tem muito a nos dizer.

Will revirou os olhos. Levantou-se, pegou Gretta e carregou-a para a cama. Oma disse a Arno que ele podia dormir no chão do quarto de Will e deu-lhe algumas roupas de cama. Deu um travesseiro e uma colcha para Sophie

também, e disse que ela poderia dormir no sótão, que ficava logo acima da lareira.

Sophie agradeceu. Ela se virou na direção da escada que levava ao sótão, mas Oma colocou a mão em seu braço.

— Então você achou que um belo príncipe a salvaria?

Sophie deu um sorriso amargo.

— Acho que sim.

— Por que uma rainha precisaria de um príncipe?

— Você quer dizer minha madrasta? Tornando Haakon seu herdeiro? Eu não sei por quê...

— Não. Eu quero dizer você.

Sophie inclinou a cabeça, intrigada com as palavras de Oma.

— Mas eu não sou uma rainha.

— Mas poderia ser — Oma disse, fixando Sophie com seu olhar firme. — Adelaide não é sua maior inimiga. Nem Haakon. *Você* é. Eles podem dizer tudo o que você não é, mas não podem fazê-la acreditar; só você pode fazer isso.

Ela soltou Sophie e completou:

— Você quer seu coração de volta, garota? Vá atrás dele.

E, então, ela saiu da sala para cuidar da neta.

Sophie a observou partir, pensando no que ela disse. Depois, subiu a escada estreita e se viu entre ramos de alho e de ervas, vários salames e um grande presunto. Depois de abrir um espaço no chão, arranjou um lugar confortável para dormir. Lançou um último olhar para a sala abaixo dela, para se certificar de que Zara estava bem, mas viu que não precisava se preocupar; a cadelinha havia se enrolado como uma bola em um tapete macio em frente à lareira.

Sophie estava exausta, mas não conseguia dormir. Sua cabeça estava cheia de imagens. De ogros furiosos. De bolas de barbante falantes. De uma menina triste que não tinha dinheiro, exército ou armas para derrotar um adversário temível. Que tinha apenas a si mesma.

Deitada quieta, olhando para o céu noturno pela pequena janela, Sophie ouviu. Não os sussurros e as risadas zombeteiras da corte. Não os sermões de sua madrasta, suas terríveis previsões, suas ameaças. Não o adeus assassino de Haakon. Mas uma voz interior pequenina e cansada. Cansada de se esconder. De fingir. De sempre estar errada. Era difícil ouvir a voz. Foi doloroso. Lágrimas silenciosas rolaram por seu rosto. Mas Oma estava certa; aquela voz tinha muito a dizer a ela.

Pouco antes da meia-noite, Sophie se decidiu. Então, ela fechou os olhos e, finalmente, dormiu.

CINQUENTA E DOIS

O FOGO ESTAVA BAIXO, MAS SUA luz fraca iluminou Oma. Ela vestia uma camisola branca; seus cabelos grisalhos caíam sobre o ombro em uma trança longa e solta. Estava embalando Gretta perto do fogo. A criança acordou com muita dor. Oma a carregou do quarto até a lareira, onde estava quente.

A menina sofria. Seu corpo estava rígido. Seus olhos, fechados com força. Oma pegou uma xícara numa mesa próxima que continha remédio e, com alguma dificuldade, fez Gretta beber. Ajudou. Depois de alguns minutos, o corpo de Gretta relaxou um pouco e ela conseguiu se deitar em uma cama que Oma havia feito perto do fogo. Ela continuou segurando a mão da avó, no entanto, ouvindo Oma cantar uma canção de ninar.

Finalmente, a criança adormeceu. Oma retirou delicadamente a mão de Gretta e puxou o cobertor da criança sobre os ombros. A velha voltou a sentar-se na cadeira de balanço, inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. A preocupação aprofundou as rugas em sua testa e as cavidades em sua face.

Das sombras, uma figura emergiu — uma mulher vestida de preto, com cabelos rebeldes e olhos selvagens. Ela olhou para o rosto da menina com uma expressão de ternura e tristeza, e então tocou o rosto da criança. Ao fazer isso, as lágrimas prateadas, ainda grudadas na pele da garota, transformaram-se em pérolas e caíram no travesseiro.

Gretta gemeu. Ela virou-se em seu sono. Zara a ouviu. A cachorrinha ainda estava enrolada no tapete perto da lareira. Num instante, ela ficou de pé, rosnando baixo.

Oma sentou-se e olhou para Zara; ela seguiu o olhar da cadela, e então ela e a visitante se entreolharam. A mulher de preto recuou, voltando para as sombras.

— Está se escondendo, não é? — Oma perguntou a ela. — Eu também faria, se fosse você, dado o dano que você causou a esta casa.

A mulher mordeu uma unha do polegar, sua expressão tornou-se sinistra.

— Está seguindo a princesa, não é? Por quê? Que interesse você tem? Talvez simplesmente goste de atormentá-la, mas acho que há mais do que isso. Por que seu irmão quer a garota? Ela é uma ameaça para ele? É possível que ele, o Rei dos Corvos, a tema?

Oma se levantou, pegou um atizador e cutucou a lenha na lareira.

As chamas enrolaram seus dedos finos em torno dele.

— Ah, quem pode entender você ou seus caminhos?! Duvido que até você entenda.

Ela apontou para Gretta.

— Um baú cheio de pérolas não poderia compensar o que você faz a essa criança. As pessoas dizem que o que não mata nos torna mais fortes. E às vezes é verdade. Mas, às vezes, o que não mata faz você desejar a morte.

Ela se sentou novamente.

— A princesa terá de enfrentá-la e pode muito bem acabar como uma pilha de ossos como todas as outras pobres almas que se perdem nesta floresta. E o mundo vai ficar um pouco mais escuro quando isso acontecer. Talvez seja isso que você queira, você e seu irmão.

Zara choramingou. Foi até Oma e colocou a cabeça no colo da senhora idosa. Oma coçou as orelhas da cadela, os olhos ainda fixos na visitante.

— Suponho que você não consiga fugir de quem você é. Nenhum de nós pode. Aquela garota dormindo no sótão também não pode fugir de quem ela é. Assustada. Perdida. Tão cheia de dúvidas. Talvez ela seja o que a madraستا diz

que é... Mole demais, boazinha demais. Guiada por seu coração.

Oma olhou para Zara. Seus lábios se curvaram em um pequeno sorriso desafiador.

— E se for, e daí? — Deu um tapinha no queixo da cadela.
— Pequena demais para matar um lobo, hein? Mas apenas uma cadelinha se move rápido o suficiente para matar uma cobra. Às vezes, o que nos torna errados é o que nos torna perfeitos.

Quando ela olhou para cima novamente, a mulher havia sumido.

CINQUENTA E TRÊS

A RAINHA SE SENTOU NO CHÃO, olhando em seu espelho.

Seu cabelo caía em cascata pelos ombros. Seus olhos estavam fundos e opacos. Ela parecia emagrecer a cada dia que passava, como se estivesse sendo devorada por dentro.

Não havia razão para isso. Ela havia se livrado da princesa. Fizera de um homem forte e ousado seu herdeiro. Juntos, eles invadiriam o Interior antes que fossem atacados por ele. Tudo estava como deveria ser, mas Adelaide tinha mais medo do que nunca. Parecia que, quanto mais ela tentava diminuir seus medos, maiores eles ficavam.

Ela não se parecia em nada com a jovem que observava no espelho. Aquela garota era forte e de costas retas, com porte de general. A única coisa que compartilhavam era uma tristeza em seus inteligentes olhos azuis. A garota estava suntuosamente vestida e ricamente enfeitada com joias. Estava em um altar com um homem que tinha o dobro de sua idade.

Seu irmão, o rei, sorria de seu assento na capela real. Estava feliz com o casamento e a aliança que ele lhe proporcionava. Estava ainda mais feliz por se livrar de Adelaide. Ela salvara sua vida e seu reino, e, assim que ele completou dezoito anos, ele a agradeceu casando-a com um homem que não a amava, um homem com uma esposa morta e uma filha jovem.

— *Espelho, espelho meu...* — Adelaide sussurrou.

— ... *existe alguém mais bela do que eu?* — uma voz sussurrou de volta.

Uma voz que parecia passos no escuro, ratos na parede.

O Rei dos Corvos apareceu e se ajoelhou ao lado dela.

— Seu próprio irmão contou essa história, não foi? Ele dizia aos outros que você era vaidosa. Que constantemente perguntava ao espelho *Existe alguém mais bela do que eu?*, em vez de *Quem quer que meu trono seja seu?*. Ele fez isso para diminuir você. Porque estava com ciúme. Você foi dez vezes a governante que ele seria. O Rei do Interior gosta de repetir essa história. O Imperador do Catai também. — Ele olhou para o vidro prateado. — Palavras faladas. Palavras escritas. Nelas, você encontra a história. Mas, nas sombras dessas palavras, você encontra o contador de histórias.

Com esforço, Adelaide desvencilhou-se das imagens no espelho e o encarou. Seus olhos cansados encontraram os dele, brilhantes e ocupados.

— Mas você não me chamou para falar do passado, não é? — perguntou ele. — Você deseja falar sobre o presente.

Adelaide assentiu.

— Estou inquieta. Perturbada. Não consigo comer nem dormir.

— Há uma razão para isso, você está sentindo. Eu sei o que deve fazer. A princesa ainda vive. As cobras não a mataram. Ela está na Floresta Sombria, a caminho de Nimmermehr. Deve ser impedida de chegar lá.

As palavras do Rei dos Corvos provocaram raiva na rainha. Chamas negras queimavam atrás de seus olhos.

— Diga-me como — disse ela, levantando-se do chão.

O rei se levantou com ela:

— Pegue isto — disse ele, tirando algo do bolso. — Encontre a garota e dê a ela.

Era um grande pente de cabelo, primorosamente esculpido em azeviche, em forma de escorpião. Os olhos da criatura eram rubis. As pinças e o ferrão afiado na ponta da cauda curva eram diamantes negros. As joias brilharam à luz do fogo.

— Depressa — disse o Rei dos Corvos, colocando o pente nas mãos da rainha. — A garota não deve chegar a Nimmermehr. Ela não deve encontrar seu coração.

Ouviu-se o som de asas batendo quando ele desapareceu. A rainha estremeceu. Ela não sabia o porquê. Por um momento, sentiu-se sem fôlego e fraca, como se o rei tivesse tirado dela tudo que é forte e seguro. Ela se ergueu, lembrando a si mesma que detinha o poder. Ela é quem invoca aquele rei pálido, e ele é quem cumpre suas ordens.

Mas quem é o verdadeiro mestre ali? Quem se torna poderoso e quem se enfraquece?

Adelaide enfia o pente no bolso. Pega sua capa. Chama seu cavalo.

Enquanto suas damas correm para lá e para cá, ela pressiona a mão no peito. Sobre seu coração.

Como se estivesse se assegurando de que ainda está lá.

CINQUENTA E QUATRO

WILL VIU UM BILHETE AO ENTRAR NA COZINHA.

Sophie o havia deixado em uma cadeira, em cima das roupas que pegara emprestado e da roupa de cama que usara, tudo cuidadosamente dobrado.

Cara Oma,

Eu vou recuperar o meu coração. Depois, vou recuperar a minha coroa. Não tenho ideia de como vou fazer essas coisas.

Atenciosamente,

Sophie

P.S. — Obrigada pelo jantar e por uma cama agradável e quentinha. Diga adeus a Gretta e agradeça a Will. Lamento ir embora sem me despedir pessoalmente, mas temo perder a coragem se vir seus rostos gentis. Vou sentir saudades de todos vocês. Até de Arno. Por favor, cuide da Zara para mim.

Oma entrou na cozinha carregando um balde de leite da vaca, enquanto Will terminava o bilhete.

— O que você disse a ela? — questionou ele.

— Que, se quisesse seu coração de volta, devia ir buscá-lo.

— Não posso *acreditar* nisso, Oma! Você disse a ela para ir para Nimmermehr *sozinha*? Ela não vai chegar a menos de um quilômetro do local. Ela vai morrer!

Oma encolheu os ombros.

— Ela vai morrer se não for também. Melhor tentar do que desistir, não acha?

Will balançou a cabeça, murmurando para si mesmo. Ele largou o bilhete e voltou para o quarto.

— Ai, ai, Oma — disse Gretta de sua cadeira perto do fogo. — Agora você conseguiu.

Oma gesticulou para ela.

— Ele só está de mau-humor. Vai superar isso.

Gretta balançou a cabeça.

— Não vai, não.

Ela estava certa. Dez minutos depois, Will estava de volta com a mochila na mão. Arno estava bem atrás dele. Zara dançou em círculo ao redor dos dois homens, latindo.

Oma ergueu os olhos da frigideira de bacon que estava fritando.

— Não — ela disse. — Você não vai atrás dela.

— Sim — disse Will. — Eu vou.

Oma olhou feio.

— Por que você não procura o *seu* coração? Me parece que alguém o roubou também.

— Preciso ir. Ela está sozinha. Alguém precisa impedir que ela se perca.

Oma riu. Não era um som feliz.

— Você é que se perdeu, garoto. Ela é uma princesa. Você é um pobre.

— Sério, Oma? Eu não fazia ideia. Obrigado por revelar isso.

— Vamos dizer que, por algum milagre, você recupere o coração dela. E daí? Eu vou dizer...

— Sei que vai.

— ... ela se casará com um rei, e você voltará para cá.

— Isso não é tão ruim assim.

Oma deu um suspiro de resignação.

— Tenha cuidado, garoto. Precisamos de você também.

Will colocou um braço em volta da avó e beijou o topo de sua cabeça.

— Estarei de volta antes que você perceba.

Oma enfiou a mão no bolso.

— Aqui, pegue isto. Você pode vendê-las por algumas moedas ao longo do caminho. Pode precisar de algum dinheiro.

Havia três pérolas em sua palma.

— Onde conseguiu isso? — perguntou Will, surpreso.

— Uma velha amiga me deu — respondeu Oma.

— Pronto? — perguntou Arno. — Há um belo cemitério logo depois das Colinas Negras. Um cemitério bem chique. Com mausoléus espaçosos. Posso abrir o mausoléu dos Schneider se ninguém tiver mudado a fechadura. Devemos ir, no entanto, se quisermos chegar lá ao anoitecer.

— Você também vai? — Oma perguntou a ele.

— Acho que vou. Já faz um tempo que não faço o caminho de Nimmermehr. Há alguém para quem quero dizer olá.

Oma fez sanduíches de bacon para Will e Arno, depois embrulhou um para eles levarem para Sophie. Ela também embalou um pedaço de pão, salame, queijo e frutas para eles. Então, os dois homens foram embora, e Oma e Gretta ficaram no pátio, observando enquanto desciam o caminho da cabana para a floresta.

— Sophie está errada, Oma — Gretta disse.

— Sobre o quê, criança?

— Sobre a rainha. Ela não tentou matar Sophie por achá-la fraca. Ou tola.

— Não? Então por que ela fez isso?

Gretta pensou na garota suja e magra que conheceu. A garota com uma cicatriz no peito, marcas de mordidas nos braços e fumaça nos cabelos.

Então, ela disse:

— Porque tem medo dela.

CINQUENTA E CINCO

SOPHIE TIROU A MOCHILA DOS OMBROS, colocou-a no chão e se ajoelhou ao lado de uma planta verde desajeitada.

— *Folha-de-veado* é segura de se comer... *Talo-de-veado* deixa sua língua azul... — ela murmurou, pegando uma folha verde larga. Mas, em vez de rasgá-la, tirou a mão, franzindo a testa. — Ou era o contrário?

Ela mordeu o lábio, desejando ter prestado mais atenção às aulas de Will na floresta. Lembrava-se de que ele disse que era muito importante tentar achar comida o tempo todo, em vez de esperar até ficar com fome. Até agora, ela juntara dois punhados de avelãs e alguns cogumelos de asa de anjo. Da cozinha de Oma, só pegara uma fatia grossa de pão com manteiga e duas maçãs, e já tinha comido o pão.

Decidindo que uma língua azul era melhor do que morrer de fome, Sophie pegou as folhas. Ela sentiu uma fome terrível depois de fugir de Drohendsburg e sabia que, se não tomasse cuidado, isso a mataria antes que o Rei dos Corvos tivesse a chance de matá-la.

Sophie havia saído da cabana de Oma apenas uma hora antes, pouco antes do nascer do sol, e já sentia falta das quatro paredes aconchegantes. A cozinha arrumadinha. A lareira acolhedora. O sótão, com sua coleção de provisões para o inverno que se aproxima. Foi difícil deixá-la, assim como a Toca. Tudo sobre a casinha expressava cuidado e amor.

A floresta pela qual Sophie estava caminhando era magnífica, com suas árvores antigas, seus ricos aromas de sempre — plantas e terra, e seu silêncio macio e musgoso, mas era ilimitada e desconhecida, e a fazia se sentir

pequena e vulnerável. Cada animal — do lobo mais feroz ao menor ratinho — tinha uma toca para se esconder, mas e ela? Ela não tinha nada. Nenhum lugar para se abrigar, nenhum lugar para se esconder. Nenhum companheiro lobo ou rato que se importasse com sua fome ou frio.

Quando Sophie quebrou mais algumas folhas — *nunca pegue a planta inteira*, Will lhe dissera —, ela se perguntou se algum dia conheceria a sensação de estar em casa novamente. O que sentiu na cabana de Oma era mais do que o conforto de uma boa refeição e uma cama quentinha. Em volta da mesa da velha, com Will, Gretta e Arno, Sophie se sentiu como se estivesse sendo vista, realmente vista, por quem ela era, por quem poderia ser. Talvez pela primeira vez na vida.

Trechos de sua conversa com Oma voltavam agora à sua mente.

Mas eu não sou uma rainha...

Mas você pode ser...

Não importava o que sua madrasta acreditava sobre ela. Ou Haakon.

Ou, aliás, no que Arno e Oma acreditavam.

Importa o que eu acredito, ela pensou. *Nunca vou ter meu coração de volta e minha coroa, a menos que eu acredite que posso fazer isso.*

Sophie sentou-se sobre os calcanhares, segurando um punhado de folha-de-veado, e olhou para o vasto céu azul.

— Mas eu acredito? — perguntou ela em voz alta.

O céu não tinha resposta para ela.

Com um suspiro, desafivelou o topo de sua mochila e colocou as folhas dentro dela. Estava prestes a fechá-la novamente quando ouviu um som de galho se partindo. Ela congelou.

Uma voz carregada pela floresta, baixinha. E depois outra. Vozes masculinas.

Sophie se agachou, tentando se fazer pequena, para não ser vista. As vozes podiam pertencer a Krause e seus

soldados. A Haakon. A ladrões. Ela olhou em volta, aflita. Havia um grupo de arbustos verdes a cerca de dez metros de distância. Se pudesse chegar lá a tempo, ficaria segura. Uma vez que ela estivesse dentro dos galhos densos, ninguém seria capaz de vê-la. Lenta e silenciosamente, começou a se levantar, determinada a não fazer nenhum som. Olhos fixos à frente, ela nunca viu o que estava chegando.

A força do impacto a derrubou no chão. Aconteceu tão rapidamente que não houve tempo para gritar. Ela caiu de costas com um baque, batendo com a cabeça. Estrelas explodiram atrás de seus olhos. Tentou se sentar, mas havia um peso em seu peito. Um hálito quente, úmido e rançoso soprou em seu rosto. A baba pingou sobre ela. A visão de Sophie clareou. Ela viu um focinho peludo. Dentes grandes. Uma língua pendurada. Sua agressora choramingou e latiu na cara dela.

— Zara! — Sophie exclamou. — Eu disse para você ficar com Oma! Como você saiu?

Zara latiu novamente. Sophie empurrou a cadelinha e se sentou.

— Você a encontrou!

— Boa menina!

Sophie conhecia essas vozes.

— Will! Arno! — gritou ela quando os dois apareceram. — O que estão fazendo aqui?

— Achei que pudesse tomar um chá no castelo do Rei dos Corvos — disse Arno, majestoso. — Ver como vivem os ricos. — Ele apontou o polegar para Will. — E ele? Ele ama...

Will rapidamente o interrompeu.

— É verdade. Eu amo aventura — disse ele, as bochechas corando um pouco. — Gente aventureira gosta de aventura. É por isso que estou aqui. Para viver uma aventura.

Arno lançou-lhe um olhar irritado, mas não disse nada.

Sophie ficou confusa. *Aventureiro* não era uma palavra que ela usaria para descrever Will. Ficou emocionada e feliz

em ver os dois, mas também preocupada.

— Vocês não deveriam ter vindo — disse ela. — Oma precisa de você, Will. Arno, o Capitão Krause acha que você está morto. E se alguém o vir e contar que está vivo? Posso chegar a Nimmermehr sozinha.

Arno bufou. Seus olhos caíram para as folhas saindo da mochila de Sophie. Viram a planta colhida pela metade.

— Ah, é?

— Sim, é isso mesmo — Sophie respondeu indignada, irritada com o tom dele.

Will olhou para a planta também, o rosto tenso de preocupação.

— Você comeu alguma daquelas folhas que colheu? — perguntou ele.

— Não.

A expressão de Will se suavizou.

— Ufa.

— Por quê? — Sophie perguntou, franzindo a testa. — Folha-de-veado não faz mal, foi você quem disse.

— Mas isso não é folha-de-veado. É laxursto.

— Laxursto? — Sophie repetiu. Ela nunca tinha ouvido falar disso.

— Hmm. Serve para soltar... *coisas* — Will explicou, corando novamente.

— O que o menino está tentando dizer é que faz bem para constipação. Coma todas as folhas que colheu e terá diarreia por uma semana!

Foi a vez de Sophie ficar vermelha. Ela rapidamente tirou as folhas de sua mochila e as atirou no chão da floresta. Quando fechou a mochila novamente, Arno já estava de volta ao caminho, desaparecendo entre duas árvores.

— Apressem-se! — gritou ele. — Ou vamos perder os sanduichinhos! Espero que o Rei dos Corvos esteja nos esperando com bolachinhas também!

Will ficou atrás dele. Sophie enfiou os braços nas alças da mochila e os seguiu.

— Will... — ela chamou enquanto começava a descer o caminho.

Will se virou; ele ergueu uma sobrancelha inquisitiva.

— Obrigada. Eu... Eu sei que você não gosta... da realeza... de *mim*... mas sou grata por sua ajuda.

Parecia que as palavras dela o tinham magoado, pois a dor cortou seu rosto. Sophie não tinha ideia do porquê. Ele deu alguns passos em direção a ela, como se fosse dizer algo. Por um momento, ela pensou que ele diria que ela estava errada, que *gostava dela*, e seu coração zumbiu suavemente, mas, então, ele parou abruptamente. Passou a mão pelo cabelo. Desviou o olhar.

Finalmente, disse algo.

— Eu me preocupo com minha irmã e você é a última esperança dela.

E, então, correu para alcançar Arno.

Sophie ficou lá atrás. Um pouco envergonhada. E com raiva — de si mesma. *O que você esperava?*, uma voz interna a repreendeu.

Ela queria algumas coisas impossíveis — seu coração, sua vida, seu palácio, sua coroa.

Mas, enquanto Sophie observava Will desaparecer na floresta, ela sabia que qualquer esperança que tivesse de aquele garoto estranho e silencioso gostar dela do jeito que ela começava a gostar dele era a coisa mais impossível de todas.

CINQUENTA E SEIS

ERA MEIO-DIA QUANDO SOPHIE, WILL E ARNO ATRAVESSARAM A RUA.

Eles estiveram juntos nas últimas cinco horas, desde que a haviam alcançado. Enquanto caminhavam, Arno disse-lhes que pensava que levariam quatro ou cinco dias para chegarem a Nimmermehr e que o castelo do Rei dos Corvos era difícil de encontrar. O caminho era difícil de seguir e desaparecia completamente em alguns lugares. Ele também os avisou novamente sobre os monstros.

— Há todo tipo de *trolls* naquelas bandas. Tem *trolls* da lama, é claro — disse ele, com conhecimento de causa. — *Trolls* de fungo. *Trolls* de pedra. Mas, se me perguntarem... o pior de todos é o seu *troll* do poço. Eles vivem no fundo de poços abandonados. E, eu juro, só o cheiro já mata você.

— O que mais? — perguntou Will.

— Veremos alguns *makabers* quando chegarmos perto. Eles procuram mortos não enterrados. Gostam de tirar coisas dos corpos. Dedos das mãos e dos pés. Narizes também. Eles são mais nojentos do que perigosos, mas correm atrás de nós se chegarmos perto de um cadáver atacado por eles. Não querem que você o roube.

— Como se fôssemos querer — Will murmurou.

— Também poderemos encontrar alguns *wunschfetzens*.

— O que são? — perguntou Sophie.

— *Wunschfetzens*? São criaturas cinzentas, gotejantes e melancólicas, com grandes olhos tristes. Eles gostam de lugares úmidos. Agarram-se ao teto em cavernas e porões com seus longos dedos, depois se jogam no seu ombro e enfiam os longos dedos em seus ouvidos. Tiram lembranças de sua cabeça e as fazem parecer reais. Você vê alguém

que amou. Um pai, morto há muito tempo. Uma garota que se casou com outra pessoa. Um irmão com quem você não fala há anos. Você fica tão feliz em vê-los que nem mesmo questiona por que estão ali. Apenas os segue cegamente enquanto eles o levam para um pântano ou um penhasco. Se encontrar um *wunschfetzen* sozinho, você pode se considerar um caso perdido, mas, se houver alguém com você, pode ser possível distraí-lo com doces. Os monstros adoram.

Sophie estremeceu com as descrições de Arno. Ela pensou em Jeremias e Joosts. E se uma dessas criaturas horríveis os tivesse pegado? Eles ficariam perdidos na Floresta Sombria para sempre.

Depois de mais uma hora de caminhada, os três chegaram a uma estrada estreita que cortava a floresta. Ficaram surpresos ao ver uma caravana de pessoas — pelo menos duzentas delas — passando. A princípio, Sophie pensou que eles fossem apenas aldeões voltando de um dia de feira, mas, à medida que se aproximavam, viu que pareciam mais refugiados do que habitantes da cidade.

Alguns caminhavam. Outros viajavam em carroças com pilhas altas de utensílios domésticos, puxadas por cavalos cansados. Estavam magros e sujos. Alguns estavam tossindo. As crianças se dispersavam nas bordas do grupo. Um homem empurrava uma senhora idosa, frágil demais para andar, em um carrinho de mão.

Sophie o parou, perguntou o nome dele e o que havia acontecido. O homem cansado mal levantou a cabeça enquanto falava.

— Max. Um de nossos habitantes descobriu ouro em nosso rio. O príncipe — Haakon — ouviu sobre isso e expulsou todos nós. Seus soldados assumiram o controle da aldeia. Agora todo o nosso ouro vai para os cofres da rainha e caminhamos pelas estradas pedindo esmolas. Você tem alguma coisa que possa nos dar? Um pouco de comida?

Sua expressão derrotada dizia a Sophie que ele havia sido rejeitado muitas vezes e não esperava a ajuda dela. Mas, quando Sophie colocou um pedaço de pão em sua mão, o espanto substituiu a desesperança em seus olhos.

— É você! É a princesa! — ele exclamou.

Ele agarrou a mulher ao lado dele.

— Veja! É ela! É a Princesa Sophia.

Suspiros assustados e murmúrios aumentaram.

— É ela! Ela *está* viva! — disse uma mulher.

— As histórias são verdadeiras! — gritou um homem.

Uma por uma, as pessoas caíram de joelhos. E curvaram suas cabeças.

— Viva a princesa!

— Viva!

— Viva a princesa!

Sophie sentiu-se arder de vergonha. Ela não merecia a honra que estavam mostrando a ela. Não havia nada que ela pudesse fazer por eles, nenhuma ajuda que pudesse lhes dar. Seu coração mecânico contorceu-se dolorosamente em seu peito.

Arno aproximou-se dela. Ela o sentiu colocar algo em sua mão.

— Dê para eles — disse ele. — Vamos, dê.

Sophie olhou para o que estava segurando. Era um saco de couro. Ela sabia o que continha — joias roubadas. Parte dela queria devolver, mas sabia que as joias pagariam pelo uso do celeiro de um fazendeiro para abrigar aquelas pessoas. Poderiam ser usadas para comprar comida, remédios e roupas.

Ela pegou a mão de Max e pediu-lhe que se levantasse. Então, ela deu a ele o saco de joias do cemitério.

— Para você e seu povo — disse ela. — Para alimentá-los e encontrarem um abrigo.

O homem olhou para ela interrogativamente, depois abriu o saco. Seus olhos se arregalaram quando viu o que havia na bolsa. Um grito escapou dele.

— Obrigado, Sua Graça. Obrigado! — Ele entregou a sacola para o homem ao lado dele, pegou a mão de Sophie e a beijou.

Alguns outros se reuniram ao redor. Eles viram as joias. A notícia rapidamente se espalhou pela multidão.

— Deus a salve, Sua Graça!

— Deus salve a princesa!

Uma mulher com quatro filhos começou a chorar. Um homem sorriu para o pai idoso. Um menino com seis irmãos pequenos agrupados em torno dele fechou os olhos e respirou, aliviado. E Will olhou nervosamente para a estrada.

— Já estamos parados aqui há algum tempo, Sophie — disse ele baixinho. — Krause e sua gangue de assassinos podem estar em qualquer lugar. É hora de irmos.

— Nunca vamos esquecer isso, Sua Graça — disse Max, soltando a mão de Sophie. — Um dia, nós a ajudaremos.

Sophie sorriu, comovida por suas palavras. Ele estava falando sério, ela sabia que sim, mas que ajuda aquelas pobres pessoas poderiam lhe oferecer? Algumas mal conseguiam ficar de pé. Outras não durariam uma semana.

— Cuide bem de todos, Max — ela sussurrou enquanto observava as pessoas retomarem sua caminhada.

Então ela, Will e Arno desapareceram de volta na Floresta Sombria.

CINQUENTA E SETE

— PODEMOS PARAR E DESCANSAR POR ALGUNS MINUTOS? — Sophie perguntou, marchando atrás de Will.

Ela estava com sede e encharcada de suor. Seus pés doíam. Seu batimento cardíaco estava irregular. Ela começou a se sentir fraca e tonta novamente. Dois dias haviam se passado desde que ela, Will e Arno conheceram Max e seus companheiros refugiados, e eles estavam caminhando desde então, apenas parando para dormir quando ficava escuro demais para ver o caminho.

— Will? Podemos parar... *Por favor.*

De cabeça baixa, com a atenção fixada nos pés, ela não viu que Will havia parado e estava olhando para algo fora do caminho. E, então, ela se chocou contra ele. De cabeça e com força.

— Oh! *Ai!* — gritou ela, cambaleando para trás. — Por que você fez isso? — ela perguntou zangada, esfregando a testa.

— Fiz o quê? Parar? Talvez porque você me pediu? — respondeu Will. — Veja...

— O quê?

Ele apontou para flores roxas escuras crescendo perto de um tronco apodrecido.

— Flores-de-raposa.

Sophie fez uma careta.

— Você quase fraturou meu crânio por causa *disso?*

— São muito bonitas. E úteis. Se você pressionar as pétalas em picadas de insetos, elas tiram a coceira. — Ele dirigiu a ela um olhar interrogativo. — Você não sabe dessas coisas? O que eles ensinam na escola de princesas?

— Nada útil — Sophie murmurou.

Naquele momento, algo em seu coração — uma engrenagem ou roda — ficou preso em alguma outra peça e fez um barulho alto de raspagem. O peito de Sophie se apertou; ela lutou para respirar. Seu corpo ficou rígido.

— O que isso quer dizer? O que há de errado? — Will perguntou, estendendo a mão para segurá-la em pé.

Poucos segundos depois, o que quer que fosse estremeceu e Sophie caiu contra ele, engolindo ar.

— A mesma coisa que sempre está errada — disse ela quando conseguiu falar novamente. — Tenho um relógio defeituoso como coração, e ele está perdendo a velocidade.

A preocupação nublou o rosto de Will. Ele semicerrou os olhos para o sol. Seus raios, oblíquos através dos galhos frondosos, lançavam sombras no solo.

— O dia está ficando longo. Vamos ter que aumentar o ritmo se quisermos chegar ao próximo cemitério ao anoitecer — disse Arno, aproximando-se deles. — Caso contrário, vamos dormir sob as estrelas de novo.

— Sophie precisa de um descanso — disse Will. — Vamos deixá-la descansar alguns minutos. Vou caçar nosso jantar. Isso nos poupará tempo quando chegarmos ao cemitério. Tenho visto muitos coelhos.

— Coelho *de novo*? — disse Arno, fazendo uma careta.

— O que foi, Arno? Você está cansado de coelho? Tudo bem, então. Em vez disso, vou encontrar para nós uma costela assada. Mal passada. O que acha disso?

— Se ao menos fosse possível... — disse Arno com saudade. — Irei com você. Talvez eu possa encontrar algumas bagas de zimbro para dar sabor à carne. Cogumelos. Um pouco de tomilho selvagem. Uma bela mortadela.

Will olhou para ele e se voltou para Sophie.

— Você vai ficar bem sozinha? — perguntou ele, soltando-a.

Sophie disse que sim, depois se sentou na base de uma bétula, desatarraxou a tampa do cantil e tomou um longo gole de água.

Will largou a mochila no chão e saiu para a floresta com Zara em seus calcanhares. Sophie baixou o cantil e tentou desacelerar a respiração, que ainda estava muito rápida e superficial. O defeito assustador que acabara de experimentar a fez se lembrar de algo que preferia esquecer: que ela tinha pouco mais de duas semanas para roubar seu antigo coração, retornar à Toca e, com sorte, encontrar alguém com magia forte e suficiente para colocar o coração de volta no lugar.

Pensar em quão rápido seu tempo estava se esgotando não ajudou Sophie a respirar, então ela tirou os pensamentos sombrios de sua cabeça. Will e Zara ainda não haviam desaparecido de vista. Ela gostava da caminhada fácil e rápida de Will. Ele se movia por entre as árvores tão facilmente quanto o vento. Ela sabia que ele só iria caçar coelhos. Eles tinham visto todos os tipos de pássaros da floresta enquanto caminhavam — faisões, perdizes, codornizes —, mas Will não atirava neles. Ele amava pássaros, dissera a ela, e não suportaria matá-los.

Sophie pensou, mais uma vez, como estava muito grata a Arno e Will por estarem indo com ela para Nimmermehr. Arno não exagerou quando disse que a trilha era difícil de seguir. Ela teria ficado irremediavelmente perdida sozinha. Quando sua respiração finalmente começou a diminuir e Will saiu de vista, Sophie olhou ao redor. Eles haviam percorrido uma longa distância desde que deixaram a cabana de Oma e, a cada passo que davam, a Floresta Sombria parecia ficar cada vez mais escura.

Os pinheiros eram mais folhosos e impossivelmente altos. Musgo espesso, tão verde-escuro que era quase preto, pedras e tocos atapetados. Durante o dia, os corvos gritavam nas copas das árvores, as folhas das samambaias acenavam com a brisa e grandes sapos com verrugas

piscavam sob troncos podres. À noite, mariposas com antenas emplumadas desciam até a fogueira, batendo suas asas translúcidas, nuvens de morcegos emergiam de cavernas escondidas e olhos de animais cintilavam assustadoramente verdes na escuridão. Sophie e seus amigos tinham dormido do lado de fora na noite anterior e se revezado para vigiar, pois Will vira rastros de lobos. Seria bom encontrar abrigo naquela noite, mesmo que o abrigo fosse uma tumba.

Sophie encostou a cabeça na bétula. Fechou os olhos. A pausa na caminhada estava fazendo bem a ela. Depois de alguns minutos, ouviu um galho estalar e depois outro. Passos rangeram nas camadas de folhas mortas no chão da floresta. *Will e Arno devem ter tido sorte, ela pensou. Já estão de volta.*

— Por que demorou tanto? — ela zombou de Will. — Você se perdeu?

— Sim, temo que sim.

Essa não era a voz de Will. Nem de Arno. Os olhos de Sophie se abriram.

Um homem estranho estava parado a alguns metros de distância.

CINQUENTA E OITO

SOPHIE FICOU DE PÉ INSTANTANEAMENTE.

Agarrou sua mochila, pronta para correr com ela. O homem deu um passo para trás.

— Sinto muito — gaguejou ele, erguendo as mãos. — Não pretendia assustá-la. Eu ouvi vozes. Perdi o caminho de vista e esperava que você pudesse me dizer como encontrá-lo novamente.

Sophie relaxou ligeiramente.

— Aonde você está tentando ir?

— Grauseldorf. Espero chegar lá amanhã à noite.

— Não é exatamente perto daqui — disse Sophie. — Vai levar alguns dias.

O homem pareceu tão desanimado com suas palavras que Sophie sentiu que precisava dizer algo para animá-lo.

— Você está no caminho certo. É difícil ver daqui — ela apontou para o caminho por onde acabara de chegar, para um grupo de choupos. — Fica mais fácil seguir do outro lado daquelas árvores.

O homem acenou com a cabeça.

— Obrigado — disse ele enquanto ajeitava a mochila pesada nas costas.

Sophie viu que ele era magro. E parecia tão cansado quanto ela.

— Está com fome? — ela perguntou.

O homem balançou a cabeça com a oferta de Sophie, mas sua recusa vacilou quando ela pegou um saco de ameixas.

Sentando-se novamente, ela gesticulou para que ele se juntasse a ela.

— Eu sou Sophie — disse ela, entregando-lhe uma ameixa.

— Rafe — respondeu o homem com um sorriso.

— Você veio de longe? — perguntou ela, colocando a fruta no chão.

— Uma boa distância — ele disse e apontou o polegar atrás de si. — Eu vivo dessa maneira. Nas profundezas da floresta. Com minha esposa.

— Por que está indo para Grauseldorf?

— Para vender minhas mercadorias. Sou lenhador de profissão, mas também esculpo para ganhar um dinheiro extra. Tenho estatuetas para vender. Castiçais. Caixas. Bijuterias para mulheres. Vou mostrar.

Ele enfiou a mão na mochila, franzindo a testa, apertando os olhos, afastando as coisas.

— Ah, aqui estamos. Este é muito impressionante — disse ele, puxando algo pequeno e embrulhado em musselina.

Desdobrou o pano e colocou o que estava dentro nas mãos de Sophie. Ela ficou mesmo impressionada. Era um pente de cabelo, esculpido em azeviche, em forma de escorpião. Nunca tinha visto uma peça tão bem-feita. Os dentes do pente eram longos e impossivelmente finos; o pente era projetado para ficar em cima de uma trança enrolada ou de um coque. O escorpião estava empoleirado acima dos dentes, tão lustroso e natural que Sophie sentiu que fosse se mover. Suas poderosas pinças estavam levantadas, a cauda arqueada bem acima da cabeça.

— É incrível — ela se maravilhou. — O senhor é muito talentoso.

Rafe sorriu, satisfeito com o elogio dela.

— Espero que valha uma boa quantia, embora eu odeie vender. Gostaria de poder ficar com ele. Minha esposa o adora.

— Consigo entender por quê — disse Sophie melancolicamente, lembrando-se de todos os pentes

requintados que possuía quando morava no palácio. Parecia que muito tempo havia se passado desde então.

Rafe colocou o pano de musselina no chão entre eles. Sophie pousou cuidadosamente o pente sobre ele. Enquanto ela o fazia, ele mordeu a ameixa que ela lhe dera.

— Deliciosa — disse ele. — Obrigado.

Ele perguntou aonde ela estava indo.

— Schadenburg — disse Sophie evasivamente, referindo-se ao vilarejo mais próximo ao castelo do Rei dos Corvos. Ela não queria compartilhar seu verdadeiro destino com um estranho.

Rafe fez uma careta.

— Por quê? É um lugar horrível.

— Tenho negócios lá — disse Sophie.

— Eu a aconselho resolvê-los o mais rápido possível.

Houve um ruído repentino e deslizante atrás deles, como ratos se movendo por folhas mortas. Sophie se assustou um pouco. Ela olhou por cima do ombro, mas não viu nada.

— Esquilos, imagino — Rafe disse. — Estão juntando nozes para o inverno. O verão está acabando.

Uma brisa soprou entre as árvores, fazendo cócegas no pescoço de Sophie. Um arrepio percorreu sua espinha.

Ela pegou uma ameixa. Ao fazer isso, seu olhar pousou no pano de musselina. O escorpião esculpido havia sumido. Ela tinha certeza de que havia colocado sua bela escultura ali. Esperava que nada tivesse acontecido com ele.

— Onde foi parar seu pente? — perguntou ela, procurando ansiosamente por ele.

Rafe abriu um sorriso lento e penetrante.

— Bem onde ele deveria estar — ele disse.

Quando as palavras deixaram sua boca, Sophie sentiu algo subir em seu pescoço. Ela deu um grito e tentou puxar o que quer que estivesse rastejando sobre ela, mas grandes pinças de pedras preciosas paralisaram suas mãos. Uma penetrou em seu dedo.

Sophie gritou.

O escorpião esculpido ganhou vida. Estava subindo pela nuca dela, a cauda arqueada, uma gota verde e brilhante de veneno pendurada na ponta. Ele ergueu a cauda para o alto e, então, atacou.

Instantaneamente, o veneno se espalhou pelo corpo de Sophie, queimando como ácido. Ela gritou e se contorceu, tentando arrancar de si o escorpião, mas a criatura havia crescido. Era do tamanho de uma doninha agora e tinha as pernas emaranhadas em seu cabelo. *Menina tola... Mole demais, fraca demais...* sibilou.

As palavras venenosas do escorpião perfuraram o coração de Sophie. Enquanto ela lutava, a criatura picou-a repetidamente. Seu veneno começou a fazer efeito, desacelerando seus movimentos. Ela rolou de costas, sua respiração difícil, seu batimento cardíaco pesado e lento. Ela podia ver Rafe. Ele estava de pé sobre ela, olhando para baixo. Podia ver algo que não tinha visto antes — que os olhos dele eram de um azul-índigo. Que seu cabelo era longo e solto. Que ele não era um homem, mas uma mulher.

O escorpião rastejou pela lateral de seu rosto, através de sua clavícula, e se empoleirou em seu peito, parando em seu ataque como se estivesse ouvindo, esperando.

Sophie observou, incapaz de se mover. Seus lábios abriram-se, mas nenhum som saiu.

A rainha a observava de cima. Seus olhos brilharam quando ela falou:

— Aponte para o coração. Certifique-se de que a garota morra para sempre — instruiu a criatura. — Ela não deve chegar a Nimmermehr.

O escorpião ergueu a cauda. E a atingiu profundamente.

CINQUENTA E NOVE

— SOPHIE, ESTAMOS DE VOLTA! Com dois coelhos. Sophie? — gritou Will.

Sua voz soava como se viesse de dentro d'água. Sophie forçou-se a abrir os olhos. Sua visão estava turva, mas ela podia distinguir a silhueta de Will.

Ela ouviu palavrões, gritos. Will jogou os coelhos no chão. Em um piscar de olhos, ele tinha uma flecha encaixada e apontada. Mas não havia esperança; não poderia acertar o escorpião sem acertá-la.

Ele puxou a adaga da bainha e golpeou a criatura, mas esta foi mais rápida do que ele e picou sua mão. Will praguejou. Ele chupou o veneno da ferida e cuspiu.

— Sophie! — gritou Arno, apontando a faca para o escorpião. — Lute contra o veneno! Fique acordada!

— Não consigo... — Sophie murmurou. — É muito difícil...

Seus olhos estavam se fechando novamente. Seus membros pareciam tão pesados.

Zara tentou matar o escorpião também. A cachorrinha de pés velozes atacou. Fintou à esquerda e atacou à direita, mas não era páreo para a criatura feroz, que era duas vezes mais rápida do que ela, e mais de uma vez seu ferrão roçou seu pelo, abrindo linhas de sangue em seu flanco.

— Atraia para você, garota! — Will gritou para ela. — Distraia o bicho!

Zara tentou, investindo e agarrando a criatura, forçando-a a encará-la e a virar as costas para Will. Ao fazer isso, Will agarrou a ponta da longa trança de Sophie e passou a adaga por ela, perto de sua cabeça. Quando ele puxou a trança decepada, o escorpião veio com ela.

Arno tentou pisar nele, mas ele correu de volta para Sophie.

— Não! — gritou Will, tentando bravamente bloqueá-lo.

O escorpião enfiou o ferrão na panturrilha dele. Will gritou de dor. Sua perna se dobrou. Ao cair no chão, viu a coisa rastejar pelo ombro de Sophie.

— Rápido, Zara, tente de novo — disse ele para a cachorrinha. — Vai matá-la...

O restante de suas palavras foi interrompido como por um raio que rosnava.

O ataque veio tão rápido que o escorpião não teve tempo de se defender. O lobo grande e musculoso se lançou sobre a criatura, mordeu uma de suas pernas e a arrancou. O escorpião gritou de dor. Ele se virou para atacar, mas o lobo já havia pulado para trás. Balançando a cabeça, fez a perna voar. Em seguida, avançou novamente.

O escorpião empurrou suas pinças contra o inimigo. Ao fazer isso, um segundo lobo, este preto, agarrou outra das pernas da criatura e a arrancou. O escorpião foi puxado para o lado. Perdeu o equilíbrio e quase caiu de Sophie. Então um terceiro lobo, este com um pelo fulvo, entrou na briga.

Cambaleando nas pernas restantes, gritando, golpeando cegamente, o escorpião não viu o quarto lobo circulando, o quinto ou o sexto. Peça por peça, eles o rasgaram até que apenas sua cauda, contorcendo-se impotentemente no chão, permanecesse.

Will cambaleou até Sophie, sentou-a e encostou-a no tronco de uma árvore.

— Acorde, Sophie — disse ele, batendo com suavidade em seu rosto. — Vamos... Acorde!

Mas Sophie, pesada como um saco de grãos, caiu para frente, em seus braços. Em seguida, um sétimo lobo, na verdade uma loba, com pelagem cinza, olhos prateados e uma orelha irregular, saiu da floresta. Ela trazia um galho em sua boca. Devagar, com cautela, aproximou-se de Will,

mas ele ainda tentava desesperadamente acordar Sophie e não a viu. Deu uma patada no chão, mas ainda assim Will não olhou para cima. Então, ela largou o galho e latiu para ele.

Isso chamou sua atenção. Ele se virou de Sophie para ver o animal parado a apenas alguns metros de distância. Ela abaixou a cabeça e cutucou o galho em sua direção.

— Folha-de-vespa — Will disse, olhando para o galho. Ele ergueu os olhos para os do lobo. — Funcionará em picadas de escorpião?

A loba inclinou a cabeça.

— Claro que vai — ele acrescentou apressadamente. — Por que outro motivo você traria para mim?

Ele colocou Sophie gentilmente no chão.

— Pense, Will, *pense*... — ele falou para si próprio. — Amasse as folhas... Não, espere! Faça uma pasta de lama primeiro.

Ele correu para sua mochila e puxou um prato de lata de dentro dela. Limpou a terra do chão da floresta e a jogou no prato. Derramou, daí, um pouco de água na terra e mexeu com o dedo. Sob os olhos vigilantes dos lobos, arrancou as folhas-de-vespa do galho, esmagou-as com os dedos e adicionou-as à lama. As folhas rasgadas exalavam um líquido branco que cheirava a ovos podres. Juntos, ele e Arno esfregaram a mistura viscosa em cada vergão que podiam ver. Em pouco tempo, o rosto, a cabeça e o pescoço de Sophie foram cobertos com ele. Will esfregou um pouco na picada da própria perna também e em Zara.

A folha-de-vespa funcionou como mágica. A pasta mudou de marrom para verde à medida que retirava o veneno. Lentamente, os olhos de Sophie se abriram, mas estavam desfocados. Ela respirou fundo.

— Tire isso de mim! Tire isso! — ela gritou, as mãos arranhando a cabeça.

— Está tudo bem. O escorpião está morto — Will acalmou. — Sophie, está tudo bem.

Sophie piscou para ele. Seus olhos mais focados.

— Will? — ela sussurrou, agarrando-se a ele.

— Estou aqui.

Sophie se sentou e olhou ao redor, com o coração acelerado. Viu os lobos, todos os sete, sentados em um semicírculo. Sua líder estava sentada no centro.

— O que eles estão fazendo aqui? — perguntou ela.

— Eles mataram o escorpião. E salvaram sua vida.

— Mas, como...? Por quê...? — Sophie começou a dizer.

Então, a líder deu um passo à frente e Sophie viu os olhos prateados, a orelha áspera, a mancha branca em sua garganta.

— Era você — ela sussurrou, lembrando-se da caçada, rememorando como a pobre criatura havia sido encurralada.

A loba ergueu a cabeça. Solto uma série de uivos longos e altos. Os outros se juntaram, e então todos eles deram meia-volta e desapareceram na Floresta Sombria.

— Eu salvei a vida dela uma vez — disse Sophie.

— Ela acabou de devolver o favor — disse Arno.

Sophie baixou o rosto nas mãos.

— Foi horrível — ela disse.

— O que aconteceu? — Will perguntou.

Lentamente, Sophie o solto. Em seguida, ela contou como Adelaide apareceu, disfarçada de lenhador. Enquanto Will e Arno ouviam, suas expressões, já sombrias, fecharam-se ainda mais.

Arno sentou-se de cócoras.

— Ela sabe que você está indo para Nimmermehr — disse ele. — Aposto que ele sabe também, o Rei dos Corvos. Aposto que teve um dedo *nisso*.

Ele apontou para os restos do escorpião. E continuou:

— Ele estará esperando por nós. Com todos os seus monstros.

Franzindo a testa, Arno olhou para o céu. O crepúsculo estava começando a acabar com o dia.

— Precisamos ir andando, pessoal — disse ele. — Não quero que passemos esta noite na floresta. Quando escurecer, precisamos estar dentro de uma cripta segura e aconchegante.

Will e Arno se levantaram. Eles colocaram Sophie de pé também.

Arno franziu o cenho para ela.

— Se você quiser chegar a Nimmermehr, precisa fazer uma coisa.

— O quê? — Sophie perguntou.

— Deixar de ser burra.

Sophie piscou para ele, ofendida.

— O quê?

— As pessoas aparecem no meio do mato e fingem ser suas amigas. Elas lhe oferecem algo — fitas, um pente — e você aceita. Pare com isso. Pare de tomar veneno de amigos falsos. Isso vai acabar matando você.

Sophie sentiu um nó na garganta. Ela tentou engolir.

— Amigos falsos são os únicos que já tive. Nunca tive um amigo verdadeiro. Nenhum.

Will, esfregando outra gota de folha-de-vespa no queixo de Sophie, disse:

— Bem, você tem um pouco agora. Mesmo que tenha toneladas de manchas vermelhas feias espalhadas por toda parte.

— *Toneladas* de manchas? Sério, Will?

Ele assentiu.

Arno entrou na conversa.

— E mesmo que você não tenha cabelo.

— *O quê?* — Sophie disse. Suas mãos voaram para sua cabeça.

Ela viu que o que Arno dissera era verdade.

— M-meu cabelo — gaguejou ela, horrorizada. — O que aconteceu...?

— Eu cortei. Tive que cortar... — Will disse. — O escorpião estava emaranhado nele, e eu estava tentando tirá-lo de

você. Mas, mesmo sem cabelo... Mesmo que você esteja coberta de lama viscosa...

— Estou sem cabelo — Sophie repetiu em choque.

— E mesmo fedendo...

— Espere... Esse cheiro sou *eu*?

— Mesmo com todas essas coisas, Sophie... Estou aqui — disse Will. — E Arno também.

Will terminou de limpar a lama de seu queixo. Depois olhou nos olhos dela.

— Acho que isso significa que somos seus amigos.

SESSENTA

SOPHIE OLHOU POR CIMA DO OMBRO. O mausoléu dos von Stauffensee erguia-se à distância, seu mármore branco brilhando tão intensamente ao luar que seria fácil encontrar o caminho de volta até ele. Arno estava certo; a floresta não era lugar para eles aquela noite, e ela não queria se perder.

Com Zara ao seu lado, Sophie caminhou entre as árvores para se aliviar. Seu andar era lento. Tudo doía. As picadas do escorpião latejavam. Seus músculos reclamavam, por toda a caminhada que fizera. Mas era seu coração que mais doía. O encontro com a madrasta a deixara desanimada e assustada.

O mecanismo dentro dela estava enfraquecendo, sua madrasta e o Rei dos Corvos a queriam morta, e sua única esperança de sobrevivência — um castelo chamado Nimmermehr — estava cercada por criaturas assassinas que nunca a deixariam passar. Ela era a única esperança de seu povo e não tinha ideia se seu coração doente a deixaria sobreviver àquela noite.

Parecia a Sophie que, quanto mais fundo entrava na Floresta Sombria, com mais medo ela ficava — medo de que sua busca fosse impossível, medo de morrer na floresta como Jasper.

E depois? Sua mente respondeu à pergunta por ela, torturando-a com imagens do Capitão Krause brutalizando os aldeões de Drohendsburg. Dos soldados feridos sucumbindo à fome e ao frio no inverno que se aproximava. De Will e Oma junto ao túmulo de Gretta.

As imagens ainda giravam em sua cabeça quando ela saiu das árvores, e estava tão preocupada que quase não viu

uma mulher vestida de preto, de pé na beira do cemitério.

Com um choque de reconhecimento, Sophie parou bruscamente. Ela a tinha visto antes; estava certa disso. De onde elas se conheciam? Por que não conseguia lembrar seu nome? O aviso de Arno ecoou em sua cabeça. *Deixe de ser burra*. A mulher podia ter sido enviada pelo Rei dos Corvos. Podia ser sua madrastra disfarçada novamente.

— Eu a conheço? — Sophie perguntou, dando um passo cauteloso para trás.

— Todo mundo me conhece — disse a mulher.

E inclinou a cabeça, seus olhos vermelhos observando os vergões no rosto e no pescoço de Sophie.

— Ainda estão doendo?

Sophie assentiu, perplexa com aquela mulher estranha. *Onde* ela a tinha visto?

— As picadas vão sarar. Em um ou dois dias, a dor vai embora. Mas a dor em seu coração? Essa dor nunca vai embora.

Sophie sentiu seu corpo esfriar.

— Como você sabe...

A mulher não a deixou terminar.

— A dor a seguirá enquanto houver uma criança faminta no reino. Uma família sem casa. Um homem doente tremendo ao pé da fogueira. Essa dor é o fardo de uma rainha, que deve ser suportado até o dia de sua morte. Tem certeza de que deseja este fardo, criança?

— Por que está me perguntando isso? — Sophie questionou, assustada com a capacidade da mulher de enxergar dentro dela.

— Porque às vezes eu ajudo — respondeu a mulher. — Você tem uma arma poderosa em sua posse. Mas é preciso coragem para empunhá-la. Muita coragem. Você é tão corajosa assim?

O coração de Sophie disparou.

— Que arma? — perguntou ela, olhando em volta. — Cadê?

A mulher riu sem alegria.

— Você ainda não sabe?

— Não, eu não sei. O que é essa arma? Diga-me, por favor.

A empolgação de Sophie cresceu com a ideia de ter algo, *qualquer coisa*, para usar contra o Rei dos Corvos.

A mulher deu um passo para trás, balançando a cabeça.

— Você deve descobrir por si mesma.

— Não, espere! Diga-me! Você disse que ajudava! — Sophie gritou, em aflição.

A mulher sorriu tristemente. Sophie viu que seus dentes eram pretos.

— Às vezes, mas nem sempre.

Então a mulher se virou e pôs-se a caminhar para dentro da Floresta Sombria. Deu só alguns passos e já estava desaparecendo na escuridão.

— Não! — gritou Sophie, desesperada para mantê-la ali, para descobrir sobre a arma.

Sophie correu atrás dela, estendeu a mão. Quando sua mão tocou no braço da mulher, ela sentiu um choque de dor percorrer todo o seu corpo. Cambaleou para trás, olhos fechados, ofegante.

Quando abriu os olhos, a mulher havia sumido e ela estava sozinha. Zara saiu correndo da floresta e ficou ao lado dela, abanando o rabo.

Sophie pressionou uma mão na testa.

— Não tem ninguém aqui — disse ela, com um tremor na voz.

Ela se perguntou se seu coração defeituoso a estava fazendo alucinar.

— Sophie! — gritou uma voz abafada. — Sophie, cadê você?

Era Will. Ele estava caminhando em direção à floresta, tentando ficar o mais quieto que podia, para não alertar ninguém que por acaso estivesse passando pelo cemitério.

— Estou indo! — Sophie gritou de volta, levantando-se e olhando ao redor mais uma vez. — Eu a imaginei? — ela sussurrou. — Só posso ter imaginado.

Mas, enquanto se apressava para encontrar Will, sentiu algo úmido em sua mão direita, aquela que ela usou para tocar a mulher. Ela a virou e mordeu o lábio.

Sua palma estava manchada de sangue.

SESSENTA E UM

ESTAVA ESCURO E BASTANTE TARDE. As corujas estavam à espreita, piando baixinho enquanto voavam sobre o mausoléu. Os ratos corriam em seus cantos escuros.

O lugar parecia mais uma mansão do que uma tumba. Tinha tetos altíssimos, bancos de pedra e até uma lareira para funerais de inverno.

Arno acendeu uma pequena fogueira e as chamas afastaram o frio. Sophie estava aquecida e segura; o estômago cheio. Will tinha feito um delicioso jantar de coelho com azedinha selvagem. Ela deveria ter dormido há muito tempo, mas não conseguiu. Estava sentada em seu saco de dormir, com os braços em volta das pernas, o queixo sobre os joelhos, olhando para o fogo, pensativa.

Ela limpou o sangue de sua mão antes que Will percebesse e cuidou do corte longo e fino em sua palma assim que voltou para dentro do mausoléu, mas a imagem da mulher e as coisas que ela dissera a estavam assombrando.

Arno estava talhando a figura de uma raposa com sua faca. Will, estendido em seu saco de dormir, olhava para o teto de mármore esculpido com figuras de anjos e santos.

— Devemos chegar a Nimmermehr em dois dias, se estabelecermos um bom ritmo — disse Arno, tomando um gole de conhaque de um frasco.

Nem Sophie nem Will responderam.

— O que há de errado? Alguém morreu? Hehe — disse Arno, olhando em volta para todos os von Stauffensee, cujos bustos ficavam em pedestais e cujos nomes estavam gravados nas paredes.

Ninguém respondeu a isso também, mas Will virou a cabeça para Sophie.

— Por que você não está dormindo? A picada de escorpião está doendo? — perguntou ele.

Sophie, ainda olhando para o fogo, disse:

— Não. É porque *eles estão* com dor. Porque estão sofrendo. E famintos. E com frio. Porque não têm para onde ir — respondeu ela.

— Quem?

— Os soldados. Max. Os Becker.

— Você deveria dormir um pouco. Não pode fazer nada por eles esta noite — disse Will.

Ela olhou para ele.

— Algum dia vou poder fazer alguma coisa por eles? — perguntou Sophie, com dúvida na voz. — E se eu não conseguir? Provavelmente não vou. E eu arrastei vocês dois para essa busca inglória também. E, se algo acontecer com você, Will? O que será de Oma e Gretta?

— E se algo acontecer a *mim*? — interrompeu Arno.

— Estou com medo — continuou Sophie. — Não por mim. Por eles. Eu sou tudo o que eles têm. *Eu* — ela deu uma risada amarga. — E não estou à altura da tarefa.

Fez-se silêncio. A maioria das pessoas o teria preenchido com banalidades e promessas vazias de sucesso, mas Will e Arno não eram a maioria.

— Se você não pode falhar, então não falhe — disse Will.

Sophie fechou bem os olhos.

— Não está ajudando, Will — disse ela.

— Ei, querem ouvir uma história? — perguntou Arno, tentando amenizar o clima. — Ótimo! — disse ele, quando ninguém respondeu. — Esta se chama “A Donzela na Torre”. — Ele respirou fundo. — Era uma vez, uma garota que ouvia — começou ele. — Ela ouvia todas as pessoas ao seu redor — pais, parentes, amigos — quando falavam a ela sobre todos os perigos deste mundo e os muitos males que poderiam acontecer a ela. Ora, só por se aventurar na

cidade ela poderia ser pisoteada por uma carruagem descontrolada, carregada por um exército invasor ou cair no rio e se afogar. Por outro lado, se ficasse em casa, um raio poderia atingi-la e incendiá-la. Uma árvore poderia cair e desabar o telhado. A garota tinha muito medo, medo de se aventurar, medo de ficar, medo de fazer qualquer coisa. “Não se preocupe”, disseram as pessoas. “Vamos mantê-la segura.” Todos carregavam tijolos pesados. Disseram a ela para construir quatro paredes fortes ao seu redor. Em seguida, entraram na fila e entregaram a ela seus tijolos, um após o outro. “Bonecos”, disse o primeiro ao entregar o tijolo a ela. “Sanguessugas”, disse um segundo. Esses tijolos foram seguidos por outros: queijos azuis, dentaduras, piratas, pães mofados, a peste. Um por um, a garota pegou os tijolos e os colocou em volta de si mesma em um quadrado bem calculado. Ela acrescentou outra camada e depois outra. Os tijolos pesados se trancaram uns nos outros. Mais e mais alto ela construiu as paredes, ficando na ponta dos pés, até que finalmente não conseguiu ir mais longe. A garota sorriu quando terminou. Nada poderia entrar. Não através daquelas paredes de tijolos resistentes. Mas a garota também não conseguia sair. Ela construiu as paredes tão rapidamente que se esqueceu de fazer uma porta. Estava a salvo de todas as coisas assustadoras do mundo, sim. Mas também estava a salvo de outras coisas. Rosas. Música. Pôr do sol. Pêssegos. Livros. Panquecas. E beijos. Ela gritou para as pessoas que lhe entregaram os tijolos, mas elas sumiram. Estava sozinha. Ninguém podia ouvi-la. Desesperada para se libertar, a garota tentou escalar as paredes, mas só conseguiu fazer suas mãos sangrarem.

— O que aconteceu com ela? — perguntou Sophie.

— Morreu de fome, lenta e dolorosamente, olhando para o céu através do topo aberto da prisão feita por ela mesma.

Will disse, sonolento:

— Esse é o segundo pior conto de fadas que já ouvi.

— Que fim terrível — disse Sophie, jogando-se para trás no saco de dormir.

— Não é? — Arno falou alegremente. — Adoro contos de fadas. Eles não são de meias-palavras. Nada que a donzela temesse a matou; o próprio medo, sim. Há uma lição nessa história.

— Sim, há: o medo é um péssimo arquiteto — Will murmurou.

— Não — disse Arno. — Não é isso. Vocês não veem? As pessoas carregam os tijolos pesados com elas por toda a vida. Elas se sobrecarregam. Entregam tijolos e sobrecarregam os outros. Quando tudo o que elas precisam fazer é colocar os tijolos no chão.

— Então, o que fazemos? Não construímos nada? Vivemos numa árvore? — Will perguntou.

— Como nos protegemos? — perguntou Sophie.

— Proteger-se? De quê? Dor? Sofrimento? Miséria? Perda? — perguntou Arno.

— Sim — disse Sophie. — De todas essas coisas.

— Além disso, de chuva, neve e esquilos — Will acrescentou.

Então, ele puxou o gorro sobre as orelhas e se virou de lado.

Sophie se virou de lado também, de costas para Will. Havia meio pé de espaço entre eles.

— Boa noite, Arno — disse ela. — Obrigada por uma história verdadeiramente horrível.

— É um prazer — disse Arno, tomando mais um gole de conhaque.

Logo a respiração de Will se equilibrou e se aprofundou. A de Sophie também. Arno atçou o fogo moribundo e continuou a talhar. Enquanto a pequena raposa tomava forma em suas mãos, Sophie se contraiu em seu sono. Estava sonhando. Com a garota isolada. Em seu sonho, era ela quem estava dentro da torre. Mas os gritos que ouvia não eram dela. Pertenciam ao seu povo.

Desesperada para ajudá-los, procurou uma arma em sua pequena prisão — uma faca, uma espada, um arco e flecha, *qualquer coisa*. Ela tinha uma arma. A mulher estranha e pálida disse que sim. Então, qual era? Desesperada, ela cavou na terra e agarrou os tijolos até que suas mãos ficassem rasgadas e ensanguentadas, e, enquanto fazia isso, debatia-se em seu sono, choramingando e gemendo.

Arno inclinou-se em sua direção para acordá-la. Mas não precisou, pois Will, resmungando em seu sono, rolou de costas. Sophie choramingou novamente.

— Shh — fez Will.

Ele se virou e jogou um braço sobre ela.

— Shh — fez ele de novo, sem acordar.

Sophie parou de se mexer. O corpo dela relaxou no dele, as costas dela contra o peito dele. Zara se levantou de seu lugar perto do fogo e caminhou até Sophie. Deu várias voltas e, em seguida, cheirou os braços de Sophie, que estavam dobrados à sua frente. Quando a cutucada não conseguiu fazer Sophie movê-los, Zara deu uma patada neles. Sophie então ergueu um braço para afastá-la, mas Zara rastejou embaixo dele e se acomodou contra o peito da garota, que resmungou algo incompreensível e envolveu a cadelinha com os braços. Um momento depois, todas as três criaturas estavam dormindo profundamente.

Arno deu uma risadinha.

— Como nos protegemos? — sussurrou ele à luz das brasas acesas. — Ah, Sophie. A resposta está bem na sua frente.

SESSENTA E DOIS

SOPHIE ABRIU OS OLHOS.

O rosto de Will estava a apenas alguns centímetros do dela. Seus braços estavam ao redor dela. Os da garota, pressionados contra seu peito. Ela podia sentir que subia e descia, podia sentir seu coração batendo.

Como isso aconteceu?, ela se perguntou, mas não se afastou. O chão abaixo dela estava frio, e ele estava tão quente. O som de sua respiração a acalmava. E o peso do braço dele em seu corpo era doce.

A luz prateada do amanhecer banhou-se sobre ele, destacando seus traços — suas maçãs do rosto salientes, a linha de sua mandíbula, seu nariz com uma leve saliência na ponta. Seus olhos fechados estavam na sombra, mas ela podia ver seus cílios escuros, volumosos contra sua pele. A barba por fazer no queixo. Seus lábios.

Seu coração ronronou suavemente. *Ele é lindo*, ela pensou. *Tão lindo*.

Sophie sabia que precisava acordar. E sentar-se. Precisava se lembrar de quem era, onde estava e o que precisava fazer. Mas ainda não. Ainda não.

Só mais um minuto, ela pensou, aninhando-se mais perto dele. Ela se permitiu imaginar como seria se sempre fosse assim com ele. Como seria abraçá-lo do jeito que ele a estava abraçando. Correr os dedos pelo cabelo dele, segurar seu rosto com as mãos, beijar seus lábios.

Isso nunca aconteceria. A coroa lhe tomara a fazenda, matara seus pais, deixara sua irmã doente. Como ele poderia perdoar tudo isso? Perdoá-la? Ele odiava tudo o que ela representava, e ela estava se apaixonando por ele.

Sophie suspirou. Seus olhos se fecharam.

E então Will a lambeu.

Do queixo, passando pela boca e pelo nariz até a testa, deixando um rastro de baba em sua pele.

Sophie se engasgou. Ela se sentou, ereta.

— *Will!* Isso é nojento. Como... Como você *pôde*?

— O quê? — Will murmurou, abrindo os olhos.

— *Você me lambeu!*

Will piscou.

— Está louca?

E, então, aconteceu de novo. Uma longa língua rosa percorreu o rosto de Sophie, da bochecha até a orelha. A lambida foi seguida por um gemido. E, então, um latido. Era Zara que precisava sair.

— Me chame quando tiver café — disse Will, bocejando. — E beba um pouco. Aí talvez você note a diferença entre mim e um cachorro.

Ele se virou e fechou os olhos.

Sophie corou, envergonhada. Seu coração fez um barulho que parecia uma roda soltando de um carrinho. Will puxou o cobertor sobre a cabeça. Zara choramingou novamente. Ela caminhou até a porta e voltou.

— Espere aí, garota. Estou indo — disse Sophie, pondo-se de pé. Ela levaria Zara para a floresta.

O fogo estava queimando forte, alimentado com os galhos recolhidos na floresta. Arno não estava à vista. Sophie foi até a porta de ferro e viu que estava entreaberta. Cautelosamente, ela a abriu. Rangeu alto.

— Você pode sair — disse Arno. — Não tem mais ninguém aqui. Este é um cemitério solitário.

Ele estava a poucos metros de distância, de costas para ela, observando um grupo de andorinhas voar. Sophie desejou-lhe bom-dia e, então, ela e Zara correram para as árvores. Quando voltaram, Arno estava falando com as andorinhas. Várias delas desceram sobre lápides próximas.

Inclinavam a cabeça para um lado e para o outro, olhando para ele com seus olhos rápidos e curiosos.

— Você fala com elas tão gentilmente, tão calorosamente — disse Sophie, juntando-se a ele. — Como se fossem crianças.

— São crianças. As andorinhas carregam as almas das crianças mortas. Você não sabe disso? — perguntou ele. — Nunca as viu voando? Tão diferentes de outros pássaros, voando de pura felicidade. Exatamente como as crianças fazem. Você nunca se perguntou sobre isso?

Sophie não respondeu. Porque, daí, todos os pássaros voaram de seus poleiros de lápide ao mesmo tempo, cantando e chamando, voando baixo, como crianças correndo juntas no campo. Seu coração batia tão forte que ela pensou que fosse se despedaçar. Nunca tinha visto nada tão bonito.

Uma andorinha pousou novamente. No topo de uma pequena lápide. Sophie leu o nome gravado nela. *Mattias Schmitt*.

Ela se virou para Arno, chocada.

— Seu filho — disse ela.

Arno acenou com a cabeça.

— Vim saudá-lo. Ele tinha três anos quando morreu. Febre. Eu era carpinteiro, mas não tinha trabalho. Todas as árvores em quilômetros ao redor foram levadas pela coroa para construir quartéis. Por isso, roubei um comerciante rico para pagar um médico, mas era tarde demais.

Ele tocou a marca horrível na bochecha e disse:

— Matti morreu. Eu fui pego. A justiça da rainha foi cumprida.

O coração de Sophie deu um salto, enguiçou e depois voltou ao ritmo.

— Ser pego, ser marcado... Nada disso me destruiu — continuou Arno. — Só me deixou mais inteligente. Uma velha foi enterrada no mesmo dia que Matti. Uma viúva rica. Foi colocada no chão com uma libra de ouro sobre ela.

Nunca ajudou ninguém quando estava viva — ele sorriu. — Mas ajudou quando estava morta. Ajudou uma criança que adoeceu após a morte de Matti. Assim como muitos outros que estão aqui. A vida pode ser tão fria, tão insensível. Mas os mortos? Ah, os mortos ficam felizes em ajudar.

Sophie lembrou-se de como Arno colocou a bolsa de joias em sua mão para entregá-la aos refugiados.

— Você dá o dinheiro, não é? — disse ela. — Você o usa para ajudar as pessoas.

Arno ficou em silêncio por um momento. Ele e Sophie observaram os pássaros voando alto acima deles. Ela se lembrou de suas palavras duras nas criptas de São Sebastião, quando viu o que havia nas sacolas e percebeu como Arno conseguira aquelas coisas. Ela sabia o que era ser julgada.

— Eu sinto muito, Arno — Sophie disse.

Arno virou-se para ela.

— Você quer encontrar seu coração, garota? — ele perguntou baixinho. — Veja uma criança morrer por falta de algumas moedas. Faça isso e você poderá começar a entender algumas coisas, como a diferença entre um roubo e um crime.

Ele foi embora, passando pelas lápides, de volta para dentro do túmulo. A andorinha voou da lápide e pousou no ombro de Sophie, gorjeando para ela, então decolou novamente.

Enquanto observava o pássaro ir embora, Sophie pensou em muitas coisas. Sete irmãos, antes estranhos para ela, salvaram sua vida. O pequeno Mattias, morto sob seus pés, e a doente Gretta, que logo se juntaria a ele. Um ladrão de túmulos com um saco de joias empoeiradas e um coração de ouro puro. Um garoto bonito que lhe contava coisas bonitas e a fazia acreditar nelas. Outro garoto, que estava calado e estranho, mas aqui. Com ela. Quando tinha todos os motivos para não estar.

O amor dá medo.

É mais corajoso do que generais, mais forte do que fortalezas. Abre sepulturas e puxa anéis de cadáveres. Senta-se durante a longa e solitária noite com uma criança doente. Fabrica corações com pecinhas enferrujadas e os faz bater, não importa quantas vezes seja partido.

— O café está pronto! — berrou Arno da porta da tumba.
— Venha tomar o café da manhã, Sophie. Precisamos pegar a estrada. Ainda falta muito para Nimmermehr.

Os três comeram e depois empacotaram suas coisas. Arno trancou a cripta, e eles partiram. Zara correu à frente deles, desviando-se da grama para perseguir esquilos.

Enquanto Sophie caminhava, fechando a retaguarda, ela observava Will. *Um rei poderoso tomou meu coração*, ela pensou. *Mas um garoto sem dinheiro o roubou de volta*.

Will não sabia. Ele não sabia que tinha dormido com o braço em volta dela. Que eles respiraram a respiração um do outro a noite toda. Que ela desejou dele mil coisas impossíveis.

Ele não sabia.

E nunca saberia.

Pois o amor é terrível, e Sophie está assustada.

Quando os três deixaram o cemitério e entraram na Floresta Sombria mais uma vez, um corvo pousou em um galho alto.

Ele inclinou a cabeça de um lado para o outro, observando Sophie. Viu tristeza em seus ombros. Incerteza na maneira com que juntava as mãos. Viu desejo em seus olhos.

Sacudiu a cabeça. Como se conhecesse seus pensamentos. Como se conhecesse seus medos.

E, então, silenciosamente, ele voou para longe. Rumo ao oeste, na luz cinzenta do amanhecer.

Em direção a Nimmermehr.

SESSENTA E TRÊS

O REI DOS CORVOS ESTAVA FURIOSO.

Seu casaco esvoaçava atrás dele como fumaça enquanto ele caminhava pelos aposentos da rainha.

— A princesa está se tornando uma heroína para seu povo — disse ele.

— *Meu povo* — disse Adelaide.

— Não por muito tempo. Em cada praça do mercado, em cada taverna e prefeitura, as pessoas falam sobre uma princesa rebelde, um anjo vingador que voltou dos mortos para ajudá-los. E você? — Ele apontou um dedo em garra para ela. — Você não faz *nada*!

— Isso não é verdade! Eu tenho um príncipe e um capitão da guarda procurando por ela. Tentei matá-la. Duas vezes!

— E falhou nas duas vezes — disse Corvus.

Ele enfiou a mão no casaco, tirou alguma coisa dos bolsos e colocou sobre a mesa.

Adelaide ergueu uma sobancelha.

— Uma maçã? — disse ela.

— Uma maçã envenenada — disse o rei. — Ela está se aproximando de Schadenburg. Vá até lá. Coloque-a ao seu alcance.

— Como? Ela vai tomar cuidado com estranhos agora. Não vou conseguir convencê-la a pegar nada de mim de novo.

— Você não precisa. Ela vai pegar por si mesma.

Adelaide hesitou, tomada pela dúvida.

— Ela está ficando forte, Corvus — disse ela por fim. — Talvez mais forte do que qualquer um de nós.

Uma raiva letal flamejou nas profundezas dos olhos escuros do rei. Ele acenou com a mão na frente do espelho.

Uma imagem girou e tremeluziu na superfície. Ele ficou mais irritado.

— Olhe, Adelaide — ordenou. — *Você é forte. Esqueceu?*

Adelaide olhou para o espelho e viu uma menina de doze anos. Ela corria por um longo corredor. Seu cabelo estava solto. Seus olhos, cheios de medo. O sangue cobria seu rosto. Escorria pela frente de seu vestido.

Com um grito, Adelaide afastou-se do espelho, incapaz de suportar a imagem e as lembranças que ela trazia.

— *Você sobreviveu naquele dia* — disse Corvus. — *Eu a ajudei. Nunca abandonei você. Nem uma vez em todos esses anos. E agora estou avisando... Esta é sua última chance.*

Adelaide irritou-se com suas palavras.

— *Eu invoco você. Você serve a mim* — ela rebateu com veemência. — *É bom se lembrar disso.*

O Rei dos Corvos sorriu friamente.

— *Tem certeza disso?* — zombou ele.

E, então, ele se foi.

Adelaide foi até o espelho. Tocou sua borda dourada. Era antiga. Estivera no palácio de seu pai por séculos. Enquanto ela olhava em suas profundezas, a garota apareceu novamente. Era apenas uma criança. Sozinha. Medrosa. Girando em um círculo frenético. Adelaide observou a garota se olhando no vidro prateado. Ouviu o nó em sua garganta, os soluços torturantes. *Eu não sei o que fazer... Me ajudem... Alguém, por favor, me ajude...*

O Rei dos Corvos ouviu suas súplicas. E respondeu. Ele foi o único que o fez.

A garota pressionou a palma da mão no vidro. Adelaide fez o mesmo. Então, ela se virou e pegou a maçã.

SESSENTA E QUATRO

HAVIA UM ESPANTALHO PENDURADO COMO UM cadáver num poste de madeira.

Sua cabeça caiu para frente. Um braço oscilou frouxamente ao lado do corpo. O outro, ainda preso ao mastro, apontava para o leste — o caminho de onde Sophie, Will e Arno tinham vindo.

Como se estivesse nos dizendo para voltar, Sophie pensou, inquieta.

Eles passaram pelo espantalho, por uma igreja em ruínas e um grupo de casas precárias. Cortinas sujas tremiam nas janelas; rostos preocupados surgiram atrás delas. Cães magros latiam nos portões. Crianças magras, com cabelos escorridos e olheiras, ficavam paradas nas portas. Pareciam ter perdido a cor, como roupas lavadas com muita frequência.

Sophie e seus amigos estavam nos arredores de Schadenburg, uma velha cidade murada, a última na estrada para Nimmermehr. Teriam de acampar na floresta por mais uma noite, e Arno queria comprar os ingredientes para uma boa ceia.

— Não consigo mais comer coelho — disse ele. E, então, contou todas as coisas que iriam comprar: — Uma garrafa de um bom vinho, três bifes, pão fresco, manteiga, batatas para assar na brasa, queijo e frutas.

— Você faz soar como a Última Ceia — Will resmungou.

Foi a primeira coisa que dissera em horas. Ele estava mais quieto do que o normal desde que deixaram a tumba dos von Stauffensee.

— Pode ser — disse Arno filosoficamente. — Então vamos pegar um bolo de chocolate também. Eu conheço uma casa de penhores na aldeia. Vou vender ao dono um ou dois anéis.

Will se ofereceu para penhorar as pérolas que Oma lhe dera, mas Arno não quis nem ouvir falar disso. Eles continuaram caminhando e, alguns minutos depois, estavam se aproximando do portão leste da cidade. Uns cinco metros antes disso, porém, Will parou.

— Eu preciso contar uma coisa... — disse ele a Sophie.

Sophie olhou para ele interrogativamente. Will abriu a boca, depois fechou de novo, fazendo uma careta. Sophie sabia que ele não era muito falador. Podia ver que ele estava lutando para pronunciar as palavras.

— Eu não devia ter dito o que disse. Lá no acampamento dos soldados — ele finalmente deixou escapar.

Arno olhou para os dois, sua curiosidade aguçada.

— O que você disse? — perguntou ele, aproveitando o intervalo para tomar um gole no cantil.

— Ele disse que me odiava — respondeu Sophie, estremeando um pouco com a lembrança.

Arno cuspiu sua água.

— Você disse *o quê?*

Will balançou a cabeça, claramente chateado.

— Não, não! *Desprezava*. Eu disse que a desprezava.

— Ah, claro, então está tudo bem — disse Arno, bufando.

— Sinto muito, Sophie. Eu a confundi com todas as outras pessoas do palácio. Você não é nada parecida com a rainha — Will disse seriamente.

— Exatamente o que toda garota quer ouvir, que ela não é nada parecida com uma tirana maluca — disse Arno.

Will olhou profundamente para Sophie. Ela poderia dizer que esperava que suas palavras tornassem as coisas melhores. Mas, não. Na verdade, elas a machucaram mais.

Ele viu sua expressão infeliz e empalideceu.

— Eu disse alguma coisa errada? — perguntou, ansioso.

Sophie sorriu tristemente para ele.

— Você está tentando se sentir melhor, Will, porque acha que eu vou morrer logo. É por isso que você está me dizendo essas coisas. Porque você pode não ter outra chance e quer limpar sua consciência enquanto pode.

Will pareceu magoado.

— Não, *não* é essa a razão — disse ele com agilidade. — Não mesmo. Veja, é como Oma disse... *Você*, você é uma princesa...

Arno fez um gesto para que ele se apressasse.

— E eu? Eu, eu... Bem, eu *não* sou...

— Não é o quê? Uma *princesa*? — indagou Arno.

— Sim — disse Will, olhando de Arno para Sophie, impotente. — Não sou da realeza...

Suas palavras foram sumindo. Ele desviou o olhar, com as bochechas vermelhas, sentindo-se derrotado.

Sophie quase teve dó dele.

Arno, não.

— Sophie, vamos continuar até a cidade — sugeriu ele, pegando-lhe o braço. — E você, Will, cale a boca.

Os três atravessaram o portal em arco num silêncio constrangedor e logo se encontraram na sinuosa rua principal. Era dia de feira, e camponeses vinham vender seus produtos.

Sophie nunca tinha visto um lugar tão sombrio. Os edifícios que ladeavam a rua principal eram feitos de pedra cinzenta. Eram altos e tortos, e pareciam inclinar-se uns sobre os outros na estreita rua principal, como se estivessem cansados. O povo vestia roupas de tecido cinza e xales de lã cinza. Até seus rostos eram cinzentos. Parecia que a aldeia e todos nela eram feitos de cinzas. Sophie meio que esperava que um vento forte viesse e os levasse embora.

Agricultores muito rústicos e rudes trocavam repolhos e batatas, galinhas cansadas e pequenas maçãs pontilhadas por moedas de prata sujas. Homens esguios, de braços

cruzados sobre o peito, ficavam ali parados, carrancudos, nas portas de lojas e tavernas, observando as pessoas passarem, às vezes balançando a cabeça, às vezes cuspiendo.

Corvos, empoleirados entre as chaminés, grasnavam asperamente nos telhados. Alguns ficavam nos picos ou nas cornijas olhando as pessoas na rua. Seus olhos recaíram sobre Sophie.

— Odeio este lugar — disse Arno, puxando a gola do paletó em volta do pescoço, embora não estivesse frio.

Ele encontrou a casa de penhores e conseguiu um bom preço por um anel de esmeralda. Depois de dividir as moedas — e itens de sua lista de compras — entre ele, Sophie e Will, Arno disse:

— Vamos nos separar, comprar nossos suprimentos e nos encontrar no portão oeste em meia hora. Sairemos daqui mais rápido assim.

Will e Sophie concordaram e os três seguiram caminhos separados, com Zara trotando atrás de Sophie. Poucos minutos depois, Sophie encontrou uma barraca de padeiro e comprou um pão. Em seguida, encontrou uma confeitaria e comprou um pequeno bolo de chocolate. A última coisa em sua lista eram frutas.

Conforme ela descia a rua sinuosa, parecia ficar ainda mais estreita. Vitrines e compradores, carroças e carrinhos, tudo aglomerado. Ela olhou para as montanhas de frutas e vegetais. Eram a única coisa colorida na cidade sombria, mas até eles pareciam desbotados. Ela queria comprar algumas maçãs, mas pareciam estragadas e de aparência azeda.

Poucos minutos depois, Sophie se viu no fim da rua, no portão oeste, e ainda não havia encontrado nada que valesse a pena comprar. Enquanto se virava lentamente, procurando ver se Will ou Arno já haviam chegado ao portão, de repente avistou uma mancha vermelha brilhante contra o pano de fundo irrealmente cinzento. Uma

camponesa solitária, de bochechas vermelhas e sorriso nos lábios, o cabelo enfiado sob um chapéu de palha, montara sua barraca em uma rua lateral estreita. Estava vendendo as mais perfeitas maçãs vermelhas e maduras. Sophie decidiu que compraria da mulher. Ela ainda tinha tempo. Nem Will nem Arno estavam à vista.

— Vamos, garota — disse ela para Zara.

As duas abriram caminho através do fluxo de pessoas até a barraca.

— Três maçãs, por favor — disse Sophie, tirando uma moeda do bolso.

— Só três? — perguntou a camponesa alegremente, enquanto pegava o dinheiro de Sophie. — Claro, você nunca comeu as *minhas* maçãs. Se tivesse comido, compraria uma dúzia. São tão deliciosas. — Ela acenou com a cabeça para a pilha de frutas. — Experimente uma. Por minha conta. Então me diga se você ainda quer apenas três.

Sophie sorriu.

— Se a senhora insiste — ela disse.

As maçãs pareciam tão saborosas, e ela *estava* com um pouco de fome. A dona da fazenda arrumou as frutas em uma pirâmide. Sophie pegou a de cima, esfregou na camisa e depois a mordeu. Estava crocante e ácida. O suco escorreu por seu queixo. Ela o enxugou com as costas da mão.

— O que você acha? — perguntou a camponesa.

— É deliciosa — disse Sophie, dando outra mordida.

Mas não era. Não mais. De repente, ficou exageradamente doce.

— O que você acha? — perguntou novamente a camponesa.

Sophie tossiu. Ela não queria ferir os sentimentos da mulher.

— E-eu disse... É deliciosa... É...

Ela ofegou, depois tossiu de novo, tentando limpar a garganta.

— Não, sua idiota patética. O que você acha que está fazendo? Viajando para Nimmermehr, para o castelo do Rei dos Corvos? Você realmente pensou que poderia vencer um adversário como ele?

Sophie virou a cabeça. Abriu os olhos. A camponesa ergueu a cabeça. Sophie podia ver seus olhos azuis, seu sorriso cruel. *Adelaide*. Um movimento chamou a atenção de Sophie. A maçã em sua mão estava cheia de vermes. Com um grito de nojo, ela a jogou no chão.

Vozes começaram a tagarelar com ela. Dezenas delas. *Fraca... Insensata... Não é forte o suficiente... Não é inteligente o suficiente...*

Foram as maçãs. Elas estavam todas sussurrando e sibilando, murchando e desmoronando. A podridão escureceu suas cascas antes vermelhas.

Sophie ofegou por ar, mas não conseguiu. O pedaço de maçã estava preso em sua garganta. O pânico tomou conta dela. Ela estava vagamente ciente de ouvir Zara choramingando.

Por favor, Sophie murmurou, o pânico transformando-se em terror. Ela se virou, esperando acenar por ajuda para um comprador que passasse. Mas não havia nenhum por perto. Estavam todos na rua principal. Ninguém lançou um olhar em sua direção.

Sophie agarrou sua garganta. Sua visão estava escurecendo. Zara latia loucamente.

— Não deve demorar muito. Só mais um minuto ou dois e tudo estará acabado — disse Adelaide.

Sophie afundou na dura rua de paralelepípedos.

Outro rosto olhou para ela agora, o rosto de um homem — pálido, com olhos frios e uma boca cruel.

— Você me reconhece, princesa? — perguntou ele. — Não? Bem, não importa. Eu conheço você e acabei com você. Para sempre desta vez. Tenho o seu coração. Em breve, terei todos os corações.

No instante em que a escuridão desceu sobre ela, varrendo seus olhos como uma asa negra, Sophie percebeu que o conhecia. Era Corvus, o Rei dos Corvos.

Ele é o vilão desta história. E muitas mais.

SESSENTA E CINCO

AO LADO DE UM CARRINHO DE MÃO numa cidade cinzenta e sem coração, uma cachorrinha magra late freneticamente.

As pessoas se reúnem ao redor. Tentam acalmá-la, afastá-la do corpo da menina, mas a cachorrinha se mantém firme.

Um homem e um rapazinho vêm correndo. Eles conhecem o som do seu latido.

O garoto grita. Cai de joelhos. Chama pela garota. Bate em seu rosto. Implora a ela.

Ele sabe o que aconteceu. Lembra-se do escorpião. Mas, desta vez, a garota não está respirando. Desta vez, não há nada contra o que lutar. Ele não vê a maçã comida pela metade, pois ela fora chutada para baixo do carrinho por um pé descuidado.

O homem gira e gira em um círculo selvagem e furioso, com a adaga na mão, procurando o assassino. Mas não havia nem sinal dele. Apenas um carrinho de mão gasto, castigado pelo tempo e enferrujado, com uma pilha de maçãs podres.

O garoto segura o corpo inerte e sem vida da garota em seus braços e chora em seu pescoço.

E a cachorrinha magra levanta a cabeça e uiva.

Não são os objetos envenenados que nos matam.

Não são os envenenadores que são os assassinos. Somos nós. Nós mesmos.

Ouvimos as cobras. Deixamos os escorpiões se aproximarem.

Acreditamos nos assobios, nos sussurros, nas palavras que nos dizem tudo o que não somos e nunca seremos.

Pegamos a maçã vermelha brilhante que a rainha do mal oferece e a mordemos.

O veneno pode ser extraído da carne, mas palavras envenenadas se alojam no fundo dos nossos corações, onde nenhum antídoto pode chegar.

Acima da triste cidade cinzenta, um bando de corvos subiu alto no céu, gritando em tom de triunfo.

Seu mestre venceu. A princesa está morta.

SESSENTA E SEIS

UMA CHUVA LEVE ESTAVA CAINDO QUANDO Will e Arno chegaram à Toca.

Josef, que estava consertando uma ripa quebrada na cerca, viu-os chegar. Ele não conhecia os dois homens, mas ergueu a mão em saudação. Eles lhe deram seus nomes, e Josef se apresentou também. Ele estava prestes a perguntar se estavam com sede, se poderia pegar um pouco d'água para eles, quando seus olhos se moveram para o cavalo que estavam conduzindo e para o embrulho, cuidadosamente enrolado em um cobertor, que estava sobre a sela.

O martelo de Josef atingiu o chão com um baque surdo.

— Não — disse ele, como se pudesse recusar o que sabia que estava por vir. — *Não*.

— Sinto muito — disse Will. — Sinto muito mesmo. Aconteceu em Schadenburg. A caminho do castelo do Rei dos Corvos. Achamos que ela gostaria de voltar aqui para a Toca. Ela nos contou sobre vocês. Ela amava este lugar. Amava vocês.

Os outros irmãos se juntaram a Josef. Eles estavam com os olhos arregalados, preocupados. Julius segurava sua tesoura de jardinagem. Johann afiava um machado. Schatzi carregava uma cesta de cenouras. Jakob tinha uma enxada nas mãos, que acabara de consertar. Weber e Tupfen apareceram. Eles se perguntaram por que Josef não tinha trazido uma bebida para os estranhos. Eles não entendiam por que ele estava parado ali, com as mãos cobrindo os olhos.

Mas, quando se aproximaram, viram que Will tinha se virado, sua cabeça baixa, suas mãos juntas. Viram Arno

tirando suavemente a trouxa do cavalo. Ele a carregou pelo portão e entrou no quintal. Ao fazer isso, o cobertor se abriu e eles viram que carregava o corpo de uma garota. Da garota deles.

As pernas de Julius cederam. Ele se sentou com tudo num velho toco. Johann lançou seu machado contra o tronco de uma árvore com um grito angustiado. Josef e Jakob choraram.

Schatzi largou o cesto, tirou o corpo dos braços de Arno e deitou-o no chão, sob os galhos de um carvalho. Ele beijou as mãos frias de Sophie, acariciou sua face de alabastro.

— Por que você nos deixou, Sophie? Você estava segura aqui. Jeremias e Joosts estão voltando com o seu coração. Eles estarão aqui a qualquer momento. Eu *sei* que eles voltarão. Se você tivesse esperado por eles...

— Vocês viram nossos dois irmãos? — Johann perguntou esperançoso. — Voltando de Nimmermehr?

Arno abanou a cabeça. E Will contou a todos o que havia acontecido, sua voz embargada de tristeza. Mais lágrimas vieram enquanto ele falava. Os corações dos irmãos estavam partidos.

— Mas ela não parece morta — Schatzi disse quando Will terminou. — Ainda tem um rosado na face pálida dela, está vendo? Seus lábios ainda estão vermelhos.

— Não há respiração — Arno disse suavemente. — Não há vida.

— O coração dela está quieto — disse Will. — Eu o ouvi. Por muito tempo. Até que o céu escureceu. Até que seu corpo esfriou. Esperando que o coração de repente batesse, tique-taque... *Trrr. Clack*. Qualquer coisa. Esperando que a luz em seus olhos voltasse... Esperando poder ouvir sua voz novamente, ver seu sorriso...

Sua voz falhou; ele não podia continuar.

Weber, com lágrimas prateadas caindo de seus muitos olhos, fez uma pergunta em sua língua.

— Não, Weber, agora é tarde demais — Josef respondeu.
— Almas não ficam aqui por muito tempo depois de o coração parar. Você tem de estar lá para capturar a alma rapidamente.

Depois, ele balançou a cabeça e disse:

— Ela deve ter um funeral, um enterro adequado.

— Não! Ela não pode ficar enterrada no chão! — gritou Schatzi. — É frio e escuro e solitário, e ela... Ela amava as flores e a luz do sol. Amava o canto da cotovia e o grito dos grilos. Ela *não* será enterrada. Eu não vou permitir!

— Tudo bem, Schatzi, tudo bem — Julius acalmou o irmão, dando tapinhas em suas costas.

— Ela *não* será enterrada — Schatzi insistiu em prantos.

— O que vamos fazer, então? — Johann perguntou.

Todos eles ficaram em silêncio por um momento; então Julius disse:

— Faremos para ela um caixão de quartzo das minas e o poliremos até ficar transparente como vidro. Com alças de ouro. Vamos colocá-lo sob as bétulas prateadas que ela tanto amava. As chuvas da primavera vão passar por cima dela. O sol de verão vai brilhar sobre ela. As folhas de outono vão beijá-la. A neve vai girar em seu abraço.

Schatzi assentiu com a cabeça. Arno disse que os ajudaria. E Will olhou para o céu, os punhos cerrados.

Johann percebeu e caminhou até ele.

— Você a amava — disse ele. — Ainda ama. E ela amava você?

— Ela era uma princesa. Eu sou um arqueiro.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Eu tenho de ir — Will disse bruscamente.

— Ir aonde? Fique conosco. Por esta noite, pelo menos. Você deve estar muito cansado.

Will sacudiu a cabeça. Suavemente, ele disse:

— Tenho pássaros para caçar.

Ficou olhando para a princesa morta, as franjas de seu cabelo mal cortado descansando sobre seu rosto, suas mãos

gracioso sobre o peito, seus lindos lábios tão carnudos e vermelhos. Ainda intocados pela morte. Então, ele abaixou a cabeça para os irmãos e para Arno, e se foi, misturando-se às sombras da floresta tão rápida e silenciosamente quanto as criaturas que viviam lá.

Uma brisa passou pelos galhos dos pinheiros, fazendo-os suspirar.

E a chuva caiu mais forte, como se a própria Floresta Sombria estivesse chorando.

SESSENTA E SETE

OS IRMÃOS TRABALHARAM DUAS NOITES E dois dias sem pausa para fazer o caixão de Sophie.

Eles cortaram enormes placas de quartzo das profundezas de suas minas, poliram-nas até ficarem transparentes como água, enfeitaram-nas com ouro e forraram o caixão com a mais macia seda de aranha. Em seguida, colocaram-no entre as bétulas de prata em um esquife de madeira entalhada.

Apenas alguns momentos antes eles tinham colocado Sophie para descansar nele eternamente.

Tupfen a vestira com calças macias de pele de cervo e uma túnica de linho branco, ambas feitas por Schatzi. Todos se revezaram bordando a túnica com imagens das coisas que Sophie amava — rosas, Zara, ameixas e bolo floresta negra. O cabelo de Sophie estava bem penteado. A franja preta penteada sobre sua testa. Havia ainda um tom rosado em sua face.

— Como ela pode estar morta? — Schatzi perguntou-se, olhando para ela.

— Schatzi, ela *está*. Você tem de aceitar isso.

— Mas *olhem* para ela. Que morto fica assim? Pessoas mortas ficam duras. E quebradiças.

— Você acha que são como pães amanhecidos? — disse Julius.

— É alguma magia sombria do Rei dos Corvos, eu acho. Ele não queria que ela fosse enterrada. Queria que fosse vista, para servir de aviso — disse Arno, que havia ficado com os irmãos e ajudado a construir o caixão.

— Por que ela fez isso? Por que ela foi atrás do coração?
— perguntou Josef, com a voz embargada.

Jakob sacudiu a cabeça.

— As pessoas precisam seguir seus corações, ou morrem muito antes de eles pararem de bater.

Os irmãos, todos parados ao redor do caixão em semicírculo, com os corações pesados de tristeza e os olhos marejados de lágrimas, não viram o menino vindo atrás deles. Não estavam cientes de sua presença até que ele falou.

— Por favor, senhores... Vocês poderiam me dar um pouco de comida?

Todos se voltaram para ele. Ele era um menino pequeno, não mais do que dez anos.

— Quem é você, criança? — Jacob perguntou. — De onde você veio? — Ele se virou para Weber e Tupfen: — Peguem um prato de comida para ele, por favor. E um copo de leite.

Enquanto os dois saíam apressados, o menino disse:

— Meu nome é Tom. Eu moro na floresta.

— A Floresta Sombria não é lugar para crianças. Onde fica sua casa?

— Eu fugi da minha casa. É um lugar cruel. A floresta é mais segura. Ouvi dizer que pessoas gentis moravam aqui e esperava que vocês pudessem me dar um pouco de pão. Não preciso de muito e não estou querendo esmola. Vou trabalhar para ganhar o meu jantar.

Tom falou virilmente, erguendo-se em toda a sua pequena altura. Josef estremeceu ao olhar para a criança. Ele era pouco mais do que pele e osso. Seu rosto e suas mãos estavam limpos — ele obviamente os lavara em um riacho ou lagoa —, mas sua roupa estava imunda. Seu cabelo, todo emaranhado.

— Trabalhar para o seu jantar? — Josef disse, balançando a cabeça. — Criança, você tem sorte de não virar o jantar! Há ursos na floresta. E lobos.

— Nada pior do que tem no lugar de onde eu venho, senhor.

Tom olhou para além de Josef, para o caixão de quartzo. O sol, bem alto no céu, refletia sobre a transparência, tornando impossível ver o corpo dentro dele.

— O senhor perdeu alguém — disse ele. — Eu sinto muito. Também perdi uma pessoa há alguns meses. Os adultos sempre dizem que o tempo cura todas as feridas. Talvez as de fora. As de dentro só ficam maiores.

O olhar de Tom vagou sobre o esquife e o chão ao redor dele, coberto de pétalas de rosa. Ele deu alguns passos desajeitados e hesitantes para frente, apertando os olhos para ver o caixão. Ainda não conseguia distinguir quem estava deitado nele, aninhado profundamente na seda da aranha, mas viu o que estava embaixo.

A cadelinha se recusava a sair de perto do corpo de Sophie. Ela estava deitada sob o esquife, a cabeça apoiada nas patas dianteiras, os olhos fechados, sofrendo.

— Zara? — disse Tom, espantado. — É você, menina?

Ao som da voz do menino, a cadelinha abriu os olhos e ergueu a cabeça.

— É você! Você está viva — Tom exclamou. — Você se lembra de mim?

Zara bateu o rabo no chão.

— Você se lembra, sim. — Enquanto ele falava, o sol se escondeu atrás de uma nuvem, e ele viu quem estava no caixão.

— É... É a minha *amiga*. Essa é a *princesa*! — disse Tom. — É ela com certeza, mas como veio parar aqui? Ela foi dilacerada por lobos. Foi isso que o caçador disse. — Ele pressionou a palma da mão na cabeça, confuso. Então as lágrimas brotaram de seus olhos. — Ela parece viva. Como se nunca tivesse me deixado. — Ele enxugou os olhos na manga imunda. — Eu gostaria que não tivesse. Ela era minha única amiga. *Tenha cuidado, Tom. Desacelere*, ela me

diria. E sempre fazia eu me sentir melhor quando outras pessoas zombavam de mim...

Tom deu mais alguns passos em direção ao caixão de Sophie. Ele estava cansado e com fome, sentindo dores nas terríveis cicatrizes nas costas, e tropeçou, como sempre acontecia. Seu pé ficou preso em um pedaço de grama. Ele perdeu o equilíbrio e caiu de cabeça. Bem no caixão de quartzo.

SESSENTA E OITO

TUDO ACONTECEU DE UMA VEZ. O caixão pesado estremeceu, balançando ligeiramente. Zara saiu correndo de baixo dele, o rabo para baixo. O esquite de madeira rangeu. Jakob agarrou Tom e puxou-o para longe do perigo no momento em que uma rachadura se abriu na madeira. Um instante depois, todo o esquite desabou, e o caixão caiu no chão e se espatifou.

O corpo de Sophie estava virado para baixo nos escombros.

Toda a cor sumiu das bochechas de Tom.

— Me desculpem — gritou ele, encolhendo-se. — Me desculpem! Sou tão desajeitado. Todo mundo diz isso. Mas eu não quis... Eu não...

Josef viu que a pobre criança estava apavorada e colocou a mão gentilmente em seu ombro.

— Calma, Tom; está tudo bem. Não se desespere. Vamos consertar. Por favor, não...

— Josef. Minha nossa, Josef, veja!

Foi Schatzi quem falou. Ele estava parado como uma árvore, apontando para o caixão despedaçado.

O cadáver que estava deitado imóvel segundos atrás agora tossia e arfava. Rolou para o lado e cuspiu o que parecia ser um pedaço de maçã.

Em seguida, sentou-se, olhou atordoadamente ao redor e disse:

— Por que todo mundo está chorando?

SESSENTA E NOVE

SOPHIE LEVANTOU-SE COM AS PERNAS TRÊMULAS.

Schatzi colocou a mão sobre a boca.

— Sophie, minha querida menina... Você está *viva*.

— Como foi que cheguei aqui? — Sophie perguntou, com a voz fraca. — Como...

Uma onda de tontura, pegajosa e nauseante, tomou conta dela. Ela cambaleou e fechou os olhos com força. Arno a pegou pelo braço e a conduziu até um banco de madeira que os irmãos tinham colocado perto do caixão. Depois de um momento, a tontura passou. Sophie abriu os olhos.

Essa foi a deixa dos irmãos. Todos correram até ela, beijando seu rosto ou o topo de sua cabeça, segurando suas mãos. Tupfen e Weber juntaram-se a eles.

— Seus amigos, Arno e Will, trouxeram você aqui — Julius disse a ela. — Você se lembra de alguma coisa?

Sophie contou a eles sobre a dona da fazenda e a maçã. E um homem com olhos negros e frios.

— Era ele, o Rei dos Corvos — disse ela, gelada pela lembrança. — Ele disse que tinha acabado comigo.

Ela parou de falar por um momento, tentando se lembrar de seus últimos momentos no mercado.

— Mas, não... A maçã deve ter ficado presa na minha garganta. Eu não engoli.

— Acho que foi isso que salvou você — disse Arno. — Só tinha veneno suficiente no seu corpo para desacelerar seu coração e fazê-la dormir, não o suficiente para matá-la.

— Quanto tempo se passou desde que estive em Schadenburg? — perguntou ela.

— Uma semana... eu acho... — Johann disse.

— Não, oito dias — rebateu Arno.

— *O quê?* — Sophie disse, alarmada. Ela ficou de pé e perguntou: — Onde estão as minhas coisas? Minha mochila... Meu cantil...

— Em casa — disse Johann. — Sophie, sente-se. Você ainda está muito pálida.

Sophie balançou a cabeça.

— Eu preciso delas — ela falou. — E de um pouco de comida também, se puderem me dar.

— Por quê? O que pretende fazer? — Jakob perguntou.

— Vou ao castelo do Rei dos Corvos.

— Depois do que aconteceu? Está louca? — Jakob gaguejou.

— Eu tenho que fazer isso. Estou ficando sem tempo — disse Sophie, sua voz muito firme. — Só me resta uma semana, talvez nem mesmo isso, antes que meu coração pare de bater. E leva muito tempo apenas para chegar a Nimmermehr.

— Dá para chegar em seis dias, se nos apressarmos — disse Arno.

— Mas, Sophie, você não precisa ir — disse Schatzi. — Jeremias e Joosts voltarão com o seu coração a qualquer momento.

— Já se passaram semanas, Schatzi — disse Sophie, o mais gentilmente que pôde. — *Semanas*. Algo deve ter acontecido com eles, caso contrário, já estariam de volta. Se eu puder encontrá-los no meu caminho e ajudá-los, farei isso.

Schatzi baixou a cabeça e engoliu em seco.

— Onde está Will? — Sophie perguntou, procurando por ele.

— Foi embora — disse Arno. — Acho que percebeu que não adiantava ficar por aqui, com você morta.

O coração de Sophie afundou com um som suave e triste, quase como um suspiro.

— Aonde ele foi? — perguntou ela. — Para casa, encontrar Oma e Gretta?

— Não tenho certeza — respondeu Arno. — Ele disse algo sobre caçar pássaros.

Sophie não entendeu.

— Isso não faz sentido, Arno. Ele nunca caça pássaros. Ele adora pássaros.

Arno deu de ombros.

Eu voltarei para a cabana de Oma um dia, Sophie disse a si mesma. *Assim que eu tiver recuperado meu coração e minha coroa. Para dizer obrigada. E adeus.* Não mudaria nada entre eles. Ela sabia disso. Não o faria gostar dela do jeito que ela gostava dele. Mas ela lhe devia seus agradecimentos e devia a si mesma vê-lo uma última vez.

— Sophie — disse Johann. — Se Jeremias e Joosts estão... Se estão realmente perdidos... Se não conseguiram enfrentar o Rei dos Corvos... O que faz você pensar que conseguirá?

— Uma menina doente. Um menino cego. Uma velha em um carrinho de mão. Crianças órfãs. Um homem com um *R* gravado em seu rosto. *Eles* me fazem pensar que vou conseguir — respondeu Sophie, olhando Johann, seus irmãos e Arno. — Eu sei o que o Rei dos Corvos pretende fazer agora: conquistar o coração do meu povo, de todos eles. Ele mesmo me disse. Pouco antes de o veneno fazer efeito. Mas não vou deixar. Juro que não vou.

Havia uma urgência na voz de Sophie e uma nova determinação. Todos os irmãos ouviram. Arno também.

Weber, que havia saído por um momento, agora voltava com dois sanduíches de *schnitzel*, uma jarra de água e dois copos. Sophie bebeu até se fartar e pegou um sanduíche. Ao mordê-lo, viu a aranha levar o outro sanduíche embora e entregá-lo a um garotinho que estava se afastando do grupo.

— Tom, é você? — disse ela, abrindo um sorriso de espanto.

Ela largou o sanduíche, correu até ele e o abraçou. Parecia estar abraçando um feixe de gravetos.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou ao soltá-lo.

— Eu fugi. Semanas atrás. Depois que... Depois que a rainha me chicoteou.

— Sinto muito. Foi tudo culpa minha.

— Você salvou uma vida, Princesa Sophie. Não há culpa nisso.

— Você está aqui sozinho desde então?

Tom assentiu. Sophie, percebendo que o menino magro e faminto segurava seu sanduíche por educação, em vez de devorá-lo logo, levou-o até o banco e disse-lhe para comer. Eles comeram seus sanduíches juntos.

Quando terminaram, Sophie foi até o chalé e rapidamente juntou suas coisas. Arno também juntou as suas. De jeito nenhum ele a deixaria ir sozinha. Ele ainda tinha algumas joias e as usaria para comprar cavalos da primeira fazenda por que passassem. Cavalgando, a viagem levaria menos dias. Weber embalou comida para eles e, então, Sophie deu um beijo de despedida nos irmãos. Eles queriam ir também, mas ela não quis nem pensar nessa possibilidade.

— Vocês são a minha família agora — ela disse. — Preciso que estejam aqui quando eu voltar.

Depois, virou-se para Tom.

— Estou deixando Zara aqui. Você vai cuidar bem dela por mim? — Vou, sim. Eu prometo — Tom disse.

E, então, Sophie e Arno correram para a trilha. Os irmãos a observaram partir, com preocupação estampada em seus rostos.

— Adeus, princesa! — Tom gritou atrás dela.

— Eu sabia que ela não estava morta — disse Schatzi, enxugando os olhos. — Eu sabia que ela não tinha morrido.

— Acho que morreu, sim — Johann disse.

— O quê? Como assim, *morreu*? — Julius perguntou.

Johann balançou a cabeça.

— Do que você está falando? — Josef disse. — Ela acabou de se levantar, comer um sanduíche de *schnitzel* e ir embora para a floresta!

Johann não respondeu por um momento. Ele ficou no portão, observando enquanto Sophie ficava menor e menor até desaparecer de vista na Floresta Sombria. Ela parecia mais alta para ele. Mais ousada. Mais temível.

— A *princesa* morreu em Schadenburg — disse ele com um pequeno sorrisinho de orgulho. — E uma rainha nasceu.

SETENTA

SOPHIE ESPOREOU SEU CAVALO. Ele era um garanhão, jovem e forte. O melhor cavalo que o ouro do cemitério conseguiu comprar.

Arno estava bem atrás dela em uma égua de olhos selvagens. Os cavalos eram rápidos e chegaram a Nimmermehr em quatro dias. Com os cascos batendo, galoparam entre as árvores densas agora, atirando torrões de terra para trás. O sol já estava se pondo. Sophie sabia que ela e Arno precisavam chegar ao castelo, para então encontrar a entrada do túnel, tudo rapidamente. Eles nunca o localizariam no escuro e não podiam se dar ao luxo de esperar até de manhã. Se o cálculo de Johann — feito quando ele disse a Sophie pela primeira vez que seu coração era um relógio — estava correto, ela tinha dois dias antes que parasse. Apenas dois dias para recuperar seu coração, e, de alguma forma, encontrar alguém com uma magia forte o suficiente para colocá-lo de volta em seu corpo.

Mais ou menos alguns dias, Johann acrescentou à sua estimativa. Sophie rezou muito para que o coração dentro dela lhe desse aqueles dias a mais.

O caminho da floresta serpenteava por um vale, achatava-se e depois subia novamente, estreitando-se até pouco mais que uma trilha de cervos. Sophie e Arno tiveram que diminuir a velocidade à medida que o terreno ficava mais íngreme e traiçoeiro. Finalmente, eles chegaram ao topo da colina. Sophie parou seu cavalo no topo. Seu coração bateu forte quando avistou o horizonte.

À distância, ao norte, um castelo erguia-se em uma clareira, cercado por um fosso profundo. As pedras de suas paredes altas haviam sido escavadas em granito preto. Tochas ardiam ao longo de suas muralhas. Acima delas, as torres se erguiam tão afiadas e pontiagudas que parecia que iam furar o céu e fazê-lo sangrar.

O olhar de Arno varreu o castelo, o terreno ao redor e depois o rio que corria a oeste dele.

— A entrada do túnel deve ser perto do rio e sob a cobertura da Floresta Sombria, o que é uma coisa boa. Podemos descer esta colina, virar a oeste e ficar dentro da floresta. Não queremos pôr os pés na clareira. — Ele acenou com a cabeça para o castelo. — Quem sabe o que está nos observando?!

Sophie estalou a língua para seu cavalo, incentivando-o a continuar. Arno foi atrás. Eles mal deram dez passos quando ouviram um estrondo violento de estilhaços, como o som que uma árvore faz quando tomba durante uma tempestade. E, então, uma batida, profunda e estrondosa, que fez o chão tremer.

Sophie virou-se. Seu estômago deu um nó de medo. Uma criatura vinha subindo o caminho atrás deles — um pesadelo vivo. Embora fosse grande e desajeitada, corria rápido, usando os pés e as mãos. O nó se apertou quando Sophie viu que era feita inteiramente de galhos, com galhos quebrados como dentes e covas escuras como olhos. Parou no meio do caminho, farejou o ar e rugiu. Um coro de rugidos respondeu de volta.

— Arno, o que é *isso*? — Sophie sussurrou, as mãos apertando as rédeas.

Seu cavalo tinha ouvido os rugidos também e estava dançando nervosamente embaixo dela.

— Um *waldwicht* — disse Arno, simplesmente. — E ele está trazendo os amigos dele. Não podem deixar a floresta. Vá para a clareira, Sophie.

— Mas os guardas do castelo... Eles vão nos ver.

— Não temos escolha. *Vá!*

Sophie pressionou os calcanhares nos flancos do cavalo e o animal disparou, galopando colina abaixo com as orelhas para trás.

Arno, com a espada desembainhada, estava tão perto dela que Sophie podia ouvir a respiração do cavalo.

— Mais rápido! — gritou ele.

Sophie chutou seu cavalo. A criatura estava voando agora, mas ainda não era rápida o suficiente. Sophie ouviu outro estrondo. O *waldwicht* estava se aproximando deles. E, então, sem qualquer aviso, ele estava lá, bem atrás de Arno, batendo suas garras letais nas ancas de seu cavalo, tentando derrubar o animal. Arno puxou as rédeas do cavalo, detendo-o. O cavalo empinou, girando sobre as patas traseiras no momento em que o *waldwicht* atacou.

O movimento salvou o animal. E Arno também. As garras afiadas e galhosas do *waldwicht* não acertaram o cavalo e avançaram inofensivamente pelo ar. Arno ergueu a espada e atingiu o pescoço do *waldwicht* com a lâmina, cortando sua horrível cabeça. Ele, então, virou seu cavalo e o fez galopar, pois mais monstros estavam logo atrás do morto.

Ainda brandindo sua espada, Arno avançou pelo caminho atrás de Sophie. Segundos depois, eles romperam a linha das árvores e dispararam para a clareira. Rugidos de raiva ecoaram atrás deles. Sophie olhou para trás e viu uma dúzia de coisas furiosas na borda da floresta, arrancando galhos de árvores, batendo os pés e martelando o chão com os punhos.

— Foi por pouco — disse Arno enquanto eles diminuían a velocidade dos cavalos para um galope.

— Obrigada — disse Sophie, conseguindo falar entre arfadas. — Você salvou nós dois.

Ela estremeceu ao pensar quão perto as criaturas haviam chegado e o que aquelas terríveis garras teriam feito com eles.

— Por enquanto. Vamos... Estamos nos tornando alvos fáceis. Vamos cortar até a borda da floresta. Acho que despistamos os *waldwichts*.

Sophie lançou um último olhar para trás. Ao fazer isso, pensou em Jeremias e Joosts. Será que eles tinham encontrado os monstros? E sido capazes de escapar deles? Ou aqueles olhos terríveis e vazios foram as últimas coisas que viram?

Arno virou o cavalo para a direita. Sophie o seguiu, e eles se abaixaram sob a copa das árvores. Assim que ficaram escondidos, diminuíram a velocidade dos cavalos e começaram a andar. Os animais estavam sedentos. Espuma salpicava seus lábios.

— Temos de levá-los até o rio — disse Arno.

— É longe? — perguntou Sophie.

Ela perdera o senso de localização durante a fuga aterrorizante.

— Não deveria ser, se não me falha a memória.

Sophie se permitiu um pequeno suspiro de alívio.

— Que bom. Talvez o pior já tenha passado.

— *Passado?* — Arno ecoou com uma risada vazia. — Menina, está apenas começando.

SETENTA E UM

SOPHIE SE ARRASTOU PELA VEGETAÇÃO DENSA, afastando os galhos com uma das mãos e conduzindo o cavalo com a outra.

A terrível previsão de Arno a enervou. A cada passo que dava, esperava ouvir um rugido de gelar o sangue ou ver alguma criatura horrível caindo sobre ela, mas não voltaria atrás, por mais medo que sentisse. Ela tinha chegado muito longe e estava decidida a fazer o que fosse necessário para reconquistar seu coração.

Arno tinha certeza de que o túnel e o rio estavam próximos, mas não conseguiu encontrar nenhum deles, então eles decidiram se separar e procurar. Se um deles encontrasse algo, chamaria o outro imitando um corvo. Se ninguém o fizesse, eles se encontrariam de volta perto de uma pedra cinza dali a meia hora. O crepúsculo estava se aprofundando; logo eles perderiam completamente a luz do dia.

Frustrada por se agarrar a vinhas e galhos que a arranhavam e a esbofeteavam, Sophie parou de andar no mato por um momento e ficou imóvel, tentando se reorientar. Ela estava indo para oeste ou norte agora? Onde estava o sol poente? E o que era aquele som? Como de borbulhas de água correndo sobre pedras, o que significava que ela estava se aproximando do rio... Ou era outra coisa?

Quando olhou em volta, o som ficou mais alto. Não estava borbulhando; estava farfalhando, como algo deslizando por folhas secas. Ela parou. E o farfalhar também. Então tudo começou de novo, desta vez mais perto.

Sophie lembrou-se das cobras que enfiaram suas presas nela e do escorpião que a picara impiedosamente, e puxou

sua adaga.

Segurando-a na frente do corpo, ela chutou as folhas, pronta para atacar o que quer que estivesse escondido nelas antes que a atingisse. Ela riu, um pouco envergonhada, ao ver que não havia nada ali, apenas uma trepadeira, com espinhos longos e curvos, e uma ponta enrolada.

Rosa preta espinhosa, ela pensou. E aquele som que ela ouvira? *Provavelmente apenas um camundongo*. Mas ainda se sentia inquieta.

— Arno? Arno, você está aí? — chamou baixinho, olhando em volta.

Não houve resposta.

Sophie respirou fundo e lentamente, tentando acalmar seus nervos.

— Anda, garoto — disse ela, virando-se para conduzir o cavalo mais uma vez, determinada a encontrar o rio. Mas, ao tentar andar, descobriu que seu pé esquerdo estava preso com força.

Olhando para baixo, viu que a trepadeira preta tinha se enrolado em seu tornozelo. Tentou se livrar dela, mas, ao fazer isso, ela a apertou mais. Seus espinhos afiados perfuraram o couro de sua bota e cravaram dolorosamente em sua pele.

Estremecendo, Sophie rapidamente amarrou as rédeas do cavalo em seu braço livre, então se abaixou e cortou a vinha com sua adaga. A planta em volta de seu tornozelo caiu no chão, contorcendo-se como um tentáculo. Um arrepio percorreu sua espinha. Quando ela se endireitou, ouviu o farfalhar novamente. Puxou as rédeas do cavalo, tentando afastá-lo das vinhas, mas era impossível. Elas estavam se movendo em direção a eles de todas as direções, serpenteando pelo chão ou escorregando pelos troncos de árvores e saindo ao longo de galhos. Seus espinhos brilhavam como obsidiana. Rosas escuras floresciam ao longo dos galhos. Quando as flores se abriam,

exalavam aromas picantes de mirra e cássia. Sophie estava com medo e seu coração batia forte, mas o aroma pesado tinha um efeito estranho e calmante sobre ela. Em vez de tentar escapar, ela ficou perfeitamente imóvel.

As flores escuras eram incrivelmente belas, mas eram suas vozes que deixaram Sophie paralisada. As rosas estavam sussurrando. Seus tons eram baixos, sedosos e estranhos, mas suas palavras eram tão familiares.

Você é apenas uma garotinha... Você não pode vencer o Rei dos Corvos...

Por que tentar? Você só vai falhar...

Há ossos ao seu redor... Eles pertencem a guerreiros e reis...

Que chance você tem?

Sophie balançou a cabeça, lutando contra o aroma sedativo, as palavras enervantes.

Vamos. Agora, ela disse a si mesma. *Vamos.*

Mas não conseguiu. As palavras minaram sua vontade; diminuíram o impulso e a batida de seu coração. Ela estava como um rato hipnotizado por uma cobra. *Deixe as vinhas me envolverem... Que me cubram, que me estrangulem.* Não adiantava brigar, não adiantava negar a verdade.

O relincho estridente e assustado do cavalo tirou Sophie de seu transe e, então, um tranco em seu traseiro a fez cair no chão. O animal estava batendo os pés e dançando, tentando se livrar das trepadeiras que agarravam suas pernas.

Sophie se levantou e sacudiu as vinhas que estavam enroladas em seu pulso. Ela soltou várias que tinham se enroscado em torno de suas panturrilhas e arrancou as que estavam em suas costas. O cheiro que a tinha seduzido apenas alguns momentos atrás agora a enojava. Com um grito de raiva, ela bateu as flores no chão e se virou para o cavalo. O garanhão estava com os olhos arregalados, relinchando, resistindo e chutando. Sophie sabia que um casco batendo em seu crânio poderia matá-la.

— Shh, garoto... Calma... Calma... — ela sussurrou para ele.

Mantendo distância, ela cortou as vinhas que estavam se retorcendo em torno de uma das patas dianteiras do cavalo. Agarrou outra que estava lambendo uma pata de trás e a atirou longe. Assim que ele ficou livre, o cavalo girou em um amplo círculo, procurando uma maneira de se livrar da planta. O animal arrastou Sophie com ele. Ela tropeçou e caiu, depois foi arrastada pelo chão, segurando as rédeas.

Uma vinha deslizou atrás dela, suas rosas sussurrando. *Arno está morto... Seus olhos foram bicados por corvos... É tudo culpa sua, garota inútil...*

Finalmente, Sophie foi capaz de se levantar, puxar a cabeça do cavalo em sua direção e conduzi-lo para frente.

Foi quando ela viu os dois homens.

A roseira espinhosa os amarrara com força ao tronco de uma árvore, imobilizando-os. Mais rosas pretas e esvoaçantes desabrochavam nas vinhas. *Desista. Desista... Você falhou...* elas sussurravam.

Sophie podia apenas distinguir as formas de seus corpos emaranhados nas vinhas, à luz do crepúsculo. Ela viu um lampejo de linho azul, um gorro vermelho. Os espinhos rasgaram as roupas dos homens e perfuraram sua pele. Seus olhos estavam fechados. Seus rostos, abatidos e cinzentos.

Mas ela os reconheceu.

— Jeremias! — gritou ela. — Joosts!

SETENTA E DOIS

SOPHIE LARGOU AS RÉDEAS E ATACOU.

Ela cortou os espinhos como se estivesse possuída. Arrancou as flores das vinhas e pisou nelas, sem se importar com seus gritos horríveis.

— Joosts! Jeremias! Vocês estão bem? — ela gritou enquanto lutava para chegar até eles. Mas os irmãos não respondiam. — Por favor, não estejam mortos — ela implorou. — Por favor, por favor, *por favor...*

Sophie continuou lutando, arrancando pedaços grossos de vinhas cortadas e retorcidas ao redor dos irmãos com as próprias mãos.

Ela ouviu Jeremias inspirar profundamente enquanto desenrolava o espinheiro de seu peito. Seus olhos se abriram; seu olhar estava desfocado. Por um momento, ele não a reconheceu.

— Jeremias, sou *eu...* Sophie!

Seus olhos encontraram os dela.

— *Sophie?* — ele disse, sua voz como uma dobradiça enferrujada.

— Sim, sim! — disse Sophie com algo entre uma risada e um soluço. — Vou tirar vocês daqui.

— Água... — Jeremias murmurou.

Sophie procurou freneticamente por seu cavalo — seu cantil estava em um alforje —, mas o animal tinha fugido.

— Tem um rio perto daqui — disse ela. — E-eu não sei bem onde...

— Eu sei...

— Você consegue sair daí? — perguntou ela.

Ele sacudiu a cabeça, dizendo que sim.

— Joosts...

— Ele está bem aqui — disse Sophie.

Jeremias recuperou o equilíbrio. Deu alguns passos vacilantes para longe da planta. Joosts estava em pior estado. Seus olhos tremulavam, mas não se abriram. Seu corpo caiu no chão enquanto Sophie arrancava o restante das vinhas espinhosas. Juntos, ela e Jeremias o arrancaram, depois o puxaram meio o carregando, meio o arrastando pela floresta.

— O que aconteceu? — Sophie disse exatamente ao mesmo tempo em que Jeremias falou:

— O que você está fazendo aqui?

Antes que qualquer um pudesse responder, outra voz foi ouvida.

— Sophie? — sibilou. — Sophie, você está aí?

— Arno? — Sophie gritou de volta o mais alto que ousou.

— Onde você está?

Ela ficou tão aliviada ao ouvir a voz dele. Estava com medo de que as rosas sussurrantes o tivessem abduzido também.

— Aqui! Por aqui!

Sophie explicou a Jeremias que Arno era seu amigo. Eles seguiram o som de sua voz. À medida que se aproximavam, ouviram água correndo. Com mais uma curta caminhada pela floresta, saíram à beira de um riacho. Arno estava parado a poucos metros de uma árvore. Ele estava amarrando o cavalo de Sophie a um galho baixo, tentando acalmar o animal.

— Encontrei-o parado na água, bebendo até se fartar — disse Arno ao terminar de amarrar o cavalo.

Então ele se virou e viu os dois homens com Sophie. Joosts ainda não estava totalmente consciente. Sua cabeça estava pendurada. Sophie e Jeremias o ajudaram a chegar à beira do rio. Eles o sentaram, e Jeremias pegou água em suas mãos em concha e a jogou na boca do irmão.

Os olhos de Joosts abriram. Ele engoliu em seco, tossiu e se jogou para frente. Apoiando-se com uma das mãos, usou a outra para colocar mais água na boca.

— Vá devagar — Jeremias o advertiu, pegando água para si agora.

— O que aconteceu? — perguntou Arno ao se juntar a eles.

Quando Sophie começou a explicar, Joosts mergulhou toda a cabeça no rio, tirou-a e sacudiu a água. Ele arregalou os olhos e pediu comida.

Sophie e Arno rapidamente enfiaram as mãos nos alforjes e deram aos irmãos tudo o que tinham. Enquanto devoravam a comida, Sophie contou a Arno que mal escapara do espinheiro e que encontrara Jeremias e Joosts. Ela lavou as mãos no rio enquanto falava, enxaguando o sangue que os espinhos haviam arrancado.

— Aquelas não eram vinhas de sarça preta — disse Arno. — Eram rosas de *Herzmord*. Tentaram me pegar também.

— Mas você não tem nenhum corte — disse Sophie, olhando para os braços dele.

— Eu assobie polca. É como um veneno para elas. Da próxima vez que vierem atrás de você, faça o mesmo. *Odeiam* esse tipo de música.

— Gostaria que soubéssemos disso — disse Jeremias. — Elas caíram sobre nós antes de nos darmos conta do que estava acontecendo. Tentamos nos livrar delas, mas eram muitas.

— Há quanto tempo vocês estão assim? — perguntou Sophie, levantando-se.

— Eu perdi a noção do tempo. Uma semana? Mais?

O coração de Sophie bateu ruidosamente, doendo ao pensar nos dois irmãos cruelmente amarrados e sofrendo por um longo período.

— Como vocês ainda estão vivos? — ela perguntou.

— Felizmente choveu algumas vezes e conseguimos um pouco de água abrindo a boca. Do contrário, não teríamos

sobrevivido. — Ele engoliu outro pedaço de comida, depois fez algumas perguntas. — O que você está fazendo aqui, Sophie? Por que não está em casa, na Toca? — E acenou com a cabeça para Arno. — Quem é esse?

— Arno é meu amigo. Estamos tentando encontrar o túnel para Nimmermehr. Para que eu possa pegar meu coração de volta.

Jeremias abanou a cabeça.

— Você não pode fazer isso. É muito perigoso. Nós iremos — disse ele, com desdém.

Jeremias começou a se levantar, mas suas pernas tremiam tanto que ele teve de se sentar novamente.

— Eu posso fazer isso. E eu vou — disse Sophie. — As coisas mudaram desde que vocês dois saíram da Toca. *Eu mudei.*

Os olhos de Jeremias percorreram seu corpo, observando sua túnica e calça, seu cabelo cortado, as cicatrizes de cobras e escorpião. Caminhar por dias havia deixado seus membros magros e duros. A luz do sol bronzeara sua pele. Mas as maiores mudanças foram a determinação em sua expressão e a luz confiante em seus olhos.

— Sim — disse ele, por fim. — Estou vendo.

— Nós encontramos o túnel — disse Joosts.

A comida e a água trouxeram um pouco de vida para ele.

— Já íamos entrar, quando as vinhas vieram atrás de nós. Não fica longe. Cerca de vinte passos ao sul da árvore onde você nos encontrou. Vão. Depressa. É quase noite.

Sophie e Arno partiram. A princesa liderou o caminho de volta para onde ela havia encontrado os irmãos. Assim que localizaram a árvore, Arno virou-se para o sul, contou vinte passos e se viu olhando para a entrada do túnel.

Não era nada mais do que uma abertura entre duas pedras, talvez com quarenta e cinco centímetros de largura, velada por teias de aranha. Um poço de medo se abriu no peito de Sophie enquanto ela o olhava.

Quem sabia o que os esperava naquela escuridão?

Arno rapidamente fez duas tochas com galhos verdes que arrancara de uma árvore, galhos secos e pinhas pegajosas de piche. Ele acendeu as tochas usando uma pederneira, um metal e um pedaço de pano carbonizado, que mantinha em uma pequena lata no bolso do paletó.

Sophie puxou as teias de aranha para baixo e aventurou-se a entrar. A umidade pairava no ar viciado. Dedos finos de musgo pendiam do teto. A água escorria pelas paredes e acumulava-se no chão do túnel. Centopeias pretas, reluzentes e gordas, besouros verdes brilhantes e aranhas brancas esguias fugiram da luz das tochas. Antes que Sophie e Arno avançassem cinquenta metros, eles tiveram de passar por cima dos ossos de um esqueleto que estava caído contra a parede. Sophie agarrou sua tocha com força. Quando seus olhos se ajustaram à escuridão, ela viu que túneis menores se ramificavam a partir do principal. O chão afundava sob seus pés. Água fria e turva subia por seus tornozelos.

— Está tranquilo aqui — disse ela enquanto o túnel subia novamente e a água escoava.

— Até agora — disse Arno. — Ficarei surpreso se conseguirmos passar sem encontrar um ou dois *makabers*. Talvez um ou outro *troll* também.

O túnel serpenteava bruscamente para a esquerda e, quando fizeram a curva, viram que parte de uma das paredes havia desabado. Pedras e terra estavam empilhadas no chão. Felizmente, os escombros não bloquearam totalmente o caminho; havia uma abertura de cerca de sessenta centímetros de largura, no topo dela.

Arno parou e olhou, com uma mão na cintura.

— Podemos nos espremer por isso — disse ele.

Sophie foi a primeira. Ela subiu com cuidado, atenta à tocha, esperando que as pedras escorregassem sob seus pés a qualquer segundo, mas permaneceram no lugar. Quando estava prestes a rastejar pela abertura, ouviu Arno se engasgar.

— O que há de errado? — ela perguntou, virando-se.

Arno estava olhando para o túnel, de volta pelo caminho por onde tinham vindo. Ele não parecia assustado. Na verdade, estava sorrindo.

— Arno? O que foi?

O sorriso de Arno se alargou. Ele deu alguns passos para longe dela.

— Matti? — disse ele com voz suave de admiração. — Matti, é você?

Um arrepio subiu pela nuca de Sophie. Matti era o nome do filho morto de Arno.

— Meu filho... Meu querido menininho — disse Arno. — Senti tanto a sua falta.

— Arno? — Sophie disse incerta, descendo pelos escombros.

Ela olhou para além dele na escuridão, esperando ver o que ele estava vendo. Mas não havia nada.

Arno se ajoelhou. Ele estendeu os braços diante de si.

— Ande, Matti — disse ele com a voz embargada. — Venha dar um abraço no papai...

— Pare com isso, Arno! — exigiu Sophie. — Você está me assustando.

— Matti? Matti, não! Não fuja! Você vai se perder aqui! — gritou Arno.

A felicidade sumiu de sua voz. O medo tomara seu lugar.

Sophie estendeu a mão para sacudi-lo e tirá-lo do estranho transe em que ele havia caído. Ao fazer isso, ela sentiu algo pousar em seu ombro, algo úmido e frio. Com um grito, debateu-se. Caiu no chão úmido. *De onde saiu isso?*, ela se perguntou. Erguendo a tocha bem alto, ela olhou para cima.

Agarradas ao teto como uma colônia de morcegos, havia centenas de criaturas pequenas e trêmulas, com não mais do que vinte centímetros de altura. Seus corpos magros e gelatinosos eram translúcidos; Sophie podia ver veias pretas em sua pele cinza e corações amarelos pulsantes.

Seus olhos eram grandes e pálidos e suas bocas, franzidas. Mãos como ventosas, com longos dedos nas mãos e nos pés presos aos poleiros.

O estômago de Sophie apertou. Ela sabia o que as criaturas eram.

— *Wunschfetzens* — sussurrou.

Arno havia contado a ela sobre eles. Enfiavam os dedos longos em seus ouvidos, arrancavam suas lembranças e faziam você pensar que estava vendo alguém que não estava lá, alguém que você amava e por quem ansiava. Várias das criaturas enrijeceram seus corpos, prontas para pular, mas Sophie empurrou sua tocha nelas, e elas se espalharam pelo teto, gritando.

— Arno, é uma ilusão! — gritou ela, estendendo a mão novamente. — Matti não está aí!

Mas sua mão agarrou o ar.

Arno também não estava mais lá.

SETENTA E TRÊS

SOPHIE CORREU.

— Arno! Arno, *espere!* — gritou ela, seguindo-o de volta por onde tinham vindo.

Mas Arno, desesperado para alcançar o filho, estava correndo depressa, e Sophie não conseguia acompanhá-lo. Ele desceu um túnel lateral tortuoso e depois mais dois.

— Esquerda, esquerda, direita... — ela disse em voz alta como um canto, uma oração, enquanto o perseguia, adicionando uma direção a cada vez que ela virava, para que pudesse se lembrar do caminho de volta.

Havia mais água parada nos túneis estreitos. Coisas que agarravam seus tornozelos enquanto ela se movia. Sophie as chutava para longe sem olhar. Ela manteve os olhos na luz da tocha de Arno, mas ele estava se movendo tão rapidamente que escurecia a cada segundo.

Arno fez uma curva fechada e depois outra. Sophie prendeu o dedão do pé em algo enquanto tentava acompanhá-lo e tropeçou. Desesperada para evitar que sua tocha despencasse no chão úmido e se apagasse, ela caiu com força sobre um joelho, impedindo a queda. A dor percorreu sua perna, retardando-a.

— Arno, *pare...* Por favor... — ela gritou, lutando para ficar de pé.

Os passos de Arno desapareceram na escuridão. A luz de sua tocha se apagou.

Ele se foi, e Sophie estava sozinha. Seu peito estava pesado. Ela podia ouvir a própria respiração, rápida e superficial, ecoando nas paredes do túnel. Seu coração a incentivava a continuar, a salvar seu amigo. Sophie olhou

para sua tocha. As chamas não estavam tão altas como antes. Apagariam em breve. Ela sabia que não podia ficar ali, ou se tornaria outro esqueleto caído contra a parede. Quem lutaria por seu povo, então?

— Eu sinto muito, Arno. Por favor, por favor, me perdoe — sussurrou ela para a escuridão.

E então virou-se, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

SETENTA E QUATRO

— ESQUERDA, DIREITA, DIREITA... — Sophie foi recitando suas instruções ao contrário, tentando fazer seu caminho de volta para o túnel principal.

A cada curva, ela parava para arrancar uma flecha no chão, apontando o caminho para fora, caso Arno voltasse a si e tentasse refazer seus passos.

Ela queria parar, sentar-se no chão e chorar pelo amigo perdido, mas se obrigou a continuar. Lamentaria por Arno mais tarde; a dor era um luxo ao qual ela não podia se permitir agora.

— Esquerda, esquerda, *direita*... — disse Sophie, rezando para se lembrar das curvas na ordem correta.

Quando se aproximou de outra encruzilhada, porém, sua memória de repente falhou. Não conseguia se lembrar de qual caminho seguir. Tentando não entrar em pânico, parou e segurou a tocha à sua esquerda. Seu brilho enfraquecido iluminou mais um túnel sem fim, serpenteando na escuridão. Então moveu a tocha para a direita.

O que aconteceu a seguir a fez gritar.

Um rosto, pálido e sem olhos, emoldurado por uma mecha de cabelo branco, surgiu na escuridão, rosnando alto. Rasgou as garras sujas no ar, mirando em Sophie, mas errou, então voltou para o túnel e se agachou sobre algo.

Sophie viu que o algo era um cadáver e que a criatura estava roubando seus dedos e os colocando no bolso.

— Um *makaber* — ela sussurrou.

Arno dissera a ela que os *makabers* eram possessivos com os corpos que encontravam e lutariam contra qualquer um que tentasse tomá-los. A criatura era horrível de se

olhar, com roupas e carne esfarrapadas, mas parecia estar obcecada demais com seu prêmio para querer persegui-la.

— Argh — fez Sophie, com repulsa.

Mas, pelo menos, ela agora sabia por qual túnel seguir. Enquanto seguia Arno, não tinha passado pelo *makaber* nem pelo corpo que ele estava roubando, o que significava que ela descera o túnel à sua esquerda. Rapidamente ela subiu e, depois de apenas mais duas voltas, encontrou-se na passagem principal. Poucos minutos depois, estava de volta ao lugar onde a parede havia desabado. Ela rastejou pela abertura para o outro lado, tomando cuidado com a tocha.

Quando Sophie começou a andar novamente, percebeu que o túnel estava subindo. Esperava muito que isso significasse que ela estava chegando ao fim, pois sua tocha havia começado a crepitar. Poucos minutos depois, suas esperanças foram recompensadas quando a passagem deu lugar a um lance de degraus cobertos de musgo, talhados na rocha. Sophie escolheu cuidadosamente o caminho até eles e descobriu que eles a levaram até uma porta de madeira. Era velha, cheia de buracos de minhoca e tão musgosa quanto os degraus. A grande alça de ferro e as dobradiças estavam enferrujadas.

— Isso leva ao castelo; deve levar — Sophie raciocinou. — Por favor, não esteja bloqueada. *Por favor* — acrescentou ela, tentando a manivela. — Não — ela sussurrou, perturbada. Encostou a cabeça na porta. Ela chegara tão longe apenas para ter que voltar? — *Não* — disse novamente, mais alto desta vez, batendo a cabeça contra a madeira macia e esponjosa. Pensou no rei pálido e poderoso, intocável em seu castelo. Pensou em sua madrastra condenando Tom a dez chibatadas. Em Capitão Krause e seus homens incendiando São Sebastião. E, ao fazer isso, seu desespero se tornou algo sombrio e letal. — Não — ela rosou com raiva. — Não, não, não, NÃO!

Tremendo de raiva, Sophie chutou a porta. Repetidamente, cada vez com mais força. Gritando. Gritando. Gritando. Para o Rei dos Corvos. Sua madrasta. Haakon e Krause. E, então, abruptamente, ela parou. Porque seu pé havia atravessado a madeira podre.

Os olhos de Sophie arregalaram-se. Ela chutou a porta novamente, e a metade inferior desmoronou. Caiu de joelhos, rastejou pelo buraco que fez, ainda protegendo sua tocha, e se levantou em um porão abobadado cavernoso.

Enormes barris de carvalho de vinho estavam empilhados em fileiras no centro do ambiente. Barris de conhaque cobriam as paredes. A tocha de Sophie lançava luz suficiente para iluminar outro lance de escadas na outra extremidade. Ela não tardou em subi-lo. Pouco antes de chegar ao topo, as chamas finalmente se extinguíram. Ela jogou a tocha no chão e deixou que suas mãos a guiassem pelo restante do caminho. Seus dedos encontraram a porta; tocaram na maçaneta. Também estaria trancada? Ela a girou e a porta se abriu, as dobradiças rangendo.

O coração de Sophie estava batendo em um ritmo *staccato*. Ela reuniu sua coragem e entrou em Nimmermehr.

SETENTA E CINCO

CISNES SEM VIDA PENDURADOS NO TETO em ganchos de prata. Uma cesta de enguias pretas brilhantes estava no chão. Um veado morto estendido sobre uma mesa de madeira.

Sophie saiu do porão e passou para uma despensa. Cautelosamente, atravessou a sala, então inclinou a cabeça para fora da porta, olhando ao redor em busca de cozinheiros ou criados, mas não viu nenhum. Não tinha ideia de onde o Rei dos Corvos guardava os corações que havia roubado, mas duvidava que estivessem na despensa. Movendo-se lentamente, ela saiu do cômodo como um gato silencioso. Os olhos mortos do cervo a seguiram.

Um corredor mal iluminado a levou a uma enorme cozinha. Com o cuidado de ficar nas sombras, Sophie espiou pela porta, mas o cômodo também estava estranhamente vazio.

Com cuidado, ela se aventurou pela cozinha, pronta para fugir novamente se alguém aparecesse. Panelas ferviam em um grande fogão de ferro. O corpo de um javali assava sobre brasas em um espeto giratório. Sua cabeça com presas ferozes estava sobre uma bandeja em uma mesa de trabalho de madeira, que ocupava metade do cômodo.

Parecia que alguém estava preparando o jantar. Queijos haviam sido colocados em tábuas; alguns tinham cascas pretas como tinta, outros exibiam mofo verde. As cestas continham cogumelos roxo-escuros, verde-claros e amarelos com pintinhas. Uma bela *charlotte russe* erguia-se sobre um tabuleiro. Sophie demorou um pouco para perceber que as bolachas tipo champanhe da sobremesa eram, na verdade, dedos reais, com unhas vermelhas, ainda usando anéis.

Com um arrepio, Sophie caminhou até a outra porta, do lado oposto da cozinha. Quando desapareceu por ela, a cabeça do javali soltou um bufo alto e raivoso. E, por trás das caixas de carvão, sob a mesa de trabalho e as enormes pias de pedra, uma dúzia de criaturas assustadoras emergiu.

Todas tinham cerca de um metro e oitenta de altura, barrigudas e com ombros redondos, com braços e pernas desajeitados, e peles enrugadas e com verrugas, como a de um sapo. Usavam túnicas pretas até os joelhos.

Se estivesse lá, Arno as teria reconhecido. Eram *kobolds*, uma linhagem particularmente cruel de *goblin*. Sorriram quando Sophie saiu da cozinha, mostrando dentes pontudos como agulhas e olhos escuros brilhantes.

Sophie viu uma escada-caracol quando saiu da cozinha e rapidamente a subiu. Ela estava no domínio de um homem perigoso e não sabia para onde a escada a levaria. Não tinha ideia de por onde começar a procurar seu coração. Tudo o que sabia era que tinha uma tarefa impossível pela frente e que a única maneira de terminá-la era começando. A escada acabava no fim de um longo corredor forrado com painéis de ébano.

Tentando ficar quieta como um rato, ela atravessou o corredor e chegou à sala de troféus do castelo. Suas altas portas de madeira estavam abertas. Lentamente, com cautela, entrou e olhou em volta. As paredes da sala eram cravejadas com cabeças de cervos e alces de olhos vítreos. Aves de rapina tinham seus corpos preservados, agachados ou atacando, olhando para baixo dos galhos de árvores ou sobre troncos.

Sophie abriu as portas de um armário e vasculhou as prateleiras. Levantou a tampa de uma mesa para verificar dentro dela. Assim que estava baixando a tampa novamente, ela escorregou de suas mãos e bateu com força. Uma raposa morta estava sobre ela, rosnando.

Ofegante, Sophie tropeçou para trás. Um grunhido profundo retumbou atrás dela. Ela se virou e viu um lobo preto caminhando em sua direção, com a cabeça baixa e os dentes à mostra. Um grito soou do outro lado da sala. Uma pantera saltou sobre a lareira, em posição de ataque.

O terror impulsionou Sophie como a flecha de um arco. Ela disparou pela sala em direção às portas. Uma fração de segundo depois, a pantera pousou exatamente onde ela estava. Lutando contra o chão de madeira lisa, o grande felino tentou ganhar apoio, mas escorregou e bateu na mesa. O lobo passou correndo, alcançando Sophie. Ela irrompeu pela passagem, agarrou as duas portas e fechou-as atrás de si.

Ofegando de medo, deu um passo para trás e depois outro. Um baque forte contra as portas a fez pular. Algo as arranhava furiosamente. Ela ouviu mais rosnados.

Será que as portas os deterão?, ela se perguntou em desespero, então decidiu não esperar para descobrir. Correndo pelo corredor escuro, ela chegou a outra porta. Derrapou até parar bem em frente a ela e olhou para dentro.

A sala era um verdadeiro arsenal de guerra. Bandeiras penduradas no teto. Lanças e alabardas cruzadas nas paredes. Armaduras enfileiradas no centro, como sentinelas silenciosas. Sophie correu para dentro, fechou as portas com força e se apoiou nelas, de olhos fechados, lutando para recuperar o fôlego.

Ela tinha feito muito barulho.

Alguém — o Rei dos Corvos, seus servos — devia tê-la ouvido. Ela ficou perfeitamente imóvel, ouvindo, com os nervos tensos, por vários longos momentos. Mas tudo o que escutou foram as batidas do próprio coração — sem vozes, sem passos.

— Continue andando — ela disse a si mesma.

No fundo da sala, havia dezenas de baús de madeira. Sophie decidiu revistá-los. O primeiro continha luvas de

couro. O próximo, capuzes de cota de malha. Aljavas enchiam o terceiro. Nada de coração em uma caixa de vidro.

— Onde *está*? — perguntou ela em voz alta, seu desespero crescendo.

Quando as palavras deixaram seus lábios, ela ouviu um ruído alto e metálico. Um por um, os capacetes sobre as armaduras viraram-se bruscamente em sua direção. A escuridão por trás das viseiras cegas parecia senti-la. Dedos de metal cerraram-se em punhos ameaçadores. Pernas também de metal se soltaram do chão e começaram a se mover.

As armaduras estavam lentamente ganhando vida. Com um grito estrangulado, Sophie forçou seu caminho de volta, passando por elas. Uma mão de metal varreu o ar e acertou suas costas, fazendo-a cair no chão. Ela rolou para longe quando um pé blindado bateu a centímetros de sua cabeça. Rastejando em quatro apoios, Sophie esquivou-se de mais golpes e conseguiu chegar às portas. Lutou para ficar de pé assim que a lâmina de uma alabarda desceu. Ela a roçou, cortando cuidadosamente sua túnica, quase atingindo sua pele. Sophie correu para a soleira, agarrou as portas e as fechou.

Houve estrondos atrás das portas. Sophie encostou na parede do outro lado do corredor. Ela imaginou um conjunto de armaduras caindo, uma sobre a outra, até que todas estivessem empilhadas. Pelo menos, esperava que fosse o que estivesse acontecendo; isso as impediria de sair.

Tremendo, ela continuou pelo corredor. Sua busca a levou a um pequeno teatro, onde marionetes com olhos pintados giravam a cabeça e a perseguiram aos trancos e barrancos, arrastando seus cordões. Ela tropeçou em uma sala de estar forrada de papel de parede com móveis escuros e cortinas de veludo, uma sala de música e uma biblioteca com milhares de livros com capa de couro. Nada a perseguira

naqueles cômodos, mas ela também não localizou o que estava procurando.

Exausta, sentou-se em um banco de couro estofado na biblioteca e baixou a cabeça entre as mãos.

— Cadê? Onde está meu coração? — ela sussurrou.

Vieram à sua cabeça imagens dos corpos que ela vira na Floresta Sombria na primeira vez que deixou a Toca.

— Onde estão *todos* os corações? — perguntou ela.

Do fundo, uma voz respondeu:

— *Eles estão aqui. Você deve continuar procurando. Ele quer que você desista. Não faça isso.*

Sophie ouviu a voz. Levantou-se e continuou. Subindo escadas. Seguindo corredores. Dentro e fora de um salão de baile, de uma sala de bilhar. Até que, horas depois de entrar no castelo do Rei dos Corvos, ela finalmente chegou a um par de portas pretas altas, com painéis pintados de cobras, escorpiões e maçãs.

Sophie sentiu — *soube* —, assim que tocou aquelas portas, que aquele era o quarto que ela estava procurando. Agarrou as alças, com as mãos trêmulas, e as girou. As portas se abriram com dobradiças silenciosas.

SETENTA E SEIS

O SALÃO ERA MAGNÍFICO.

Seu teto, dividido em caixotões, tinha dois andares. O luar que entrava pelas janelas arqueadas caía sobre uma mesa de jantar de ébano e refletia em taças de cristal e pratos com borda dourada. Velas queimavam em candelabros de prata nas duas pontas da mesa; cadeiras de espaldar alto a rodeavam. Pesadas esculturas de gárgulas adornavam suas pernas grossas. Do outro lado da sala, as chamas faiscavam em uma lareira de mármore preto.

Mas Sophie não prestou atenção a nada disso. Seus olhos estavam grudados nas prateleiras que iam do chão ao teto. Caixas de vidro estavam organizadas sobre elas. Muitas caixas de vidro. Mais do que se poderia contar. E, dentro de cada um delas, havia um coração humano, tão vermelho e vivo quanto no dia em que fora tirado.

Alguns eram grandes e outros bem pequenos. Olhando para todos eles, Sophie sentiu seu coração-relógio enguiçar e chiar, enchendo-se de tristeza.

— Todos roubados — ela murmurou. — Corações de homens... Mulheres... *Crianças*.

Ela caminhou até uma prateleira e correu os dedos ao longo das caixas. Cada uma tinha uma etiqueta de papel afixada na frente com um nome escrito. Algumas das etiquetas eram brilhantes e novas; outras eram tão velhas que sua tinta estava desbotada e suas bordas, desbeijadas.

— O meu está aqui também. *Em algum lugar* — disse ela, sentindo-se oprimida. — Mas como irei encontrá-lo?

— Não será muito difícil — disse uma voz atrás dela, uma voz tão fria quanto o vento do inverno. — Está aqui comigo.

SETENTA E SETE

SOPHIE LENTAMENTE SE VIROU E OLHOU PARA ELE.

O Rei dos Corvos estava de pé perto da lareira, nas sombras, mas agora o luar o iluminava. Ele carregava uma caixa de vidro.

Seu rosto era pálido como uma lápide, seus olhos tão escuros quanto o coração de um assassino. Seu longo cabelo preto fluía por suas costas. Uma jaqueta justa, bordada com corvos, cobria seus ombros estreitos.

Uma parte de Sophie sabia que aquele encontro não era acidental. Ele estivera ali o tempo todo, esperando, sabendo que ela iria até ele. Enquanto ela observava, ele colocou a caixa de vidro sobre a mesa.

— Meu coração — ela sussurrou, hipnotizada.

— Sim.

Sophie se aproximou dele.

— É menor do que você pensava, não?

Ela assentiu.

— Isso é o que todo humano diz. Aqueles que chegam até aqui, claro. Os corações pequenos, bonitos e perfeitos são os mais fáceis de arrancar. Os maiores, cheios de rachaduras, cicatrizados são mais desafiadores.

— Por que você arrancou meu coração? — Sophie questionou. — O que você vai fazer com ele?

O olhar de Corvus desviou-se para a mesa, para os pratos de porcelana, o linho e a prata. Franzindo a testa, cutucou uma faca no lugar, suas garras tilintando suavemente contra a prata. Então seus olhos encontraram os de Sophie novamente. Com um sorriso, ele disse:

— Vou devorá-lo.

SETENTA E OITO

O CÔMODO E TUDO O QUE HAVIA NELE pareciam girar juntos como um pião de brinquedo e, em seguida, explodir em formas e cores fragmentadas.

Sophie sentia-se extremamente tonta. Não conseguia manter o equilíbrio. Dentro de seu peito, o coração mecânico desacelerou ruidosamente.

— Parece que você não tem muito mais tempo — disse Corvus. — Por que aqueles irmãos intrometidos se deram ao trabalho de salvá-la? Nunca vou entender.

Sophie puxou uma cadeira da mesa e acomodou-se nela. Lutou contra a tontura, a fraqueza. Não podia ceder a elas. *Não desista de mim. Agora não. Não ouse*, ela alertou seu coração batendo, batendo forte. Pouco a pouco, o tique-taque em seu peito acelerou, e sua cabeça foi clareando.

— Você... Você devora corações... — disse ela a Corvus, quando conseguiu recuperar a voz.

— Sim, não há nada mais delicioso do que um coração humano — respondeu ele, saindo de trás da mesa. — E tenho o seu guardado para um momento especial. Parece que será excepcionalmente doce e macio.

Ela se forçou a encontrar seu olhar. Seus olhos a assustavam. Eles a puxavam, como um abismo sem fundo puxa uma pessoa que está em sua borda.

— Vou morrer se não recuperar meu coração — disse ela.

Corvus inclinou a cabeça como um corvo.

— Mas não era assim que você queria? Não queria colocar seu coração em uma caixa?

Sophie lembrou-se da conversa nos aposentos da madrastra, ouvindo Adelaide dizer que a bondade era

perigosa, que um coração mole só lhe traria problemas. Ela se lembrava de ter pensado que seria melhor não sentir nada do que sentir tanta dor. Em sua mente, viu Haakon parado com ela na varanda, pedindo-lhe que o deixasse ficar com seu coração.

— Um dia, eu quis isso, sim — Sophie admitiu. — Mas não quero mais.

Juntando forças, ela desviou o olhar e se levantou, determinada a obter seu coração de volta. *Meu povo precisa de mim*, lembrou a si mesma. *Eles não têm mais ninguém*.

Mas, quando Sophie estendeu a mão para pegá-lo, rostinhos feios com dentes afiados e olhos esbugalhados surgiram de debaixo da mesa e foram para cima dela. O que Sophie pensava serem apenas gárgulas esculpidas eram, na verdade, criaturas vivas. Balbuciavam, sibilavam e a golpeavam com suas garras afiadas, bloqueando seu caminho até a caixa de vidro.

O Rei dos Corvos apontou um longo dedo para ela.

— Meus bichinhos sabem que você deseja roubar meu prêmio — disse ele.

Sophie tentou novamente chegar à caixa, mas uma das criaturas bateu suas asas de couro e voou até ela, gritando. Suas garras afiadas arranharam sua cabeça, fazendo-a recuar.

— Eu não tocaria naquela caixa se fosse você — Corvus avisou, chamando as criaturas. — O coração ainda está vivo, intocado pelo tempo e pela decomposição. Mas, se você abrir a caixa, o encanto será quebrado, e o coração murchará e apodrecerá.

A testa de Sophie estava molhada onde a gárgula a arranhara. Ela enxugou o sangue que escorria e disse:

— Existe uma magia. Para restaurar meu coração. Eu sei que existe. Os irmãos disseram isso.

Corvus riu. Seus olhos a puxaram novamente.

— E as pessoas dizem que *eu* é que sou cruel. Nada é mais cruel do que a esperança. Não há mágica para

restaurar um coração, uma vez que estiver em meu poder.

— Isso é *mentira* — Sophie insistiu, mas o pavor tomou conta dela.

E se ele *estivesse* falando a verdade? Como ela poderia saber, se nem mesmo o conhecia? Reunindo toda a sua coragem, Sophie caminhou até ele.

— Corvus... Rei dos Corvos... Estes são apenas títulos — disse ela. — Quem é você? Quem você é de verdade?

E, então, ela olhou profundamente naqueles olhos terríveis e descobriu.

Ele era o rangido na escada. Uma respiração fria em seu pescoço. Passos no escuro.

Era a figura que ficava no canto do seu quarto à noite, sussurrando todas as coisas que ela não era e nunca seria.

Era o devorador de corações.

Era o próprio Medo.

SETENTA E NOVE

MEDO COLOCOU UMA GARRA AFIADA SOB o queixo de Sophie e o ergueu.

— Você finalmente descobriu — disse ele. — E agora também sabe que sua busca para recuperar seu coração é inútil. Nenhum mero humano pode me derrotar. Veja o que acontece quando você tenta. — Seus olhos moveram-se de cima a baixo, medindo Sophie, demorando-se em suas calças surradas, em sua camisa suja e rasgada, na cicatriz sob sua clavícula, em seu cabelo espetado. Ele tirou a mão, rindo. — Olhe para você, antes princesa, agora reduzida a uma maltrapilha. Olhe para o seu amigo, vagando em direção à morte pelos meus túneis, chamando por uma criança que não está lá. E o outro... ainda *mais* patético...

— Que outro? — perguntou Sophie.

E, então, o sangue em suas veias congelou. *Will*, ela pensou.

Depois de Tom derrubar o caixão e ela acordar, Sophie perguntara a Arno sobre ele. Suas palavras voltaram à sua memória... *Ele disse algo sobre caçar pássaros...*

Com um choque de terror, Sophie percebeu que Will quis dizer *corvos*. Ele tinha ido até lá, para Nimmermehr, para procurar o coração dela. E provavelmente esperava que, se conseguisse, poderia trazê-la de volta à vida.

— Meus servos *kobolds* ensinaram o menino tolo a pensar duas vezes antes de invadir a propriedade — disse Medo. — Minhas gárgulas estavam acabando com ele quando você chegou.

— Onde ele está? *Onde?* — gritou Sophie.

Medo apontou para a lareira.

Sophie deu a volta atrás dele. Um grito escapou de seu peito quando a lareira ficou totalmente visível. Jogado no chão à sua frente, estava o corpo de um garoto.

Totalmente imóvel.

Machucado e ensanguentado.

Era Will.

OITENTA

NÃO! — BERROU SOPHIE. — WILL! *WILL!*

Ela caiu de joelhos ao lado dele e aninhou a cabeça em seu colo.

— Por favor, não esteja morto — ela sussurrou. — Por favor, Will... Acorde. *Acorde...*

Os cílios dele estavam tremendo. Um pequeno gemido escapou.

— Você está vivo! — disse ela, apertando a mão dele.

— É mesmo? — perguntou Medo, com uma careta de decepção. — Bem, não por muito mais tempo.

Uma mulher entrou na sala em um redemoinho preto. O sangue escorria do canto de sua boca. Ela tinha um dente, com as raízes ainda vermelhas, preso entre o polegar e o indicador. Sophie ergueu os olhos. Reconheceu a mulher. Conversara com ela no cemitério. Já a tinha visto em um sonho febril.

— Minha irmã, Crucia. Dor, para os íntimos — disse Medo para Sophie. — Creio que já se conhecem.

Sophie não respondeu. Aterrorizada pelo estado de Will, ela acariciou seu rosto, sacudiu-o e puxou seus pulsos, tentando de tudo para fazê-lo acordar.

Dor colocou o dente no bolso da saia; em seguida, olhou para Sophie, que tinha o rosto coberto de lágrimas, e para Will, já meio morto. Estremecendo, ela se virou para Medo:

— Tudo isso começou com um espelho — disse ela com um suspiro. — Um pedaço de vidro prateado.

— Limpe o queixo.

Sophie entendeu o recado. Ela ergueu os olhos novamente.

— Que espelho? O que isso tem a ver comigo? Com meu coração?

Dor limpou o sangue escorrendo do canto da boca.

— A Rainha Adelaide tem um espelho mágico. Ela fala com ele. Ao menos, é o que meu irmão diz. Não se pode confiar nele, porém. Ele é mentiroso.

Sophie encarou Medo.

— É verdade isso? Minha madrasta realmente tem um espelho mágico? E fala com ele?

Um sorriso presunçoso curvou os lábios de Medo.

— *Não* é mágico. De forma alguma. Mas é isso que Adelaide diz. Ela pergunta a ele quem causará sua queda. Mas o espelho só mostra o que ela já sabe — explicou ele.

— Ela é esperta, ousada, astuta. A vida a ensinou a ser assim. Ela mesma montou sua rede de espiões. Coloca informantes infiltrados nas cortes, nos corredores e nos quartos de seus companheiros governantes. Conhece cada conspiração contra ela enquanto ainda está sendo planejada e acaba com elas e com todos os envolvidos nelas muito antes serem colocadas em prática. Adelaide foi, por um tempo, uma das melhores governantes que o mundo já viu.

— Mas você a ajudou, irmão — Dor falou acusadoramente.

— Sussurrando para ela. Aconselhando-a.

— Ah, sim. Eu a ajudei — Medo admitiu. — Eu a ajudei quando ninguém mais ajudaria. — E sua expressão ficou sombria. — E, então, uma vez, só uma vez, pedi a ela que me ajudasse. Mas ela falhou.

— Foi você, não foi? Você pediu à minha madrasta que me matasse — disse Sophie. — Foi essa ajuda que você pediu a ela.

Medo assentiu.

— Por que precisou da ajuda da rainha? — Sophie perguntou. — Por que você mesmo não me matou?

— É muito difícil matar uma princesa — Medo respondeu, com um leve aceno de mão. — Os súditos têm um hábito

irritante de protegê-las.

Sua resposta foi muito descuidada, muito petulante, e Sophie viu através dela.

— Não, não é isso. Você *não pode* matar, não é mesmo? Você precisa de outra pessoa para fazer isso por você.

Saber disso a fortaleceu; de repente, ganhou coragem. Mais perguntas surgiram em seus lábios, as mesmas que fazia a si desde que o caçador arrancara seu coração.

— Por que você me quer morta? Por que sou sua inimiga? Medo arqueou uma sobrancelha.

— Você me surpreende. Veio até aqui me enfrentar. A maioria dos humanos nunca faz isso.

— Responda às minhas perguntas — exigiu Sophie.

Mas Medo ficou em silêncio. Com uma unha suja, Dor bateu na caixa de vidro onde estava o coração de Sophie.

— Você sabe como seu pai morreu?

— O rei morreu em batalha — respondeu Sophie, voltando-se para Medo. — Responda às minhas perguntas.

Mas Medo, ajustando os talheres novamente, ainda assim não falou. Foi sua irmã que explicou:

— Seu pai não morreu simplesmente na batalha. Ele se sacrificou — disse ela. — Dois de seus generais foram raptados de seus batalhões. Eles, bem como um punhado de seus homens, estavam sob ataque e em número muito menor do que o inimigo. Seu pai observava de um lugar seguro, do alto de uma colina. Sem hesitar, ele cavalgou para o campo aberto, sabendo que os soldados inimigos iriam largar os generais para trás para persegui-lo, pois ele era o rei, o maior prêmio. Sua ação permitiu a seus generais que se libertassem e retornassem às suas tropas. Por causa de seu pai, os exércitos das Terras Verdes venceram. Ele deu sua vida por seu povo.

A raiva de Sophie aumentou. Ela não precisava que Dor lhe contasse essas coisas; ela já sabia.

— Por que você não me responde? — ela gritou para Medo.

Enquanto Corvus mantinha silêncio, outra voz foi ouvida. Uma voz profunda e estrondosa; parecia um túmulo de pedra se abrindo.

— Seu pai foi um dos homens mais corajosos que já existiram. Ele tinha um coração de leão. Mas bravura não é destemor. Só um tolo não sente medo. Bravura é ter medo, mas fazer o que se deve fazer mesmo assim. E só há uma coisa que permite aos mortais fazer isso. Seu pai tinha muito disso, e você também tem. É por isso que você é a maior inimiga do meu filho. É por isso que ele quer você morta.

OITENTA E UM

SOPHIE VOLTOU-SE PARA A VOZ.

Pertencia a um homem. Ele estava parado na frente das janelas altas, do outro lado da mesa, de costas para ela.

Assim como Medo e Dor, ele era alto e se vestia de preto. Seus ombros eram largos, seus braços e pernas, robustos. Usava calças de couro, botas de cano alto e uma túnica de cota de malha. Uma juba ondulante de cabelo cinzento como aço cascateava por suas costas. Havia uma espada pendurada em seu quadril.

— Medo pressentiu corretamente que você seria igual ao seu pai e governaria seu reino com sabedoria e bondade, com misericórdia e justiça. Ele sabia que havia algo poderoso dentro de você, algo que poderia vencê-lo, e que, uma vez que estivesse no trono, você o expulsaria da terra. Ele não poderia aceitar isso. Não posso aceitar isso. Se uma mera garota derrotar o Medo, o mais forte dos meus filhos, que mensagem será transmitida ao mundo?

O homem então se virou, e Sophie respirou fundo. Seu rosto era uma caveira. Suas mãos, ossos brancos.

— Posso lhe apresentar meu pai? — disse Medo. — Seu nome é Morte.

OITENTA E DOIS

AS ENGRENAGENS DO CORAÇÃO DE SOPHIE giravam descontroladamente. Paravam, disparavam, equilibravam-se novamente.

Morte avançou em direção a ela, seus passos ecoando na sala. Sophie ficou paralisada ao ver seu rosto horrível.

— Meu filho tentou matar você e falhou várias vezes — disse Morte. — É a minha vez agora, e eu nunca falho.

Ele se aproximou cada vez mais e, ao fazê-lo, desembainhou a espada. A lâmina brilhou à luz das velas. Sophie viu uma palavra gravada em toda a extensão: *Aeternitas*. Tudo dentro dela, carne, osso e sangue, gritava para ela se levantar e correr, mas seu coração defeituoso lhe dizia para ficar, para proteger Will.

As palavras da Morte ecoavam em sua mente. *Ele sabia que havia algo poderoso dentro de você, algo que poderia vencê-lo...*

O que é que ela tinha?, ela se perguntou desesperadamente. *O que pode ser melhor do que o medo?* Ela precisava da resposta *agora*.

— Despache o menino primeiro, papai — Dor disse com um suspiro. — Acabe com o sofrimento dele. E com o meu.

— Você sempre foi uma garota de coração mole — disse Morte, parando na frente de Sophie e Will.

Dor sorriu, mostrando seus dentes podres. Medo ajustou uma taça de cristal.

Morte ficou mais imponente, segurando o cabo de sua terrível espada com força.

Não! — Sophie gritou, cruzando os braços sobre o peito de Will. — *Por favor.*

O tempo pareceu desacelerar, mas tudo que houve em seguida aconteceu no espaço de uma batida do coração. Morte ergueu sua espada e mirou a lâmina direto no coração de Will.

Sophie gritou.

E se jogou na frente dele.

OITENTA E TRÊS

A LÂMINA DA ESPADA DA MORTE, uma lâmina tão afiada que poderia cortar estrelas do céu, perfurou a pele de Sophie e os músculos abaixo dela. Deslizou entre duas de suas costelas, cortando a cartilagem.

Se tivesse atingido a criatura vermelha e macia que costumava ficar sob as costelas de Sophie, que agora estava em uma caixa de vidro na prateleira do Medo, ela teria sido morta.

Mas isso não aconteceu.

Atingiu um coração construído com restos de metal, engrenagens tortas e molas velhas, um coração defeituoso, barulhento e problemático.

A espada da Morte atingiu o coração mecânico de Sophie. E se quebrou em um milhão de pedaços.

OITENTA E QUATRO

MORTE OLHOU SEM ACREDITAR PARA SUA ESPADA, em pedaços no chão.

Dor arrancou uma mecha de cabelo de seu couro cabeludo. Medo rosnou.

Sophie baixou os olhos para o peito. O sangue escorria da ferida sobre seu coração e empapava sua túnica. Mas não foi muito. Não a mataria. Ela já passara por coisa muito pior.

Agarrando um atizador de ferro de um suporte perto da lareira, Sophie se levantou, colocando-se entre Will e Morte. Ela não daria uma segunda chance ao assassino de cabelos grisalhos.

Segurando o atizador diante de si como uma espada, ela disse:

— Você não o terá.

Sophie olhou diretamente para Morte enquanto falava. Olhou no fundo dos seus olhos, na escuridão eterna dentro deles e, embora estivesse com mais medo do que nunca em sua vida, pensou em Will e se manteve firme.

Morte olhou para Sophie, para aquela garota magra, suja e cheia de lágrimas. Sua mão tremia tanto que ela mal conseguia segurar o atizador.

Ele riu e deu um passo em sua direção, sua cota de malha retinindo.

— Eu sou *Morte*, sua garotinha tola — disse ele. —Tenho o abismo e todos os seus terrores sob meu comando.

Sophie deu um passo em direção a ele, seu coração batendo forte.

— Sim, você é. Mas eu sou a Rainha Charlotta-Sidonia Wilhelmina Sophia das Terras Verdes e estou segurando este atizador. Não me faça usá-lo.

Sophie parecia patética, tentando afastar a Morte com o que era pouco mais do que um pedaço de pau, mas havia algo em sua postura, algo em seu olhar, que dizia que, se Morte quisesse Will, teria de derrubá-la primeiro. E não seria fácil.

Morte encarou Sophie.

Olhou para baixo novamente, para os cacos de aço cintilantes no chão. E então Morte curvou sua temível cabeça.

OITENTA E CINCO

RELACIONAMOS A CORAGEM AO QUE EXISTE EM NOSSO PEITO.

Não tenho peito para isso, dizem algumas pessoas.

A verdade é que a coragem vem mesmo do coração.

A palavra *coragem* nasceu de *cor*, expressão latina para *coração*. Coragem exige amor, e amor exige grande coragem — a coragem que um menino frágil demonstra ao defender uma cadelinha, a coragem que um rei encarna ao cavalgar voluntariamente para a morte, a coragem que uma menina assustada mostra quando se joga na frente da espada da Morte.

Embora Sophie esteja ferida, presa no castelo do Medo, ela se mantém ativa e forte. Porque finalmente entende. O Medo mantinha seu coração em uma caixa, mas não mais, nunca mais. Ela sabe o que é que derrota o Medo. E a Dor. E até a própria Morte.

Essa coisa é chamada amor.

OITENTA E SEIS

MORTE RECUOU.

Medo e Dor vieram em seguida.

E, por um momento, Sophie sentiu como se o mundo tivesse parado de girar. O chão tremeu sob seus pés. E então um som como o de um canhão rasgou o ar. Ela se encolheu, agachando-se protetoramente sobre Will. Uma longa e trêmula rachadura abriu-se por toda a extensão da parede. O gesso caiu. Todas as prateleiras começaram a tremer; as caixas de vidro deslizaram sobre eles, batendo umas nas outras, tilintando, quebrando. Algumas espatifaram-se no chão.

Nimmermehr estava desmoronando. Sophie sabia que ela tinha de pegar seu coração, ajudar Will e sair do castelo. Ela largou o atizador. Outra rachadura rasgou uma parede. As janelas explodiram. Choveram cacos de vidro. O chão balançou violentamente. Ela perdeu o equilíbrio, caiu e bateu a cabeça contra uma cadeira. Sacudindo a dor, levantou-se e cambaleou em direção à mesa.

Ela estava a apenas alguns metros de distância, estendendo a mão para a caixa de vidro, quando um grande pedaço de gesso caiu do teto. Sophie viu, mas não conseguiu impedir.

Atingiu a caixa de vidro que continha seu coração e a quebrou em pedaços.

OITENTA E SETE

— *NÃO!* — SOPHIE GRITOU.

Ela agarrou o pedaço de gesso e o jogou no chão. Suas mãos procuraram seu coração. Mas era tarde demais. Ela o pegou, mas só conseguiu ficar ali olhando em desespero enquanto ele murchava e rachava, para depois se desfazer em um pó vermelho-rubi brilhante, que se espalhou por entre seus dedos.

Sophie caiu contra a mesa. Um gemido saiu de dentro dela. Tudo tinha sido em vão. Seu sofrimento nas mãos do caçador. O coração mecânico que os irmãos haviam feito para ela. Sua jornada pela Floresta Sombria. Ela nunca conquistaria sua coroa de volta. Seu povo seria governado por tiranos. Arno morreria ali. Agora ela e Will também morreriam.

Dor, rodeando a mesa, aproximou-se dela. Sophie não recuou.

O que mais a mulher poderia fazer com ela? Ela apontou para o peito de Sophie.

— Esse coração remendado foi atingido diretamente pela espada do meu pai. A espada está quebrada, mas você ainda está aqui. Talvez não deva desejar outro coração.

— Mas o mecanismo vai parar. A qualquer momento agora. Johann me disse isso. Ele disse que eu tinha apenas um mês de vida.

Olhando Sophie com um sorriso pesaroso, Dor disse:

— Talvez Johann seja um relojoeiro melhor do que pensa. Todo coração humano é defeituoso, cheio de rachaduras e cicatrizes. E todo coração desacelera um dia. O seu

também. Mas hoje não é esse dia. E o hoje é tudo que os humanos têm.

Ela tocou a túnica de Sophie ensopada de sangue. Uma chuva de pétalas de rosas vermelhas espalhou-se no chão.

— Adeus, Sophia. Por enquanto.

Dor sumiu em um redemoinho preto, e, então, um corvo, com suas penas preto-azuladas e brilhantes, ergueu-se no ar. Mais dois se juntaram a ele, grasnando e batendo as asas, e os três voaram por uma janela em ruínas, saindo em direção à noite enluarada.

OITENTA E OITO

O CASTELO ESTREMECEU.

As janelas de todos os cômodos estilhaçavam-se. Os espelhos espatifavam-se. As pinturas caíam no chão. A estrutura tombou. Lá fora, as torres e muralhas do castelo estavam despencando.

Sophie precisava sair de Nimmermehr *imediatamente*. Precisava salvar Will, mas ela não podia; ele estava se esvaindo. Ajoelhando-se sobre ele, com as mãos em seu peito, ela não conseguia sentir nenhuma respiração, nenhum batimento cardíaco. Desesperada, gritou com ele. Pressionou seu peito. Agarrou seus ombros e o sacudiu.

— Não morra, Will. Por favor, não morra — disse ela, com a voz embargada. — Eu amo você.

Ela se inclinou sobre ele, beijou seus lábios demoradamente. Fazendo o beijo longo o suficiente para durar para sempre. Fechando os olhos, encostou a testa na dele.

— Amo você — disse ela novamente. — Eu devia ter falado isso há muito tempo. Agora é tarde demais. Nunca mais terei a chance.

— Você aproveitaria essa chance se a tivesse?

Sophie se engasgou. Balançou a cabeça. Will estava acordado. Seus lindos olhos machucados estavam abertos.

— *Will!* — ela sussurrou.

— Aproveitaria?

— Sim — disse Sophie. — *Sim*.

Ela o beijou repetidas vezes e poderia ter continuado a beijá-lo mais e mais vezes se outro pedaço do teto não tivesse caído a poucos metros deles.

— O que está acontecendo, Sophie? Onde está o Corvus?

— Ele se foi. Nimmermehr está desmoronando. Temos de ir também, antes que sejamos esmagados.

Ela ajudou Will a ficar em pé. Ele estava machucado e mancando, mas podia andar com a ajuda de Sophie. Ela colocou o braço em volta de seu pescoço e, juntos, saíram da sala.

— Arno... Ele veio com você? — perguntou Will. — Ele está aqui?

— Um *wunschfetzen* o pegou. Mas há uma chance de que ele ainda esteja vivo, eu acho.

— Como?

— Corvus falou sobre ele. Não disse que estava morto, mas que estava vagando nos túneis. Não podemos deixá-lo aqui, Will.

— Não podemos, mas temos de nos apressar. Quando este lugar desmoronar, vai destruir os túneis e qualquer pessoa que estiver neles.

Sophie conduziu Will de volta pelo caminho pelo qual viera, passando pelo salão de baile e pela sala de música, pela sala de armas e pela sala de troféus. Eles se esquivaram de livros e lustres que caíam. Os caixilhos das portas racharam acima de suas cabeças; tábuas do assoalho separaram-se sob seus pés. Os servos *goblins* estavam correndo para salvar suas vidas também e não prestaram atenção aos dois humanos em fuga entre eles.

Quando Sophie e Will finalmente chegaram à cozinha, uma espessa fumaça preta saía dos fornos, tornando difícil enxergar. O chão estava escorregadio por causa da água que fluía de canos estourados. Sophie escorregou e caiu, quase derrubando Will com ela, mas se segurou, continuou andando e encontrou o caminho para a despensa.

Will pegou um punhado de bolinhos de cima de uma mesa.

— Se encontrarmos Arno, podemos usar isso para atrair os *wunschfetzens* — disse ele, enfiando-os nos bolsos.

Sophie pegou uma tocha acesa que alguém havia deixado em uma prateleira.

Eles conseguiram correr da despensa para baixo através dos porões, mas seu progresso para o túnel — pelos degraus de pedra escorregadios — foi dolorosamente lento, e o tempo todo o antigo castelo acima deles estremecia e gemia.

Enquanto desciam, Will contou a Sophie como ele também tentou encontrar o túnel, mas não conseguiu. Ele tentara então passar pela ponte, sob a escuridão, mas um guarda *goblin* o agarrara antes mesmo que ele conseguisse atravessar metade do fosso. Seguiram-se lutas e vários longos dias em uma cela da masmorra. Ele nunca esperou sair do castelo vivo.

Quando Sophie finalmente ajudou Will a descer os degraus e entrar no túnel, eles conseguiram fugir mais rápido. Seu único obstáculo era a parede desabada. Mais escombros foram soltos pelo tremor acima deles, mas a abertura ainda estava lá. Sophie foi a primeira, enquanto Will esperava do outro lado. Após passar, ela se virou para que ele pudesse lhe dar a tocha. Manipulando-a com cuidado, pois era a única luz que eles tinham, ela a colocou no chão e, em seguida, estendeu a mão pela abertura para pegar a mão dele.

Mas, antes que pudesse tocá-lo, um braço carnudo se enroscou em seu pescoço e a puxou para trás. Sophie não teve tempo de gritar.

Seu agressor apertou, estrangulando-a. Fogos de artifício explodiram dentro de sua cabeça. Ela lutou, agarrando-se a ele, os pés chutando loucamente, mas não conseguia se libertar.

— Onde ele está? — gritou uma voz. — Onde está o Matti? Onde está meu filho?

Era Arno, e ele a estava estrangulando.

Sophie tentou chamar seu nome, implorar para que parasse, mas nenhum som saiu. Seus pulmões estavam

travados. Os fogos de artifício, sumindo. Ela sentiu o corpo ficar mole, sentiu a força se esvaindo dela.

E então Arno a jogou no chão como um saco de lixo. Enquanto segurava sua garganta, Sophie olhou para ele. Ele estava um verdadeiro desastre cambaleante. Seu rosto, molhado de lágrimas; seus olhos, desfocados. Meia dúzia de *wunschfetzens* estava agrupada em seus ombros. Dois tinham os dedos em seus ouvidos. Os outros empurravam e brigavam entre si, tentando afastar os demais, para que pudessem atormentá-lo.

— Ei! Vejam! Olhem aqui, seus idiotas! — gritou Will.

De alguma forma, ele conseguiu rastejar pelos escombros. Uma das mãos estava apoiada na parede; a outra foi abrindo caminho à sua frente.

— Vamos, venham cá. Estão vendo o que tenho para vocês?

Em sua mão estavam os bolos que ele pegara. Estavam esmagados; a cobertura, rachada, mas não importava; os *wunschfetzens* gritaram, vorazes, ao vê-los. Esticaram os braços magros na direção de Will; os dedos longos e pegajosos agarraram os doces.

— Venham cá — Will persuadiu. — Isso...

Os *wunschfetzens* pularam dos ombros de Arno para o chão do túnel. Ao fazê-lo, seus olhos clarearam. Suas costas se endireitaram. Ele parecia ter saído de uma névoa.

As criaturas pularam e dançaram em volta das pernas de Will, clamando pelos bolos. Will baixou a mão, mas ainda segurava os quitutes fora do alcance deles. Os *wunschfetzens* babaram; seus olhos enormes ficaram ainda maiores.

— Aqui está, seus nojentos — disse Will, jogando os bolos pela abertura nos escombros.

Os *wunschfetzens* gritaram de raiva. Escalaram os escombros, puxando as pernas e os braços uns dos outros, cada um tentando evitar que os outros chegassem aos bolos.

— Isso vai mantê-los um pouco ocupados — disse Will.

— Will, é você? Como chegou aqui? — perguntou Arno, atordoado. — Sophie, por que estamos parados? Temos de ir. Temos de entrar no castelo.

— Fui sem você, Arno. Tive de ir — Sophie começou a explicar, mas um dos *wunschfetzers* gritou, interrompendo-a.

Arno olhou para as criaturas barulhentas, ainda brigando nos escombros.

— Acho que eles estavam envolvidos — disse ele.

— Vou contar tudo assim que sairmos daqui — Sophie prometeu. — Ajude Will. Precisamos seguir em frente. Nimmermehr está desmoronando.

Assim que as palavras deixaram seus lábios, um estrondo foi ouvido acima deles. O túnel tremeu. Sujeira e pedras caíram do teto.

Sophie pegou a tocha. Arno agarrou o braço de Will e o apoiou em seu pescoço. Os três se esquivaram de mais escombros e escalaram outro desabamento. Meia hora depois, conseguiram sair do túnel.

Arno caiu contra uma rocha, fraco de alívio. Will se juntou a ele. Mas Sophie não os deixou descansar.

— Precisamos encontrar Jeremias e Joosts. E os cavalos — disse ela. — Caso algo não os tenha encontrado antes — ela acrescentou, com pesar.

Eles passaram por árvores e arbustos, guiados pelo som da água corrente. Os dois irmãos, parecendo abatidos e preocupados, estavam parados na margem do rio, olhando para o castelo à distância. As chamas o devoravam agora, queimando tão quente e alto que lançavam um brilho alaranjado sobre toda a paisagem.

— Jeremias! Joosts! — Sophie chamou, correndo para eles.

— Sophie! — gritaram os dois irmãos.

Eles correram até ela e os três ficaram juntos, abraçados, por um longo minuto de lágrimas.

— Pensamos que você estivesse lá — disse Joosts, acenando com a cabeça para o incêndio.

— Achamos que tínhamos perdido você — disse Jeremias, com um tremor na voz. — Você...

Suas palavras foram interrompidas pelo estrondo de uma torre caindo. Will e Arno se juntaram aos outros. Todos eles assistiram em silêncio enquanto outra torre desabava. Um momento depois, as muralhas caíram e, com um estremecimento, o próprio castelo se desfez, implodindo com a força de um terremoto. Choveram blocos de pedra, levantando gêiseres de água do fosso, abrindo buracos no chão, quebrando a ponte levadiça. O barulho continuou pelo que pareceu uma eternidade, e então tudo ficou assustadoramente quieto. O castelo do Rei dos Corvos sumiu. Havia apenas uma nuvem de poeira subindo da cratera onde ele costumava ficar.

Enquanto os cinco amigos ficavam parados, observando e ouvindo, os gritos e choros dos *goblins* ergueram-se na noite. Eles foram respondidos pelos rugidos dos *trolls*, pelos gritos dos *waldwichts* e por outros sons — sons que Sophie não conseguia nem queria identificar.

Arno estremeceu quando um uivo particularmente horripilante se elevou.

— Medo foi embora, mas suas criaturas ainda estão à espreita — disse ele. — Precisamos ir. Não estamos seguros aqui, nem de longe.

Ele e Joosts desamarraram os cavalos. Will se abaixou até a água, colocou as mãos em concha e bebeu.

E Jeremias pôs a mão no braço de Sophie.

— Tentei lhe perguntar uma coisa, mas o castelo desabou antes que eu pudesse. Você encontrou seu coração, Sophie?

Sophie não sabia o que dizer. Ela o encontrou em Nimmermehr, apenas para perdê-lo novamente. Para sempre. Mas, então, pensou em Jeremias e Joosts, e nos outros irmãos na Toca. Em Weber e Tupfen. Tom. Nos Becker. Em todos os soldados. Oma e Gretta. Will.

Sophie sorriu.

— Sim, Jeremias — ela disse, finalmente. — Encontrei.

OITENTA E NOVE

A NOITE ESTAVA ESCURA E PROFUNDA, mas a lua prateada, alta e brilhante, fornecia luz suficiente para Sophie e seus amigos enxergarem o caminho pela Floresta Sombria.

Will e Joosts tinham dificuldade para andar, então estavam a cavalo. Sophie e Jeremias conduziam os animais, e Arno os guiava, pois conhecia melhor a floresta.

Todos tentavam ficar o mais silenciosos possível para não chamar a atenção de criaturas hostis. Também tentavam planejar o próximo passo.

— Vamos levar Will para casa primeiro — disse Arno em voz baixa. — Ele precisa de cuidados. Depois, iremos para a Toca...

Sophie o interrompeu.

— Faça o que você precisa fazer. Estou voltando para Königsburg, para o palácio — disse ela.

Ela tinha vencido o Medo, superado a Morte.

Seu coração estava forte, mais forte do que ela ou os irmãos haviam percebido.

Agora era hora de enfrentar a rainha.

— Como? — perguntou Will. — Adelaide... Haakon... Eles irão matá-la.

— Você não pode ir lá, Sophie. É uma loucura — disse Arno.

Seu tom de desprezo irritou Sophie. Ela alongou as rédeas de seu cavalo e o alcançou.

— Foi você quem me disse para pegar minha coroa de volta, não foi?

Arno não respondeu.

Então, ela levantou a voz.

— Foi você quem disse: *Só porque você não tem dois centavos ou um exército hoje não significa que você não os terá amanhã.*

Arno ergueu o queixo.

— Eu não a conhecia. Não me importava com você. Perdi minha família uma vez. Meu garotinho. Você é minha família agora, Sophie. Eu não posso perdê-la.

— Sophie, é suicídio — argumentou Jeremias. — Você precisa de ajuda. Aliados. Precisa de soldados e armas. Você terá que pedir ajuda ao Imperador do Catai. Ou...

— Shhh! — Will fez de repente, erguendo a mão.

Todos pararam. Ficaram em silêncio. Um farfalhar foi ouvido. Veio de trás deles. E da frente. O que quer que estivesse ali, já os tinha cercado.

— Alguém está aí — disse Sophie calmamente.

— Muitos alguéns — acrescentou Will.

Ele ergueu a tocha que ainda carregava. Sua luz refletiu em muitos olhos que brilharam em tons de verde na escuridão.

— Quem são eles? O que querem? — perguntou Joosts.

— Medo enviou seu exército para terminar o trabalho — disse Arno.

Assim que ele terminou de falar, o ataque foi lançado. Houve uma série de estrondos altos e fortes, e então uma árvore, a apenas alguns passos de onde Sophie estava parada, explodiu em mil pedaços. Os cavalos empinaram, relinchando estridentemente. Will e Joosts mal conseguiram ficar em seus lugares.

Um *troll* de pedra, com quase dois metros e meio de altura e feito de rochas e escombros, surgiu na clareira, com as mãos enormes cerradas em punhos. Dezenas de *goblins* o seguiram, seus olhos escuros — e dentes afiados — brilhando à luz das tochas. Eles estavam armados com porretes e lanças.

As mãos foram para as armas, mas Sophie e seus amigos estavam em grande desvantagem numérica e sabiam disso.

Um *goblin* deu um passo à frente. Sophie ficou tensa, segurando sua adaga, pronta para lutar por sua vida. Mas, então, para seu espanto, em vez de atacá-la, o *goblin* fez uma mesura para ela.

— Perdoe-nos. Não queríamos assustá-la — disse ele, olhando para o *troll* com severidade. — Alguns de nós não conhecem a própria força.

O *troll* remexeu-se de um pé para outro, envergonhado. Bateu com o punho na cabeça. O *goblin* levantou-se. Seus olhos encontraram os de Sophie.

— Medo nos escravizou — disse ele. — Nos tornou malvados. Você nos libertou. Estamos aqui para agradecê-la por isso e para declarar nossa lealdade a você. Nosso código de honra exige isso. Você será a nossa governante a partir de agora. Estamos sob seu comando, somos seus servos leais.

Enquanto Sophie observava com espanto, mil tochas se acenderam dentro da floresta. Ela viu centenas de *goblins*. *Trolls* de pedra, *trolls* de musgo, *trolls* de rio, *trolls* de lama. Havia *waldwichts* e *makabers*. Fadinhas *pixies* com gorros de cogumelo e chapéus de bolota — algumas montadas em esquilos ou ratos, outras sentadas em carroças de madeira puxadas por doninhas.

Seus olhos — esperançosos, cheios de expectativa, determinados — estavam todos voltados para ela. E ela não sabia o que fazer. Eles queriam que ela fosse sua líder, mas ela nunca havia liderado ninguém antes, muito menos criaturas tão ferozes. Outro *goblin* deu um passo à frente, carregando uma coroa. Era feita de rosas de *Herzmord* entrelaçadas. As flores que a decoravam não sussurravam mais palavras venenosas, mas brilhavam como joias escuras ao luar.

As palavras do líder *goblin* soaram em sua cabeça. *Ele nos tornou malvados... Você nos libertou...*

Sophie sabia que foi o amor que os libertara. O amor deu-lhe coragem para enfrentar o medo. O amor a tornou forte.

Ela pensou em outra criatura movida pelo medo — Adelaide.

Talvez pudesse ser libertada também. Talvez todo aquele reino devastado pudesse ser libertado.

Sophie respirou fundo. Ela se ajoelhou. O *goblin* deu um passo à frente e colocou a coroa em sua cabeça. Quando Sophie se levantou, ele — e todas as outras criaturas — levantaram seus punhos, suas armas, suas vozes.

— Salve a rainha! Salve a rainha! Salve a rainha! — O som ecoou pela floresta como o rugido de um furacão.

O *troll* de pedra, aquele que surgira na clareira, aproximou-se de Sophie. Ele abaixou-se e colocou sua mão enorme no chão, palma para cima, e bateu em seu ombro com a outra mão.

Sophie entendeu. Ela pisou em sua palma, depois subiu em seu braço e sentou-se em seu ombro. Ele inclinou seu rosto feroz para o dela. Em seus olhos, havia uma pergunta. Sophie sussurrou a resposta. O *troll* assentiu. Ele se endireitou, virou para o leste e começou a andar, o chão tremendo a cada passo.

Will a chamou, sua voz tensa de medo.

— Sophie, o que está fazendo? Aonde você vai?

Sophie se virou para ele sorrindo e disse:

— Para o meu palácio. Com o meu exército.

NOVENTA

ELES VIERAM.

Em pares e trios. Ou um por um. De Schadenburg. Grauseldorf. Drohendsburg. E mil outros lugares.

Em carroças. A pé. Carregando mochilas e pacotes. Carregados de comida e provisões ou apenas com as roupas do corpo. A notícia sobre a jovem rainha em sua marcha ao palácio para reclamar seu trono se espalhou por toda parte.

Nas cidades e vilas, as pessoas abriram suas janelas. Correram para as ruas. No campo, pararam de arar o solo ou ordenhar suas vacas e correram para a estrada para dar uma olhada nela. Max avistou a procissão da janela superior do celeiro que comprou com as joias do cemitério de Arno para abrigar seus companheiros refugiados.

Ele e uma centena de outras pessoas fizeram as malas às pressas e estavam esperando na beira da estrada quando ela passou. Os veteranos feridos, todos eles, encontraram-se com ela perto das ruínas queimadas de São Sebastião. Um *troll* de pedra carregou o soldado sem pernas.

Um *goblin* pegou a mão do músico cego e, juntos, caminharam com os outros.

Os Becker aderiram à procissão — o marido com o rosto marcado por cicatrizes, a esposa grávida, a avó, os filhos —, assim como a maioria das pessoas de sua aldeia.

Os idosos e os jovens foram. Os fortes e os fracos. Os ricos e os pobres. Jovens mães com crianças pequenas nos braços. Mães idosas nos braços de seus filhos adultos. Todos eles se juntaram a Sophie. Prometeram lutar por ela. Morrer por ela.

Os *trolls* colocaram os enfermos nos ombros. Os *waldwichts* fizeram cestos com os braços e carregaram os bebês. À noite, nos acampamentos, as crianças trançavam os cabelos longos e finos dos *trolls* do rio, para deixar seus rostos livres, e levavam ossinhos para os *makabers*. Os pequeninos se aninhavam nos braços macios dos *trolls* de musgo. Os mais velhos contavam histórias.

O número de pessoas aumentou de centenas para milhares para dezenas de milhares. Durante dias, eles caminharam pela Floresta Sombria, sob sol e chuva, subindo colinas e vales, até que finalmente chegaram aos arredores de Königsburg ao anoitecer e ergueram acampamento pela última vez. A jovem rainha sentou-se durante a noite, com os olhos no palácio, observando suas grossas paredes de pedra, sua ponte levadiça. Seus canhões, espadachins e arqueiros.

Ela sabia o que deveria fazer na manhã seguinte.

NOVENTA E UM

UM SENTINELA, COM OS OLHOS turvos e cansados depois de uma longa noite, parou no topo das muralhas.

— Estou sonhando. Devo estar — disse ele, incapaz de acreditar no que seus olhos lhe mostravam.

Esfregou o rosto cansado, mas não estava dormindo. Enquanto continuava a olhar para o lado, viu algo que ficaria com ele pelo resto de seus dias.

Uma garota, seu cabelo preto cortado curto, atravessava a Floresta Sombria por uma clareira, em direção ao palácio.

Ela estava machucada, suja e com cicatrizes. E sozinha.

Uma enorme multidão cercou a clareira, mas não se aproximou do palácio. A garota parecia ter pedido a todos que ficassem para trás, que ficassem seguros. Por um momento, o sentinela pensou que ela parecia a princesa que voltou dos mortos. Mas descartou a ideia, imaginando ser uma miragem de seus olhos turvos. Essa garota magra e esfarrapada não podia ser a princesa. Nenhum cavalo de guerra a carregava. Nenhum manto de cetim e seda esvoaçava ao redor dela. Ela usava calças rasgadas e uma camisa andrajosa. Uma coroa simples de rosas negras adornava sua cabeça.

Ela caminhou até estar a apenas alguns metros da parede do palácio. — Sentinela! — ela gritou. — Abaixei a ponte levadiça! Deixe-me entrar!

— Quem é você? Com que direito exige a entrada no palácio? — o sentinela gritou de volta.

— Sou a Rainha Charlotta-Sidonia Wilhelmina Sophia, legítima governante das Terras Verdes! Vim resgatar minha

coroa das mãos de uma rainha cruel e de seu herdeiro assassino!

O sentinela não sabia o que fazer. Disseram-lhe que a princesa estava morta. No entanto, aqui estava uma garota que se parecia com ela, exigindo a entrada no palácio. Enquanto ele estava parado, pensando, vários outros soldados se juntaram a ele. Um gritou pelo sargento.

— Soldados! — a garota berrou. — Vim reclamar a minha coroa! Abaixem a ponte levadiça!

Gritos foram ouvidos entre eles. As palavras da garota equivaliam a traição. Exigiam a coroa; ameaçavam a rainha. Um alarme soou. Soldados correram de seus quartéis aos gritos. Os arqueiros tomaram suas posições. O senhor Comandante apareceu, sua longa capa ondulando atrás dele. Veio seguido pelo Príncipe Haakon.

— O que está acontecendo aqui? Onde está a rainha? — Haakon perguntou.

— A Rainha Adelaide está segura em seus aposentos, meu senhor. Cercado por guardas — o senhor Comandante respondeu.

— Essa garota — disse o sentinela, apontando para Sophie — diz que ela é a rainha.

Haakon virou-se e olhou para as muralhas da clareira. Seu rosto ficou vermelho de raiva.

— Como ela não está morta? — ele disse as palavras baixinho, mas o senhor Comandante as ouviu, e seus olhos astutos se aguçaram.

Haakon respirou fundo, pronto para gritar ordens, mas, antes que pudesse fazer isso, Sophie falou.

— Senhor Comandante! Soldados! — ela gritou. — Vejam! Olhem essas pessoas comigo! Seu povo! Seus amigos e vizinhos! Suas famílias! Vocês sabem o que está acontecendo com eles? Estão sendo expulsos de suas casas. Suas safras e posses estão sendo levadas para construir fortalezas e comprar navios de guerra para que uma rainha sem coração e um falso príncipe possam atacar

reinos que não nos atacaram. O mesmo vai acontecer com vocês. Quando forem feridos, serão descartados. Quando a fazenda de seu pai for valiosa para a rainha, ela a tomará. Quando o príncipe precisar de seus cavalos para seus generais, seu gado para alimentar seus soldados, ele os levará.

— Ela é uma traidora! Atirem nela! — Haakon berrou.

— Mas, meu senhor — um dos soldados disse. — Ela diz que é a princesa. Não podemos atirar na princesa!

A fúria contorceu as belas feições de Haakon.

— Ela *não* é a princesa! A princesa está morta! Ela é uma impostora, uma encenqueira! Atirem nela, eu falei! Não estão me ouvindo? — ele gritou. — Já!

Os arqueiros, todos os cem, encaixaram as pontas das flechas nas cordas dos arcos e se prepararam para mirar. Cem flechas destruiriam Sophie, com ou sem um coração forte.

Mas Sophie não se encolheu. Ela não correu. Em vez disso, avançou e rasgou a gola de sua camisa, expondo a pele com cicatrizes sob sua clavícula.

— Aqui está seu alvo, arqueiros! — ela gritou. — Atirem se quiserem! Vocês têm armas letais. Eu tenho apenas meu coração.

— Preparar! — Haakon gritou.

Os arqueiros ergueram os arcos, puxaram as cordas e miraram, esperando que ele gritasse a final: “*Atirar!*”.

Mas, antes que ele pudesse dizer isso, uma jovem mãe, com seu bebê nos braços, saiu da fila de pessoas que cercavam a clareira e correu para Sophie. Ela já estava ofegante quando a alcançou.

— Não! — Sophie gritou, apavorada pela mulher e por seu bebê. E fez um gesto para que ela voltasse.

Mas a mulher não quis voltar. Ficou ao lado de Sophie, de frente para o palácio e todos os seus soldados. Segurando seu bebê com força contra o peito, de cabeça erguida.

— Se atirarem em nossa rainha, terão de atirar em nós também! — ela gritou.

O coração de Sophie apertou. Ela nunca tinha visto tamanha bravura.

— Não faça isso. Volte. *Por favor* — ela disse.

— Para quê? Para vagar pelas estradas? Para mendigar? Essas são mortes lentas. Prefiro uma morte rápida para mim e meu bebê. Meu marido está morto. Minha casa se foi. Não temos nada. Você nos deu algo. Você nos deu coragem. Esperança. Amor.

Lágrimas formaram-se em seus olhos, mas Sophie as engoliu. Ela sentiu a mão da mulher. Estava tremendo. Sophie apertou com força.

As duas mulheres se viraram e, mais uma vez, encararam os arqueiros. Sophie rezou para que, se o fim estivesse chegando, fosse rápido. Mas os deuses tinham outras ideias, pois, um a um, os arqueiros baixaram seus arcos.

— Atirem, diabos! — Haakon trovejou. — Ou vou enforcar todos vocês!

Mas os homens não atirariam em uma criança.

Sophie e a jovem mãe não ficaram sozinhas por muito tempo. O músico cego foi o próximo a atravessar a clareira, ajudado por seu novo amigo *goblin*. Depois vieram a Sra. Becker, em avançado estágio de gravidez, e sua família. Max. Uma mulher em um carrinho de mão, empurrada por dois meninos.

Velhos. Crianças. *Trolls* e *pixies*. Todos deram-se as mãos, formando um círculo ao redor de Sophie. O círculo foi crescendo cada vez mais, espiralando para fora, até encher toda a clareira. O senhor Comandante olhou para o mar de pessoas. Seu povo. Cansado, com fome, magro. Alguns até feridos. Sem casa. Sofrendo.

Descartados.

Mas valentes, muito valentes. Tão cheios de esperança.

— Vocês se atrevem a desobedecer ao seu príncipe? — Haakon gritou. — Atirem!

— Ele não é o príncipe de vocês! — Sophie gritou. — Ele não se importa com vocês e os usará como bucha de canhão para satisfazer a própria ambição. Morrerão por ele, porque esse é o tipo de governante que ele é. Eu morrerei por vocês, porque esse é o tipo de governante que eu sou. Prenda-o, senhor Comandante!

Enfurecido agora, Haakon arrancou um arco e uma flecha das mãos de um arqueiro. Em um movimento rápido e fluido, atirou.

Mas o senhor Comandante foi mais rápido. Agarrou o arco e puxou-o para baixo. O tiro foi baixo; a flecha caiu inofensivamente no fosso.

— Prendam este homem — ele ordenou.

— Me prender? — Haakon disse, incrédulo. — Sob ordens de quem?

O senhor Comandante virou-se para Sophie. E curvou-se diante dela.

— Da rainha — disse ele ao se levantar.

NOVENTA E DOIS

SOPHIE CAVALGOU SOBRE A PONTE LEVADIÇA no ombro de um *troll* de pedra.

Os soldados ajoelharam-se quando ela entrou na Corte da Rainha. O *troll* também se ajoelhou e estendeu a palma da mão. Sophie pisou sobre ela para descer. O *troll* soltou um rosnado ameaçador como um lembrete do que aconteceria se alguém a machucasse. O senhor Comandante estava esperando por ela.

Sophie olhou em volta, surpresa por estar novamente na corte. Houve dias em que ela pensou que nunca veria o palácio novamente.

Agora que estava ali, logo teria de assumir responsabilidades, mas tinha outra tarefa a cumprir primeiro. Haakon havia sido preso, mas a maior inimiga de Sophie ainda estava à solta, e ela não estaria segura, nem seu povo, até que Adelaide estivesse em uma cela de prisão.

— Bem-vinda ao lar, Sua Majestade — saudou o senhor Comandante.

Sophie fez para ele um breve aceno de cabeça.

— Minha madrasta... Onde está? — perguntou ela.

— Nos aposentos dela — respondeu ele.

— Vou precisar que você me acompanhe, junto a duas dúzias de soldados leais — disse Sophie enquanto se preparava para o confronto. — Os homens que a protegem podem não querer recuar.

O senhor Comandante ordenou a seus soldados que ficassem ao lado de Sophie e disse que os acompanharia. Quando eles estavam prestes a entrar no palácio, Haakon —

sendo empurrado pelas muralhas — apareceu na corte da rainha ao ser levado para as masmorras.

Suas mãos estavam algemadas. Ele tinha um corte acima de um olho, uma contusão na bochecha. Obviamente tentara lutar ao ser capturado.

Ele e Sophie se entreolharam.

— Pare — ela ordenou enquanto ele e seus guardas se aproximavam dela.

— Hum, Sophie, eu... — ele começou a falar, mas ela o interrompeu.

— Meu anel, por favor — disse ela, apontando para o anel de unicórnio de ouro na mão esquerda de Haakon, o Anel do Governante.

Um dos soldados o removeu e o entregou a Sophie. Ela o colocou em seu dedo anelar esquerdo, que era o seu lugar.

— Me perdoe, Sophie... Sinto muito. Por tudo. O que fui fazer? Deveria ter sido eu colocando um anel em seu dedo — Haakon disse, sua voz carregada de remorso.

— Isso quase aconteceu — disse Sophie, com os olhos fixos nele, em seus cabelos dourados, seu rosto bonito, seus olhos de um azul-celeste.

Ela se lembrou do anel de flor que ele lhe dera, ali no palácio, havia não muito tempo. Das promessas. Dos beijos.

Haakon a olhou nos olhos.

— Você não vai acreditar em mim... mas é com você que estou preocupado agora — disse ele.

Sophie deu uma risada melancólica.

— Você tem razão, Haakon. Eu não acredito em você.

— Me mande para a prisão. Me tranque em uma cela, mas permita que eu a ajude — Haakon disse seriamente. — Deixe-me passar o resto da minha vida consertando o que fiz. Ou, pelo menos, tentando.

— Por que eu faria isso?

— Porque você não conseguirá sem ajuda, Sophie — disse ele, a voz urgente e baixa. — Você não conseguirá governar. Você *sabe* que não. Você tem o coração mole demais. Seus

inimigos a comerão viva. Como você lidará com eles? Vai amá-los até a morte?

Sophie inclinou a cabeça, seu olhar firme.

— Como você quer que eu lide com meus inimigos?

Haakon endireitou-se, encorajado por sua pergunta.

— O Rei do Interior vai invadir assim que souber que você assumiu o trono. O Imperador do Catai certamente fará o mesmo. Deixe-os cruzarem as fronteiras, queimarem algumas cidades, matarem alguns aldeões...

— Você é tão inteligente, Haakon. Tão seguro — disse Sophie, interrompendo-o. — Você sempre sabe o que precisa ser feito.

Haakon fez que sim com a cabeça, em perfeito acordo com ela. As mulheres sempre sucumbiram ao seu charme, à sua inteligência, à sua confiança. Como não?

— Posso ajudá-la, Sophie. De verdade. Contanto que você me deixe.

Sophie arqueou uma sobrancelha.

— Assim como você me ajudou em São Sebastião?

— Aquilo foi um mal-entendido...

— Ah. Foi isso que aconteceu?

Haakon arriscou um sorriso. Do tipo que derrete o mais gelado dos corações.

— Tudo é justo no amor e na guerra, minha querida menina. Mas estamos do mesmo lado agora. Pelo menos, nós *podemos* estar...

— Continue.

— Você deve lidar com seus inimigos de forma rápida e decisiva — ele instruiu. — Capture seus capitães e generais. Capture os reis, se puder. E dê o exemplo. Não demonstre misericórdia. Leve os prisioneiros direto para o carrasco, antes que seus comandantes enviem reforços, e mande cortar suas cabeças.

— Cortar as cabeças dos meus inimigos... Que ideia excelente, Haakon — disse Sophie.

Ela se virou para os dois soldados que seguravam o belo príncipe e disse:

— Comecem com a cabeça dele.

NOVENTA E TRÊS

SEM OLHAR PARA TRÁS, SOPHIE ENTRou no palácio e foi até a escada principal. Subiu os degraus de dois em dois. O senhor Comandante e seus soldados a seguiram.

O corredor que conduzia aos aposentos de Adelaide foi bloqueado em ambas as extremidades por membros da guarda da rainha. O senhor Comandante explicou ao capitão o que havia acontecido e ordenou que se retirassem.

Os olhos de Krause piscaram diante de Sophie. Um sorriso de escárnio curvou seu lábio. Ele hesitou, apenas por um instante, então obedeceu ao senhor Comandante. Sophie lembrou-se de quando ele incendiara São Sebastião e expulsara os Becker de sua casa.

Adelaide um dia dissera a ela que a covardia podia infectar uma população inteira. Olhando para Krause, Sophie sabia que a maldade também podia. Ela iria substituir o capitão da guarda. Imediatamente.

Sophie tentou abrir as portas dos aposentos de sua madrasta, mas estavam trancadas. Ela a chamou, pedindo-lhe que as abrisse. Como não obteve resposta, gesticulou para que seus soldados as derrubassem — uma tarefa cumprida na mesma hora.

Ela percorreu os aposentos da madrasta — antecâmara, escritório, sala de vestir — com cautela, plenamente consciente de que a mulher havia tentado matá-la várias vezes. Ao fazer isso, viu a mobília conhecida, as joias e os vestidos, o espelho dourado. Quantas vezes ela tinha sido convocada para ir ali e suportar as palavras duras da rainha, seus olhares de reprovação? Quantas vezes não havia sido

forçada a ouvir sobre suas deficiências, suas falhas? Ouvir tudo aquilo que ela não era?

Muitos teriam perdoado Sophie, caso se sentisse triunfante ao atravessar os cômodos, mas tudo que ela sentia era uma profunda e dolorosa tristeza pelas horas, pelos dias, pela vida desperdiçada ali.

Sophie encontrou Adelaide no último cômodo — seu quarto. Ela estava parada ao lado das portas francesas que davam para o terraço.

— É você mesma — disse Adelaide ao se virar para olhar para Sophie. — Você morreu com a maçã envenenada. Eu vi. E, ainda assim, aqui está você. Você é impossível de matar. — Ela rodeou Sophie. — Olhe para você. Muito diferente. Cicatrizada e suja, magra como uma vassoura, mas marchando por palácios e derrubando inimigos. — Ela parecia maravilhada. — Fui eu que a transformei nisso. Eu é que lhe dei força. Tornei você astuta. Fiz de você quem é hoje.

Sophie lentamente abanou a cabeça.

— Não, Adelaide. *Eu* me fiz ser quem sou hoje. Com a ajuda de meus amigos e de meu povo.

— Você deve vir conosco agora, senhora — o senhor Comandante disse a Adelaide enquanto dois de seus soldados avançavam em sua direção.

Mas a rainha foi mais rápida do que eles. Abriu as portas para o terraço e disparou através delas. Sua intenção era clara.

Sophie ergueu a mão, fazendo os homens pararem.

— Saia daí, Adelaide — ela disse.

Porém, a madrasta não obedeceu. Ela estava virada de frente para Sophie, mas continuou andando para trás, dando um passo lento após outro, até chegar ao parapeito.

— Pare, Adelaide.

— Por quê? Não é para isso que você veio? Para se vingar? Vou tornar a coisa mais fácil para você.

— Não foi por vingança que vim.

— O que você quer, então?

— Conheci o Rei dos Corvos. Ele me disse que a ajudou quando ninguém mais a ajudaria. Conte para mim, Adelaide. Me diga o que aconteceu. Eu quero entender.

— Por que eu deveria? Não vai me adiantar de nada.

— Vai fazer bem a nós duas — retrucou Sophie. Ela acenou para os homens de volta.

Eles se retiraram para a sala ao lado.

Adelaide observou Sophie por um longo momento, refletindo; então, voltou para o quarto. Parou em frente ao seu espelho e o encarou. Seus olhos não estavam focados em si mesma; estavam longe. Como se fosse transportada para outro lugar e outra época, que Sophie não conseguia acessar.

— Quando eu tinha doze anos, Edward, o traiçoeiro duque da Saxônia, atacou o palácio de meu pai. Ele queria a coroa. Não houve nenhum aviso, nenhum tempo para que meu pai pudesse reunir seu exército. A guarda do rei lutou com bravura, mas foi rapidamente dominada. Os homens de Edward não pouparam ninguém no palácio, nem mesmo os ajudantes de cozinha. Mataram meus pais na minha frente. Minha mãe tentou me proteger. Ela pressionou uma adaga em minhas mãos. Ao morrer, meu pai me implorou para salvar seu filho. *Prometa-me, Adelaide, ele disse. Prometa que o salvará, não importa o que aconteça. Mesmo que isso custe sua própria vida...*

Sophie ouvia a madrasta com atenção. Ela tinha ouvido a história do assassinato dos pais de Adelaide, mas nunca de sua própria boca.

— Eu era pequena e ligeira. Consegui escapar dos soldados e chegar ao quarto do bebê por uma passagem secreta. Meu irmão estava lá, vivo. A babá estava com ele. Ela trancou a porta, mas os soldados de Edward a estavam esmurrando. O bebê gritava de medo...

As palavras de Adelaide foram sumindo conforme a emoção tomava conta dela. Ela precisou de um momento

para se recompor. Sophie esperou, observando-a no espelho. Depois de um longo momento, Adelaide falou novamente.

— Havia um espelho no quarto do bebê. Este mesmo — continuou ela, tocando o espelho. — Eu me vi nele. Eu estava encharcada de sangue. Minhas pernas se dobraram e caí de joelhos diante da minha imagem. A babá implorou para que eu me levantasse. Para salvar meu irmão. Mas eu mal a ouvi. Estava tão apavorada que não conseguia me mover. Tudo que conseguia fazer era olhar para o espelho. E foi então que o vi... Atrás de mim, no espelho... O Rei dos Corvos. Ele prometeu me ajudar. Me disse para levantar e pegar meu irmão. *Os soldados estão quase passando por aquela porta*, ele disse. *Depressa*. Só então a porta se abriu. Os homens de Edward entraram no quarto, mas, quando o fizeram, foram atacados por alguns sobreviventes da guarda de meu pai. Um dos soldados inimigos se libertou e matou a babá. Ele foi para cima do meu irmão...

— O que você fez? — perguntou Sophie.

Adelaide sacudiu a cabeça.

— Adelaide, o que você fez?

— Eu o matei, a pedido de Corvus. Usei a adaga da minha mãe.

Sophie respirou fundo. Adelaide continuou falando. As palavras jorraram de sua boca, como se tivessem ficado presas por muito tempo e a represa tivesse finalmente estourado.

— Eu tive sorte. O primeiro corte foi profundo. Ele largou a arma. Eu o esfaqueei sem parar, embora ele implorasse por sua vida. Aquele soldado me visita com frequência. Em meus pesadelos. Não custou minha vida salvar o filho do meu pai. Custou-me muito mais que isso...

Sophie se aproximou. Ela podia ver a angústia nos olhos da madrastra e sabia que, em sua mente, Adelaide era como uma menina de novo, naquela sala, com o homem

moribundo e a criança chorando. Ela sofria por aquela menina.

— Consegui pegar meu irmão e fugir. Dois dos guardas de meu pai nos levaram ao castelo do Conde de Coburg. Como filha mais velha, de repente me tornei rainha regente, a governante de meu reino. E, com a ajuda do conde, montei um exército naquela mesma noite. Tomamos o palácio na manhã seguinte e derrotamos os soldados de Edward. Governei por dezessete anos. Até meu irmão atingir a maioridade e me obrigar a me casar com o seu pai, como um cavalo colocado no pasto.

Adelaide ficou em silêncio, ainda parada em frente ao espelho. Seus olhos estavam vermelhos de lágrimas não derramadas; seu rosto, devastado pelo remorso. Enquanto Sophie observava, sua madrasta se virou e pegou um pesado tinteiro de cristal de sua escrivaninha. Com um grito violento, ela o atirou contra o espelho. O vidro prateado se estilhaçou, e um milhão de cacos brilhantes caíram no chão.

O senhor Comandante, observando da porta, correu para dentro, com a mão na espada, mas Sophie o deteve.

Adelaide olhou para os cacos.

— Eu deixei Corvus entrar no meu coração no dia em que os soldados de Edward chegaram, e ele mora aqui desde então. Devorando-o pouco a pouco. Cada decisão que tomei foi induzida por Corvus. Cada crueldade que infligi. Cada vida que tirei. Ele me convenceu de que misericórdia era fraqueza. De que gentileza deveria ser retribuída com traição. E eu acreditei nele. E agora? Agora não há mais nada em meu coração. — Lágrimas escorreram por seu rosto. Ela foi para o terraço mais uma vez.

— Não, não — disse Sophie, indo em sua direção.

Adelaide pegou um grande caco de vidro prateado do chão. Ela o segurou como uma adaga contra o peito, como que ameaçando.

— Não estou disposta a passar pelo que me espera — disse ela. — Já enviei muita gente para as masmorras do

palácio. E para as mãos do carrasco. Não vou passar o tempo que me resta em uma cela infestada de ratos, esperando sua vingança.

— Eu busco justiça, Adelaide, não vingança. Por crimes cometidos contra o meu povo.

Adelaide abriu a mão. Ela observou o pedaço de espelho cair.

— Ele vai me encontrar nas masmorras — disse ela baixinho, mais para si mesma do que para Sophie. — Vai me esperar no cadafalso. — Ela ergueu os olhos para Sophie mais uma vez, e neles Sophie viu um cansaço profundo e dolorido. — Fui uma grande rainha, mas não uma boa rainha — disse Adelaide. — E você deve ser as duas coisas, Sophia.

Ela baixou a cabeça e, antes que Sophie pudesse detê-la, disparou em direção à borda do terraço.

Sophie gritou. Correu para o parapeito e se inclinou sobre ele, tentando agarrar-se inutilmente ao braço da madrasta, às saias, a qualquer coisa. Mas era tarde demais. O corpo da rainha arrebentou-se nas pedras lá embaixo. O sangue formou uma linha ao redor de sua cabeça, como uma coroa escarlate definitiva.

NOVENTA E QUATRO

SOPHIE, COM UM VESTIDO BRANCO, UMA coroa de ouro na cabeça, saiu no terraço do palácio e acenou para a multidão.

Uma onda de aplausos, como um maremoto, ergueu-se da aglomeração abaixo dela. Era o dia de sua coroação. Ela foi coroada rainha das Terras Verdes ao amanhecer. Os sinos da catedral ainda soavam enquanto milhões de pétalas de rosa tremulavam pelo ar.

Sophie acenou para seu povo, seu coração batendo forte de alegria.

Em seguida, ela convidou seus companheiros monarcas, que estavam todos dentro do Salão Principal, esperando para o banquete de celebração, a se juntarem a ela no terraço.

Reuniram-se, um ao lado do outro, os governantes de todos os reinos do mundo, e então Sophie falou, sua voz ressoando forte e clara. Ela contou ao seu povo sobre sua experiência com Medo e como ele havia tomado seu coração, como ele desejava roubar todos os corações humanos. E, então, pediu a eles que nunca cedessem ao Medo e protegessem os corações uns dos outros tão cuidadosamente como os seus próprios.

— Enquanto nos tratarmos com bondade, manteremos nossos corações íntegros. Vamos todos viver, de hoje em diante, com paz em nossos corações e também com amor.

Os governantes a aplaudiram e, um a um, todos se viraram e voltaram para o salão, deixando Sophie aproveitar seu momento.

Desfrutando do amor de seu povo, Sophie sorriu. Will estava no Salão Principal, para comemorar com ela. Oma e

Gretta também. A menina estava ficando mais forte. Sophie a trouxera para o palácio, onde recebia os melhores cuidados. Os irmãos estavam ali. Weber e Tupfen também. Arno. Tom. E Zara.

Sophie ergueu o rosto para o céu. Um corvo voava acima dela, fazendo círculos contra a imensidão azul.

A guarda da rainha sabia sobre o Rei dos Corvos e sobre como ele havia tentado, muitas vezes, fazer Sophie ser morta. Estavam constantemente à procura dele.

Dois membros da guarda haviam sido posicionados em cada extremidade do terraço, ambos arqueiros. Eles avistaram o pássaro e miraram nele. Mas, antes que pudessem atirar, Sophie os deteve.

— Os corvos sempre estarão aqui. Comigo. Com todos nós — ela disse. — As flechas podem matar um ou outro, mas não vão manter Medo sob controle.

Sophie ergueu o antebraço. O corvo lentamente desceu em espiral e pousou nele. Ele inclinou a cabeça, olhando para ela. Em seguida, estalou o bico. Sophie pressionou a mão contra o coração.

— Só eles podem manter seu mestre sob controle — disse ela, acenando com a cabeça para as pessoas alegres que lotavam as ruas, para os *trolls* e *goblins* e *pixies* que celebravam. — São meus amigos, sabe. Eu tenho meus amigos. Tenho um casaco quente. E *strudel*. E Will. Eles enchem meu coração. Eles são meu coração.

O corvo curvou-se para Sophie e deu um grasnido único e estridente. Então, bateu as asas e voou para longe.

A manhã raiou sobre o palácio naquele dia da mesma forma como meses antes, quando uma garota cavalgou para além das muralhas em direção à floresta, seguindo-me; eu, o caçador, a conduzi.

Aquela garota estava com medo.

Aquela garota tentou proteger seu coração ao guardá-lo fora dela.

Aquela garota morreu na Floresta Sombria.

E outra garota havia nascido em seu lugar. Uma garota com um coração que se recusava a ser escondido. Um coração obstinado, barulhento e fora de controle. Um coração rachado e remendado, que vazava emoção como um balde transborda de água.

Uma garota que entendeu que o coração de uma rainha foi feito para ser partido. Incontáveis vezes. E Sophie sabia que o dela era assim. Quando as colheitas falhavam e as pessoas morriam de fome. Quando a praga se espalhava. Quando a guerra estendia seu manto vermelho sobre a terra.

Assim como o sangue que se transformava em rubis e as lágrimas que se transformavam em pérolas, a aflição que atormentaria seu coração era apenas mais um dos estranhos presentes de Dor. Da tristeza veio a empatia. Do luto veio a compaixão. Da raiva veio a resolução. Da perda veio o amor.

Essas são as coisas que nos fazem levantar quando caímos. Tentar novamente quando fracassamos. Essas são as joias mais valiosas.

Era uma vez, há muito tempo, sempre e para sempre, uma garota cavalgando numa floresta. Partindo para a casa de sua avó.

Que conheceu uma bruxa na floresta.

E, então, aquela garota voltou. Não mais na retaguarda, mas na liderança.

Com o cheiro de bruxa queimada em suas roupas.

Com a cabeça do lobo em sua cesta.

Com um exército atrás dela.

Ela não precisa de espelho para dizer o que sempre soube.

Que ela é tudo de que precisa, que tem tudo de que precisa para cruzar a Floresta Sombria.

E encontrar o caminho de casa.

EPÍLOGO

— ACHEI QUE ÍAMOS FAZER UM PIQUENIQUE — disse Medo, com um sorriso brilhante.

— Um *piquenie*? — disse Morte, incrédulo. — Por isso você nos convidou para vir aqui?

— Sim. E pensei que poderíamos dar um belo passeio primeiro. Para abrir o apetite.

Guerra virou para Pestilência:

— Nosso irmãozinho perdeu o juízo — disse ele.

— Me façam esse favor, sim? — disse Medo. — Há algo que eu quero mostrar a vocês.

— Isto é que é uma noite agradável. Não é sempre que vejo tantos dos meus filhos no mesmo lugar — disse Morte, melancolicamente. — Todo mundo anda tão ocupado ultimamente.

— Ótimo! Subam todos — disse Medo, abrindo a porta de sua carruagem preta e brilhante.

Eles estavam no sopé de uma montanha íngreme. Uma estrada estreita ziguezagueava até o topo.

Morte embarcou primeiro. Foi seguido por sua filha Pestilência. Ela usava uma camisola de linho manchada de suor. Seu cabelo era curto e arrepiado; seus lábios, rachados. Sua pele era coberta de feridas com secreção, pústulas e bolhas.

Já Fome, que tinha olhos fundos, cabelo caindo às mechas, roupas penduradas num corpo ossudo, arrastou-se atrás de sua irmã, choramingando o tempo todo.

— Ah, *não*, Pesti. Não pingue no assento. Outras pessoas vão sentar-se aí também.

Dor, com seus olhos avermelhados, subiu em seguida, e depois veio Guerra, bronzeado e musculoso. As molas dos bancos rangeram quando ele se sentou. Cicatrizes reluzentes cortavam seu rosto e sua cabeça lisa. Ele deixou as marcas de suas mãos ensanguentadas na porta, nos bancos, em tudo que tocou.

Assim que todos entraram, Medo juntou-se a eles, fechou a porta e deu uma batidinha nela. O cocheiro, um homem de aparência cadavérica usando um chapéu-coco, estalou o chicote. Quatro garanhões pretos e brilhantes puseram-se a trotar.

— A garota... Sophia... Ouvi dizer que ela venceu. Ouvi dizer que derrotou você — disse Guerra a Medo.

Medo arqueou uma sobrancelha.

— Suponho que você nunca tenha perdido uma batalha.

Guerra abriu um sorriso largo, esticando as cicatrizes em seu rosto. Alguns pontos rasgaram. O sangue escorreu por sua bochecha.

— Eu *sou* a batalha, maninho — disse ele.

Os irmãos e o pai passaram a viagem colocando a conversa em dia. Todos ficaram felizes ao saber dos sucessos de Guerra nas Terras Baixas, e Pestilência sorriu timidamente quando a parabenizaram pelo seu último surto de peste.

Depois de mais ou menos uma hora, a carruagem parou e a família saltou. Haviam chegado ao topo da montanha. A maior parte dela era íngreme e rochosa, mas havia uma porção plana. Enquanto o cocheiro estendia uma toalha de piquenique em um pedaço liso da rocha, Medo conduzia sua família até o topo da montanha. Todos olharam para a rocha inclinada abaixo deles.

Medo respirou fundo e bateu em seu peito.

— Gosto daqui — disse ele. — O ar é limpo. Gosto dos vizinhos também. Olhem ali...

Ele apontou para um fio de fumaça subindo pelas copas das árvores.

— Uma velha mora naquele bosque. Na mais doce — literalmente! — casa de pão de mel já vista.

Em seguida, ele apontou para uma aldeia, as torres de suas igrejas e a prefeitura visíveis à distância.

— Naquela charmosa cidadezinha, tem uma viúva com uma filha. A menina usa uma linda capa com um capuz. De um vermelho-sangue profundo. E ela *adora* visitar a avó.

Ele girou em semicírculo em direção ao mar, apontando com a cabeça para uma torre, alta e cinzenta, erguendo-se em meio à costa escarpada.

— Só uma pessoa mora lá. Totalmente sozinha. Eu a vejo às vezes à noite, olhando pela janela e penteando seus longos cabelos. Sabem... eu posso facilmente me imaginar ali. Fincando raízes.

— E por que você está nos contando isso? — perguntou Fome.

— Estou pensando em construir...

Morte sorriu com orgulho. Deu um tapinha nas costas de Medo.

— É isso aí. Vamos lá, meu rapaz!

— Construir... — Pestilência começou a dizer, mas, então, um acesso de tosse se apoderou dela. Ela cuspiu um catarro de sangue no chão. — Construir o quê?

Medo colocou as mãos na cintura. Sacudiu a cabeça. Depois, sorriu e disse:

— Um grande e lindo castelo novinho em folha.

AGRADECIMENTOS

AQUELES IRMÃOS GRIMM NÃO ERAM DE MEIAS-PALAVRAS.

Em sua versão de *Branca de Neve*, a rainha ordena a seu caçador que arranque o coração de Branca de Neve e o leve para ela — não apenas para que ela tenha uma prova de que a jovem princesa está, de fato, morta —, a fim de que ela o comesse. Sim, você leu certo: para comê-lo.

Quando li a história pela primeira vez, aos nove anos mais ou menos, achei tudo isso bem nojento. Hoje, como uma criança um pouco mais velha, acho isso brilhante. Que metáfora incrível para o que o medo faz com a gente — devora nossos corações. Deixa a gente oca e vazia.

Enquanto eu escrevia a história de Sophie, vi que muitas vezes acreditamos no que os outros nos dizem que somos. Ouvimos os lobos em pele de cordeiro e as cobras traiçoeiras, e permitimos que suas palavras nos definam e nos direcionem. Mordemos a maçã venenosa dada pela rainha do mal sem pensar duas vezes.

Sophie me mostrou que é possível driblar lobos e cobras, cuspir a maçã envenenada e olhar o medo nos olhos. Basta ouvirmos nossos corações — não importa quão machucados e partidos eles possam estar.

Mais uma vez, gostaria de agradecer à minha incrível editora, Mallory Kass, por me apoiar enquanto Sophie e eu cruzávamos a Floresta Sombria, e por estar sempre pronta para dar conselhos e palavras de encorajamento. Obrigada a Maya Marlette, por me ajudar a construir o meu caminho por túneis escuros, passando por rosas sussurrantes, *trolls* e *makabers*. Agradeço a Dick Robinson, Ellie Berger, David Levithan, Lori Benton, Erin Berger, Rachel Feld, Shannon

Pender, Lizette Serrano, Emily Heddleson, Lauren Donovan, Alan Smagler e sua equipe, Melissa Schirmer, Jody Corbett, Maeve Norton, Elizabeth Parisi, e ao restante da minha família na editora Scholastic, por seu entusiasmo por *Poisoned*. Vocês acreditam verdadeiramente no poder das histórias de inspirar e empoderar jovens leitores, e eu me sinto muito feliz por poder trabalhar com todos vocês.

Como sempre, um grande agradecimento aos meus agentes, Steve Malk e Cecilia de la Campa, e à minha família — Doug, Daisy e Omi. Eu estaria perdida sem vocês.

E, por último, mas nunca menos importante, obrigada a vocês, caros leitores. Vocês são a razão de eu fazer o que faço.

SOBRE A AUTORA

JENNIFER DONNELLY é autora do best-seller *A Northern Light*, que recebeu uma medalha Carnegie, o LA Times Book Prize e uma honraria Printz, além de ter aparecido na lista dos cem melhores romances juvenis da revista *Time*; de *Revolution*, que foi eleito Melhor Livro pela Amazon, *Kirkus Reviews*, *School Library Journal* e Biblioteca Pública de Chicago e indicado para a medalha Carnegie; de *Stepsister*, um best-seller instantâneo do *New York Times*, citado nas listas de melhor ficção juvenil YALSA e RISE, bem como indicado para a medalha Carnegie; de *A Bela e a Fera: Perdida em um Livro*, que passou mais de vinte semanas na lista dos mais vendidos do *New York Times*; da saga Waterfire; e de outros romances para jovens. Mora em Hudson Valley, em Nova York. Visite-a on-line em <jenniferdonnelly.com> e no Twitter e Instagram, em @jenwritesbooks.